

leYa

Leitores de todas as idades vão amar esta história: parte jornada heroica, parte a saga de um órfão. Duplamente cativante. — Wall Street Journal

Ladrão de Ovos

As
aventuras de
Peter Nimble

JONATHAN AUXIER



Ficha Técnica

Copyright © 2011 by Jonathan Auxier

Todos os direitos reservados.

Tradução para a língua portuguesa © Texto Editores Ltda., 2012

Título original: *Peter Nimble and his fantastic eyes*

Diretor editorial: Pascoal Soto

Editora: Mariana Rolier

Produtora editorial: Sonnini Ruiz

Preparação de texto: Bruna Gomes

Revisão: Alessandra Miranda de Sá, Bel Ribeiro e Bete Abreu

Projeto gráfico: Jordana Chaves

Capa: © 2011 Gilbert Ford

Adaptação de capa: Simone Villas-Boas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Auxier, Jonathan

Ladrão de Olhos/ Jonathan Auxier ; tradução

Alice Klesck.— São Paulo : Leya, 2011.

Título original: *Peter Nimble and his fantastic eyes* : a story.

ISBN 9788580444797

1. Ficção - Literatura infantojuvenil

I. Título.

11-09990 CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Texto Editores Ltda.

Uma editora do Grupo LeYa

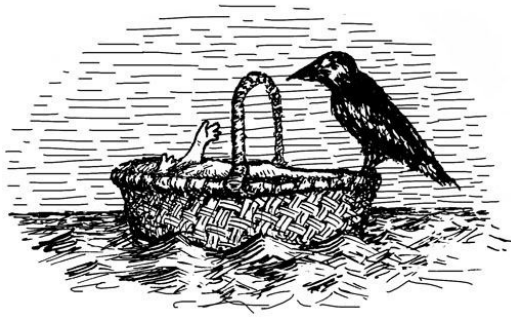
Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 — Pacaembu — São Paulo - SP

www.leya.com

— PRIMEIRA PARTE —

ouro



Os dez primeiros anos de Peter Nimble

PARA VOCÊS QUE Nada conhecem sobre crianças cegas, saibam que dão os melhores ladrões. Como bem podem imaginar, crianças cegas possuem um olfato incrível e podem dizer o que está por trás de uma porta trancada – seja tecido fino, ouro ou farelos de amendoim –, mesmo a metros de distância. Além disso, possuem dedos pequenos o suficiente para entrar em buracos de fechadura e ouvidos aguçados o bastante para detectar os mais leves cliques e movimentos dentro do trinco mais complicado. É claro que a era dos *grandes* roubos há muito se foi; hoje restam poucas crianças ladras, cegas ou não. No entanto, houve uma época em que o mundo estava abarrotado delas. Esta é a verdadeira história do maior ladrão que já existiu. Seu nome, como você provavelmente já adivinhou, é Peter Nimble.

Como ocorre com a maioria dos bebês, Peter veio ao mundo sem nome. Numa manhã, um grupo de marujos bêbados, mas de bom coração, avistaram-no boiando num cesto, ao lado do navio. Empoleirado na cabeça do menino, havia um corvo que, segundo se presumia, bicara seus olhos. Revoltados, os marujos mataram o pássaro e entregaram a criança às autoridades de uma cidade portuária próxima.

Embora os magistrados não soubessem o que fazer com um bebê cego, a lei local exigia que ao menos se desse um nome ao menino. Chamaram-no então Peter Nimble, inspirados em uma rima infantil esquecida. Com esse nome e nada mais, ele seguiu trilhando seu caminho pelo mundo.

Logo no começo, foi amamentado por uma gata ferida que encontrou após engatinhar para a taberna das redondezas. A gata permitiu que Peter vivesse e, em troca, ele catava os piolhos e as lêndeas de seu pelo – até que, num dia trágico, vários meses depois, o gerente da taberna os descobriu aninhados embaixo da varanda. Furioso ao encontrar os bichanos no estabelecimento, o homem enfiou a família inteira num saco e o atirou na enseada.

Desatar o nó do saco com seus dedinhos habilidosos marcou o início da carreira de Peter. Por não ter pelos e boiar naturalmente, conseguiu voltar à costa sem muita dificuldade. (Os gatos, por outro lado, não se deram tão bem.)

Até aqui, você testemunhou a infância típica de Peter. Talvez não muito diferente da sua, mas foi só uma questão de tempo até que ele se destacasse das grandes massas. Os primeiros indícios surgiram no talento fantástico de Peter para a sobrevivência.

Como não tinha pais para lhe comprar roupas, ele mesmo decidiu resolver a questão.

Há um velho ditado que diz como é fácil “tirar doce de criança”. Esse ditado é muito falso; qualquer um que já tenha tentado tirar *qualquer coisa* de uma criança sabe bem o tipo de choradeira, chutes e comoção que vai causar. No entanto, é muito fácil que as crianças tirem as coisas de nós. Apesar de cego, o pequeno Peter não tinha dificuldades em sentir o cheiro de frutas e legumes nas bancas, e roubá-los. Caminhava até onde o nariz o guiasse e, inocente, cravava os dentes no alimento que quisesse. Peter logo passou a pegar outros itens necessários, como roupas, lençóis e uma venda para os olhos. Tentou roubar sapatos, mas descobriu que preferia andar descalço. No terceiro aniversário, já era um especialista em pequenos furtos e uma ameaça conhecida dos vendedores ambulantes. Mais de uma vez tinha sido flagrado em fuga antes que o guarda fosse avisado.

Um problema com a vida de crime é que ela diminui as chances de ser adotado. Os cidadãos obedientes à lei dão uma olhada numa criança como Peter e seguem para outra direção – jamais oferecem doces, brinquedos ou esperança de algum progresso social. Sendo seu próprio provedor, nosso menino só tinha a garantia de que cresceria órfão e sozinho.

No entanto, tudo mudou quando conheceu um sujeito empreendedor chamado sr. Seamus.

O sr. Seamus era um homem alto e magro, de mãos carnudas e cabeça enorme. Por ser desastrado, fora incapaz de realizar o sonho de se tornar um ladrão de residências. Em vez disso, assumira a carreira de negociante de mendigos. Um negociante desses, como se pode imaginar, é alguém que negocia com mendigos. O homem montou um negócio de adoção de órfãos, desfigurando-lhes convenientemente para depois enviá-los às ruas a fim de mendigar moedas. Qualquer criança que se atrevesse a voltar para casa de mãos vazias sofria reprimendas e era enviada à casa de correção. Era bem provável que o sr. Seamus já tivesse tido uns trinta órfãos ao longo da carreira.

Peter tinha cinco anos quando o negociante de mendigos o avistou no mercado, ao lado de uma banca de frutas.

– Olá, garoto! – cumprimentou o sr. Seamus, aproximando-se. – Qual é o seu nome?

– Me chamam de Peter Cego, senhor – disse o menino, pequeno demais para saber que não se fala com estranhos.

O sr. Seamus aproximou-se para olhá-lo melhor. Segundo sua experiência, crianças cegas eram pedintes muito bem-sucedidos.

– E onde estão seus pais? – ele perguntou.

– Não tenho pais – respondeu o menino. Àquela altura, a fome de Peter o incomodava muito, então esticou com rapidez o braço por trás das costas e roubou uma maçã da banca de frutas.

O sr. Seamus observou o feito pelo canto de olho e quase ficou sem fôlego. O garoto roubara a maçã, mas não do topo da pilha, e sim de algum lugar mais no meio, deixando a composição completamente intocada. Para uma pessoa comum, tal façanha seria impossível, mas, para aquela criança imunda, tinha sido algo natural. O sr. Seamus logo soube que estava diante de um ladrão bastante talentoso.

O homem chegou mais perto, examinando os dedos delicados do garoto.

– Bem, Peter – falou, com a voz mais terna do mundo –, meu nome é sr. Seamus, e estou muito contente por termos nos conhecido. Sabe, sou um homem de negócios importante, mas não tenho um filho com quem compartilhar minhas riquezas – ele pegou a maçã das mãos de Peter e deu uma mordida enquanto falava. – Que tal – ele disse, experimentando-a outra vez – você se tornar meu sócio nos negócios? Poderia morar comigo, em minha mansão, comer minha comida e brincar com meu cão Killer.

– Que tipo de cão é ele? – perguntou Peter, torcendo para que fosse grande o bastante para que pudesse cavalgá-lo.

– Ele é... *siamês* – respondeu o sr. Seamus, depois de pensar por um momento.

– Siameses são grandes?

– Os maiores de todos. Suponho que poderia engoli-lo inteiro, se quisesse – o sr. Seamus jogou o miolo da maçã na boca e engoliu tudo. – O que me diz, garoto?

>>>

Não havia mansão alguma. Não havia riquezas, nem serviçais, nem banquetes. Killer era real, mas faltava-lhe uma pata e era bem velho, e, como a maioria dos velhos, detestava crianças. Em vez de levar Peter na garupa, passava a maior parte do tempo mancando, uivando e lambendo a goteira do focinho nojento.

O sr. Seamus desistiu da mendicância sem pestanejar. Vendeu os outros órfãos para se dedicar por inteiro à formação de Peter na ladroagem. Durante o primeiro ano, trancou todas as refeições do menino dentro de um velho baú de marujo. Se Peter quisesse comer, tinha de fuçar no trinco somente com os dedos. Essa medida não apenas o ensinou valiosas habilidades de arrombador, mas também poupou ao sr. Seamus várias despesas. O garoto passou fome por mais de duas semanas, antes de ter a primeira refeição no novo lar. Quando enfim conseguiu destrancar o baú (com uma manobra “McNeery Twist”), os metais já estavam bem gastos. Mas acabou se tornando adepto do arrombamento de cadeados, passando por toda a coleção do patrão.

O sr. Seamus também treinou Peter na arte de andar furtivamente, como passar de modo sorrateiro por pisos de madeira, telhados e áreas com pedrinhas sem fazer sequer um ruído. O menino provou ser um aprendiz veloz e não demorou para dominar as artimanhas da ladroagem, desde o corte de janelas até trabalhos avançados com cordas. Aos dez anos, Peter Nimble tornara-se o maior ladrão que a cidade já vira, mas é claro que ninguém de fato o *via*; restavam apenas cofres abertos e caixas de joias vazias, que ele deixava para trás.

Toda noite, o sr. Seamus mandava Peter à cidade para roubar. E, a cada nascer do sol,

ele voltava para casa com um saco repleto de pilhagens.

– Verme – nome pelo qual o sr. Seamus passou a chamá-lo –, você foi muito bem. Agora, suma da minha vista! – depois disso, trancava o garoto no porão, deixando Killer de guarda.

Peter não se importava muito com o sótão. Sendo cego, não se incomodava com a falta de luz, e ficar ali sentado era muito melhor que saquear as casas de pessoas honestas. Quaisquer que fossem os erros que tivesse cometido – e roubar coisas é errado –, Peter ainda era uma boa criança que não queria nada com a ladroagem. Toda manhã, quando se encolhia para dormir no chão úmido do porão, fantasiava que podia passar escondido por Killer, arrombar o quarto dos tesouros do sr. Seamus e devolver todas as coisas roubadas aos verdadeiros donos. Imaginava a gratidão do pessoal da cidade, salvando-o do cruel sr. Seamus e o convidando para morar eternamente numa casa grande e aquecida, repleta de comida e ruídos, além de outras crianças felizes. Resumindo, sonhava em ser feliz. Mas era apenas um sonho, e a cada pôr do sol ele acordava de novo com os gritos do sr. Seamus, sendo praticamente chutado para fora, rumo a outra noite de furtos dos bens de cidadãos honestos.

E assim era a vida de Peter Nimble. Era infeliz, maltratado e forçado a cometer delitos – dia após dia, uma estação depois da outra, ano após ano –, até que, numa tarde chuvosa e muito especial, ele conheceu um estranho que mudaria sua vida para sempre.



A caixa misteriosa do caixeiro-viajante

ALÉM DA LADROAGEM Noturna, Peter também executava tarefas domésticas. Terça sim, terça não, era mandado à rua, pelo sr. Seamus, para arranjar – roubar – comida no mercado. Aquela terça-feira não foi uma exceção.

– Levante-se, verme! – gritou o sr. Seamus ao descer a escada, pouco depois do amanhecer. – É dia de mercado! Não o alimento para ficar aqui à toa a manhã toda!

Peter passara a noite roubando e tinha ido para a cama apenas uma hora antes.

– Você não me alimenta direito mesmo – murmurou ele, num ato que só pode ser chamado de estupidez letárgica.

No instante seguinte, sentiu um punho carnudo pegando-lhe os cabelos e colocando-o de pé.

– Nunca esqueça com quem está falando, verme! – falou o sr. Seamus, arrastando a silhueta magricela de Peter escada acima pela casa principal. – Só por isso, é jornada dupla. Você me trará comida e dinheiro... e um brinquedo mastigável para Killer! – o cão lambeu as mandíbulas, agradecido, quando passaram por ele.

– Sim, senhor! Perdoe-me! – disse Peter, com arrependimento sincero. Não era tolo a ponto de responder, mas, como se sabe, as palavras costumam escapar.

– Poupe os pedidos de desculpa para o carrasco da força – o sr. Seamus empurrou o menino para a rua e jogou-lhe o saco de pilhagem. – É bom que isso esteja cheio quando o encontrar de novo, senão... – avisou, batendo a porta.

Peter levantou o saco e o pendurou em um dos ombros. Ouvia os pingos grossos de chuva formando-se lá no alto, no céu. Suspirou.

A chuva apresenta um problema ímpar para os que são do ramo de trabalho de Peter. Quando chove, pessoas ricas raramente saem de casa, pois temem se dissolver. Quando se

aventuraram a sair, em geral estão acompanhadas por serviçais que seguram guarda-chuvas e ficam de olho em batedores de carteira. Não há nada que uma cidade ame mais que enforçar batedores de carteira, e qualquer criminoso querendo roubar alguém nessas circunstâncias está se colocando em grande risco. Por isso Peter não conseguiu surrupiar coisa alguma ao longo da tarde chuvosa e desagradável.

Virando a esquina, a camisa dobrada cheia de brócolis e salmão, pensava em como ficaria encrencado se não levasse dinheiro algum ao sr. Seamus, quando deparou com uma aglomeração perto das docas. Esse era um golpe e tanto de sorte; invariavelmente, batedores de carteira davam-se muito bem em aglomerações. Melhor ainda, todos os serviçais que seguravam os guarda-chuvas estavam tão distraídos quanto os patrões. O menino livrou-se da comida e se pôs a trabalhar. Com cautela, bateu as carteiras em meio à multidão, tomando-as de espectadores ávidos e tentando descobrir o que causara tal comoção.

– Está cansado de parecer um franciscano? – ecoou uma voz vinda de algum lugar, além da multidão. – Seu couro cabeludo é careca como um monge shaolim? Não mais! Este belo turbante, feito de pele de urso dos mares do sul, vai recuperar sua bela aparência da noite para o dia! – a voz pertencia a um homem em pé, em algum lugar à esquerda de Peter. – Chapéus para todas as cabeças! Seja o que precisar, sua busca acabou! – dizia confiante e suave, as palavras parecendo um encantamento que fascinava a multidão.

Talvez seja prudente parar um minuto e explicar os muitos detalhes dessa cena, perdidos para Peter Nimble, que não podia ver a pilha envergada de chapéus colocados em cima da cabeça do homem. Também não podia observar o maxilar definido, o nariz vermelho e torto, e as sobrelanceiras longas de coruja que ele tinha. A única coisa que Peter sabia era que aquele homem havia oferecido a oportunidade perfeita para um jovem batedor de carteiras praticar sua arte em meio àquela gente infeliz.

Peter continuou batendo carteiras, enfiando os dedos em bolsos e bolsas com facilidade. Teve de conter um sorriso; as pessoas estavam tão concentradas na tagarelice do caixeiro, que ninguém sentia nada. Agora, o homem compartilhava o relato de onde encontrara seus maravilhosos produtos. Alegava ter percorrido uma jornada por toda a costa do mapa, através de grandes mares inexplorados, onde descobrira chapéus feitos de tapeçarias, cogumelos e escamas de dragões.

– Ofereço tudo aqui, a um preço com desconto especial – ele exclamava.

Peter refletiu sobre as palavras do homem enquanto abastecia o saco de pilhagem. O garoto surpreendeu-se desejando que aqueles lugares de fato existissem; certamente seriam mais atraentes do que sua cidade portuária. Mas, claro que não eram reais, lembrou a si mesmo; era tudo tolice de contos de fadas.

– Tolice, você diz? – a voz do caixeiro irrompeu. – Será que posso convencê-lo do contrário?

Peter estacou. Parecia que o homem acabara de se dirigir a ele diretamente. O menino deslizou os dedos para fora do bolso traseiro do guarda quando sentiu os olhos da multidão se voltarem para onde ele estava.

– E-eu, senhor? – perguntou, apertando nas mãos o saco de pilhagem.

– Mas é claro, rapaz! Será que posso *roubar* sua atenção por um momento?

Peter não se moveu.

O caixeiro mudou de direção, dirigindo-se ao homem ao lado do garoto.

– Ah, seu guarda? Poderia abrir espaço para que o rapaz venha até aqui?

A garganta de Peter secou. Ouviu o homem da lei passar por ele, afastando as pessoas para o lado com o cassetete.

– Vocês ouviram o sujeito – ele disse em tom de comando. – Deixem o menino passar.

A multidão abriu caminho para que Peter chegasse à frente.

– Não seja tímido, rapaz! – o caixeiro riu. – Seria um *crime* nos *furtar* desse prazer – o homem obviamente sabia o que ele estivera fazendo, e agora o ameaçava. Peter não tinha escolha. Tomando o cuidado de parecer inofensivo e desastrado, foi tateando o caminho até chegar à frente.

O caixeiro pegou sua mão e a sacudiu com entusiasmo.

– Bom tê-lo a bordo! – virou-se para o público: – E, agora, tenho uma demonstração especial para esse pessoal sortudo!

Peter tentou perceber o ambiente. À direita estava o caixeiro, que recendia a lã molhada com uma pitada de arrependimento. Logo atrás estava a carruagem do homem, puxada por um par de... não, não eram cavalos. Peter assaltara um circo aquático quando tinha sete anos e, desde então, guardara uma percepção excelente do cheiro de animais exóticos. *Mas o que eram aquelas criaturas estranhas?*

– Fique longe das zebras, rapaz. Elas dão coice! – a multidão riu diante do alerta afável.

Peter, no entanto, estava longe de rir. Era quase como se aquele homem pudesse ler sua mente. *Mas isso era impossível!*

– Nem tanto – sussurrou o homem, aproximando-se. – Só é preciso um pouquinho de prática.

Peter afastou-se do estranho, trombando com a carruagem de madeira. Ao se equilibrar, os dedos pousaram sobre algo frio, metálico e familiar: um cadeado.

O pulso de Peter acelerou. Se havia algo que adorava em seu trabalho era arrombar cadeados. Considerava cada um deles um desafio pessoal. Por definição, cadeados são projetados para lhe dizer o que você não pode fazer. Você *não pode* ter a comida de dentro do baú. Você *não pode* fugir desse porão. Você *não pode* descobrir o que há dentro desta carruagem. Cada cadeado aprisionava um tesouro que exigia ser libertado, e Peter sempre ficava feliz ao ser compelido a fazê-lo.

O menino correu os dedos sobre o cadeado imóvel, úmido, devido à chuva. Era de aço temperado, o tipo de material usado para guardar apenas os segredos mais valiosos. Deslizou a mão pela porta, buscando a dobradiça, porém, em vez disso, achou uma haste

grossa ligada a outro cadeado. E outro. E outro. A carruagem inteira estava repleta de cadeados, de todos os formatos e tamanhos. Sorriu para si mesmo; de repente, tudo aquilo tinha ficado bem mais interessante.

Enquanto Peter examinava com cuidado a carruagem, o caixeiro falava com a multidão.

– Enfim chegou a hora em que revelarei o chapéu mais incrível de todos! Um chapéu feito especialmente para você! – as pessoas inclinavam-se para a frente, em expectativa. – Ora, todos sabemos do problema de morar numa cidade portuária: o cheiro!!! Como se pode esperar manter a dignidade num lugar que fede a peixe todos os dias? – houve um burburinho geral de concordância, enquanto todos fungavam o ar com desprezo.

– Bem, acabou-se o fedor! – o caixeiro surgiu com uma pilha de gorros de couro. – Esses gorros, tingidos e curtidos no mais puro ar de Cloudlands, *garantem* a remoção de qualquer odor ruim que venha dos usuários – a multidão irrompeu, perplexa. – Impossível, vocês dizem? Para provar o que alego, apresento-lhes um juiz especialista... Alguém que vive apenas do nariz.

Peter, que estivera estudando em segredo os cadeados da carruagem com os dedos, abaixou as mãos quando novamente sentiu a atenção do público recair sobre si. O caixeiro tocou seu ombro.

– Todos sabem que as pessoas cegas têm um olfato aguçado, capaz de detectar até mesmo o mais leve dos odores. Esse é precisamente o motivo pelo qual chamei esse rapazola para me auxiliar nesta demonstração – com gentileza, guiou Peter de volta à multidão. – Se puder, meu rapaz, eu lhe pediria que cheirasse esse guarda aqui.

Peter ficou imóvel diante do homem da lei, que alternava o peso do corpo, em desconforto, de um pé ao outro.

– Vá em frente, dê uma boa fungada – o caixeiro sugeriu ao menino. – Ele cheira a quê?

Peter pôde notar que o homem estava em busca de uma resposta honesta, mas a verdade não era muito agradável.

– Ele cheira a peixe, senhor.

O caixeiro resfolegou, claramente satisfeito.

– Peixe, você disse? E o que mais?

Peter fungou de novo.

– E a cerveja choca, senhor.

– E...?

Peter não pôde resistir.

– E ahn... *pum!* – a multidão explodiu em gargalhadas diante do rosto ruborizado do guarda.

– De fato, uma combinação nociva! – afirmou o caixeiro.

– Ora, essa! – vociferou o homem da lei. – Continuem assim e vou prender ambos!

Antes que pudesse contestar mais, no entanto, o caixeiro ofereceu ao guarda um gorro de couro.

– Faria a gentileza de colocar um desses gorros milagrosos na cabeça? – o oficial, ainda corado, tirou o capacete e colocou o gorro na careca. Deu um sorriso constrangido à multidão.

O caixeiro voltou-se para Peter.

– E agora, rapaz?

Peter hesitou, com o nariz a alguns centímetros da barriga suada do guarda. O homem tinha o mesmo cheiro de antes. Porém, sendo um garoto esperto, logo entendeu o que o caixeiro queria que ele dissesse. Não confiava no comerciante, mas algo lá no fundo – seu instinto de ladrão – lhe dizia para dançar conforme a música.

– Qual é o cheiro agora? – repetiu o caixeiro, com a voz ligeiramente mais ansiosa.

Peter fungou de modo ruidoso e resfolegou.

– Para onde ele foi? – cambaleou à frente, Tateando o ar, fingindo estar confuso. – O guarda estava aqui instantes atrás... mas agora aquele cheiro *desapareceu por completo!*

Os observadores vibraram de puro deleite.

– Aí está! – observou o caixeiro, fazendo uma reverência. – De que outra prova vocês necessitam? – mãos que seguravam moedas amontoaram-se em direção ao homem, a fim de comprar um dos gorros maravilhosos.

Enquanto as pessoas se empurravam para se aproximar aos gritos, Peter sentiu-se dividido. Poderia fugir com facilidade naquele momento e ficar com o que já tinha roubado. Seria mais que suficiente para acalmar o sr. Seamus. Por outro lado, também estava ávido por descobrir que tesouro secreto havia dentro da carruagem. Embora fosse verdade que Peter não se comprazia em roubar gente comum, a possibilidade de roubar o caixeiro-viajante lhe pareceu inteiramente aceitável. Afinal, não estaria ajudando um salafrário a receber seu troco justo? Peter decidiu que valeria a pena ficar por ali um pouquinho mais.

– Precisa de ajuda, senhor? – indagou ao homem.

– Ora, mas que atencioso! – o caixeiro colocou uma bolsa vazia nas mãos do menino. Não era de lona, e sim de veludo grosso, a corda entrelaçada com fios finos e pequenas joias. – Ajude-me a coletar o dinheiro desses bons clientes. E, enquanto o fizer – aproximou-se, dando um tapinha no saco de pilhagem que Peter trazia perto de si –, tenha a bondade de devolver as coletas aos bolsos de onde vieram. Um menino pode ser enforcado por coisas assim – empurrou Peter em direção à multidão. – Garanto que será melhor!

Peter seguiu por entre toda aquela gente recolhendo as moedas dos clientes ávidos. Cada vez que passava por alguém cuja carteira tinha roubado, o menino a devolvia, antes que a vítima pudesse notar o que estava faltando. Continuou assim, até que o saco de pilhagem estivesse vazio, e a bolsa do caixeiro-viajante cheia. O odor era inebriante, quase demais

para suportar, mas não era tolo para tocar numa única moeda. Se aquele estranho caixeiro pudesse de fato ler pensamentos, o flagraria em um segundo. Peter teria que ser paciente até que surgisse uma oportunidade.

Quando o povo da cidade enfim se dispersou, todos com um gorro de couro na cabeça e fungando a si mesmos, o caixeiro se aproximou de Peter.

– Foi uma ótima atuação. Representamos bem como bandidos. Qual é o seu nome?

– Alistair – respondeu Peter, que, àquela altura, já aprendera a não confiar em estranhos.

– É mesmo? – o homem tomou a bolsa das mãos de Peter. – Bem, *Alistair*, não pude deixar de notar seu interesse pela minha bela carruagem. Que pena não poder vê-la, hein?

– Parece, de fato, ser uma bela carruagem – Peter respondeu, tentando soar tão patético e cego quanto possível. – Posso sentir o odor de tinta fresca.

– Sente o cheiro de mais alguma coisa?

– Não, senhor.

O caixeiro ergueu a aba do fraque e tirou uma grande chave de um chaveiro que trazia no cinto. Começou a abrir os doze cadeados que protegiam a porta da carruagem.

– Zelo nunca é demais. As riquezas desta carruagem poderiam mudar a sorte de um sujeito para sempre. Mesmo assim, ainda não encontrei um ladrão que fosse melhor que esses cadeados – Peter sorriu para si mesmo ao ouvir o clique-clique dos trincos se abrindo. Seu ruído favorito.

Quando o caixeiro-viajante terminou com o último cadeado, abriu a carruagem e inclinou-se para dentro. No momento em que a porta foi aberta, o cheiro, passando próximo do nariz de Peter, fez seu pulso acelerar. Passara dez anos aprendendo os aromas da prata, do marfim e das pedras preciosas, mas nenhum deles recendera a nada tão valioso quanto o que havia dentro da carruagem. Enquanto o homem guardava as moedas, Peter colocou os sentidos para trabalhar, absorvendo cada detalhe da carruagem: o tamanho da cabine, a firmeza do piso, a dimensão dos ganhos valorosos.

Depois que terminou, o caixeiro fechou a porta da carruagem e trancou todos os cadeados.

– Bem seguro – constatou, batendo uma mão na outra. – E não pense que me esqueci de você! Eis aqui uma recompensa pelo seu transtorno.

Arremessou uma pequena moeda, que Peter pegou no ar. O homem deu um assobio, impressionado.

– Você tem um reflexo e tanto. Com uma mão dessas, quem precisa de olhos?

Peter virou a moeda sobre os dedos. Era feita de um metal pesado e tinha um buraco no centro.

– Daria minhas mãos em troca, num piscar de olhos, se pudesse enxergar – falou o garoto.

– Sim, tenho certeza de que o faria – o caixeiro murmurou baixinho. Por um instante, Peter ouviu algo se apertar na garganta do homem, antes que tossisse e batesse as mãos uma na outra. – Ouça, Alistair, estou louco por uma bebida. Você se importaria de tomar conta de minha carruagem enquanto sacio a sede na taberna? O que tem dentro é muito especial, e não gostaria que caísse nas mãos da pessoa errada.

Peter mal pôde acreditar que seria tão fácil.

– Bem, *suponho* que sim...

– Esplêndido! Sabia que podia confiar em você! – o homem disse, já seguindo seu caminho.

Quando o caixeiro-viajante chegou à entrada da taberna, voltou-se, olhando o menino a distância.

– Foi uma honra trabalhar com você, *Peter Nimble*. Torço para que nos encontremos de novo em breve! – e, ao dizê-lo, fez um cumprimento com o chapéu e desapareceu porta adentro.

>>>

Levou quase uma hora para que Peter abrisse os cadeados da carruagem do caixeiro-viajante. Quando enfim conseguiu entrar, encontrou a bolsa exatamente do jeito que o homem a deixara. Transbordava de moedas, dinheiro suficiente para satisfazer o sr. Seamus por um mês.

Mas, então, algo chamou sua atenção. Ao esticar o braço para pegar o saco bordado, encostou em uma caixa simples de madeira, do tamanho de um pão. Não havia monograma adornando a tampa, apenas um pequeno cadeado de bronze. Peter tocou o buraco da chave e um tremor percorreu todo o seu corpo. Soube que ali se concentrava o odor que sentira antes, algo mais raro que todas as riquezas ao redor. Ao contrário de chapéus baratos, a caixa parecia de fato ter vindo de outro mundo – de algum lugar além dos limites do mapa.

Peter hesitou. Só tinha espaço no saco para uma coisa, o que significava ter de escolher. Uma bolsa repleta de riquezas ou uma caixa cheia de... mistério. Antes que pudesse ser pego no flagra, Peter pegou a caixa e saiu de novo para a chuva.

Dez minutos depois, o menino passava sorrateiramente por Killer, adormecido, e descia, nas pontas dos pés, a escada rumo ao porão o mais rápido possível. Agora o sol já estava quase se pondo, e ele não tinha muito tempo antes que o sr. Seamus o mandasse de volta para trabalhar nas casas. Sentia-se exausto, mas também alegre. Peter ajoelhou-se em um canto do porão e tirou a caixa de madeira do saco. Sorriu, inalando o aroma rico e de coisa antiga. Era um odor doce e inebriante, nada que jamais tivesse encontrado, e a cada passo da jornada para casa, o aroma parecia mais marcante. Agora, quase não podia mais suportá-lo.

Peter estava com o ouvido aguçado em direção à escada, para se assegurar de que estava mesmo sozinho. Se tivesse sorte, talvez pudesse embolsar um pouco do conteúdo antes de entregar o restante ao sr. Seamus. Flexionou o dedo indicador e o dirigiu ao buraco da

fechadura. Clique. O cadeado se abriu. Ergueu a tampa e tateou o interior.

A caixa continha seis ovos.

Peter franziu o rosto, confuso, e de novo passou as mãos sobre as cascas lisas. Não havia tesouro algum para ser encontrado, exceto aqueles ovos comuns de galinha. Coçou a garganta. Depois de abrir a tampa, o cheiro peculiar ficou ainda mais forte; o tesouro tinha de estar ali, em algum lugar. Tateou a caixa, buscando uma bainha ou sinais de um fundo falso. Pegou um dos ovos entre os dedos e o conduziu ao nariz. Recendia a algo valioso – ainda mais valioso que ouro. *Mas como podia ser?* Esfregou a casca lisa no rosto.

– O que está escondendo aí? – sussurrou ao ovo.

– Verme! – o sr. Seamus apareceu à porta. Veio descendo a escada com Killer a seu lado. – Aqueles legumes que você surrupiou estavam encharcados! – ele cuspiu. Segurava metade de uma abobrinha na mão, com a outra metade pendendo de sua boca nojenta.

– Estava chovendo – Peter disse, fechando a caixa e ficando de pé. – Tudo fica encharcado na chuva!

– Isso não é desculpa! – o sr. Seamus arremessou a abobrinha na cabeça de Peter. O menino poderia ter se esquivado com facilidade do ataque, mas há muito tempo aprendera que a defesa pessoal só deixava o sr. Seamus ainda mais zangado. O legume o acertou bem na orelha.

– Não foi pra isso que vim aqui – o odioso homem desceu os degraus, chupando os dedos para limpá-los. – Ouvi dizer que havia uma boa multidão perto do porto hoje. Quero meus ganhos.

– Havia empregados demais. Tudo que consegui pegar foi isso – disse o menino, oferecendo a moeda com o buraco no meio.

É preciso lembrar que Peter estava em pé no canto mais úmido de um porão muito escuro, e essa era a razão para que o sr. Seamus não pudesse ver a caixa do caixeiro-viajante com os seis ovos especiais. No entanto, Killer, cujo olfato era quase tão bom quanto o de Peter, logo sentiu. Deu um salto à frente e pulou nos pés do garoto.

– Parece que Killer discorda – comentou o sr. Seamus aproximando-se. – O que é que está escondendo?

– Nada, é...

Mas era tarde demais; o cão já tinha pegado a caixa e arrastado-a até os pés do dono. O sr. Seamus agachou para inspecionar a mercadoria.

– Bom garoto – ele disse, deixando que Killer lambesse os resquícios de comida do seu queixo. – Me enganando, hein, verme? Vamos dar uma olhada – abriu a tampa e avidamente remexeu a caixa, buscando o tesouro que havia dentro.

– É só isso? – perguntou, zangado. – Apenas um punhado de ovos?

– Perdoe-me! Achei que estivesse cheia de preciosidades, mas só abri quando cheguei em casa.

– Por que perdoá-lo, garoto imbecil? – o sr. Seamus arremessou um ovo no ar e o pegou novamente. – Ao menos darão um jantar melhor que aqueles legumes. Venha, Killer.

Peter pôde ouvir os passos do sr. Seamus subindo as escadas com a caixa de ovos embaixo de um dos braços.

– Espere! – gritou em desespero. – Eles estão... podres! Todos eles! – não entendia exatamente como, ou por que, mas sabia que não podia perder aquela caixa.

O homem estacou e inspirou o conteúdo.

– Tem certeza? Parecem ter cheiro normal pra mim.

– O sr. conhece meu nariz. Consigo sentir cheiro de riquezas, piolhos e até mesmo da idade de uma pessoa. Esses ovos estão totalmente podres – Peter fez um ruído que lembrava o de alguém com ânsia de vômito. – Até daqui, mal consigo respirar! – seu coração disparara; *não podia perder aquela caixa!* – Por favor, me perdoe. Prometo trazer algo melhor da próxima vez.

– E vai trazer mesmo – afirmou o sr. Seamus. – Como punição, terá de ficar cheirando isso por mais tempo! – arremessou a caixa ao chão do porão. – Espero que capriche nos assaltos desta noite para compensar minha perda de tempo. Do contrário, vou quebrar muito mais que ovos!

– Sim, senhor! Obrigado por sua bondade!

O sr. Seamus resmungou, batendo a porta, enquanto, com Killer, voltava à cozinha. Quando Peter teve certeza de estar sozinho novamente, acalmou os nervos e engatinhou até a caixa. Ergueu a tampa, temendo a mistura de gemas que poderia esperá-lo... Mas os seis ovos estavam intactos. Pegou um deles com os dedos e, cuidadosamente, sacudiu-o junto ao ouvido. A gema remexeu do lado de dentro da casca. Ficou imaginando se haveria algo incubado ali; talvez um pássaro raro? Ou a gema mais cara do mundo, ideal para a omelete de um rei?

Pensar em omeletes deixou Peter com fome. Como você bem sabe, garotos comem mais do que gente comum; ao menos, *deveriam*. Peter, no entanto, era mantido pelo senhor Seamus numa dieta rigorosa de cabeças de peixe e cascas de cebola, pois o homem alegava que a fome construía o caráter. O menino sacudiu o ovo com mais força. *Ideal para um rei?* Lambendo os lábios, quebrou o ovo e deixou que a gema deslizesse garganta abaixo.

Peter engasgou com um objeto redondo e firme. Havia algo errado. Tossiu e cuspiu de volta dentro da casca quebrada. Aquela não era uma gema de ovo comum. Peter tocou sua superfície e, ao fazê-lo, um calor imenso o percorreu por inteiro. Sentiu o ímpeto esmagador de saber se havia a mesma coisa estranha dentro de todos os outros. Pegando cada um deles nos dedos, com cautela os partiu em metades perfeitas. Despejou cada gema na respectiva metade de casca e os colocou de volta na base acolchoada da caixa. As mãos no queixo, cabeça acima da caixa, Peter esperava um milagre.

A essa altura, seria maravilhoso se o garoto soubesse para o que estava olhando. Embora certas coisas da vida possam parecer óbvias para quem enxerga, como você e eu, para

Peter assim não é. Livros, por exemplo, com todas as suas aventuras e maravilhas, passavam despercebidos por completo pelo garoto. Embora pudesse dizer quantas páginas um volume possuía só ao segurá-lo, ou quanto tempo tinha, só em cheirá-lo, ou quem o lera antes, apenas folheando as páginas, não tinha como dizer sequer qual era o título; a menos, é claro, que estivesse incrustado na lombada. Mas essas seis gemas não tinham lombada nem título, nem nada que ajudasse Peter a identificá-las.

– Quem são vocês? – ele perguntou, segurando a caixa aberta nas mãos.

Se Peter pudesse enxergar, seu coração teria parado. Um sorriso teria surgido em seu rosto, e a garganta seca teria soltado a primeira gargalhada verdadeira. Porque Peter Nimble deparara-se com algo maravilhoso demais para se imaginar. Algo que só poderia ser descrito como *fantástico*.



Peter versus a gangue Mumblety-Peg

AO ANOITECER, A Chuva tinha parado. Peter deixou a casa para trabalhar quando o relógio do palácio de justiça bateu dez horas. Desperdiçara preciosas horas de cochilo matutando sobre a caixa do caixeiro-viajante; portanto, estava exausto antes mesmo de pôr o pé para fora da porta. Retraiu-se ao pensar na dificuldade da noite pela frente; o sr. Seamus nunca fazia ameaças vãs e, a menos que Peter quisesse apanhar até desmaiar, precisava roubar uma boa quantidade antes do amanhecer.

Peter imaginou que o melhor começo seria com o caixeiro. Sabia, de antemão, que o homem tinha uma bolsa transbordante de moedas e que apenas aquele saco de veludo seria suficiente para satisfazer o sr. Seamus. Embora o menino dissesse a si mesmo que aquele era o motivo para ir ao encontro do comerciante, a verdadeira razão era totalmente diferente. A verdade era que Peter tinha um desejo ardente de saber mais sobre aqueles ovos estranhos da singular caixinha. Cada célula de seu ser lhe dizia que aquelas seis gemas eram muito mais valiosas do que tudo que já roubara na vida.

Passando de modo sorrateiro pela loja de penhores Uncle Knick-Knack, onde com frequência fazia “negócios”, e pelas bancas ao longo do mercado, onde também os fazia, Peter enfim chegou ao lugar onde o caixeiro estivera estacionado. Inspirou o ar frio em busca de pistas da trilha do homem. Nada. Abaixou-se, apalpando o chão, à procura de sinais de rodas nas poças. Nada. Vasculhou as ruas, passou por estalagens e percorreu as docas, mas não encontrou um único vestígio. Era como se o homem nunca tivesse passado por ali. A única prova de sua existência era a caixa embaixo do braço de Peter e o grande mistério que encerrava.

>>>

Peter sentia-se frustrado. Passara horas tentando encontrar o caixeiro ardiloso e ainda tinha que roubar a quantidade equivalente a duas noites.

— Se ao menos tivesse alguém para me dizer o que de fato são esses ovos — murmurou ao descer de uma janela no andar superior com quatro castiçais, dois relógios cuco e um gorro de couro barato. Então, seus pensamentos foram interrompidos por um grito

inesperado.

Gritos, como você sabe, são medonhos, ruídos penetrantes que gente enfadonha emite quando quer atenção. Raramente são eficazes, já que a maioria dos ouvintes tampa os ouvidos e vai cuidar da própria vida. Mas há outro tipo de grito que não pode ser ignorado com tanta facilidade: o de uma criatura diante da morte; um grito primitivo, desesperador, que não fala aos ouvidos, mas ao âmago do ser. Peter só ouvira aquele som uma vez, quando desvencilhara do saco os gatinhos que se afogavam. Agora ouvia aquele grito de novo, e estava bem próximo.

O garoto ficou imóvel na beirada do telhado. Uma das habilidades mais importantes que qualquer ladrão precisa dominar é permanecer imóvel. Embora menos glamuroso que arrombamento de cofre e escaladas pelas paredes, é tão útil quanto. Após o treinamento do sr. Seamus, o menino havia aprendido até mesmo a deter o batimento cardíaco, para que os cães de guarda o ignorassem na escuridão, embora esse truque falhasse com Killer. Peter ouvia o ar frio da noite. O primeiro grito tinha sido tão curto que não captara sua localização exata.

Alguns instantes depois, ouviu-o mais uma vez. Era um dos animais perto dos estábulos da cidade. Peter pendurou o saco, mais vazio do que gostaria, no ombro. Ainda tinha muito a roubar, e não podia se dar ao luxo de outra distração. Os gritos continuaram até que não pudesse suportar mais. Guardou seus ganhos ilícitos e foi investigar.

Peter correu pela cidade até chegar a um pequeno beco que passava atrás dos estábulos. Podia ouvir algo que parecia um cavalo relinchando. Escutou também outros sons, vozes zombeteiras e um tinido metálico ocasional batendo nos paralelepípedos. O beco fazia uma curva fechada, e o pé de Peter bateu numa moringa velha. Cambaleou, quase derrubando sua preciosa caixa de ovos. Recuperando o equilíbrio, esticou o pescoço na direção da esquina e pôs-se a ouvir.

– Que pontaria! – alguém bradou. – Bem na listra!

– Isso foi falta! A lâmina tem que girar duas vezes! – outro resmungou.

– Cale a boca e arremesse logo!

Peter chegou mais perto, tentando entender qual era a situação. O animal cheirava como um cavalo, ou uma mula, não conseguia ter certeza estando tão próximo aos estábulos. Qualquer que fosse a raça, passava por um grande apuro. Nesse momento, uma voz profunda falou, silenciando as outras:

– Cheguem pra lá, bebês. Deixem-me mostrar como é que se faz – as palavras causaram um arrepio na espinha de Peter. Ele reconheceu aquela voz, que pertencia a Pencil Cookson.

Pencil Cookson era o menino mais cruel, sórdido e perigoso do porto. Era alguns anos mais velho que Peter e tinha o dobro do seu tamanho. Pencil também era órfão, mas por motivos bem diferentes. Diziam que, quando fizera oito anos, seu pai, um bêbado que vivia na cadeia por dívidas não pagas, vendera o filho como servente de navio para um capitão local. Pencil morria de medo da água e se recusara a ir. Quando os pais tentaram

forçá-lo, conseguiu dominar ambos, mãe e pai, e os matara com o lápis que vinha usando para completar uma lição de gramática (daí o nome Pencil, ou “lápis”). Pouco tempo depois de ficar órfão, Pencil formara uma gangue com os meninos mais cruéis e impiedosos da cidade. Autodenominavam-se gangue Mumblety-Peg.

Para quem nunca brincou disso, o jogo mumblety-peg é para meninos durões que ficam arremessando uma faca, tentando fazê-la fincar na terra. É um passatempo relativamente inofensivo; a menos, é claro, que seja um jogo de Pencil Cookson e sua gangue. Era de conhecimento público a crueldade daqueles meninos. Por isso, em vez de mirar o chão ao jogar, miravam os pés um do outro... ou, até pior, os de qualquer vítima azarada que conseguissem avistar.

Peter estava em meio aos gritos e tilintar do beco. Pareciam estar em cinco garotos aquela noite. E uma vítima. Pelo barulho de pés se remexendo, Peter concluiu que a gangue devia ter prendido o animal ao chão e tentava fazer que a faca penetrasse em seu corpo. O garoto grudou no muro, contente por estar seguramente escondido.

Ao menos, foi o que *achou*. Mas, no mesmo instante, o jogo foi interrompido por um grito.

– Ei, quem tá aí? – um deles gritou na direção de Peter. – Acho que ouvi algo se mexendo ali na rua – o restante da gangue se virou, dando um passo à frente.

Peter permaneceu imóvel. Pelo frescor de sua pele, sabia que estava na sombra, longe do luar. Só por segurança, deteve as batidas do coração.

– Não estou vendo nada – Pencil disse após um momento. – Só uns barris velhos.

E então veio uma pancada, e mais um daqueles relinchos frenéticos.

– Ei! O galopante está tentando fugir!

– Não acabamos de brincar ainda!

– Segure-o no chão!

Aparentemente, o animal tentara se aproveitar da distração dos perseguidores para fugir deles. Peter relaxou um pouquinho, já que a atenção da gangue tinha se voltado para o jogo.

A primeira coisa que um menino, qualquer menino, deve fazer numa situação de risco é responder ao questionário do vilão. Sendo um ladrão de primeira classe, Peter sabia as perguntas de cor. *Onde estava?* Atrás da cadeia municipal, pouco antes de meia-noite. *Havia amigos por perto?* Peter não os tinha. Além disso, sendo um ladrão, não queria ser avistado à noite. *Havia armas por perto?* Peter pensou por um instante e sorriu. Talvez tivesse algo ainda melhor.

Saiu do beco sem ser percebido e correu até a cadeia. Depois de abrir um cadeado, entrou porta adentro e se viu cercado de prisioneiros adormecidos. Peter seguiu, na ponta dos pés, até uma cela vazia e, com cautela, removeu uma longa corrente e várias algemas da parede. Para uma pessoa comum, movimentar correntes pode ser uma tarefa impossível; assim que você ergue uma ponta, a outra cai, fazendo *clingue-clingue* no seu

braço. Para Peter Nimble não. Logo estava de volta ao beco e prendia as algemas ao redor dos tornozelos dos provocadores.

Os dedos hábeis de Peter fechavam as algemas sem que um único membro da gangue notasse. Entremeou uma das pontas da corrente pelos grilhões dos provocadores e levou a outra ponta consigo, virando a esquina e passando pela praça da cidade, até o telhado do palácio da justiça.

Qualquer cidade respeitável tinha ao menos um edifício alto e, no topo, em geral, um relógio grande e importante. A cidade de Peter não era exceção. A torre do palácio da justiça tinha sido recém-reformada para abrigar um imenso relógio mecânico, o primeiro passo ousado rumo a um mundo mais moderno. A cada hora, um pelicano mecânico saía como um cuco para anunciar a hora, dando um pequeno espetáculo: batia as asas e girava em círculos. Peter pôde ouvir os ponteiros do relógio se aproximando da meia-noite. Torcia para que a engrenagem que os controlava fosse forte o suficiente para seus propósitos.

Colocando a corrente na boca, destrancou o painel e entrou na torre. Cada centímetro era ocupado com o relógio que se movia lentamente. Peter encontrou o pelicano mecânico sentado entre dois dentes da engrenagem, esperando para sair e realizar a próxima demonstração. Ajoelhou-se e prendeu a corrente ao redor dos pés de bronze da criatura. Enquanto atava os elos, o experiente ladrão podia ouvir as leves vibrações do som da gangue Mumblety-Peg e a alegria do outro lado da praça. O plano de Peter estava armado; tudo que tinha a fazer agora era impedir que a gangue matasse a vítima antes da meia-noite.

O garoto voltou à rua e seguiu a corrente para retornar aos estábulos. Na entrada do beco, lembrou-se da moringa velha na qual tropeçara antes, uma distração perfeita. Pegou a moringa e mirou na voz mais cruel, impiedosa e perigosa do bando.

Paft! O objeto espatifou-se bem atrás da cabeça de Pencil, quebrando-se em mil pedaços.

– Ai! – ele gritou, massageando a cabeça dolorida. – Quem está aí?

Era tarde demais para recuar. Peter deu um passo à frente sob o luar.

– Atrás de você – ele disse, fazendo o máximo para parecer corajoso. – E tem outra a caminho, se não sair – na verdade, era mentira; Peter não tinha encontrado nenhuma outra moringa.

– Ora essa – Pencil respondeu, aproximando-se –, parece que encontramos um benfeitor.

– E-eu estou avisando – a voz de Peter falhou. – Deixem esse cavalo em paz.

– Cavalo? – falou um dos meninos, soltando um suspiro. – O que é, você é *cego*? – esta última afirmação, embora fosse verdadeira, era muito cruel.

– Ei, já te vi antes – comentou outro garoto. – Você é aquela bichinha que o Seamus mantém; o *verme*!

– Bem, veremos quem é bichinha – respondeu Peter. – Vocês têm dez segundos – a

gangue toda riu, aproximando-se com lâminas em punho. Peter continuou onde estava, movendo-se apenas para se esquivar de estocadas ocasionais das facas. – Mais cinco segundos! – avisou.

– Então, é melhor andar rápido – afirmou Pencil. Com rapidez incrível, agarrou o pescoço de Peter e o ergueu do chão.

O garoto engasgou, esforçando-se para se desvencilhar dos dedos que apertavam seu pescoço.

– Está quase... na hora... – ele resfolegou.

– Concordo com você – Pencil apertou mais. – Está quase na hora para que se junte a nós para um jogo de mumbl...

Você deve ter adivinhado que Pencil Cookson estava prestes a dizer “mumblety-peg”, mas suas palavras foram cortadas por dois sons: o grande relógio batendo meia-noite e o tilintar da longa corrente atada aos pés do pelicano dançarino. Conforme a criatura grasnava e girava, a corrente enrolava ao redor de seu corpo como linha em um carretel. Pencil, tomado de susto, soltou Peter. Antes que qualquer um deles soubesse o que estava acontecendo, os cinco meninos da gangue Mublety-Peg foram arrancados do chão, arrastados pela cidade e erguidos até a metade da torre do relógio, onde ficaram pendurados pelos tornozelos, como um cacho de uvas malévolas.

>>>

Enquanto Pencil e a gangue olhavam a vista além do palácio da justiça, Peter ficou de pé e sacudiu a poeira. Pôde ouvir a respiração entrecortada vindo do fim do beco e soube que o animal não tinha fugido. Sentiu cheiro de sangue nas pedras onde o animal fora cortado.

– Você está bem? – ele disse, aproximando-se.

Ao chegar perto, um odor almiscarado preencheu suas narinas. O cheiro que tinha conhecido ainda naquela tarde: o de uma zebra.

– Você pertence ao caixeiro-viajante – ele sussurrou, esticando o braço. Em vez de recuar, o animal se aproximou e pressionou o focinho na palma da mão do garoto.

Peter ajoelhou-se e tomou a cabeça da zebra entre as mãos.

– O que fizeram com você? – perguntou, afagando a nuca com cuidado. O animal estremeceu sob o toque suave. Peter pressionou a mão junto às suas costelas, sentindo a pulsação fraca. Enquanto acalmava a criatura, seu batimento cardíaco lentamente se fortaleceu, voltando enfim ao normal.

– Imagino que seu dono a tenha deixado para trás – falou, ajudando a zebra a se levantar. – Se ao menos você pudesse me contar sobre aqueles ovos... – diante da menção à palavra “ovos”, o bicho relinchou baixinho. Se fosse tolo o suficiente, Peter poderia acreditar que ela o tinha entendido. Mas era impossível... animais não compreendiam a fala de humanos, bem como os bichos não podiam falar com ninguém.

Como que em resposta, a zebra foi mancando até o beco, onde estava a caixa do caixeiro. Pegou-a com a mandíbula ferida e a depositou aos pés de Peter.

O menino estava incerto quanto ao que fazer.

– Você quer que eu abra? – perguntou.

A zebra relinchou de novo, focinhando a mão dele enquanto a conduzia à caixa. Peter agachou-se e passou o dedo no fecho gasto. *Clique!* A tampa abriu.

– E agora?

Ouviu a criatura se abaixando para cheirar o que havia ali dentro. Ela pegou com os dentes uma gema, depois outra, e as soltou, com cuidado, na mão aberta de Peter. Depois, o animal foi para trás dele e arrancou a bandagem dos seus olhos.

– Eu... lamento... – ele disse. – Ainda não sei o que você quer.

Esticou a mão, esperando que a zebra pudesse instruí-lo melhor, mas ela tinha desaparecido de maneira inexplicável.

– Olá? – Peter chamou, virando-se. Esforçou-se para ouvir a batida dos cascos, mas não havia mais nada, a não ser as gemas misteriosas na palma de sua mão. Rolou as bolas redondas entre os dedos; algo no tamanho e na textura parecia-lhe assombrosamente familiar. Pressionou o nariz contra o calor daquelas bolotas.

– Conheço esse cheiro de algum lugar – murmurou para si mesmo. – Mas de onde?

Foi nesse instante que Peter teve o que costumam chamar de *flashback*. Trata-se de um termo médico sofisticado que quer dizer lembrar-se de coisas do passado. Peter arfou e todo seu ser foi tomado por aromas e sons de muito tempo atrás. Lembrou-se de gritos e rugidos. De ser enfiado em um cesto. E de possuir o próprio par de gemas, exatamente como aquelas, até que fossem bicadas de modo terrível na cavidade ocular.

– É um par de *olhos!* – exclamou.

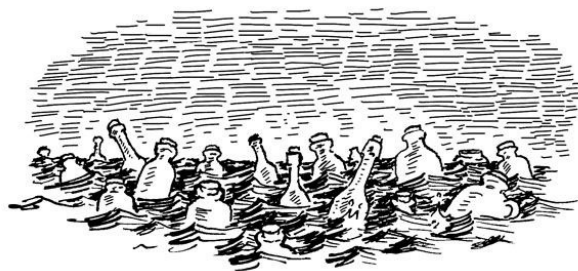
Sentou-se, estupefato. Seria verdade? Era perfeito demais que um menino cego acabasse roubando uma caixa repleta de olhos. Três pares, apenas esperando para ser encontrados. Estudou cada par, agora capaz de detectar as ligeiras diferenças de peso e tamanho. O primeiro tinha sido moldado com o mais fino pó de ouro. O segundo havia sido entalhado numa pedra lisa de ônix. E o último era feito de duas esmeraldas, as joias mais puras que já havia tocado.

Peter pegou os olhos dourados nas mãos e sentiu sua pulsação acelerar. Aquele era o par que a zebra escolhera. O animal tinha dito a Peter o que fazer.

O garoto soltou devagar o ar dos pulmões, acalmando-se. Com cuidado, colocou os dois olhos nas cavidades do rosto.

Piscou.

E assim, de repente, Peter Nimble desintegrou-se no ar!



Sir Tode e a voz familiar

NO INSTANTE SEGUINTE, Peter viu-se embaixo d'água. Aquela mudança de ambiente pegou-o desprevenido. Mal conseguia respirar, e seus pulmões se encheram de água salgada. Batia as pernas, chutando, torcendo para que estivesse indo para cima. Quando a cabeça enfim irrompeu à superfície, ouviu dois sons: o primeiro era um rufar estrondoso de queda-d'água; o segundo, uma sinfonia de vidros tilintando. Girou, às cegas, buscando por qualquer coisa que pudesse ajudá-lo a continuar flutuando. Uma das mãos bateu em algo pequeno e duro. Uma garrafa comum de vidro. Abriu os braços, sentindo garrafas de vários formatos e tamanhos flutuando ao redor. Onde estaria? A corrente de água revolia suas pernas e o puxava de volta, desejando conduzi-lo às profundezas. Ele cuspiu, enquanto tentava se manter à tona.

– Socorro! – gritou, tossindo. – Alguém me ajude!

Como você já deve ter adivinhado, Peter não sabia nadar muito bem. Os poucos encontros com a água haviam-no ensinado a manter uma distância saudável daquilo. Tentou se lembrar do que o tinha levado àquela situação terrivelmente difícil, mas a última coisa que recordava era ter colocado o par de olhos dourados nas cavidades do rosto. Então, *puf!*, de súbito se viu em águas profundas, cercado por centenas de garrafas tilintantes.

E agora estava prestes a morrer.

Para um ladrão, a morte é uma espécie de risco inerente à profissão. Peter tinha contemplado a possibilidade de seu fim mais de uma vez, pela força, ou por um cão de guarda. Mas a ideia de se afogar agora o enchia de tristeza. Tinha descoberto a caixa de olhos apenas para perdê-la no momento seguinte; sequer tivera a chance de experimentar os outros dois pares.

Seu corpo foi tomado por uma onda gélida. Peter afundava cada vez mais sob a superfície; sua mente ia escurecendo. As últimas bolhas de ar escapavam da boca e do nariz, e percebeu que jamais voltaria a sentir o calor do sol ou o cheiro da brisa suave, ou ouvir o burburinho da chuva. Mas, então, uma voz fraca ecoou em seus ouvidos:

– Vaaaii!!!

Aquele som vinha de um lugar lá no alto. O grito foi se intensificando, até a voz mergulhar na água ao lado dele. De repente, tornara-se um grito aterrorizado em meio às borbulhas. O estranho chutava sua cabeça, tentando, de modo frenético, livrar-se para nadar.

Quem quer que fosse essa nova pessoa, tinha sapatos de ferro, e o golpe no topo da cabeça de Peter fora o suficiente para tirá-lo daquela letargia. Sentir alguém tão perto brigando pela vida de alguma maneira deu a Peter o desejo esmagador de viver também. Lutava com cada fiapo de força para ir à tona. Agarrando-se ao casaco de pele do estranho, o menino conseguiu subir, chegando à superfície da água.

– Solte-me, seu bruto! – gritou o estranho, chutando as costelas de Peter. – Não cheguei tão longe para me afogar em mãos vis!

Quem já tentou afogar outra pessoa com certeza sabe que o procedimento é muito mais difícil do que é contado em livros e fábulas. Assim que a cabeça da vítima desaparece embaixo da água, ela volta como um animal feroz, arranhando e mordendo para sobreviver. Foi nessa posição que Peter se viu, conforme ele e o estranho cuspiam e giravam, percorrendo a superfície cristalina da água.

O menino podia sentir sua força oscilando, por isso optou pela diplomacia.

– Espere – ele disse, contorcendo-se para se livrar de um pescoção. – Lutar desse jeito vai fazer nós dois nos afogarmos! Precisamos trabalhar juntos.

O braço magro ao redor do pescoço de Peter afrouxou um pouco.

– E o que, exatamente, você sugere? – indagou o estranho.

Peter batia as pernas, fazendo o máximo para manter a cabeça dos dois na superfície. Seu companheiro era pequeno, mas estranhamente pesado.

– Primeiro, livre-se desses sapatos e desse casaco de pele.

– Ora, muito engraçado! – falou a voz. – Mais alguma ideia fascinante como essa?

– Apenas fique calmo e deixe-me pensar – Peter respondeu, cuspiendo água salgada. Sabia que tinha de agir depressa; ainda sentia frio, e as pernas estavam cansadas; não conseguiria flutuar por muito mais tempo. Além disso, achava difícil se concentrar com o incessante tilintar de garrafas por toda parte. Foi quando a ideia lhe ocorreu.

– As garrafas! – ele disse. – Pegue quantas conseguir.

Peter abriu o saco de pilhagem que ainda se encontrava pendurado no ombro e enfiou uma garrafa dentro. Percorreu a superfície da água com os braços, agarrando todas as garrafas que conseguiu encontrar e as colocou no saco. Se ele e o estranho juntassem garrafas suficientes, talvez pudessem continuar flutuando.

– Minha nossa, está dando certo – exclamou o estranho, enfim compreendendo o plano. – Que ideia brilhante. Oh, há uma à direita. Pegue-a!

Peter não pôde deixar de notar que a maior parte do trabalho estava sendo deixada para ele, mas não tardou para que estivesse com o saco cheio de garrafas de todos os formatos e

tamanhos. A tarefa tinha sido concluída, e os dois se agarravam em um gesto desesperado à boia provisória.

– Certo – falou o estranho. – E agora?

– Agora a gente vai sair daqui. Vê alguma terra por perto?

– Claro que vejo... terra demais, posso dizer.

Peter suspirou.

– Você tem que ser um pouco mais específico comigo; sou cego.

– Ah, perdoe-me! – disse o estranho gaguejando. – Não tinha percebido... lamento terrivelmente ouvir isso – o estranho descreveu o cenário ao redor: – Parece que estamos num tipo de dique, no fundo de um buraco. As paredes talvez tenham uns trinta palmos de altura. Esse barulho ensurdecedor vem da queda-d'água gigantesca que está entrando, vindo de todas as direções.

Queda-d'água. Então, aquele era o som que estivera ouvindo. Peter agora podia discernir rios individuais que rugiam para dentro do dique. Cada um deles parecia rufar e se agitar segundo sua canção particular.

– Vê alguma saída fácil para cima? – ele perguntou.

– Receio que não. Há algumas raízes nas quais poderíamos nos apoiar, mas acho que não conseguirei – antes que pudesse terminar, Peter começou a bater as pernas para chegar à beirada, os braços apoiados na boia com firmeza. Nadou uns vinte metros antes de a mão bater em uma parede pedregosa, entremeada de raízes. O menino segurou nelas e se ergueu da água.

– Espere! – o estranho agarrou-se à perna da calça de Peter. – Por favor, não me deixe... receio não saber escalar muito bem.

O garoto suspirou. Quem quer que fosse aquele sujeito, com certeza era um inútil.

– Preciso das mãos para escalar. Segure na minha perna – pediu, pendurando o saco num dos ombros. – E tente não se mexer muito.

>>>

Peter conseguiu escalar até o topo da bacia sem muita dificuldade. A treliça de raízes dava-lhe boa vantagem, e o estranho, já fora da água, provou ser bem mais leve do que ele esperava. Em breve, os dois estavam em pé diante de uma bela campina que recendia levemente a canela.

– Que lugar é este? – Peter ficou maravilhado ao inalar o ar doce. O estranho o soltara e agora estava agachado no chão, tremendo. Peter esticou o braço para baixo, oferecendo-lhe ajuda para se levantar. – Desculpe por ter tentado afogá-lo.

– Não tem problema – o estranho se afastou. – Agradeço a “carona”. Foi uma ideia e tanto pensar nas garrafas.

Peter sacudiu os ombros, esvaziando o saco a seus pés.

– Fico contente também que tenha dado certo – estava tendo dificuldade para identificar a voz do estranho. Embora tivesse um timbre corajoso como o de um soldado, trazia notas de agudeza da voz de uma donzela. – Meu nome é Peter. E o seu?

– Pode me chamar de... – o estranho fez uma pausa dramática – Sir Tode.

Peter tentou compreender aquela informação.

– Disse “Sir”?... Significa que é um *cavaleiro*?

– Claro que sou um cavaleiro! – Sir Tode retrucou de modo abrupto. – Nem todos andamos de armaduras chamativas, sabe... não mais.

É fato notório que cavaleiros são brincuentos por natureza e se zangam com a mais leve crítica. Peter sabia disso e achou melhor ficar longe de sua raiva.

– Ah, não tive a intenção de insultá-lo, Sir! – desculpou-se. – É que nunca tinha conhecido um verdadeiro cavaleiro – os únicos que Peter conhecia eram homens gordos e abastados que tinham cargos no governo. Mas Sir Tode parecia mais heroico, mais como um personagem de conto de fadas ou de uma canção infantil. Peter esticou a mão. – Posso sentir seu rosto? Sendo cego, essa é a única forma que tenho de...

– Prefiro que não se aproxime mais! – disse o cavaleiro. – Admiro seu espírito curioso, mas não estou com humor para afagos.

Afagos? Aquele estranho por certo escondia algo. E, pensando bem, por que um cavaleiro precisaria ser salvo de um afogamento?

– Perdoe-me, Sir Tode... mas cavaleiros não são treinados para nadar atravessando fossos e coisas assim?

– De fato, somos. No entanto, receio que não possa nadar muito bem no momento. Sabe, estou mais para um... *gatinho*.

– Você é um gato falante? – exclamou o menino. Embora vivesse num mundo com diversas coisas estranhas, animais falantes não estavam entre elas. Peter, como todas as crianças, sempre adorara histórias de criaturas acolhedoras e tagarelas. Também gostava de histórias de cavaleiros. A ideia de estar falando com uma criatura acolhedora, tagarela e com título de “Sir” era quase demais para suportar.

– Sou um cavaleiro humano – corrigiu Sir Tode. – No entanto, fui encerrado no corpo de um gato... e de um cavalo.

Por mais esquisito que possa parecer, essa descrição era totalmente precisa. Um dia, Sir Tode havia sido um cavaleiro normal, levando a vida com duelos e donzelas. No entanto, em uma noite infeliz, ele e seu nobre cavalo tinham cometido o equívoco de brigar com um gatinho fujão diante da janela de uma velha bruxa. Bruxas tendem a ser rudes, mesmo nos melhores dias, e a disposição delas só piora com a falta de sono. Sem pensar, a velha bruxa rabugenta abanara um pano de prato do lado de fora da janela e dissera uma palavra mágica, transformando Sir Tode, seu cavalo e o gatinho em uma única criatura ridícula.

Apesar de realmente haver algo de *gatinho* em seu tamanho, a delicada silhueta de Sir

Tode era presenteada com orelhas, um rabo peludo e desajeitados cascos de cavalo. O rosto, que também era parecido com o de um gato, recebera a dádiva de duas sobrancelhas peludas e um bigode masculino farto, um lembrete doloroso da perda de sua distinção.

Peter se esforçou para compreender o que tinha acabado de ouvir.

– Imagino que isso explique por que é tão pequeno. E por que reclamou quando pedi que tirasse o casaco e os sapatos.

Sir Tode soltou um rosnado de irritação; Peter não era a primeira pessoa a achar divertida a aflição do cavaleiro.

– Você precisa saber que essa condição é apenas temporária. Assim que rastrear a bruxa que me enfeitiçou, tudo voltará a ser como antes.

– Há quanto tempo está procurando por ela?

O cavaleiro soltou uma risada amarga:

– A vida toda.

Se fosse tolo, Peter poderia jurar ter ouvido um ligeiro tremor na voz de Sir Tode, mas isso era ridículo. Todos sabem que cavaleiros são proibidos de chorar.

Na verdade, Sir Tode vinha buscando pela bruxa há *várias* vidas. Um aspecto infeliz de sua maldição era que não poderia envelhecer até que o feitiço fosse retirado. A cada ano que a buscava, o mundo crescia ao seu redor. As bruxas acabariam sendo extintas, e Sir Tode ficaria a ver navios, sozinho e sem esperança. Isto é... até recentemente, quando a esperança voltara na figura de um taberneiro falante que alegava conhecer a solução para aquele feitiço.

– Ora, gato! – sussurrara o homem de nariz vermelho com apenas uma sobrancelha. – Vá até a ilha que fica no topo do mundo! É lá que encontrará o que você precisa... e aquilo que precisa de você.

Desde então, Sir Tode vinha velejando dia e noite na esperança de descobrir a tal ilha miraculosa. Depois de um mês no mar, o navio chegara à temível Barragem Gélida, onde afundara sob a força da mais assombrosa tempestade que ele já vira. Fora arremessado e, para salvar a própria vida, agarrara-se a uma tora de madeira. As correntes ferozes o tinham carregado para cada vez mais longe, até que enfim o haviam levado à beira da queda-d'água e para junto de Peter.

Lembrar disso tudo fez Sir Tode concentrar-se de novo em sua missão. Havia sido alertado pelo taberneiro para não demorar, não fazer cera nem ficar à toa, e conversar com garotos cegos curiosos era perigosamente semelhante a essas três coisas.

– Se me dá licença, tenho muito a andar antes de amanhecer.

– Espere! – Peter o chamou. – Nem sei onde estamos.

– Nem eu – retrucou Sir Tode por cima do ombro. – Obrigado mais uma vez pela ajuda lá na água. Boa sorte com a... cegueira.

Mas Peter não desanimava com tanta facilidade. Correu para alcançar o pequeno cavaleiro.

– Talvez possamos caminhar juntos, não? Não seria mais seguro?

Sir Tode soltou um suspiro de exasperação.

– Não quero parecer ingrato, mas recebi instruções rigorosas para viajar sozinho, e é exatamente o que pretendo fazer.

– Mas para onde está viajando? – Peter quis saber.

– Não tenho certeza. Aquele taberneiro me disse para seguir a Estrela Guia – ele estreitou os olhos, vendo as constelações acima. – Mas, com franqueza, não reconheço nada nesse céu.

Enquanto Sir Tode ocupava-se tentando encontrar a direção a seguir, Peter teve uma ideia.

– Sir Tode – começou com a voz mais agradável possível –, se é de fato um cavaleiro, deve conhecer tudo do Acordo dos Cavaleiros, não é?

Houve uma pausa.

– Cla-claro que conheço tudo a respeito – Sir Tode deixou escapar. – Porque... eu mesmo ajudei a *escrever* sobre o Acordo de Cavaleiros!

Peter sorriu consigo mesmo. Claro que o tal Acordo de Cavaleiros não existia, pois os cavaleiros, sendo tão orgulhosos, raramente concordavam com alguma coisa. Se Sir Tode *fosse* um cavaleiro, com certeza não conhecia as regras muito bem. Peter continuou:

– Então, claro que sabe que, segundo as regras do Acordo, se alguém, um menino cego, por exemplo, salvar a sua vida, você é obrigado a lhe conceder pelo menos um pedido?

As sobrancelhas de Sir Tode se arquearam.

– Não vai querer me fazer de bicho de estimação, não é?

– Claro que não! Apenas, você sabe... um amigo?

Diante daquelas palavras, o bigode do velho cavaleiro remexeu-se ligeiramente.

– *Amigo?* – a verdade era que fazia muitos anos que Sir Tode não conhecia ninguém a quem pudesse considerar um amigo. E também era verdade que, agora que pensava nisso, era seu dever, por juramento, proteger os humildes, e crianças cegas pareciam se encaixar muito bem entre os humildes.

– Muito bem, menininho cego...

– Peter – ele corrigiu. – Peter Nimble.

– Muito bem, *Peter Nimble*. Você salvou minha vida antes e, por causa disso, sou obrigado a lhe prestar um benefício. Serei seu amigo pelo resto da noite, tempo em que terá permissão para viajar a meu lado, até chegarmos a uma hospedagem ou à morte certa. Como meu tutelado, ficará sob minha proteção. Se encontrarmos bandidos ou

saqueadores...

Suas palavras foram cortadas por vozes que vinham de trás da colina.

– Esconda-se! – avisou Sir Tode, assustado. Mordeu a perna da calça de Peter e o arrastou para o chão.

Os dois ficaram deitados na grama escura, ouvindo os gritos que se aproximavam.

– Seja rápido, sr. Pound! – gritou um deles. – Não podemos deixá-los esperando!

Peter notou que havia duas pessoas, pareciam dois homens. Um deles era jovem e forte; o outro devia ser bem mais velho.

– Há alguém aí? – gritou a voz mais jovem. – Alôôô?!

Peter hesitou.

– Espere um minuto, acho que reconheço essa voz...

– *Shh!* – estrilou Sir Tode. – Quer que sejamos saqueados?!

– Estão perto do lago, professor! – a voz se pronunciou de novo. – Acabei de ouvir o rapaz!

Diante daquelas palavras, Sir Tode ergueu os olhos.

– Minha nossa, você está certo! De fato a voz é familiar. Se fosse tolo o suficiente, diria que é...

Sir Tode viu um homem surgir na campina segurando um lampião. A luz reluzia com suavidade em seu semblante, revelando um nariz vermelho torto e um par de sobrancelhas de coruja.

– Ah, aí estão vocês! – disse o homem com uma gargalhada vibrante.

– O caixeiro-viajante! – resfolegou Peter.

– O ta-taberneiro! – gaguejou Sir Tode.

De fato, os dois estavam certos, pois o caixeiro de Peter e o taberneiro de Sir Tode eram a mesma pessoa. Os gorros maravilhosos do homem não estavam à vista, e o fraque chamativo tinha sido substituído por um traje com capote.

– Muito bem, *Alistair* – ele disse, oferecendo a mão ao menino. – Com certeza não perdeu tempo para chegar aqui.

Peter afastou-se dele.

– Quem é você de verdade? Para onde nos trouxe? – seus punhos estavam fechados, prontos para a luta.

O homem permaneceu imóvel diante da ameaça.

– Meu nome é sr. Pound. Quanto a trazê-los aqui, não posso levar o crédito por isso. Foi tudo obra do professor!

– De quem? – Peter indagou.

Um segundo homem vinha pelo campo ao encontro deles.

– Não ouça uma palavra do que ele diz, Peter – sua voz tinha um timbre característico, e ele cheirava a pão com gergelim amanhecido. – O sr. Pound é modesto demais. Não foi *tudo* obra minha... só a maior parte.

– Quem é você? – Peter quis saber. – Como sabe meu nome?

O velho soltou uma gargalhada.

– Sou o Professor Cake. Esta é minha ilha. E sei bem mais que apenas seu nome, Peter Nimble.



O Lago Turbulento do Professor Cake

PETER ACORDOU COM O apito de uma chaleira. Deitado numa rede, balançava suavemente ao sabor da brisa. Estava seco e limpo. Alguém havia tirado os olhos dourados da cavidade do seu rosto e colocado uma bandagem limpa ao redor da cabeça. Da mesma forma, as roupas esfarrapadas tinham sido substituídas por novas, cortadas exatamente como os trapos velhos, mas com tecido resistente e bem costuradas. Peter sacudiu as pernas para fora da rede a fim de tocar o chão. Levantou e tateou ao redor da sala, assimilando o ambiente. Estava em pé num deque aberto que parecia apoiado por dois grandes galhos de árvore. A chaleira que o acordara fervia num fogão de ferro, que gemia baixinho em um canto. Peter não sabia dizer quanto tempo dormira. O ar tinha cheiro de brisa noturna; no entanto, sua pele sentia uma grande radiação.

– É a lua – explicou o Professor Cake, descendo os degraus de madeira. – Ela fica mais baixa nesta parte do mundo.

Peter virou-se para ficar de frente para o céu. Sempre fora capaz de sentir o luar, mas nunca com aquela intensidade. Quase conseguia saboreá-lo através da abóbada. O velho calou a chaleira e foi fazer chá.

– Você estava mesmo cansado. Dormiu o dia todo.

Peter sentiu a rigidez das juntas, proveniente de um descanso longo e restaurador, sensação rara para ele.

– Não tive a intenção de incomodar – falou o garoto.

O velho riu, acenando para descartar o pedido de desculpas.

– Não posso dizer que o culpo, criança. Com o céu tão perto, o sol pode ser muito opressor. Eu mesmo prefiro bem mais as noites; o mundo assume dimensões maiores quando é obscurecido pela sombra.

Peter jamais tinha visto uma sombra, mas acreditava entender o que o professor queria dizer; mais de uma vez tinha refletido sobre o prazer secreto de estar acordado enquanto a cidade dormia.

O professor conduziu Peter a uma poltrona e lhe deu uma caneca de chá. O garoto sentou e absorveu os detalhes que pôde sobre o anfitrião. O Professor Cake era um velho corcunda com voz tão nodosa quanto seus dedos. Os passos arrastados eram pontuados pelas batidas da bengala feita de espinha de avestruz. O terno embolorado estava abafado por várias camadas de casacos longos, e o menino podia ouvir um relógio de bolso dentro das dobras de seu colete. O cheiro do homem fazia Peter se lembrar dos olhos, e ele se perguntou que fim teriam levado.

– Estão no chão, ao lado de seus pés – disse o professor, acomodando-se numa poltrona.
– Pedi ao sr. Pound que pescasse a caixa no lago esta manhã. Agora as dobradiças estão rangendo um pouco, mas nada para lamentar.

Peter esticou o braço e encontrou a caixa esperando por ele. Ficou maravilhado pela forma como aquele homem estranho parecia ouvir seus pensamentos, tal qual o caixeiro.

– Bem, espero que sim – falou o professor com uma risada. – Afinal, fui eu que ensinei isso a ele. O sr. Pound é meu aprendiz. Era tarefa dele entregar os olhos a você. Minhas desculpas pelo comportamento do caixeiro-viajante, mas tive que me assegurar de que você era o menino que tinha em mente.

– Era um tipo de teste? – Peter perguntou.

– A palavra “teste” me faz pensar em escola – o professor estremeceu ligeiramente. – Mas basta afirmar que você passou com boas notas. Devo dizer que colocamos cadeados bem complicados naquela carruagem, alguns dos quais aturdiram estudiosos por séculos. Fico satisfeito em ver que não foram páreo para seu talento.

Peter ficou confuso.

– O senhor *queria* que eu roubasse os olhos?

– É claro, minha criança! Eu os fiz justamente para você... e, deixe-me dizer, não foi pouco o esforço.

Justamente para ele. Peter pegou a caixa no colo e a abriu. Correu os dedos pelo conteúdo.

– Três pares de olhos: ouro, ônix e esmeralda – havia uma pontada de orgulho na voz do velho. – Espero que não se importe; tomei a liberdade de remover o par dourado das cavidades enquanto você dormia. Não podíamos correr o risco de você sumir daqui, não é?

Peter ainda não entendia.

– Professor, acho que os olhos não funcionam. Quando coloquei os dourados, não consegui ver nada – ele tocou a bandagem ao redor da cabeça, imaginando como seria jamais precisar dela de novo.

– Eles funcionam bem sim, obrigado. Atrevo-me a dizer que são eles a razão de estar aqui sentado agora – ele identificou grande confusão no rosto do menino. – Peter, não são olhos comuns. São olhos *fantásticos*.

As palavras provocaram um tremor na espinha de Peter.

– O que isso significa?

– Significa que fazem coisas fantásticas, é claro! Aqueles olhos dourados, por exemplo, transportaram-no de imediato ao último lugar que olharam: minha ilha. Essa foi a maneira que encontrei de trazê-lo pra cá.

– E se os colocar de novo?

O professor pensou naquilo, cofiando a barba.

– Bem, o último lugar em que você esteve com eles foi nesta sala; portanto, suponho que o trariam para cá. Mas devo alertá-lo. Esse par, em particular, pode lhe causar muitos problemas se não for cauteloso; portanto, não os coloque, a menos que de fato pretenda fazê-lo.

Peter estava tendo dificuldade em acompanhar. Cada resposta que o idoso lhe dava só o fazia pensar na pergunta seguinte.

– Está me dizendo que foram os *olhos* que me fizeram parar na água?

– O Lago Turbulento – corrigiu o professor. – Não pude pensar em um lugar mais macio para você aterrissar. Imaginei que pudesse nadar, já que cresceu numa cidade portuária. Agora ficou evidente que me equivoquei. Desculpe-me por isso. Não esperava que o Lago Turbulento fosse tão... turbulento – o Professor Cake, como a maioria dos homens brilhantes, não resistia a uma boa brincadeira com as palavras de tempo em tempo.

A pergunta seguinte de Peter, uma de outra dezena que já despontava, foi interrompida por um grito vindo de fora.

– Cavalheiros, o jantar está esfriando! – era o sr. Pound, debruçado numa ponte de corda, usando um avental chamuscado. – Devo acrescentar que, se não se juntarem a nós agora, Sir Tode ameaça comer a porção de vocês!

– Nunca disse isso! – protestou o cavaleiro, lambendo do bigode o que recendia a massa de panqueca.

Peter pulou, ficando de pé.

– Sir Tode! – toda aquela conversa sobre olhos fantásticos o fizera esquecer por completo o colega de viagem. – Estou surpreso que não tenha sido *saqueado* sem mim – ele disse com um sorriso.

– Muito engraçado! Se me lembro bem, era *você* quem temia ser deixado sozinho por lá. Seria cruel de minha parte abandonar um menino cego e indefeso.

– O mesmo menino cego e indefeso que o salvou do afogamento?

Sir Tode soltou um rosnado baixo:

– Talvez devesse ter enfiado *você* naquele saco, não?

– Primeiro teria que me pegar – Peter não esperava que o desafio fosse literalmente aceito, mas, tão logo acabou de falar, o cavaleiro saltou da ponte de corda e o derrubou no chão. Espirrou chá para tudo que é lado, e, em segundos, os dois estavam atracados na casa da árvore, trocando insultos, socos e golpes.

O sr. Pound juntou-se ao Professor Cake, que assistia à luta com grande interesse.

– O senhor provavelmente esperava que se dessem melhor, hein? – comentou.

O velho riu.

– Claro que não, sr. Pound. Assim é até preferível. Acho que eu mesmo não teria planejado coisa melhor.

Sendo sábio, o Professor Cake sabia que qualquer relacionamento que não começasse com um ou dois socos acabava desbotando com o tempo; é fato conhecido que briga origina amizade. Peter e Sir Tode já plantavam sementes de respeito mútuo, que um dia poderiam se transformar em algo muito maior, uma amizade igual à das grandes histórias.

>>>

As noites na ilha foram felizes para Peter, talvez as primeiras de sua vida. Estava vestido, alimentado e sob cuidados, de um modo que jamais conhecera. Ficava o tempo todo com a caixa dos olhos fantásticos. Mais de uma vez o menino ficou tentado a experimentá-los, mas resistiu, por medo de que pudessem levá-lo para longe daquele lugar feliz.

Na maioria das noites, o sr. Pound cuidava do jantar e do jardim, enquanto o professor passava as horas na sala de trabalho, uma pequena torre frágil, amparada por estacas e repleta de livros e garrafas vazias. Enquanto isso, Peter e Sir Tode tinham um reino livre a explorar em cada centímetro de suas terras. Os dois passavam horas incontáveis pegando insetos e cavando o pomar de cogumelos, tornando-se mais e mais dependentes um do outro. E, sempre que Peter encontrava algo que parecesse, cheirasse ou tivesse um gosto estranho, pedia a Sir Tode que descrevesse.

– Parece ser uma imensa pintura que pende de alguns mastros, como uma tenda – frisou o cavaleiro, ao ver o artefato à beira do caminho.

– Pintura de quê? – perguntou Peter.

– Estrelas e planetas, na maior parte. Com pequenas linhas e numerais de um lado a outro. Bem, acho que tem alguma coisa se *mexendo* por baixo... – o cavaleiro empurrou o focinho entre as dobras cor de cobalto.

– Ah! Vejo que encontrou minha esteira de observação! – o Professor Cake ergueu os olhos de um estábulo próximo, onde alimentava as zebras com sopa de tomate. – Uma excelente bugiganga. Me ajuda a ficar de olho nas coisas. Cuidado ao fuçar por aqui; vocês podem nunca mais sair.

Sir Tode debochou.

— Tolice! Isso é apenas um inofensivo... *Ahh!* – de repente, ele escorregou da esteira, tropeçou para trás e caiu num córrego estreito. – E-eu achei ter visto... algo – murmurou, sacudindo-se para se secar.

O professor ofereceu-lhe uma toalha.

– Não duvido. Há todo tipo de “algos” nessa lona. E, se observar com atenção – disse, voltando-se para Peter –, posso até ver a cidade portuária onde cresceu. As lojas que roubou. O porão onde dormia.

Peter levou um instante para entender aquelas palavras.

– Esteve me observando? – indagou.

– Você e muitos outros – respondeu o professor, atravessando os estábulos. – Venha caminhar comigo, criança. Está na hora de falarmos sobre por que o trouxe aqui.

O Professor Cake levou Peter por um caminho que beirava a margem. Ondas fracas batiam nos pés descalços, misturando o sal no ar de canela.

– Essa água não tem o cheiro do oceano lá de casa – ele disse.

O velho sorriu consigo mesmo, claramente impressionado pela observação.

– É porque *não são* como a do oceano de lá – conduziu Peter a um pequeno braço de mar. – As águas de seu porto estão lá, adiante, apenas alguns metros depois dos espinheiros. – Peter concentrou-se e pôde, de fato, detectar a mudança na brisa; algo nela de fato tinha um cheiro familiar. – O fato é que, nesta ilha, encontramos todo tipo de água do mundo, muitas delas de mares além do alcance de navios – explicou o professor.

Peter refletiu sobre se esses mares distantes levavam às terras mágicas que o caixeiro descrevera em sua tagarelice.

– O mundo é repleto de águas desconhecidas – comentou o professor, percebendo as dúvidas de Peter – e, quanto mais longe navegar, mais fundas e encantadas elas se tornam.

– É de onde Sir Tode vem? – perguntou Peter. Podia ouvir o cavaleiro na campina, duelando contra um enxame de vaga-lumes (“Desistam, insetos infernais!”).

O Professor Cake ouvia e ria.

– Compreendo que isso o deixe intrigado. Mas, não, Sir Tode é do mesmo mundo que o seu... apenas não como o mundo é hoje. Ele nasceu quando o litoral era repleto de possibilidades: dragões, bruxas e tudo mais. Isso foi antes que a razão assumisse. Agora, Sir Tode é tudo que resta – sua voz ficou mais triste. – Uma relíquia de uma era passada.

O idoso afastou-se da costa e conduziu Peter à terra. Caminharam ao longo de um córrego como tantos outros incontáveis, que fluía em direção ao centro da ilha.

– Não importa qual seja o local de nascimento, todo mar do mundo acaba vindo morrer aqui: no Lago Turbulento.

Agora, os dois estavam em pé junto à borda gramada da doca. Acima do barulho da água, Peter podia ouvir o tilintar de inúmeras garrafas. O som preenchia o ar quase como

um lamento musical.

– Professor – ele disse, depois de um momento –, por que o chama de Lago Turbulento?

– Porque dentro de todas essas garrafas há problemas. Quando as pessoas precisam ser salvas, seja da fome, da loucura ou da mágoa, com frequência lacram um bilhete em uma garrafa e a lançam ao mar, na esperança de que alguém a encontre e vá em seu auxílio.

– Isso funciona?

– Raramente, receio. Em geral, as garrafas flutuam durante anos, chegando aqui muito tempo depois de poderem causar qualquer benefício – o professor pegou uma rede de borboletas que estava encostada a uma árvore próxima e a esticou em direção à bacia. Pescou uma garrafa de água e leu a mensagem que trazia dentro:

Navio naufragado. Morrendo de sede.

Por favor, mande água logo.

O velho suspirou, tirando os óculos.

– Pobre sujeito. A essa altura virou pó – guardou um minuto de silêncio pelo homem sedento.

– Deve ser difícil – Peter retrucou – ouvir todos esses problemas e não poder ajudar...

– É. A toda pessoa, grande ou pequena, solicitam-se coisas difíceis, esta é a coisa mais difícil que tenho de fazer – ele secou os olhos enrugados com um lenço e recolocou os óculos. – Porém, ocasionalmente, deparo com uma mensagem para a qual há tempo. Quando isso acontece, faço o melhor para ajudar. Por esse motivo o chamei aqui, Peter Nimble.

O menino temia que o Professor Cake o tivesse confundido com outra pessoa.

– Mas não escrevi nenhum bilhete – explicou. – Nem *sei* escrever.

O velho enfiou a mão no bolso do colete e tirou uma garrafa verde. Dentro, havia um pedacinho de papel.

– Um tempo atrás, encontrei uma mensagem muito especial, escrita por alguém que se encontrava em grande estado de necessidade.

– Pode ajudar a pessoa que a escreveu?

O professor inclinou-se para baixo e pressionou a garrafa contra a mão de Peter.

– Acabei de fazê-lo.



O Reino Desaparecido

O SR. POUND Cantarolava diante do fogão, preparando um bule fresco de chá. Peter sentou-se à mesa, atrás dele, em profunda reflexão. Tinha encontrado tanta coisa nos últimos dias: olhos mágicos, cavaleiros encantados e agora isso. O menino ainda não confiava no Professor Cake, mas aquele fora um dos únicos momentos de sua vida em que um adulto o tratara com verdadeira bondade, o que era suficiente para chamar sua atenção. Ainda assim, temia o que poderia esperá-lo dentro da garrafinha.

– Oh, abra logo isso! – Sir Tode, sentado a seu lado, agarrou a garrafa com os dentes. Com algum esforço, removeu a rolha e arrastou a mensagem para fora. – Parece ser um tipo de charada – ele disse, alisando o papel com os dois cascos.

– Pode ler para mim? – Peter pediu.

Sir Tode estreitou os olhos para a escrita desbotada:

Reis há de sobra; príncipes, nem tanto.

Os corvos se dissiparam e o mar recuou seu manto.

Só um estranho aliviará nosso coração,

Mas a treva reinará, a menos que ele seja...

– Ora, que droga! – ele esbravejou. – A última parte está borrada. Não consigo entender.

O sr. Pound apareceu atrás deles para reabastecer as canecas.

– Os bilhetes que em geral recebemos não rimam tão bem. Esse deve ter sido escrito por um poeta ou um trovador. Quando o professor o encontrou, logo pensou em você, Peter.

– O que quer que seja, parece terrivelmente empolgante – afirmou o cavaleiro.

– E terrivelmente confuso – acrescentou o garoto.

– Certo nas duas coisas! – o Professor Cake fez ranger os degraus da escada da sala de trabalho ao descer. Puxou uma poltrona ao lado de Peter e juntou-se a eles à mesa. – A segunda linha desse bilhete me leva a crer que essa garrafa veio do Reino Desaparecido.

– De onde? – Peter perguntou.

O Professor Cake recostou-se na poltrona e acendeu o cachimbo.

– Há muitos anos, houve uma terra cercada por mares antiquíssimos. O solo era seco e impiedoso, mas também repleto de magia. Dizem que as pessoas de lá viviam em harmonia com os bichos, que podiam pensar e falar como os homens. Juntos, construíram um palácio espetacular, um paraíso murado de beleza ímpar. Levaram anos para terminá-lo. Então, na noite da conclusão da obra, o local todo... desapareceu. Sumiu por completo – recostou-se de novo, batendo a cinza do cachimbo.

Peter e Sir Tode aguardaram mais informações, mas elas não vieram.

– É isso? – disse o cavaleiro, um tanto frustrado. – Essa é a história toda?

– É tudo que sei – respondeu o Professor Cake. – É claro que terras que desaparecem não são *tão* incomuns assim; minha própria ilha, por exemplo, é razoavelmente bem escondida, mas a verdadeira questão é *por que* o reino desapareceu, e o que aconteceu com ele desde então?

Peter ficou confuso ao ouvir dois adultos discutindo coisas impossíveis como se fossem ocorrências comuns do cotidiano.

– Não acha que há uma explicação mais simples? – perguntou o garoto, pensando numa regra que ouvira certa vez sobre como a explicação mais simples normalmente é a correta. – Talvez os marujos tenham dado meia-volta. Ou alguém marcou o reino errado no mapa.

– Não confunda simples com ingênuo – disse o professor. – Um menino da sua idade não pode ser tolo a ponto de considerar qualquer coisa impossível – levantou-se da cadeira e se dirigiu ao armário. Ali dentro, pegou um rolo de papel que trouxe de volta à mesa e desenrolou para o menino ver. – Pedi ao sr. Pound que comprasse esse mapa quando estive visitando sua cidade natal – explicou, colocando uma caneca em cada ponta, para evitar que enrolasse. – Ele contém cada pedacinho de terra que os mapeadores já viram.

Peter abaixou a cabeça em direção ao pergaminho, sentindo o odor de coisa antiga que emanava.

– Conheço esse mapa – falou com um leve sorriso. – Eu o roubei do museu da cidade no mês passado, e o sr. Seamus o vendeu à loja Uncle Knick-Knack's Pawn Shop – colocou os dedos sobre o mapa, sentindo onde a tinta formara rugas na superfície. Peter pôde tracejar vários mares e rios que dividiam a Terra. Ter o mundo inteiro reduzido a algumas linhas o deixou triste de certa maneira. Parou num pontinho de tinta próximo do meio da página. – Esse é meu porto, não é? – sussurrou.

– É, sim – respondeu o professor. – Só que está bem reduzido. Os mapas têm o jeito certo de fazer isso – pegou as mãos do garoto e as conduziu até a outra extremidade do papel. – O que sente agora?

Peter correu os dedos sobre a superfície lisa.

– Não sinto nada – respondeu. – Está vazio.

– Vazio, não. *Desconhecido*. Aí estão as maravilhas que vão além de tudo que mercadores e marujos já sonharam. Mundos impossíveis esperando para serem conhecidos.

Aquelas palavras encheram Peter de um súbito anseio, como a sensação que o invadia toda vez que encontrava um cadeado. O mapa estava lhe dizendo onde *não* podia ir, e Peter desejava provar que estava errado.

– O senhor acha que a mensagem veio de algum lugar daí? – indagou o menino. – É aí que fica o Reino Desaparecido?

– Só há um meio de descobrir com certeza – respondeu o Professor Cake.

Peter pegou o bilhete e o girou entre os dedos.

– E quanto ao restante da charada? Todo aquele negócio de reis, trevas e... *corvos*?

O idoso baixou seu cachimbo, soltando uma perfeita baforada esférica.

– Essas coisas você terá que descobrir. Tudo que sei é que o autor dessa mensagem precisa de alguém para procurá-lo e salvá-lo, e acredito que essa pessoa seja você.

– Uma verdadeira tarefa de busca – disse Sir Tode com a voz tomada pelo anseio. – Exatamente como nos velhos tempos.

Por mais que Peter quisesse compartilhar do entusiasmo do cavaleiro, não podia.

– Por que precisariam de mim? – perguntou ao professor. – Não é o senhor quem deveria ajudá-los? Ou o sr. Pound?

– O sr. Pound está preso a outros negócios. Quanto a mim, não sou muito de viajar. Receio que tenha de ser você, Peter.

– Mas sou apenas uma criança! – ele insistiu. – Sou pequeno. E *cego*...

O Professor Cake o interrompeu.

– Não mais! – esticou o braço e afagou a orelha equina de Sir Tode. – Sir Tode será seus olhos. Isso, claro, se estiver disposto a acompanhá-lo em sua busca.

O cavaleiro quase caiu da cadeira.

– Eu? – perguntou, mal se atrevendo a acreditar. – Bem... se *precisar* mesmo de alguém, acho que posso ser persuadido.

– Então estamos combinados – respondeu o professor.

Peter levantou e se afastou da mesa.

– Não estamos nada combinados – disse o garoto com surpreendente veemência. Podia sentir uma espécie de raiva crescendo por dentro, do tipo que vem da vergonha. O idoso continuou imóvel e esperou que ele terminasse. – O senhor mesmo disse, professor: quem escreveu esse bilhete precisa de um herói, alguém nobre e *bom* – sentou-se, cabisbaixo, na poltrona. – Sou apenas um criminoso.

– E daí se for? – o professor respondeu secamente. – Quantos meninos bem-comportados teriam chegado tão longe? Será que teriam conseguido arrombar a carruagem? Teriam lutado contra a gangue de provocadores? Sim, você infringiu algumas leis, mas há uma à qual sempre se manteve fiel.

Peter, ao ouvir aquilo, soube exatamente do que o homem falava; tinha sido a fidelidade àquela lei que o fizera ajudar a zebra. O Professor Cake prosseguiu:

– Em minha experiência, heróis não são *melhores* que você ou eu. E, apesar de ocasionalmente nobres, são com frequência astutos, desembaraçados e um tanto impetuosos. Quem melhor se encaixaria nessa descrição que o grande Peter Nimble?

Agora, apenas porque você e eu sabemos que Peter Nimble é um excelente ladrão, não significa que ele próprio também soubesse. Tendo sido criado por alguém cruel como o sr. Seamus, sem jamais ter recebido um elogio em toda a vida, a menos que ser chamado de “grande estorvo” ou “maior inseto do mundo” sejam elogios, ser considerado agora qualquer coisa a mais que um nada, para Peter, foi um choque e tanto.

– Além do mais, você tem isso aqui – o professor empurrou a caixa com os olhos fantásticos em sua direção. – De agora em diante, eles lhe pertencem.

Peter tentou imaginar como os olhos poderiam ser úteis em tal jornada. Já havia usado os de ouro, que o fizeram aparecer no último lugar que tinham visto; mas, e quanto aos outros pares? Os pretos e os verdes?

Percebendo os pensamentos do menino, o professor se pronunciou de novo:

– Dizer-lhe o que os olhos fazem seria igual a lhe dizer *o que fazer*. Confie em mim, Peter – o professor tocou o braço do menino. – Quando chegar a hora, serão justamente o que vai precisar.

Peter contornou com o dedo o canto da caixa, sentindo um misto de anseio e terror. E pensar que um dia desejara que a caixa só guardasse dinheiro. Em vez disso, encontrara um tesouro jamais imaginado, algo que o poderia levar a uma grande aventura... ou a um perigo ainda maior. No entanto, não tinha certeza se os olhos valiam o preço que o velho pedia.

– Imagino que tenha de devolvê-los, caso não vá? – indagou.

– De jeito nenhum. Os olhos são seus. Tenho certeza de que o sr. Seamus terá um bom lucro com eles.

Peter soltou um gemido. Chegara a quase se esquecer do sr. Seamus.

– Ouça, minha criança. Sua vida foi bem desagradável até agora. Difícil. Dolorosa. Vazia – tomou a mão de Peter entre os dedos nodoados. – Mas todas aquelas provas deixaram-no preparado para um sacrifício grandioso. Algumas pessoas esperam a vida toda para que lhes seja pedido algo assim. Poucas têm a sorte de ter o pedido entregue numa garrafa.

Peter fez o máximo para não ser debochado.

– Não me chamaria de “sortudo” – respondeu.

– Talvez você mude de opinião. Alguém naquele reino está em perigo. Eles precisam de um herói. Precisam de Peter Nimble e de seus olhos fantásticos.

Sir Tode aproximou-se e pousou uma pata no ombro do menino.

– Pense nisso, Peter: uma *verdadeira aventura*.

Peter tentou, mas tudo que ouvia era a voz do sr. Seamus xingando-o de “inútil”, “imundo” e “verme”, e, a cada insulto lembrado, a fé em si mesmo diminuía mais um pouco.

– Lamento – disse após um momento. – Não tenho certeza de que sou quem o senhor está procurando.

O Professor Cake se levantou da poltrona.

– Decisões importantes quase nunca são fáceis. É seu destino, e a escolha é só sua – retirou os olhos dourados da caixa e os pressionou na palma da mão de Peter. – Providencie para que os olhos o transportem de volta à sua casa, um retorno à vida que já conhece. Lá com certeza você retomará sua bela existência comendo restos e roubando gente que trabalha duro. No entanto, se escolher ajudar, não lhe prometo nada além de risco, sacrifício e, talvez, morte. Tudo para ajudar um estranho em necessidade – foi arrastando os pés pelo deque e parou à porta. – Gostaria que suas opções fossem mais consoladoras – completou, e subiu a escada.

Sir Tode ficou para trás.

– Peter? Se você e eu fôssemos...

– Lamento arruinar sua aventura – murmurou o garoto.

– Tudo bem. É só... – pigarreou para limpar a garganta. – Iria gostar... de ter um amigo – e, ao dizê-lo, o cavaleiro bateu os cascos junto à mesa e saiu da sala, deixando Peter sozinho com seus pensamentos.

>>>

O Professor Cake estava certo quanto aos dias na ilha. As horas matinais não tinham nada do amanhecer orvalhado do porto natal de Peter. Em vez disso, um sol escaldante surgia sobre o horizonte como uma bússola gigante e feroz.

– Bem, já não era sem tempo! – Sir Tode disse quando Peter entrou na cozinha para tomar café da manhã.

O menino recebeu a repreensão com um imenso bocejo. Passara a noite toda acordado, pensando na oferta do professor e tentando decidir o que fazer. Era uma escolha entre a infelicidade confortável e a incerteza aterrorizante. Mais do que qualquer argumento ou ponderação, o que persuadia Peter a ficar era: O Professor Cake lhe dera uma *escolha*, um presente que ninguém jamais lhe ofertara antes.

– Você tomou uma decisão corajosa, minha criança – o idoso o conduziu a uma cadeira junto à mesa do café da manhã. – E escolheu com sabedoria ficar por aqui para comer as fritadas do sr. Pound.

Peter sentou-se em seu lugar, diante de uma montanha de doces recheados com rum e linguiças fritas na manteiga.

– É melhor comer bem – sugeriu o sr. Pound, trazendo um prato aquecido do fogão. –

Essa pode ser sua última refeição quente por um longo tempo.

– Antes daqui – disse Peter, enquanto engolia um pedaço de pickles –, *nunca* tive uma refeição quente.

– Então, termine essa porção logo para que possamos trazer a segunda!

Peter não precisou ouvir duas vezes, já estava na metade do seu pão com linguiça. O sr. Pound assobiou.

– Mas você tem um apetite e tanto, rapaz! Vou me assegurar de empacotar mais comida para o *The Scop* antes de partirem.

– *Scop*? – perguntou o menino, a boca cheia de ameixas.

– Ora, esse é o nome do navio, capitão Peter!

Depois do café, os dois homens os levaram ao pequeno ancoradouro onde o *The Scop* esperava. Peter subiu a bordo e começou a pesquisar o local. Não demorou muito, já que a embarcação era pouco maior que uma cama. Havia um mastro fino e uma única vela. A popa estava abarrotada de comida e suprimentos para a jornada. As únicas coisas que faltavam eram um mapa e uma bússola.

– Se o reino desapareceu – perguntou Peter –, como saberemos que chegamos ao lugar certo?

– De fato... Como? – o professor sorriu. Pegou a garrafa do saco de Peter, entregando-lhe o bilhete que havia dentro. Depois, ajoelhou-se e prendeu a garrafa vazia à proa com um pedacinho de corda. No instante em que a garrafa ficou no lugar, Peter ouviu um leve assobio, criado pela brisa que se deslocava sobre a boca aberta. – Esta canção dirá ao vento de onde ela vem – o Professor Cake disse, levantando-se com a ajuda da bengala. – Ela deve levá-lo até bem perto.

– Nossa própria embarcação, Peter! Não é demais? – Sir Tode subiu ao mastro para observar o horizonte. – Aventura à vista! – ele gritou, olhando a distância.

Peter ouvia as ondas incessantes batendo na margem. O *The Scop* erguia-se com elas, batendo na lateral do ancoradouro.

– O barco tem boas condições de navegação? – ele perguntou.

– De sobra! – considerou o Professor Cake. – O próprio sr. Pound construiu o *The Scop*.

O sr. Pound, ocupado com a vela, afagou o mastro com orgulho.

– Grande parte do meu coração foi colocada em sua planta. Se confiar nele, o *The Scop* o levará aonde quer que o vento o conduza – Peter não achou a notícia particularmente reconfortante, já que o vento poderia conduzi-los com facilidade ao precipício do mundo. Ainda assim, agora estava comprometido, qualquer que fosse o rumo.

O professor olhou o mar e respirou fundo, do mesmo modo que fazem os adultos quando têm algum conselho importante a dar:

– Minha criança, há algumas coisas que devo lhe dizer antes de partir. Primeiro, Sir

Tode é seu companheiro nessa jornada e, aconteça o que acontecer, vocês dois sempre devem permanecer juntos; ele pode ser o único amigo que terá, e, confie em mim, precisará de um amigo. Segundo, os olhos fantásticos são muito preciosos. Custaram-me muito tempo e amor; não deixe que ninguém que conheça saiba a respeito deles, ou do poder que possuem. E, o que quer que faça – de súbito, sua voz tornou-se séria –, não experimente os pares restantes até que seja o momento certo. Você saberá quando. Por último, Peter Nimble, eu o chamei não pelo que você pode vir a ser, mas pelo que já é. Se se encontrar em alguma enrascada séria, lembre-se sobretudo de sua essência.

Peter não sabia como responder; apenas assentiu e torceu para que o velho estivesse certo.

– Se não se importam – Sir Tode os interrompeu –, gostaria de *um pouco* de aventura antes do anoitecer!

O sr. Pound havia terminado de empacotar os suprimentos que faltavam no *The Scop* e agora afrouxava as amarras. Uma forte rajada de vento bateu na vela, quase arrastando-o para a água.

– Melhor subir a bordo! – ele gritou. – O vento está ficando impaciente!

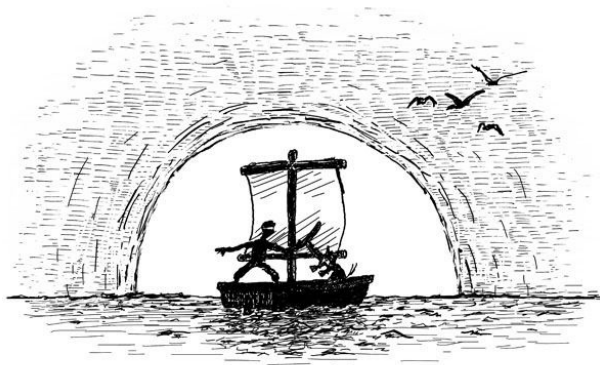
Antes mesmo de ter consciência do que fazia, Peter agarrou-se ao professor para um forte abraço.

– Obrigado... por tudo.

O maxilar do velho se retesou.

– Tudo bem. Agora vá; chega de enrolar – ele ajudou Peter a subir a bordo e colocou a caixa dos olhos fantásticos sob um pedaço de couro seco. – Lembre-se de minhas palavras, Peter. Espero que possamos nos encontrar novamente algum dia!

Enquanto gritavam as últimas despedidas, o menino acenava com a mão. Nela estava a mensagem que não podia ler, descrevendo um lugar que não podia compreender. Um vento suave soprou sobre a água, empurrando a vela para longe da costa, rumo ao horizonte.



O vento suave e aonde ele os levou

O COMEÇO DE Qualquer jornada, seja uma peregrinação ou um passeio, é um dos verdadeiros prazeres da vida. Cada instante é carregado de empolgação quanto às coisas que virão. Obstáculos e complicações não são vistos como desânimo, mas um tempero que só melhora o sabor da aventura. Foi o caso de Peter e Sir Tode ao embarcarem na viagem ao mar. O vento suave levou o *The Scop* para longe da ilha do Professor Cake e os empurrava para cada vez mais distante, rumo ao imenso azul, traçando o itinerário segundo os escritos encontrados na garrafa.

A comida que o sr. Pound havia empacotado para eles era deliciosa. No entanto, havia a questão de quanto tempo duraria. Peter aprendera a dominar a fome ao longo da vida, comendo os restos de Killer. Sir Tode, por outro lado, tinha de lidar com o apetite combinado de um homem, um cavalo e um gato. Mais de uma vez, o cavaleiro se vira praguejando pelo fato de o Professor Cake não ter posto mais fartura na ração, ou ao menos um bom presunto! Mas os dois acabaram descobrindo um truque para pescar: Sir Tode debruçava sobre a água, à procura de peixes que nadassem perto da superfície; quando avistava um, Peter mergulhava atrás, pegava uma cavalinha ou uria, depois usava os olhos dourados para voltar rápido – levando o peixe confuso – ao *The Scop*. Por menos apetitoso que fosse, ter peixe cru no café, almoço e jantar até que descia bem com alguns goles de água fresca da chuva.

Como você provavelmente sabe, a água salgada não é boa para as pessoas beberem, e encontrar boa água no meio de um vasto oceano é uma tarefa e tanto. Por sorte, o Professor Cake tivera a boa ideia de prender uma pequena nuvem de tempestade num odre de vinho. De vez em quando, o odre trovejava e, quando aberto, revelava-se repleto de água da chuva. Entre os peixes que Peter surrupiava e a brisa suave, os dois viajantes até que iam bem na jornada.

Veza por outra, Peter pedia a Sir Tode que lesse novamente a charada, frisando ser importante que mantivessem a missão em mente.

– Se é tão importante – Sir Tode resmungava –, por que já não decorou o maldito troço?

Reis há de sobra; príncipes, nem tanto.

Os corvos se dissiparam e o mar recuou seu manto.

Só um estranho aliviará nosso coração,

Mas a treva reinará, a menos que seja..

Toda vez que lia, parava nas palavras finais que faltavam.

– O que você acha que o restante significa? – perguntou Peter certa tarde. – O que é esse negócio sobre reis e príncipes?

– E por que motivo se importariam com pássaros? – comentou Sir Tode, denotando um ar de desprezo felino. – Talvez signifique que os corvos dissiparam reis e príncipes? Talvez tenham se apoderado do reino todo?

– Mas isso é impossível. Como pode os *pombos* dominarem um reino?

– Você se surpreenderia com as coisas más que os corvos podem fazer – Peter falou. (Você deve se lembrar de que foi um corvo que bicou seus olhos quando bebê.) – Sim, tenho certeza disso. O bilhete fala de “treva” reinando; corvos são tão escuros quanto a noite – embora Peter não soubesse de fato o que era “treva”, sempre ouvira os corvos sendo descritos dessa maneira.

– Então, assim que acharmos o Reino Desaparecido, teremos de salvá-lo de um bando de pássaros? – Sir Tode estremeceu. – Eu me pergunto quantos serão!

Peter deu de ombros.

– Milhões, provavelmente. Só gostaria de saber como termina a charada. Tenho certeza de que essa última parte que falta ajudaria a dar sentido a tudo o mais – e, com isso, os dois viajantes caíram em silêncio, imaginando o que poderia esperá-los ao longo da viagem.

Há algo maravilhoso que acontece entre os amigos, quando já não perdem tempo com papo furado e ficam contentes apenas por poder compartilhar a companhia um do outro. Alguns são da opinião de que esse é o único tipo de amizade que vale a pena ter. Embora piadas e anedotas sejam legais, não se comparam à beleza do silêncio compartilhado. De fato, à medida que os dias transcorriam, Peter e Sir Tode passavam cada vez menos tempo conversando e mais tempo apenas sentados lado a lado, ouvindo o mar.

No entanto, às vezes, quando navegavam sob o firmamento cintilante, Peter fazia que Sir Tode descrevesse o que via na água iluminada pelo luar. Os peixes preferem, sem dúvida, o horário das bruxas, e, com a escuridão, apareciam milhares de viajantes marinhos saltando e nadando ao lado do barco. Como a maioria das criaturas gato-homem-cavalo encantado, Sir Tode tinha pouco interesse por outras variedades animais, e, portanto, tentava conduzir a conversa a um assunto que conhecesse melhor.

– Dizem – comentava, num tom quase agourento – que, quanto mais fundo você for, maior eles são. Ora, alguns deles são gigantescos, com barbatanas que podem mover as ondas do tempo.

– Monstros marinhos?

– Isso mesmo! – Sir Tode respondia. – Alguns são chamados *mer-lions* ou *krakens*... Outros são tão horríveis e velhos demais até para ter nome. Eu, por acaso, sou especialista em monstros, tendo já encontrado alguns em minha antiga vida. A maioria dragões terrenos, que são *muito* mais ferozes – Sir Tode prosseguia na melhor versão de como havia se tornado cavaleiro, o que envolvia abrir caminho para sair da barriga de um dragão pantanoso de três cabeças. (Digo “versão”, porque a biografia do cavaleiro parecia assumir uma dimensão maior cada vez que relatava a história, algo bem frequente.)

Sir Tode tinha, na verdade, feito carreira com essa sua narrativa. Nos meses após a ordenação como cavaleiro, percorrera toda a área rural a cavalo desfrutando de uma espécie de imagem de celebridade em várias tabernas e estalagens por onde passava. Contava ao povoado local sobre as próprias bravuras, vangloriando-se e obtendo hospedagem e comida de graça sempre que possível.

– Realmente gostaria de ter levado minha vida de cavaleiro errante um pouco mais a sério – confessou certa noite, após contar a Peter uma versão em especial aflitiva da história. – Nunca tive a chance de salvar uma donzela, e sempre achei que outros cavaleiros secretamente usavam esse fato contra mim.

– Quem sabe não haja uma donzela no local para onde vamos? – Peter sugeriu. – Ou, melhor ainda, um mago que possa desfazer sua maldição?

– Receio que não seja provável. Quando era mais jovem, havia magia pra todo lado. Mas isso foi há muito tempo. Todas as feiticeiras sumiram... junto com tudo que vale a pena contar – o velho cavaleiro piscou, olhando o céu, grato por Peter não poder ver as lágrimas nos seus olhos felinos.

Peter também falou sobre os próprios infortúnios, contou a história de como fora descoberto boiando na enseada, o primeiro ano com a mãe felina e os anos infelizes como “sócio” do sr. Seamus.

– Graças a Deus, você nunca mais terá que se preocupar com esse sujeito cruel – afirmou Sir Tode. – Ah, querido menino, gostaria de ter estado lá para eu mesmo adotá-lo. Você poderia ter sido meu pajem, meu cocheiro. Quanta diversão teríamos tido!

Peter ficou comovido pela observação, mas sabia ser apenas lisonja.

– Acho que um pajem cego não lhe teria sido muito útil.

– Bobagem! – Sir Tode deu um salto do mastro. – Ora, você tem a fibra de um grande guerreiro dentro de si! – e, ao dizer isso, o cavaleiro pegou uma baguete dura com a boca e golpeou o ar. – Em guarda, jovem cisne! Está na hora de aprender a lutar!

– Mas eu já sei lutar – Peter respondeu. – Sei amarrar os tornozelos de um homem a uma distância de trinta passos, ou calar sua língua só com agulha e linha.

– Truquezinhos bem sujos; tolice! O que você precisa aprender é uma boa luta, apropriada aos *guerreiros*. Pegue a espada – ele soltou a baguete aos pés de Peter e pegou outra para si. Peter pegou o pão e o golpeou algumas vezes no ar, acima da cabeça de Sir Tode.

– Minha nossa, você é inútil! – o cavaleiro gemeu. – Isso é uma *espada*, não um agulhão de gado. Acha que poderia ter matado um bando de dragões *cutucando-os* até a morte? Golpeie com toda sua força!

E, assim, Sir Tode começou a treinar Peter na arte do duelo. Não que tenha sido um empreendimento totalmente bem-sucedido. O cavaleiro era tão pequeno que não conseguia atacar acima dos joelhos. O fato de estarem confinados ao pequeno convés do barquinho não facilitava as coisas, com a embarcação balançando para todas as direções por causa do mar encrespado. Como você já sabe, nem o garoto nem o cavaleiro eram muito habilidosos para nadar, portanto tinham que ser especialmente cuidadosos para não caírem ao mar. Pior de tudo, a cegueira de Peter significava que tinha problemas para se orientar em meio aos sopros e ruídos do manejo da espada. Com frequência tropeçava nela e trombava no mastro.

– Se essa baguete fosse afiada, a essa altura você já estaria em trinta pedaços! – Sir Tode ralhou. – Cotovelos para cima! Joelhos flexionados! E nunca se esqueça de observar os *pés* do outro camarada!

– Mas não posso *ver* os pés dele! – Peter reclamou. – E não consigo ouvir nada, porque estou ocupado demais tentando não ter minha cabeça arrancada. É inútil! – e, assim, atirou o pão ao chão, mergulhando em autopiedade. As emoções se intensificam quando duas pessoas vivem num espaço tão apertado por um longo período de tempo. E, apesar de incrivelmente talentoso, Peter era impaciente como qualquer outro menino. Não gostava da ideia de que poderia levar um tempo para dominar esse negócio de herói. Porém, aos poucos, ao longo dos vários dias da viagem, as lições do cavaleiro começaram a ser assimiladas, e Peter viu-se capaz de golpear, esquivar-se e apontar seu pão como o melhor de todos.

>>>

Com o passar do tempo, o brilho do novo começo foi se apagando, e as coisas que eram empolgantes a princípio tornaram-se entediantes. A vida de Peter e de Sir Tode transformou-se em um ciclo aparentemente infinito de peixe cru e mau tempo. A única coisa pior que uma aventura perigosa é uma aventura enfadonha, e o limite da paciência da dupla foi testado mais de uma vez conforme vagueavam por entre rajadas de vento, irrompiam nevascas e atravessavam a calmaria.

Porém, por mais lento que seja o progresso, ele nunca se detém. A garrafinha verde jamais parou de motivá-los, e o vento estável guiava-os adiante, passando pela orla do mundo conhecido até as vastas e desconhecidas águas da possibilidade. A mudança de cenário foi sutil, mas os dois não se deram conta de imediato, até uma noite escura, quando receberam a visita de um grande tubarão chamado Frederick.

Os dois viajantes dormiam profundamente, sob o céu estrelado, quando uma voz de peixe sussurrou da água:

– Ei! *Psit!* – ele disse, cutucando o barco.

Peter deu um salto, pegando a baguete de pronto.

– Quem está aí?

– Desculpe acordá-lo, companheiro. Torcia para que pudesse tirar um segundo para ajudar um peixe em necessidade...

– Um o quê? – Peter podia ter jurado que a voz dissera “*peixe*”.

– Aqui embaixo, na água. Meu nome é Frederick. Frederick, o grande tubarão.

– Peixes não falam – insistiu Peter, ainda grogue para perceber que não estava mais nos mares mapeados.

– Bem, estou falando, não estou? – o tubarão riu. – Eu e praticamente tudo que nada por essa área... exceto, talvez, o camarão. Eles são uns bobocas.

Peter recuperou-se do susto. Havia encontrado tantas coisas impossíveis desde o início da jornada, que não podia excluir um peixe falante, não importa o quanto parecesse absurdo.

– Onde estamos? – ele perguntou.

– Nos limites do mundo, companheiro. Nas águas mais profundas que existem.

– Nos limites do mundo – Peter murmurou, lembrando do vazio sem tinta no mapa do professor. Inspirou o ar noturno, captando um leve odor de coisa antiga, como um sopro em páginas amareladas. Será que o peixe estava certo? Talvez aquele lugar *fosse* mesmo diferente.

Frederick continuou, um tanto impaciente:

– Olha, preciso de sua ajuda com algo bem rápido; depois prometo deixá-lo em paz – Peter ouviu o tubarão mover-se ao lado, depois, um ruidoso tilintar na beirada do barco. – Estou com um anzol na bochecha e não consigo tirar sacudindo-o – explicou.

Peter esticou a mão para tatear o longo metal farpado.

– É imenso! – ele disse.

– E essa é só a ponta! Sabe, estava nadando perto de um porto escuro e avistei uma boa e velha vaca flutuando na água, entende? Bem, é claro que queria um petisco e, de repente, *pou!* Arranjei esse anzol fincado na boca. Essa porcaria está atravessada na minha bochecha.

Uma *vaca*? Peter ficou imaginando qual seria o tamanho daquele peixe. Ainda assim, o instinto lhe inspirou compaixão.

– Então, você quer tirá-lo? – perguntou, aproximando-se.

A ação foi interrompida por um grito súbito.

– *Ahhhh!* – berrou Sir Tode, arrastando Peter da beira do barco. – Sai, monstro! Você não vai achar petisco noturno aqui!

O cavaleiro tinha acordado apenas um instante antes de ver Peter esticar a mão até a boca do maior tubarão imaginável. Frederick era do tamanho de três elefantes, talvez

quatro. Cada um dos olhos esbugalhados era maior que uma torta de carne, e apenas uma das orelhas caídas poderia cobrir o barquinho deles como um cobertor. Espetado na bochecha havia um imenso anzol prateado, mais comprido que o braço de um homem.

– Ele vai engolir o barco inteiro! – Sir Tode exclamou, subindo ao mastro. – Sai, monstro malvado!

– Ora, acalme-se companheiro! Eu não ia comer ninguém. Só estava tentando... – e, a partir daquele momento, as palavras de Frederick foram sumindo. – Esqueça. Desculpe acordá-los – ele abaixou sua cabeça gigante (se é que peixes podem fazê-lo) e saiu nadando pela escuridão.

Peter deu um salto, ficando em pé.

– Frederick, espere! – gritou.

– *Shhh!* – disse o cavaleiro. – Ele quase já sumiu.

Mas Peter não arredou pé.

– Sir Tode, sou o capitão deste barco, e digo que vamos ajudá-lo. Você, de todas as pessoas, deveria saber qual é a sensação de ser julgado pela aparência – houve um longo silêncio entre os dois. Apesar da falta de olhos, Peter olhava o pobre cavaleiro de cima. Enfim, Sir Tode cedeu, resmungando algo sobre perda de tempo e respeito aos mais velhos.

O menino gritou por Frederick, que veio nadando de volta, abanando o rabo. Depois de tudo dito, demorou quase uma hora para remover o anzol dentado da imensa boca do peixe.

– *Mas que anzol maldito!* – Frederick xingou quando terminaram. – Que bom ter tirado aquilo; o troço tinha um gosto horrível! Vou lhe contar, esta foi a última vez que nadei perto daqueles portos gigantes.

– Portos gigantes? – indagou Sir Tode, observando as ondas negras.

– Sem grilo, bola peluda. Vocês não podem alcançar aquelas águas. E ainda bem; elas não são nada gentis com miudinhos boiando. Com certeza não. Os mares daqui são mais cheios de leviatãs, tartarugas, enguias... e, agora, um tubarão muito grato.

– Todas essas criaturas vivem aqui? – perguntou Peter, esforçando-se para ouvir as barbatanas gigantes movendo-se na água abaixo. Ponderou que qualquer lugar com peixes falantes poderia também conter outras maravilhas. – Por acaso, sabe se havia um reino nestas águas? – perguntou. – Ele tinha um palácio grande e elegante.

– Não sei de reino nenhum não, companheiro, mas há um bom coral se você nadar mais à frente, por ali... ou será por *aqui*? – ele nadou em círculo, quase virando o barco.

Peter se equilibrou no balanço do deque.

– Tudo bem – ele disse, imaginando que qualquer peixe negligente o suficiente para se enroscar em um anzol provavelmente não seria muito bom com o senso de direção. – Só achei que deveria perguntar.

– Sem problemas, companheiro – disse Frederick. – Se a dupla algum dia precisar de um favor, ficarei feliz em emprestar uma barbatana.

– Ah, esplêndido! – murmurou Sir Tode. – Imagino que não tenha um endereço para correspondência?

– Não, apenas pergunte por aí pelo bom e velho Frederick. Faça isso, e eu os encontrarei. Obrigado de novo! – e, assim, Frederick, o imenso tubarão, deu a volta e sumiu sob a superfície.

Peter e Sir Tode ficaram em silêncio, contemplando o que acabara de acontecer.

– Bem, Peter – o cavaleiro enfim começou –, parece que lhe devo um pedido de desculpas.

O menino sacudiu os ombros, secando as mãos.

– Às vezes é melhor não julgar as pessoas por serem diferentes.

Sir Tode soltou um gemido exasperado.

– *Quis dizer* quanto a ser um desperdício de tempo – deu um tapinha no anzol que estava no deque. – Parece que você acabou de ganhar uma espada.

Peter pegou o gancho, notando seu peso. Segurou-o em uma das mãos e passou a outra na ponta farpada, que formava uma curva perfeita. Golpeou a lâmina no ar. Ela respondeu com um som genuíno, provocando um arrepio ao longo de seu braço.

– Parece que sim – respondeu, contendo um sorriso.

E foi assim que Peter Nimble adquiriu o anzol prateado da Terra do Fim do Mundo, onde homem algum jamais foi e jamais irá.

>>>

No fim das contas, Frederick, o tubarão, estava certo quanto a Peter e Sir Tode estarem perto da terra firme.

Firme e seca.

Sir Tode foi o primeiro a fazer a descoberta. Acabara de acordar de uma noite de sono inquieto, resultado de ventos muito fortes. Já tinha amanhecido, e o cavaleiro dava uma bela espreguiçada, quando notou algo estranho: o *The Scop* não se movia. Na verdade, não importava o quanto se remexesse, o barco permanecia totalmente imóvel. Subiu ao mastro para ter melhor visão dos arredores. O que viu fez que resfolegasse.

– Peter? – chamou com a voz rouca. – A-acho que você tem que acordar agora.

O menino, que também tinha dormido muito mal por causa da tempestade noturna, não ficou satisfeito com a sugestão.

– Levante-se você– murmurou, puxando o cobertor sobre as orelhas.

Sir Tode cutucou sua costela.

– Peter! – repetiu. – Ele se *foi*!

– Quem se foi?

– O mar... Sumiu, por completo.

A essa altura, Peter já notara que o barco não balançava do modo habitual. Faltava aquele som familiar da água batendo na proa. Esticou a mão por cima da borda do barco e descobriu, não água, mas uma areia seca e quente.

– A tempestade de ontem à noite nos conduziu à costa – constatou.

– Acho que não está ouvindo – insistiu Sir Tode. – Não fomos conduzidos à costa, pois *não há costa*. Só tem areia; quilômetros e quilômetros de areia – por mais improvável que parecesse, a descrição era precisa. O *The Scop* estava cercado de dunas que se estendiam em todas as direções, sem interrupção. O cavaleiro engoliu em seco. – Ora, é quase como...

– “O mar recuou” – Peter disse as palavras junto com ele. Aquela era, claro, uma frase da charada e uma possível prova de que enfim teriam chegado ao destino.

– O Reino Desaparecido! – gritou Peter, subindo na borda do barco.

– O Reino Desaparecido! – gritou Sir Tode, saltando atrás dele.

Os dois correram em círculos, ao redor do barco, erguendo mãos cheias de areia quente e lançando-as ao ar, como se fosse confete.

– Conseguimos! – festejavam. – O Reino Desaparecido!

No entanto, a comemoração foi interrompida por uma outra voz.

– Ei, vocês aí – a voz disparou –, de pé! – Peter não conseguia ver, mas a voz pertencia a um homem grande e forte que usava um uniforme militar desgastado. Na cabeça havia uma peruca fétida como aquelas que homens da lei usavam. Marchava direto na direção deles. – Entrar em formação! Vejamos essas mãos.

– Sir Tode, seja meus olhos – sussurrou Peter.

– É um homem, um homem grande... e ele tem um machado maior ainda – o cavaleiro não estava exagerando. Pendurado às costas do sujeito havia um machado de batalha enferrujado.

O homem chegou mais perto, levando a mão à arma.

– Sei que me ouviram dizer para ficar de pé – avisou –, portanto, não vou me dar o trabalho de repetir.

Devido ao tamanho da arma e à relativa proximidade, Peter e Sir Tode acharam melhor obedecer. Levantaram-se, esperando ordens adicionais.

– Certo – disse o homem, soltando um suspiro. – Juntem as coisas e tirem-nas do barco. Agora, *depressa!*

Peter encontrou o saco de pilhagem na proa e o pendurou sobre um dos ombros.

– Afaste-se para o lado, por favor – falou o homem.

Peter e Sir Tode fizeram como foi dito. No instante em que saíram da frente, o homem lançou o machado, partindo o *The Scop* ao meio.

Sir Tode olhou, estupefato, para o navio agora destruído.

– Eu é que falo agora! É melhor que tenha uma boa explicação para isso!

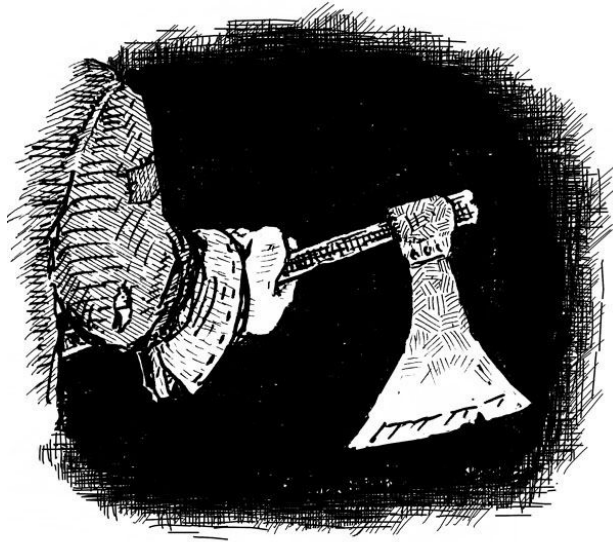
O homem sorriu para eles.

– Não posso ficar me preocupando toda hora com vocês tentando fugir, não é mesmo?

– Fugir? – Peter protestou. – Não compreendo.

O homem soltou um suspiro cheio de crueldade.

– Ora, garoto, vocês chegaram aos Desertos Justos. E ficarão por aqui por muito, muito tempo.



Encurralados nos Desertos Justos

PETER ENGOLIU EM SECO.

– O quê? – perguntou.

– Os Desertos Justos – o homem repetiu, presunçoso. – É onde ladrões e agitadores recebem *justamente* o que *desertem* – tanto Peter quanto Sir Tode sabiam que era provável que ele quisesse dizer “recebem o que *merecem*”, mas acharam melhor não corrigir um estranho empunhando um machado maior que os dois juntos. O homem se aproximou, inspecionando Peter. Seu hálito pútrido quase fez o garoto vomitar. – Você está com as bochechas bem rosadinhas para ser um Desaparecido; portanto, imagino que seja um ladrão, de algum tipo, certo?

– S-sim – Peter respondeu, abalado demais para pensar em alguma lorota.

– Foi o que pensei – ele esgarrou e cuspiu no chão. – Agora o rei os baniu para cá. Dessa forma, você não pode malfazer seu reino, certo?

– Reino? – disse Sir Tode, olhando em volta. – Você não quer dizer o Reino *Desaparecido*, por acaso?

– Quero dizer o reino do rei – o homem guardou o machado. – Sou o Oficial Trolley, encarregado *real* dessa prisão aqui. É meu trabalho dar as boas-vindas aos novatos e guardar a costa – ele os levou até a duna seguinte e abriu os braços, orgulhoso.

– Minha nossa, Peter – disse Sir Tode, sabendo que o amigo não podia apreciar a vista por inteiro. – Parece que não viemos na primeira embarcação que ele pegou. A cada intervalo de alguns metros há restos de barcos diferentes. Os destroços estão espalhados pelo deserto até onde a vista alcança.

– Claro que não são – disse o Oficial Trolley com orgulho. – Eu cuido de cada uma das embarcações que chegam aqui. De outro modo, vocês podem tentar fugir de nós – com aquela conversa à toa, o Oficial Trolley decidiu seguir com os procedimentos. – Certo,

vamos prosseguir com o processo. Estendam as mãos, por favor!

Ele tirou da cinta um ferro marcador e enfiou a ponta num caldeirão em miniatura, que pendia de seu ombro como uma bolsa de mulher.

– Vou lhes dizer com honestidade, faz tempo que não tenho esse prazer – ele pegou a pata de Sir Tode e leu seus direitos: – *“Sob a autoridade de Sua Majestade, o Lorde Rosado, este humilde servo os declara traidores da Coroa, banindo-os aos Desertos Justos, pela duração completa, curta ou longa, de suas vidas inúteis, excetuando qualquer esperança de alívio ou liberdade condicional. Amém”* – tudo isso foi dito numa única frase, deixando os ouvintes mais que aterrorizados.

O Oficial Trolley puxou o ferro do caldeirão. Peter pôde sentir o calor irradiando da ponta vermelha e quente. Pôde ouvir o encarregado levar o ferro em direção à perna de Sir Tode.

– A-acho que houve um mal-entendido, Oficial Trollop! – disse o cavaleiro, contorcendo-se. – Sabe, nós estamos numa busca! Meu amigo aqui recebeu seis mágicos...

Peter esticou o braço e tampou a boca de Sir Tode, antes que pudesse falar mais alguma coisa, mas era tarde demais. O Oficial Trolley soltou o cavaleiro e girou o ferro, parando sob o nariz de Peter.

– Mágicos o quê? – ele perguntou, com grande interesse.

– Tapetes! – disse Peter, mentindo bem e apropriadamente dessa vez. – Fomos pegos vendendo, na rua – ele se lembrou do alerta do Professor Cake quanto a manter segredo sobre os olhos fantásticos, a qualquer preço.

– Tapetes, é? – o oficial esfregou o queixo. – Não é de se admirar que tenham sido exilados. A magia foi banida do reino... junto com todo o restante. Ele soltou o ferro marcador na areia. Parecia que uma nova ideia estava se formando em seu cérebro emperucado. Ele lambeu os lábios e falou com uma voz mais doce: – Vocês, por acaso, não tentaram contrabandear alguns desses tapetes com vocês? Vamos dar uma olhada nesse seu saquinho.

Peter puxou o saco antes que Trolley pudesse pegá-lo. O homem robusto pegou novamente o machado:

– Ande, entregue. Só estou fazendo meu trabalho *oficial*.

Na verdade, o Oficial Trolley, sendo um empregado egoísta e mal pago do rei, nem ligava se os dois tinham ou não contrabandeado artigos mágicos. Sua verdadeira intenção era pôr as mãos num tapete voador e usá-lo para fugir de volta ao reino. Sabe, embora o Oficial Trolley representasse a lei dos Desertos Justos, também estava encurralado; o lugar provaria ser uma prisão eficaz, pois nem um único homem, mulher ou criatura de qualquer lado da lei jamais conseguira encontrar uma saída. E, embora fosse verdade que gostasse do emprego, tinha limite o prazer que um homem podia sentir destruindo os barcos dos novatos e marcando-lhes a mão. Depois de quase dez anos, a novidade tinha se desgastado.

– Agora mostrem seus pertences, antes que eu perca minha paciência! – exigiu ele, dando um passo à frente.

Peter e Sir Tode recuaram em direção a um velho barco chamado *Zelda*; estavam ficando sem opção.

– O que devemos fazer? – Sir Tode perguntou por entre os dentes cerrados.

Peter logo recordou a advertência para se lembrar de seus próprios instintos. O que seus instintos lhe diziam agora? Nesse caso em particular, diziam-lhe para que corresse feito bala. E foi exatamente isso que resolveu fazer.

– Corra! – gritou. – Corra como uma bala! – eles mergulharam por entre as pernas do Oficial Trolley e arrancaram o mais rápido que conseguiram.

– Ei! Isso é indisciplina! – gritou o homem, cambaleando atrás deles. – Correr é contra as regras!

No fim das contas, os instintos de Peter acertaram na mosca. O Oficial Trolley era um corredor imprestável, por conta de suas duas pernas de madeira. Como Sir Tode deixara de ver isso antes era um mistério, mas foi uma feliz descoberta para ambos enquanto corriam pelas dunas quentes, sumindo de vista. O encarregado brutal cambaleou, tropeçou e xingou, vindo atrás deles e ficando para trás. Dentro de alguns minutos, tinham corrido para tão longe que os gritos de “Indisciplina!” do homem foram sumindo por completo.

>>>

Embora o Oficial Trolley tivesse dito que ninguém podia escapar dos Desertos Justos, Peter e Sir Tode estavam determinados a tentar, em nome da missão, se não, por suas vidas. Se algum de vocês algum dia tentou correr por um terreno arenoso, sabe o quanto isso é difícil. A areia tem um jeito de entrar nas frestas dos dedos e outras partes. Isso fica ainda mais desagradável quando a areia está quente, como no caso dos Desertos Justos. O sol acima parecia relutante em passar do meio-dia, o que deixava Peter e Sir Tode sem muito senso de localização. Mais de uma vez os dois se viram numa discussão inflamada quanto a já terem passado num arbusto específico ou num pedaço de destroço.

– Não podemos ficar andando em círculos para sempre! – disse Peter, chutando a areia de frustração. As poucas provisões que salvara do *The Scop* já tinham sido consumidas há muito, e agora tinham sido substituídas por uma forte dor de estômago. – Se não encontrarmos comida e abrigo logo, vamos morrer aqui – ele esfregou o pescoço queimado pelo sol, que já começava a criar bolhas.

Ao ouvir a angústia na voz do companheiro, Sir Tode achou que essa poderia ser uma boa hora para tocar num assunto meio delicado.

– Peter? – ele disse, escolhendo com cuidado as palavras. – Sou totalmente a favor de malhar essa minha carcaça tola com cascos, mas já pensou que pode haver um *jeito mais fácil*? Algo que possa nos ajudar?

– Você está falando dos olhos fantásticos?

Peter suspirou. Não era a primeira vez que o companheiro tocava no assunto; na

verdade, Sir Tode tinha passado boa parte da viagem marítima dando pequenas indiretas sobre como as coisas seriam muito mais fáceis se *usassem* o presente que o Professor Cake dera com tanta gentileza (“Se quer minha opinião, acho muita ingratidão não fazer nem um pequeno teste com os outros pares!”). Como você sem dúvida já deve ter notado, na própria vida, conselhos não solicitados resultam em mais desconfiança, por isso Peter estava cada vez mais cauteloso com aquelas “sugestões” e respondeu da mesma forma que sempre fazia:

– O professor disse que não deveríamos experimentar os outros pares até que chegasse o momento certo. Ele me disse...

– Sim, sim, tomar cuidado e tudo mais – Sir Tode interrompeu. – Nós, cavaleiros, temos muitas virtudes, mas a paciência não é uma delas. Estamos no meio do deserto, sem suprimentos, sem mapa e sem nenhuma pista da direção que estamos seguindo; parece-me o momento mais que certo! – ele assumiu um tom mais suave e gentil. – E, admita, você não está *nem um pouquinho curioso* quanto ao que aqueles pares de olhos podem fazer?

A verdade era que Peter não tinha parado de pensar nisso desde que tinham levantado âncora. Ele já tinha usado os olhos dourados, mas, e quanto aos pares preto e verde? Ele enfiou a mão no saco e tirou a caixa de madeira.

– Talvez você tenha razão – ele disse, passando os dedos na tampa. – Quero dizer, nós só iríamos usá-los para ajudar alguém.

– Agora sim! – Sir Tode aproximou-se dele. – Então, você está pensando em que par?

Peter ajoelhou-se e abriu o cadeado. E sorriu, lembrando-se de como seu corpo inteiro estremecera quando tocou aqueles olhos dourados na primeira noite, no beco. Ele passou as mãos nos outros pares, esperando sentir uma vibração, alguma dica do que fazer. Mas não sentiu nada. Os olhos podiam até ser feitos de pedra.

Peter recostou-se, um tanto frustrado. Seus instintos, que com tanta frequência o guiavam por momentos perigosos, agora permaneciam terrivelmente silenciosos. Pôs a mão na caixa e pegou os olhos negros brilhantes.

– Que tal esses? – ele disse, sentindo a textura lisa e sem poros.

Sir Tode observava, numa grande expectativa. E se preparava, enquanto Peter desamarrava a bandagem de sua cabeça e levava os olhos para mais perto. Foi mais ou menos nesse momento que uma sensação de agouro começou a sorrrateiramente penetrar a consciência do cavaleiro. Ele pensou nas palavras que o Professor Cake dissera. Era inquestionável que o velho queria o bem de Peter; ele se daria ao trabalho de dar um alerta se não fosse por uma boa causa? E se, assim como ocorreu com o par dourado, esses olhos levassem o garoto para algum outro local distante? E se Peter desaparecesse completamente, deixando-o à própria sorte?

– Espere um pouco, Peter – disse o cavaleiro. – Talvez eu tenha sido um pouco apressado...

– Não tente me impedir agora – o garoto o interrompeu. – E talvez queira se afastar – antes que o amigo pudesse fazer mais alguma objeção, Peter enfiou os olhos negros e frios

na cavidade ocular e piscou duas vezes.

Na mesma hora, sentiu água fluindo sobre sua cabeça. O som se elevou a um rugido ensurdecedor, engolindo seus pensamentos. Peter colocou as mãos sobre os ouvidos, tentando conter o forte som de água jorrando que penetrava seu crânio. Despencou no chão, mas os grãos de areia pareciam brasa de encontro à pele! O menino abriu a boca para gritar, mas todo o ar fora sugado dos pulmões, deixando apenas um vácuo sufocante. Acima do barulho, podia ouvir Sir Tode chamando. O garoto, em movimentos convulsos, manteve-se em silêncio na areia, sem conseguir responder, sem conseguir levantar. Não tinha a menor ideia do que estava acontecendo, mas era certo que aquilo estava prestes a matá-lo.

No instante seguinte, Peter sentiu um *paft!* atrás do crânio. O golpe foi tão forte que pareceu devolver o ar a seus pulmões e, alguns segundos depois, estava de quatro, resfolegando e bem vivo.

– O que... que aconteceu?

– Bati para que aqueles troços saíssem do seu crânio, foi isso o que aconteceu – Sir Tode lançou um olhar fulminante aos dois olhos negros caídos na areia. – Começaram a mudá-lo, Peter. Seu corpo todo foi ficando verde e limoso, e suas mãos... Nunca vi nada igual... e espero nunca mais ver.

Peter massageou os dedos inchados para lhes devolver vida; tinham ficado dormentes por completo no instante em que colocara os olhos. A pele estava viscosa e sua saliva tinha uma coloração repulsiva. Amarrou de novo a bandagem na cabeça e ficou de pé.

– Não importa o que aconteceu, mas quase me matou – o garoto respirou fundo, sentindo o gosto morno do vento do deserto como se inflasse seus pulmões. Peter começava a se sentir normal. Pegou os olhos da areia, limpou-os e os colocou junto aos outros.

Sir Tode o observou trancar a caixa e colocá-la de volta no saco.

– Peter, você acha que o professor *teve a intenção* de machucá-lo?

– É claro que não – havia um tom de verdadeiro constrangimento na voz de Peter. – O professor queria que eu os utilizasse de modo sábio. Ele me deu instruções rigorosas, e eu as ignorei – o menino ainda não tinha ideia do que os outros olhos fantásticos faziam, mas sabia que não se atreveria a experimentá-los de novo até que chegasse a hora certa.

>>>

As horas seguintes ao encontro com os olhos negros foram ainda mais desoladoras para Peter e Sir Tode, se é que isso era possível. O sol só ardia mais quente. A fome dos dois piorou. Não fosse pelo odre de vinho do professor, os viajantes exaustos teriam sucumbido ao clima. Ainda assim, eles prosseguiram, adentrando uma região que concordaram ser rumo ao leste.

Enquanto viajavam, os dois tentavam compreender o que podiam esperar dos Desertos Justos. Fora os destroços de barcos e ocasionais cocôs de passarinho, a paisagem parecia

completamente vazia.

– Se isso é mesmo uma prisão – disse Sir Tode, parando para descansar –, então, onde estão todas as outras pessoas?

– Mortas, eu imagino – Peter destampou o odre de vinho e pingou algumas gotas no pescoço e nos braços, antes de oferecer o restante ao amigo. – Tenho pensado sobre algo que o Oficial Trolley disse antes. Ele mencionou um rei... você acha que são os “reis de sobra” que estão no verso?

– Não vejo por que não – disse Sir Tode, acomodando-se à pequena sombra provida pela silhueta magrinha de Peter. – Mas também fico confuso... se o rei está no poder, todos não deveriam estar felizes?

– Então, talvez ele seja um rei cruel? Ou um rei monstruoso? – nesse momento, o menino estremeceu. – Ou um rei corvo?

Sir Tode podia ver que o menino estava ficando desconfortável com toda aquela conversa de monstros e corvos. Decidiu mudar de assunto.

– Tudo bem, mas o verdadeiro mistério é: quem escreveu o negócio confuso?

– Deve ser um poeta, ou um grande filósofo. Quem quer que seja, poderá responder às suas perguntas quando o encontrarmos – Peter se levantou, limpando a sobranalha coberta de suor –, supondo que chegaremos tão longe – arrumou o saco no ombro e continuou andando.

>>>

E caiu a noite nos Desertos Justos. O sol se escondera atrás do horizonte e o calor do dia foi substituído pelo frio. Peter e Sir Tode concordaram que deveriam procurar abrigo sob um dos inúmeros barcos encalhados na costa sem fim. O cavaleiro escolheu um barco que trazia escritas as letras “BS’ JOY” na parte que havia sobrado da popa; o resto, sem dúvida, havia sido perdido num encontro com o machado do Oficial Trolley.

Uma vez acomodado, o par passou a providenciar uma fogueira. Sir Tode saiu para catar gravetos, enquanto Peter ocupava-se em acender um toco. Essa era uma tarefa relativamente simples para ele, pois, sendo um ladrão esperto, Peter sempre mantinha um kit de itens essenciais no saco, entre eles um pequeno pedaço de sílex. Caso você nunca tenha precisado acender fogo no deserto, a sílex é uma pedra preta que cria faíscas quando em atrito com algo rijo. O toco serve para manter a ponta em brasa e acender fogos de artifício ou cachimbos. Nesse caso, Peter usava a casca seca de um gafanhoto que tinha encontrado na areia. Sir Tode voltou, arrastando uma rede repleta de sobras de madeira pelos dentes. Depois de meia hora, tinham uma fogueira crepitante.

– Ora, mas esse foi um dia infeliz – disse o cavaleiro, mancando para chegar, até o lado de Peter. – E não avançamos nada para sairmos daqui desde o momento em que chegamos – ele bocejou e se encolheu numa bola, junto aos pés do menino, hábito que adquirira durante a viagem no mar.

Peter ficou deitado, em silêncio, tentando não pensar em comida. Por um momento,

achou ter ouvido sons a distância, passos e sussurros. Sentou para ouvir com mais atenção, mas só ouvia o vento.

– Você não está achando que tem alguém aí, não é? – perguntou Sir Tode, observando a expressão de alarme do amigo. – Algum demônio maligno, à espreita, na areia?

– Quem sabe? – disse Peter, acomodando-se de novo. – Não adianta ficar preocupado com isso. Por ora, estamos sozinhos e precisamos do restante que pudermos conseguir se planejamos sobreviver ao sol de amanhã – e, com isso, apagou o fogo e foi dormir.

Tristemente, Peter não podia estar mais enganado, pois não muito longe dali, agachado, estava o tal demônio.



Pobre Velho Sarnento

PETER ACORDOU NO Meio da noite com o som de alguém remexendo em seu saco, que ele por acaso estava usando como travesseiro. Num sobressalto, o ladrão estava aos seus pés.

– Não se mexa! – ele disse, empunhando seu anzol.

– Por favor, não! – uma voz lamuriou. – Não machuque o Pobre Velho Sarnento! – o gatuno tinha um bom motivo para estar assustado. A lâmina de Peter pousava em sua garganta.

– Eu poderia matá-lo, se quisesse – disse Peter, pressionando a ponta em sua pele.

– Não! O Pobre Velho Sarnento é inofensivo, de verdade! – Àquela altura, o homem (cujo nome era, de fato, Velho Sarnento) caíra de joelhos e se esforçava para rastejar aos pés de Peter; algo difícil de fazer considerando que tinha algo tão afiado no pescoço. – Foi terrivelmente errado o Pobre Velho Sarnento chegar de modo sorrateiro! Ele não queria fazer nada de mal além de sentar perto da fogueira. Será picado em pedacinhos se estiver mentindo!

Peter virou a palma da mão do homem para cima, sentindo o “T” que estava marcado na pele. Era a mesma marca que o Oficial Trolley planejava queimar em sua mão também.

– Acha que não sei reconhecer um ladrão quando encontro um? – ele disse.

O velho recuou o braço. T de trapaceiro, é o que você acha?... T de *truque*, digo eu! – e ficou com a mão fechada perto do peito.

Peter ficou ouvindo o queixume do homem e concluiu que não representava uma ameaça imediata.

– Levante-se – ele ordenou, baixando sua arma.

Curvando-se e agradecendo, o estranho cambaleou, ficando de pé:

– Garotinho meigo e confiável. O Pobre Velho Sarnento seguirá seu caminho agora...

– Ainda não – Peter cutucou Sir Tode com o pé. – Acorde. Temos um gatuno.

– Um gatuno? – o cavaleiro despertou na hora, meio bocejando, meio rosnando. Levou um instante antes de compreender por completo o que Peter queria dizer, mas, quando pôs os olhos no Velho Sarnento, a situação ficou clara. – Covarde! Achou que pudesse nos dar um bote? Atacar-nos durante o sono? Ora, pense novamente! – ele vociferou perto dos pés do homem para provar seu fervor. – Admita! Você estava tentando roubar os olhos...

– Quietos! – Peter o interrompeu. – Apenas verifique em meu saco se a caixa está segura.

Sir Tode enfiou o focinho no saco.

– Parece que está tudo em ordem... Mas o que é isso? – ele emergiu segurando uma pedra nos dentes.

Peter pegou a pedra, segurando-a na palma da mão. De imediato reconheceu-a como um engodo.

– Ele deve tê-la colocado no saco, para que eu não notasse que faltava alguma coisa.

– Mas o Velho Sarnento trocaria pelo quê?

Em vez de vasculhar as próprias coisas, Peter achou que seria mais rápido apenas revistar o tal gatuno. Então jogou a pedra para o lado e puxou o homem mais para perto, para inspecioná-lo com as duas mãos.

O Velho Sarnento era, segundo qualquer padrão, um dos sujeitos mais miseráveis que já existiu. Uma espinha ridiculamente curvada o deixava com praticamente 1,20 metro. Seus joelhos, braços, dedos dos pés, das mãos e cabelos eram todos cheios de nós e emaranhados. Depois de tantos anos nos Desertos Justos, a maior parte de sua roupa já tinha apodrecido. Partes do pelo ensebado de sua silhueta mal nutrida apontavam para todas as direções. As unhas dos pés e das mãos eram grossas e curvas, sem corte há anos. Sua pele dava a impressão de pegajosa, até no pescoço; somente seu rosto queimado pelo sol entregava o fato de que morava no deserto.

Quando os dedos de Peter chegaram à boca do Velho Sarnento, encontraram-na bem fechada.

– Abra – ordenou Peter, com sua voz mais séria.

– Não, não, não – murmurou o homem, com o maxilar cerrado. – Isso é tudo que o Pobre Velho Sarnento tem. O menininho não vai tirar isso dele.

Sendo um ladrão especialista, o menino estava bem ciente de todos os melhores lugares para se esconder algo roubado.

– Ele tem alguma coisa na boca. Dá pra sentir o cheiro.

Sir Tode deu um rosnado ameaçador.

– Então, corte para abri-la.

– Não! – o homem implorou, através dos lábios selados. – O gatinho de estimação precisa acreditar no Velho Sarnento! Ele não tem nada roubado na boca! Ele jura!

– Então prove! – disse Peter, e o chutou, para dar ênfase. Ele não gostava de provocar velhos, mas não poderia mostrar qualquer fraqueza. Até onde sabia, havia centenas de ladrões espreitando, na escuridão, e se ele e Sir Tode fracassassem em parecer cruéis o bastante, estariam mortos.

– Aaaaai! – o Velho Sarnento uivou, segurando a perna.

– Responda com honestidade se não quiser levar outro – Peter o intimou. – O que você pegou?

O velho desistiu:

– Perdoe o Pobre Velho Sarnento! Ele estava, sim, olhando o saco de pilhagem, é verdade, e ele lamenta terrivelmente. Mas só estava querendo um petisco – enfiou a mão na barba ensebada e tirou um único limão.

Peter e Sir Tode inspecionaram o item roubado. Os dois tinham imaginado que ele estivesse atrás de tesouros, armas ou vinho.

– Ele arriscou a vida... por um *limão*? – disse Sir Tode, intrigado.

Peter pegou a fruta da mão aberta do homem.

– É evidente que ele está louco.

O Velho Sarnento desabou aos pés de Peter:

– Oh, menininho, tenha piedade do Pobre Velho Sarnento! Apenas deixe que ele dê uma mordidinha... com seu dente da sorte! – e, depois de dizer isso, arreganhou a boca para que olhassem. O homem dizia a verdade; sua boca era completamente vazia, exceto por um único dente marrom na frente. – É só este que ele tem, e precisa mantê-lo saudável! – O velho agarrou a perna de Peter. – Por favor, menininho! – quase não era possível entendê-lo em meio aos soluços. – Tudo que estou pedindo é uma única gotinha!

– Não sei se estou entendendo – Sir Tode franziu o focinho. – Que bem uma gota de limão pode fazer a seu dente?

Aqueles que estiverem fazendo a mesma pergunta por certo nunca foram piratas, tampouco bucaneiros. Se tivessem sido, então, saberiam que limões e outras frutas cítricas são usados para a defesa de uma terrível doença chamada escorbuto, que vem da falta de uma vitamina mágica que evita o apodrecimento dos dentes durante viagens marítimas, a vitamina C. Os marujos tendem a ter essa doença porque, como você sabe, limões e laranjas não nascem no mar. Por esse motivo, as frutas cítricas são algo precioso a bordo dos navios, e valem mais que ouro.

Embora os Desertos Justos não fossem o oceano, ali também era um lugar bastante isolado e, dessa forma, carente de vitamina C, por isso a maioria dos prisioneiros tinha, de fato, perdido os dentes para o escorbuto. O Pobre Velho Sarnento tinha sido afortunado o suficiente para matar um homem por uma caneca de suco de laranja, vários anos antes, e, racionando com cuidado, conseguira manter seu único dente vivo. Esse dente dava grande prestígio ao Velho Sarnento e chegava a provocar inveja em outros prisioneiros.

Porém, como tantas coisas na vida, o suco de laranja evapora, e o dente do Pobre Velho Sarnento começou a apodrecer de novo. O homem estava tão aterrorizado de perder seu último dente, que tentara costurá-lo no lugar, com agulha e linha. Isso, no entanto, só piorou as coisas, deixando o dente emaranhado numa porção de linhas e nós pretos apodrecidos.

Agora, Peter, tendo sido criado numa cidade portuária, sabia o quanto era importante a vitamina C. Por conta disso, tivera o cuidado de empacotar um ou dois limões antes de zarpar para sua busca, e não estava ávido para entregá-los, independentemente do quanto o homem miserável rastejasse.

– Tenha piedade! – implorava o homem. – O Pobre Velho Sarnento fará qualquer coisa que o menininho pedir!

Peter parou por um instante. Aquele velho ladrão era a única pessoa que tinham encontrado desde que haviam fugido do Oficial Trolley, e era inquestionável que poderiam usar um aliado naquelas areias traiçoeiras. Será que o garoto poderia reverter esse encontro para sua vantagem?

– Tudo bem – ele disse. – Vamos dividir um pouco do nosso limão, mas você terá que fazer algo em troca.

– O que o Velho Sarnento pode dar, diga? Porque ele não tem nada pra dar.

– Nós só queremos a sua ajuda. Há quanto tempo vive neste lugar? – perguntou Peter.

– Não dá pra chamar isso de viver. O Pobre Velho Sarnento foi mandado para os Desertos Justos há dez anos, punido por algo terrível que fez aos pequeninos – e nesse momento, seu rosto ficou repleto de vergonha. – O Pobre Velho Sarnento é mau, mau, mau...

– Que diabos você fez? – perguntou Sir Tode.

Mas o Velho Sarnento não contou detalhes, só repetia:

– Terrivelmente errado... terrível... terrivelmente errado...

Peter não queria que o velho perdesse o foco.

– E tem vagado por aqui todos esses anos? Você deve conhecer muito bem esses desertos.

– Ora, o Velho Sarnento conhece como as verrugas de sua cabeça! – ele disse, ávido para agradar. – Não há um grão de areia que não seja meu amigo – ao dizer isso, pegou as mãos cheias de areia e afagou.

– Bom – disse Peter, guardando seu anzol –, então, você será nosso guia. E se nos ajudar, eu lhe darei o limão inteiro.

Diante dessas palavras os olhos do homem se encheram de lágrimas.

– Sim, sim! Eu digo que o menininho não se vai se arrepender! O Velho Sarnento será um guia direito e verdadeiro! Ele cuidará do menininho e de seu gatinho de estimação!

– Não sou bicho de estimação de homem algum – alertou Sir Tode, mas o Velho Sarnento estava ocupado demais tentando beijar os pés de Peter para prestar atenção.

– Então, temos um acordo – disse Peter, estendendo a mão com o limão. – Se você romper seu lado da barganha, eu vou lhe rogar uma praga, está entendendo? – o Velho Sarnento assentiu com vigor, arrancando a fruta com as duas mãos.

Peter concluiu que já que estavam acordados, podiam começar logo.

– Que direção nos leva à saída do deserto?

– Saída do deserto você diz? – o companheiro nodoso riu, como se fosse uma piada espirituosa. – E os ladrões dizem que é o Velho Sarnento que está maluco! Ora, não tem saída para nós, a menos que o menininho conte com o túmulo! – ele caiu na gargalhada. – O Velho Sarnento pode levá-lo até lá, sem problemas! – ele passou o dedo na garganta, para ilustrar o que queria dizer.

Sir Tode olhou o homem com uma preocupação crescente.

– Peter, estou começando a hesitar quanto ao nosso guia.

Peter o tranquilizou.

– Ele só estava brincando quanto a essa última parte. A fuga pode ser difícil demais para um velho como ele, mas nunca encontrei um portão que não conseguisse destrancar. E, se tudo mais falhar, podemos escalar o muro – voltou-se para o Velho Sarnento. – Você pode ao menos nos levar até a fronteira?

O homem fungou, limpando as lágrimas.

– Você diz a fronteira? Um lugar terrivelmente perigoso, digo eu. Ainda assim, o Velho Sarnento fez um acordo, portanto, à fronteira iremos! – ele apertou a mão de Peter, depois o puxou mais para perto. Quando falou de novo, foi com uma clareza gélida: – Mas esteja alerta, menininho. É melhor tirar da cabeça os melhores sonhos de fuga – lançou um olhar ao céu e ao redor. – Ninguém desiste dos Desertos Justos... nem mesmo *eles*!

Sem mais nenhuma palavra, soltou a mão de Peter e os conduziu noite adentro.

>>>

No fim das contas, o Velho Sarnento foi um ótimo guia. De fato conhecia o lugar como as próprias verrugas, e o demonstrou dizendo “olá” para todos os destroços de navios pelos quais passavam. Ávido para agradar os novos benfeitores, o homem estava feliz em responder a quaisquer perguntas que tivessem sobre os Desertos Justos.

– Como encontramos comida aqui? – perguntou Peter, depois que seu estômago deu um ronco ruidoso.

– Você diz que está com fome? – o Velho Sarnento tentou conter uma gargalhada. – A comida por aqui pode não ser aquela a que o menininho está acostumado – ajoelhou-se e enfiou o braço dentro da areia. Depois de um breve esforço, tirou uma centopeia gorducha e comprida. Partiu em duas a criatura que se contorcia e enfiou os pedaços na boca. – Humm, saboroso! – falou, mastigando com alegria. – Se tiver sorte, o menininho

encontrará uma formiga-saúva rechonchuda! Ora, ano passado, o Velho Sarnento encontrou uma do tamanho de seu punho fechado, foi mesmo!

– Argh! – resmungou Sir Tode, enojado. – Nem quero imaginar o que vocês bebem.

– Be-bebem, você diz? – o queixo do velho caiu, deixando pender os pedaços da centopeia. – Oh, se ele ao menos... – recolheu-se aos próprios pensamentos, batendo na boca e emudecendo sua tolice. – Uma xícara de chá do bule para o Pobre Velho Sarnento? – perguntou, mas sem se dirigir a ninguém em particular. – Não, só engula sua saliva.

A pergunta quanto ao que o Velho Sarnento bebia (se é que bebia algo) foi uma das muitas que o guia não soube responder. Não conseguiram, por exemplo, determinar como todos aqueles barcos chegaram ali vindo da costa, ou se os Desertos Justos sequer tinham uma costa. E também não conseguiram descobrir mais nada sobre o Velho Sarnento e os outros que haviam sido banidos.

– Você mencionou que havia outros prisioneiros – Peter falou –, mas estamos andando há horas e não encontramos viva alma.

O velho deu a volta, ofendido.

– Não encontraram viva alma? E quanto ao Pobre Velho Sarnento? Ele é uma alma?

– Ele quis dizer *além* de nós três, seu velho corcunda! – Sir Tode ficava cada vez mais cansado do guia. Era fato que a maioria das pessoas que encontravam Sir Tode ficava estarecida ao vê-lo falar, e o tratavam com respeito, ou mesmo medo. No entanto, o Velho Sarnento provou ter total desinteresse, ao ponto da teimosia, por qualquer coisa que ele tivesse a dizer, o que explicava o humor um tanto truculento do cavaleiro.

– Por que o menininho deixa que seu bicho de estimação fale com tanta crueldade? – ele disse a Peter. – Talvez ele deva comer o gatinho como punição! Talvez compartilhar um pedacinho com o pobre Velho Sarnento também, hein?

– Como posso ser bicho de estimação se *falo*?

– Claro que o gatinho de estimação fala. O Velho Sarnento nunca viu um bicho de estimação que não falasse.

Peter tirou o anzol do saco, chamando a atenção do homem.

– Sir Tode não é meu bicho de estimação. É um cavaleiro corajoso e meu amigo. Você o tratará da mesma forma como trata a mim, com respeito. Está entendendo?

O Velho Sarnento respondeu com um frenético “Sim! Sim!”, menos direcionado a Peter do que à ponta reluzente de sua lâmina.

A partir dali, os viajantes prosseguiram em relativo silêncio, quebrado apenas quando o Velho Sarnento tinha de garantir uma passagem segura pelos campos inimigos. A cada vez, ele seguia na frente e gritava, na escuridão:

Cego e vendado chegando aqui vem

É o Velho Sarnento que não faz mal a ninguém!

Um instante depois, uma voz respondia: “Passe, ladrão!”, e o Velho Sarnento seguia marchando com eles, conduzindo Peter e Sir Tode por uma porção de navios destroçados. Da primeira vez que passaram por um local assim, Peter notou um som fraco de batimentos cardíacos ao redor. Quando perguntou a respeito, o Velho Sarnento só sacudiu a cabeça.

– Em alguns ladrões não se pode confiar, eu digo.

Conforme a noite prosseguia, a lua começou a se aproximar do horizonte, e Peter podia sentir o cheiro do orvalho brotando do chão. Nas últimas horas, tivera tempo de matutar sobre todas as coisas que aprendera a respeito dos Desertos Justos. Sabia que havia outros prisioneiros e o encarregado destruíra todos os navios. Ainda assim, havia algo que o Oficial Trolley dissera antes de tentar marcá-los e que parecia não se encaixar.

– Com que frequência os prisioneiros chegam? – ele perguntou, alcançando seu guia.

– Novatos? Ora, o Velho Sarnento *nunca* viu novatos nos Desertos Justos, exceto o menininho e o gatinho de estimação – ele parou um momento, pensando a respeito. – Humm... isso é um tanto peculiar.

Sem querer que o homem pensasse muito na chegada deles, Peter interveio.

– Então, se nunca há novatos, isso significa que vocês estão todos sentenciados a uma pena com a mesma duração?

– Sentenciados, você diz? Nós ladrões fomos *enganados* para vir pra cá, eu digo!

– Espere aí – disse Sir Tode, entrando na conversa. – Você está dizendo que todos os prisioneiros daqui são ladrões?

– Cada um deles – o Velho Sarnento seguiu marchando na frente para pegar um tipo de besouro.

O cavaleiro estremeceu.

– Uma prisão inteira de ladrões? Sem querer ofender, Peter, mas não consigo pensar em muita coisa mais terrível.

Assim que ele disse isso, um berro ecoou de algum lugar, adiante.

– Ladrões, escondam-se! – disse a voz.

Peter quase pôde ouvir o sangue escoando do rosto do Velho Sarnento.

– Nada bom! Nada bom, eu digo! – o velho caiu de joelhos e começou a cavar um buraco em ritmo frenético, jogando mãos cheias de areia por cima da cabeça. – O Velho Sarnento precisa se apressar! *Eles* estão vindo!

O grito ecoou de novo, e mais uma vez, em intervalos cada vez menores.

– Ladrões, escondam-se!... Ladrões, escondam-se!

– O que é tudo isso, agora? – quis saber Sir Tode, rosnando. – Esconder de quê?

– Ande logo, gatinho de estimação! – o velho agora tremia inteiro. Ele pegou um

bocado de areia colocando ao redor de seu corpo, enterrando-se. – A luz do dia está chegando! O Velho Sarnento precisa se apressar para se esconder, ou *eles* podem pegá-lo! – ao longo de toda a noite, ele vinha dando pistas ocasionais quanto a um misterioso “eles”, porém, sempre que lhe perguntavam de modo direto, o velho era tomado por ataques de terror.

– *Eles* quem? – Peter tentou, pela milésima vez.

– O Velho Sarnento está alertando ao menininho e ao gatinho de estimação para que se escondam, e o façam rápido! – gritou.

– LADRÕES, ESCONDAM-SE! – e o velho mergulhou o rosto na areia, deixando apenas o topo da cabeça de fora.

– Ei, Peter? – disse Sir Tode, ficando nervoso. – Talvez seja bom que nós o ouçamos; pelo menos desta vez, certo?

O Velho Sarnento esticou a mão de dentro da areia e puxou os dois para o chão. Ele ergueu o rosto, que estava pálido de pânico.

– Eles estão aqui! – sussurrou, tampando a boca dos dois com seus dedos imundos. Os dois ficaram deitados, imóveis, na areia, esperando.

Então, *eles* vieram.

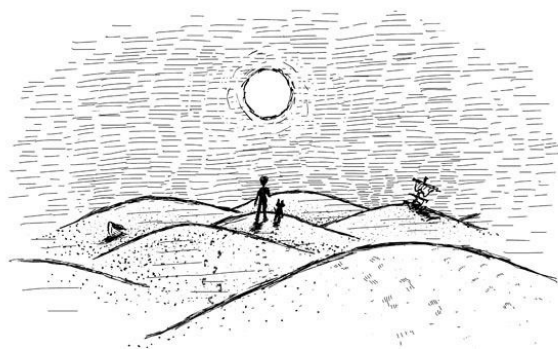
Em princípio, Peter ouviu um farfalhar fraquinho, como uma vela tremulando ao vento. Então, o som foi ficando mais alto, passando a um couro de centenas e milhares, todos rufando com fúria no ar. O terror se apoderou do menino quando sentiu o tumulto no céu acima. O barulho passou por eles, tampando a lua e jogando um manto de sombras sobre o deserto gélido.

Enfim, depois de um tempo que pareceu uma eternidade, a tempestade passou, e Peter sentiu a segurança do luar. Permaneceu imóvel, esperando até que o som desaparecesse por completo, deixando um silêncio vazio.

– O que foi isso? – ele perguntou, temendo ouvir a resposta.

O Velho Sarnento aproximou-se com o terror estampado nos olhos.

– Aquilo, menininho... eram os *corvos*!



A brisa sobre a colina

PETER NÃO CONSEGUIA Dormir, e havia algumas boas razões para isso. Primeiro, era quase meio-dia e o sol já estava cozinhando. Segundo, ele estava enterrado até o pescoço numa areia ardente e cheia de insetos. E, apenas algumas horas antes, um bando monstruoso de corvos tinha sobrevoado sua cabeça. Independentemente do quanto Peter dissesse a si mesmo que seu esconderijo era tão seguro quanto qualquer um, seu instinto de sobrevivência lhe dizia para continuar seguindo em frente. Ele ouviu o ronco suave de Sir Tode e do Velho Sarnento, cada um deles enterrado de um lado.

– Sir Tode – ele sussurrou.

O bigode do cavaleiro remexeu.

– Terra à vista – ele disse, sonhando, depois deu um salto, lembrando-se dos acontecimentos da noite anterior. – Espere! O que foi? *Eles* voltaram?

– Não, mas quero explorar um pouquinho, enquanto o Velho Sarnento está dormindo – Peter saiu da areia em silêncio. – Venha – falou, ajudando a puxar o amigo.

Sir Tode bocejou e sacudiu um carrapato da orelha.

– Tem certeza de que devemos sair passeando por aí? O velhote nos alertou que não é seguro viajar à luz do dia. Só desta vez estou inclinado a acreditar nele.

– Ficaremos bem – Peter esvaziou a areia de seu saco e o pendurou no ombro. – Andamos o dia todo ontem sem encontrar encrenca.

O cavaleiro gemeu.

– Não, nem um pinga de encrenca... a menos que queira contar insolação, bolhas e um carcereiro de machado em punho.

Depois de um pouco de discussão, Peter convenceu Sir Tode de que o melhor curso de ação seria pesquisar mais a leste, voltando ao Velho Sarnento no fim da tarde.

– Isso nos daria algumas horas de descanso antes de prosseguirmos – ele persuadiu seu amigo. Sir Tode concordou com o plano, mas apenas na condição de que tivesse

permissão de seguir no saco de Peter.

Os dois partiram na direção que vinham seguindo, na noite anterior, em busca de sinais de vida. Sob a luz do dia, não tiveram que procurar por muito tempo.

– Peter, eu acho que tem gente dormindo por todo lado – disse Sir Tode de seu novo poleiro. Era verdade; dentro de cada destroço de barco havia uma cabeça escondida de um prisioneiro roncando, para fora da areia, como algum tipo de semente disforme. – É estranho não termos visto antes.

– Parece que todos os prisioneiros tratam os barcos naufragados como casa – Peter constatou. – Aposto que quando o Velho Sarnento estava gritando o nome dos barcos, na verdade dizia olá a outros ladrões – o menino acertou na mosca. Como um todo, os prisioneiros dos Desertos Justos eram extremamente territoriais. Logo que chegava, cada homem se apossava dos destroços do barco que o trouxera. A cada dia, quando dormiam, os prisioneiros se abrigavam na sombra do casco arruinado. Na verdade, a razão para que o Velho Sarnento tivesse descoberto Peter e Sir Tode fora o fato de, inadvertidamente, estarem do lado de fora da casa, o barco *Scabbs' Joy*.

– Que crime acha que cometeram? – perguntou Sir Tode.

– Não tenho certeza, mas deve ter sido algo terrível para merecer esse destino – a punição mais comum na cidade natal de Peter era o enforcamento. A ideia da execução pública sempre o aterrorizara, porém, talvez a vida nesse lugar fosse pior que a morte, não? – Eles parecem todos tão infelizes. Sem mencionar a forma como fedem.

– E posso assegurar-lhe que não tem uma aparência muito melhor – observou Sir Tode. A ideia de que ele poderia acabar como um desses prisioneiros deixava Peter passando mal. – Isso é mais uma razão para encontrarmos um meio de sair daqui e ajudar quem tiver escrito aquele bilhete.

Os dois viajantes continuaram em frente, até pouco antes de meio-dia, quando decidiram parar e achar algo para comer. Embora Peter não tivesse qualquer interesse em engolir insetos, sabia o quanto era importante manter-se forte. Sir Tode, por outro lado, já tinha superado sua náusea e agora se divertia encontrando todo tipo de inseto saboroso.

– Nada mal – ele disse, mastigando com alegria um besouro de areia –, contanto que fique longe dos ferrões.

Peter não estava ouvindo. Uma brisa começava a soprar sobre a duna seguinte e, com ela, vinha um aroma novo e adocicado. Ele ergueu o nariz, respirando o ar mais fresco.

– Tem água. Naquela direção. Tenho certeza – ele disse.

Sir Tode, que já estava ficando acostumado aos sentidos extraordinários do companheiro, parou.

– Você consegue *sentir o cheiro* da água? – ele retrucou.

Peter ignorou o comentário.

– Talvez esteja a meia légua de distância – respondeu simplesmente. – Se pudermos

encontrar a fonte da água, talvez possamos pescar alguma comida de verdade – e seguiu por uma nova direção. Sir Tode cuspiu a porção de insetos que tinha na boca e seguiu atrás dele.

Depois de alguns minutos, chegaram ao topo de uma grande colina.

– Minha nossa! – exclamou Sir Tode. – Lembre-me de nunca duvidar de seu nariz.

O menino sorriu.

– Achei que você poderia dizer isso – dava para ouvir um leve som de gotejo à frente. – Deve ser algum tipo de fonte. Acha que pode haver peixes ali?

Sir Tode deu uma risada de esguelha.

– Cozidos, talvez. Parece uma rocha gigante e tem o formato exatamente igual ao de... uma *chaleira* – o cavaleiro olhava o estranho marco, tentando decidir se era ou não uma miragem. – Tem uma alça e um bico, e tudo mais.

A distância, era, de fato, uma rocha grande, em formato de chaleira. Quase do tamanho de uma casa, e tinha sido perfurada e preenchida com água.

– Posso sentir a corrente fluindo sob a terra, como uma fonte – a dupla conseguiu escalar a alça sem muita dificuldade. Não havia sinais de peixes na água, mas, ao menos, era potável. – Quem você acha que a colocou aqui? – perguntou Peter, mergulhando os pés cheios de bolhas na piscina.

– Alguém forte... ou, ao menos, muito determinado – Sir Tode examinou as marcas entalhadas na superfície. Do alto, podia ver quase toda a extensão dos Desertos Justos, e aproveitou a oportunidade para observar os arredores. – Acho que vejo a fronteira a distância. O horizonte termina com uma longa faixa *preta* que se estende em ambas as direções, algum tipo de muro, ou cerca, talvez? E bem no meio há um pináculo apontando para o céu.

– Devem ser os portões da prisão. Acha que conseguimos chegar lá até o cair da noite?

– Talvez – Sir Tode estreitou os olhos. – Daqui é difícil saber.

– Bem, ao menos sabemos que estamos seguindo na direção certa. E, enquanto isso, podemos descansar um momento antes de continuar caminhando.

Embora o odre de vinho do professor tivesse cumprido a tarefa de mantê-los vivos, estava longe do ideal. Caminhar pelo deserto havia deixado ambos empoeirados e com a pele seca. Além disso, o último banho que haviam tomado fora no Lago Turbulento, algum tempo atrás. Embora meninos em geral façam questão de detestar banhos, Peter Nimble estava disposto a fazer uma exceção, só desta vez.

A água fresca revigorou de imediato os dois viajantes. Depois de alguma experimentação, encontraram uma forma de usar o bico como uma espécie de torneira; sempre que um deles pulava na fonte, isso fazia que o nível da água subisse e borrifasse para fora um jato refrescante.

A chaleira também provou ser um local perfeito para Peter e Sir Tode melhorarem suas

habilidades de nado. Por conta das paredes curvas da rocha, foram capazes de se apoiar enquanto praticavam a respiração, o batimento das pernas e o mergulho. Ao final de uma hora, ambos conseguiam se manter flutuando.

Uma vez que os viajantes estavam limpos, esticaram-se na beirada da rocha e se secaram sob o sol do deserto.

– O que você acha que há do outro lado do muro? – perguntou Sir Tode.

Peter deu de ombros.

– O Reino Desaparecido, espero. Independentemente do que encontrarmos, tenho certeza de que responderá ao menos a algumas de nossas...

– Algumas de nossas o quê? – indagou Sir Tode.

Mas o menino caíra em profundo silêncio, pois, naquele instante, uma sombra imensa recaíra sobre seu corpo, bloqueando o sol. Peter pôs a mão sobre a boca de Sir Tode. Ficou deitado e imóvel, ouvindo, aterrorizado, um ruído que ia ficando cada vez mais alto.

Era o som de bater de asas.

E vinha direto na direção deles.



Os corvos da Pedra Chaleira

PETER FICOU DEITADO, Completamente imóvel, enquanto o bando gigantesco revoava acima.

– Quantos são? – sussurrou para Sir Tode.

O cavaleiro olhava a enxurrada de asas negras retumbando pelo céu.

– Milhares – ele respondeu, engolindo com força. – T-talvez eles passem sem nos ver.

– Fique calmo, seja lá o que aconteça – o menino sabia que seu amigo era inclinado a entrar em pânico. Na verdade, ele estava apenas amedrontado, como Sir Tode. Peter chegava quase a sentir os olhos dos pássaros varrendo a areia conforme voavam em círculo, ao redor da rocha. Ele ficou tenso com o som afiado das garras riscando o vento. – Eles vão aterrissar – ele disse. – Nossa única chance é nos escondermos na água, antes que eles cheguem à rocha.

– *Dentro da água?* Perdoe-me, mas não sei onde coloquei minhas gnelras!

O menino pousou a mão tranquilizadora na perna do amigo.

– Quando eu disser, nós dois vamos mergulhar abaixo da superfície e nadar para cima, dentro do bico. Se conseguirmos chegar até o topo, poderemos respirar sem que sejamos vistos – era um plano fraco, mas ele não conseguia pensar em nada melhor.

Peter ouvia com cautela o movimento dos corvos. A luz do sol voltou a bater em sua pele conforme os pássaros seguiram para o sul, mergulhando direto atrás de uma duna.

– Agora! – ele disse. Os dois rolaram para dentro d'água, alguns segundos antes que os poderosos corvos pousassem ao redor deles.

Para Peter, ficar submerso era como estar em um pesadelo. Embora seus ouvidos especialistas pudessem captar ecos, era quase impossível identificar de onde vinham. Claro que não conseguia cheirar sem inalar água, e suas mãos e pés estavam ocupados demais debatendo-se para qualquer outro uso. Peter podia ouvir a água espirrando, com as batidas dos bicos na superfície. *Será que corvos sabiam nadar?* Não, eles estavam apenas bebendo no alto da fonte. Os sons de respingo foram ficando mais fracos, conforme ele e

Sir Tode desciam mais, rumo ao fundo da chaleira. Ele sabia que o bico tinha de ter ligação abaixo, em algum lugar. Enfim, as mãos encontraram uma abertura na rocha. Ele empurrou Sir Tode para cima, na entrada do bico, e se contorceu para entrar depois dele. Peter lembrou-se de que, da última vez que ele e Sir Tode tinham ficado submersos assim, lutaram um *contra* o outro. Agora, ao contrário, trabalhavam juntos.

Peter estava aproximadamente na metade da subida quando os pulmões começaram a falhar. As paredes estreitas estavam fechando ao seu redor; suas veias pareciam que iam explodir. O casco de Sir Tode bateu em seu nariz e ele sentiu o próprio sangue espalhando na água. O menino prosseguiu lutando, cortando os pés e braços de encontro à parede rochosa. Não conseguia pensar em nada, exceto no ar; em nada, exceto na superfície. Seu coração batia tão alto que tinha certeza de que os pássaros podiam ouvi-lo. Ele não ligava; tinha que respirar novamente.

Peter irrompeu na superfície. Estava ao lado de Sir Tode, a alguns centímetros de distância da boca do bico. A água fria revolia em torno do seu queixo. O mestre da ladroagem respirava, ofegante, tentando ouvir o que acontecia do lado de fora. Será que os pássaros teriam ouvido quando eles mergulharam na fonte? Havia um grasnar ao redor de toda a rocha. Parecia conversa, mas era difícil para Peter identificar as palavras. Parando um momento, assumiu controle de seu coração; devagar, mais devagar, parado. Acalmando as mãos, o nariz, os ouvidos, concentrou-se na cena do lado de fora. Decididamente havia vozes misturadas com o grasnar. Aquilo parecia uma discussão, mas talvez fosse apenas a forma como os pássaros conversavam.

O bando se aquietou quando um pássaro pousou entre eles.

– Capitão Amos, nós encontramos o barco! – ele gritou.

– E quanto ao encarregado, Eli? – perguntou outro corvo, que parecia bem mais confiante do que o primeiro pássaro. Sua voz lembrava Peter dos almirantes que ouvira marchando em sua cidade portuária. – Trolley sabia o motivo para terem vindo?

– O diretor não sabia de nada, senhor. Alegou que fugiram em direção ao leste. Ele acreditava que tinham tapetes mágicos.

– Tolice. Tapetes não voam, nem mesmo os mágicos. Ainda assim, devemos patrulhar a fronteira, caso eles planejem atravessar – o segundo pássaro, aquele a quem chamavam de Capitão Amos, prosseguiu: – Titus, eu vou deixá-lo responsável por encontrar esses estranhos. Leve um bando de cinquenta de volta ao Ninho e fique de olho em busca dos dois viajantes, um menino e um gato!

– Você ouviu! – Titus grasnou. – Voa!

Um grupo de corvos ganhou o ar, proclamando:

– Vida longa ao verdadeiro rei!

O restante do bando respondeu, em coro:

– E vida longa à sua Linhagem! – os pássaros revoavam e saudavam a pequena tropa que sumia no céu.

Peter ficou confuso com o que estava ouvindo. Os corvos soavam como um exército. Por certo tinham sido alertados quanto à chegada dele e de Sir Tode. Também fizeram referências ao que o bando planejava, o que o deixou ainda mais confuso. Será que os corvos planejavam ferir alguém? Talvez o rei? Não, eles tinham dito: “Vida longa ao verdadeiro rei”. Independentemente do que estivesse acontecendo, Peter sabia que ele e Sir Tode não estavam seguros ali; era preciso que apenas um pássaro desse uma olhada no bico da chaleira e eles seriam descobertos.

Assim que esse pensamento passou pela sua cabeça, ouviu um barulho raspado perto de seu ouvido; um par de garras pousara na beirada do bico rochoso. Peter agarrou Sir Tode, que ainda respirava com dificuldade, e manteve sua boca fechada. O cavaleiro relutou em protesto, mas Peter, com habilidade, passou a afagar seu pescoço, segurando com firmeza num ponto especial, atrás das orelhas, um velho truque que aprendera com o sr. Seamus para amansar gatos domésticos irascíveis. “*Obrigado, sr. Seamus*”, pensou o menino, pela primeira vez na vida, enquanto sentia Sir Tode ficar imóvel.

O barulho de raspagem foi ficando cada vez mais alto conforme o corvo bicava o bico da chaleira.

– Hoje a água está fedorenta – ele disse, bem perto da cabeça de Peter. – Está com cheiro estragado, como se alguém... – sua investigação foi interrompida por um grito.

– Olhem aqui! – gritou uma voz, vindo da base da rocha. – Achei sinais de um traidor! – o corvo que estava no bico da pedra pulou para juntar-se ao Capitão Amos e alguns outros no solo.

– Notei um calombo na areia quando pousei – o primeiro corvo prosseguiu. – Parece que há uma arma dentro.

Peter logo soube que tinham descoberto o saco de pilhagem que escondera antes de escalar a pedra; ao que parecia, não o fizera direito.

– Essa lâmina não é do armamento – disse o Capitão Amos. Peter ouvia, conforme o pássaro bicava o metal. – Deve ter vindo com os estranhos.

Aquelas palavras chamaram a atenção do restante do bando; muitos voaram para mais perto para ver.

– Devemos patrulhar o solo – continuou o Capitão Amos. – Asher, Jude, vasculhem a área em busca de rastros. Se passaram aqui há pouco, talvez possamos segui-los.

Os dois corvos grasnaram “Sim, senhor!” e ganharam o ar.

Os outros corvos passaram a inspecionar os objetos de dentro do saco. Peter ouvia o som dos bicos removendo o conteúdo, um de cada vez: seu kit de roubo... a caixa de olhos... o odre de vinho... o verso...

– Deixe-me ver esse pergaminho – ordenou o Capitão Amos, pegando o pedaço de papel nas garras. Depois de um instante, ele voltou ao bando. – Vocês precisam ouvir isso – ele disse, lendo as palavras em voz alta:

Reis há de sobra; príncipes, nem tanto.

Os corvos se dissiparam e o mar recuou seu manto.

Só um estranho aliviará nosso coração,

Mas a treva reinará, a menos que ele seja...

Os pássaros absorveram as palavras em silêncio.

– Um *traidor*? – sussurrou um pássaro. – Quem ousaria chamar um traidor?

– Alguém muito tolo, ou muito desesperado – respondeu o Capitão Amos com frieza. – Quem escreveu essa petição com certeza nada sabe sobre nós.

Um rufar ecoou no bando.

– Há dez anos esperamos por notícias do outro lado – gritou uma voz –, e é isso que recebemos?

– Por quanto tempo mais a Justiça irá nos ignorar? – gritou outro, e vários outros corvos grasnaram em concordância.

– Paz, irmãos! – gritou o Capitão Amos em tom reprovador. Os pássaros caíram em silêncio para deixar o líder falar. – Ouço sua preocupação, mas precisamos lembrar que a Justiça não nos abandonará para sempre – Peter sentiu que o pássaro estava lutando para conter seu próprio desapontamento. – Está claro que esses estranhos estão, de alguma forma, ligados à nossa história, mas, se é pelo bem ou pelo mal, ainda veremos. Talvez essa caixa guarde as respostas que buscamos, quem sabe?

Peter encolheu-se diante do som do bico batendo no buraco da chave. Em silêncio, rezou para que os corvos, mesmo assassinos e falantes, não conseguissem abrir fechaduras...

Clique.

O menino ouviu, horrorizado, os pássaros erguerem a tampa e espiarem do lado de dentro.

– Doce Justiça – disse o Capitão Amos após um instante.

Os corvos se aglomeraram mais perto e começaram a sussurrar entre eles.

– Que mágica é essa... Mas... Simon, Mordecai... *Poderia ser?* – logo, todas as vozes do grupo estavam entoando: – A Linhagem! A Linhagem! A Linhagem! – o cântico prosseguiu, até ser interrompido pelo retorno de Asher e Jude.

– Traidor se aproximando! – eles grasnaram. – Do lado do porto!

O bando caiu em silêncio e entrou em ação sem demora. Todos os pássaros empoleirados na pedra pularam em direção à areia. Peter notou que eles esperavam por algo, mas o quê?

Uma nova voz respondeu sua pergunta.

– Fique longe, menininho! – a voz gritou, aproximando-se com passos frenéticos. – Fique longe da Pedra Chaleira, eu lhe digo!

Peter logo notou quem era. O Velho Sarnento só podia ter acordado e seguido as pegadas até ali. O menino contraiu o maxilar e, em silêncio, implorou para que ele desse meia-volta. Por menos que gostasse do velho maluco trapaceiro, apreciava ainda menos os corvos.

Mas o Velho Sarnento continuou:

– O menininho e o gatinho de estimação precisam ouvir o que o Velho Sarnento diz! Saíam da luz do dia antes que...! – ele perdeu a voz ao chegar ao cume e encontrar milhares de corvos esperando por ele. O velho ladrão caiu de joelhos, engasgado de terror.

Capitão Amos deu um salto à frente.

– Seu traidor, você recebeu clemência na condição de que jamais voltaríamos a ver sua carcaça rosada de novo!

– O V-Velho Sarnento sabe disso, sabe sim!

– Você retribui nossa consideração exibindo sua cara amaldiçoada durante a luz do dia. Além disso, invade nossa rocha sagrada!

– O Velho Sarnento lamenta, de verdade! Lamenta terrivelmente! Por favor, não me despedacem com bicadas! Os corvos são bons e misericordiosos! Eles o perdoaram uma vez. O Velho Sarnento se lembra disso!

– Uma vez, e nunca mais. Essa foi nossa promessa.

– Promessa, você diz? – uma amargura invadiu a voz do homem. – Não fale de promessas ao Velho Sarnento! Por promessas ele deveria ser um homem rico! – o desabafo foi recebido com um silêncio mortal, e o Velho Sarnento percebeu de imediato que tinha cometido um erro grave.

– Eu vejo que nossa clemência foi desperdiçada com você – disse o corvo. – Não vamos mais desperdiçá-la.

– Esp-espere! – o homem infeliz ficou de pé; tivera uma ideia. – Os corvos não perguntaram *por que* o Velho Sarnento veio até a rocha. Ele veio para trazer um *presente* aos corvos! Dois pequenos estranhos suculentos... humm! Levando-os diretamente ao Ninho, o Velho Sarnento estava mesmo!

Peter ouviu aquelas palavras, mas não pôde acreditar. *Será que o Velho Sarnento estaria mesmo planejando traí-los?* O velho soltou uma gargalhada diabólica.

– É verdade! Um gatinho rechonchudo e um menininho cego... – suas palavras foram cortadas por uma enxurrada de asas batendo e muitos grasnidos. – *Nãããoo!* – ele uivou, enquanto os pássaros atacavam.

Àquela altura, Peter desistira de desacelerar o batimento cardíaco. Também esquecera por completo de afagar o pescoço de Sir Tode. Os dois estavam tremendo, vítimas de um temor terrível; o Velho Sarnento estava sendo bicado até ser despedaçado a menos de vinte passos de onde estavam escondidos. Os lábios de Peter tremiam, enquanto abraçava-se ao amigo. Ele podia sentir as lágrimas salgadas de Sir Tode, que corriam de seu focinho,

pingando na água. Ficaram abraçados, ouvindo os últimos gritos do ex-guia.

Houve um silêncio solene no momento da execução. O Capitão Amos falou de novo, desta vez com mais suavidade.

– Traidor, devemos enterrá-lo inteiro. Isso é mais do que você merece. Que os vermes da terra lhe mostrem gentileza semelhante – e elevou a voz para o bando. – Na Justiça, nós dizemos...

– Vida longa ao verdadeiro rei! – os outros replicaram.

Os corvos foram cavar, de modo sinistro, uma cova rasa na areia para os restos do Velho Sarnento. Peter ouvia cada som com atenção, e, ao fazê-lo, ficou imaginando as últimas palavras do homem. Teria ele de fato entregado Peter e Sir Tode àquelas criaturas impiedosas?

A boca de Peter ficou completamente seca; tomou um gole da água salgada ao redor do pescoço, mas viu-se nauseado demais para engolir.

– P-Peter? – Sir Tode sussurrou o mais baixo que pôde. – Vamos morrer?

Diante daquela pergunta, o ladrão-mestre não teve resposta. Lá fora, os pássaros tinham completado a tarefa e passaram para outras questões.

– Eli – ordenou o Capitão Amos –, leve a arma e essa caixa para o Ninho. Real ou não, não podemos deixar que isso caia nas mãos de nossos inimigos.

– Sim, senhor! – respondeu o corvo chamado Eli. Ele pegou os objetos com as garras e seguiu rumo ao horizonte.

O Capitão Amos virou de volta ao bando.

– Irmãos, é um grande enigma o que traz estranhos cegos e rimas para nossos desertos. Se a Linhagem voltou ou não, ainda veremos. Como sempre, endureçamos nossos bicos, afiemos nossas garras e esperemos pela Justiça – Peter detectou uma urgência na voz do capitão. – Só podemos presumir que nosso inimigo também sabe sobre os estranhos. Não tenho dúvidas de que ele tentará atacar, e, se o fizer, *não falharemos uma segunda vez!* – ele bateu as asas imensas no ar, elevando-se o mais alto que podia, enquanto grasnava: – Vida longa ao verdadeiro rei!

Houve um rugido poderoso conforme milhares de pássaros batiam as asas depois dele.

– E vida longa à sua Linhagem!

>>>

Peter e Sir Tode esperaram até o cair da noite antes de se contorcerem para subir de volta ao bico rochoso da chaleira. Isso foi ainda mais difícil do que nadar para cima, e até chegarem à base da chaleira, mal tinham forças para bater as pernas e chegar à superfície.

Subiram ao luar fresco. Peter rolou até o topo da rocha e ouviu o ar do deserto. Lá longe, ouviu passos. Talvez de outros prisioneiros? Ouviu de novo, em busca do som de asas ou garras. Nada. Ajudou Sir Tode a subir em suas costas e desceu até a areia abaixo.

O terreno ao redor da chaleira ainda fedia a violência.

– Você o vê? – ele perguntou, estremecendo um pouquinho.

– À sua esquerda, a uns trinta passos – Sir Tode o conduziu até um pequeno monte de areia. Eles ficaram em silêncio, acima do túmulo do pobre Velho Sarnento.

– Ninguém merece isso – a voz do menino ficou tensa de raiva. Peter não era nenhum estranho à violência, ou mesmo à morte, mas nada o preparara para aquilo. O Velho Sarnento tinha sido *assassinado* a sangue-frio. Peter não sabia precisar como, mas sabia que esse acontecimento modificara, de alguma maneira, tanto ele quanto sua jornada. Voltou à base da rocha e começou a recolher seus pertences. Os corvos tinham deixado tudo, exceto o anzol e a caixa com os olhos fantásticos. Dentre os itens, encontrou o precioso limão do Velho Sarnento. Peter o levou ao túmulo.

– Durma bem, velho ladrão – falou, esmagando a fruta na mão. Os cortes do braço arderam enquanto o sumo escorria pelo punho e pingava na areia.

Sir Tode deu um passo ao lado, piscando para o deserto sem fim.

– Aqueles pássaros pareciam compreender nossa charada.

– Claro que compreendiam – Peter respondeu com amargura. – É sobre eles. Quem escreveu precisa que detenhamos os corvos.

Sir Tode conteve um tremor.

– Espero que esteja errado. Eles nos superam em número e força. Mesmo com os olhos fantásticos seria suicídio.

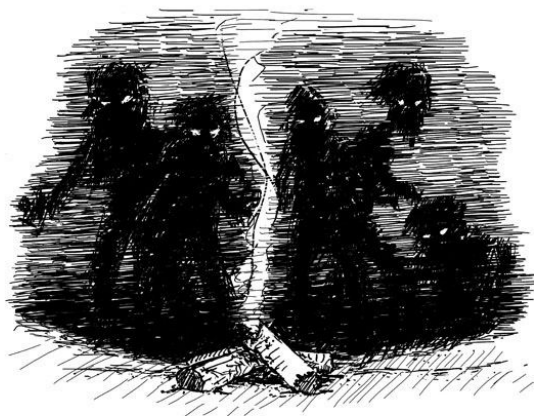
Aquelas palavras encheram Peter de fúria e vergonha. O professor o tinha alertado especificamente quanto a não deixar que outros soubessem dos olhos fantásticos. E, agora, graças aos corvos, ele tinha falhado.

– Nosso primeiro passo é roubar os olhos de volta. Depois vamos nos preocupar com a batalha – pendurou o saco num dos ombros e saiu andando rumo ao grande pináculo, local que os pássaros se referiam como Ninho.

Sir Tode balançou a cabeça, caminhando ao seu lado.

– Concordo com o princípio básico, Peter, mas *como* faremos isso?

– Simples – o garoto gesticulou na direção das dunas pontilhadas de destroços de barcos. – Vamos arranjar ajuda.



Toca de ladrões

PETER E SIR Tode prosseguiram rumando ao leste sob uma lua gigante, fazendo o máximo para se esquecerem dos gritos mortais do Velho Sarnento. A brisa fraca, que já secara a roupa deles havia muito, batia-lhes com suavidade no rosto. O terreno dos Desertos Justos ficava cada vez mais montanhoso, dificultando que prosseguissem em linha reta. Sendo de uma cidade portuária, Peter sabia como navegar seguindo as estrelas; o único problema era não poder vê-las. Mais de uma vez Sir Tode saiu do rumo pela má interpretação das instruções do menino.

– Não – disse Peter, percebendo que tinham se desviado de novo ao sul –, a Estrela Guia é a *grande*.

– Bem, se me perguntar, todas parecem pequenas para mim. Como posso identificar a diferença de uma para outra?

Os dois discutiram sobre isso e muitas outras coisas, até que concordaram em deixar de lado as frustrações da navegação e fazer algo a respeito da charada.

– Vamos supor que os corvos estejam trabalhando para o rei – disse Peter, que já tinha decorado as palavras.

– Então, isso está concluído? O rei é mau?

O menino concordou.

– Se os corvos trabalham para ele, então só pode ser decididamente mau. E o Capitão Amos chamou o Velho Sarnento de traidor; precisamos descobrir por quê.

– Talvez ele e outros prisioneiros tenham tentado deter o rei malvado?

– Mas por quê? Que crime teria cometido?

Sir Tode pensou na pergunta.

– O bilhete menciona “reis há de sobra”. Você não acha que pode haver mais de um? Talvez um rei bom e um mau estejam em guerra?

– Pode ser... e talvez o rei bom tenha sido quem escreveu esse bilhete e necessita que o salvemos?

– Ou talvez o rei mau quem escreveu? – indagou Sir Tode. – Ou alguém totalmente diferente.

– É tudo tão confuso! – Peter resmungou. – Se ao menos soubéssemos como *termina* essa charada imbecil... Tenho certeza de que o último pedacinho é a chave de todo o quebra-cabeça.

A essa altura, assim como os corvos, você deve ter adivinhado quais eram as últimas palavras do bilhete. Para qualquer um familiarizado com versos que rimam, concluir isso seria uma questão de compilar uma lista de rimas potenciais com “coração” e tentar todas as palavras para ver o que faria mais sentido. Tristemente, Peter estivera ocupado demais com a atividade de ladrão, em vez de frequentar a escola. Portanto, ainda tinha dificuldades para calcular essa pista vital.

– Qualquer que seja a resposta, tenho certeza de que está bem debaixo do nosso nariz – afirmou Sir Tode. – Mas, considerando meu focinho e sua cegueira, teremos dificuldades em descobrir!

Peter não compartilhava da diversão de Sir Tode.

– Ao menos, meu motivo é real – murmurou.

Desde o calvário na Pedra Chaleira, vinha se sentindo cada vez mais irritado com a tolice constante do cavaleiro. Tinham testemunhado um assassinato terrível e, no entanto, Sir Tode continuava a tratar tudo como se fosse um tipo de jogo.

Continuaram em silêncio até chegar a uma sequência de cumes, onde Peter parou.

– Há uma fogueira lá embaixo, atrás da segunda colina – disse, sentindo a mudança de temperatura. – Alguém acabou de apagá-la.

Sir Tode não era tolo de discutir com os sentidos aguçados do amigo. Encarou a escuridão, imaginando o que estaria por vir.

– Peter, você sabe que não precisamos fazer isso – ele disse.

– Sim, eu preciso – respondeu o menino, desejando que ainda tivesse o anzol. – Fique por perto.

Alguns minutos depois, tinham se aproximado de um barco naufragado chamado *The Snark Hunter*. Ao lado, havia restos de uma fogueira onde alguém estivera assando centopeias.

– Parece um acampamento – sussurrou Sir Tode –, só que está deserto.

Ou, melhor, *parecia* deserto. Peter aguçou o ouvido no ar fresco; decididamente havia corações batendo por perto. O menino ergueu as mãos abertas e pigarreou antes de dizer:

Cego e vendado chegando aqui vem

É Peter Nimble, que não faz mal a ninguém!

Houve uma breve pausa. Depois surgiu o som de vários homens saindo da areia, onde tinham se escondido. Peter ouviu cinco ao todo. O cheiro deles lembrava um pouco o do Velho Sarnento, e era provável que não tivessem uma aparência muito melhor.

– Acharmos que vocês eram saqueadores – um deles explicou, constrangido.

– Ou o Oficial Trolley – falou um outro.

– Ou corvos – disse um terceiro. E, diante dessa última menção, os três estremeceram.

– Também somos prisioneiros – explicou Peter – e queremos chegar ao ninho dos corvos.

Os velhos retrucaram com uma risada preocupada.

– Acho que você entendeu o contrário, filho – disse um corpulento, chamado Patch. – Você tem é que ficar *longe* do ninho. Quanto mais longe, melhor. Senta aqui e come umas larvas; talvez ajude a espairecer a cabeça – os velhos se aproximaram, incentivando Peter e Sir Tode a se juntarem a eles perto da fogueira que tinha sido novamente acesa. Os dois se sentaram, dando vazão à fome que sentiam desde o dia anterior. Durante o jantar, os prisioneiros se apresentaram como Patch, Clipper, Cough, Bogie e Twiddlesticks.

– Todos esses nomes são de truques de ladrões – disse Peter –, exatamente como o do Velho Sarnento, que praticava a arte de trocar mercadoria.

Por exemplo, se estivesse interessado em roubar um anel de rubi do dedo de alguém, você tiraria o anel e deixaria um pedaço de barbante amarrado a uma pedrinha, para que a vítima não notasse que a joia preciosa havia sumido, até realmente *olhar* para o dedo. Tinha sido exatamente o que o Velho Sarnento tentara fazer ao substituir o limão do saco de Peter por uma pedra.

– É claro, amiguinho! – disse o que se chamava Twiddlesticks. – Todos temos nomes segundo a especialidade de roubo, assim como você, Peter *Nimble* (Mão Leve).

– Quem disse que sou ladrão? – protestou o menino.

O que se chamava Bogie aproximou-se.

– Ora, quando você está no negócio há tanto tempo, como a gente, dá pra sentir, né?

– E, pelo que vejo, diria que você é um dos bons – acrescentou Clipper. Os outros homens murmuraram em protesto, dizendo coisas como “Esses dedinhos!” e “Tão furtivo como a sombra”.

Peter corou, lembrando-se do que o Professor Cake dissera, no começo da jornada, sobre ser um grande ladrão.

– Obrigado, eu acho.

Enquanto desfrutavam da gororoba, Peter e Sir Tode ouviam os velhos compartilharem histórias sobre a vida nos Desertos Justos. Os homens explicavam como os corvos dormiam pesado à noite e deixavam os prisioneiros circularem à vontade, contanto que permanecessem escondidos durante o dia. Sir Tode contou-lhes o que acontecera com o

pobre Velho Sarnento e como fora enterrado ao pé da Pedra Chaleira.

– É uma pena – disse Clipper. – Ele tinha dentes bons, tinha mesmo. Estou meio inclinado a visitar o túmulo, só que é perigoso demais. Os corvos, você sabe, estão sempre batendo asas por aí.

– Então vocês não chegam nem perto da Pedra Chaleira? – perguntou Peter. – Nem à noite?

– Sem chance – disse o ladrão chamado Bogie. – Não me aventuro por lá há oito anos, desde que encontrei uma dupla de pássaros – ergueu a mão, mostrando os dedos que faltavam. – O único motivo de Sarnento ter se aproximado daquele lugar é porque era doido.

– Se vocês não vão à Pedra Chaleira, como acham água?

Os velhos levaram a mão à boca em um saudoso silêncio.

– Ah, você acostuma – disse Cough, ofegante.

Aquela era exatamente a oportunidade que Peter esperava.

– Quem sabe eu possa ajudar nisso? – ele falou aos homens. – Meu amigo e eu viemos aqui porque precisamos da ajuda de vocês. Temos que resgatar uma coisa que os corvos roubaram da gente.

Patch cuspiu na areia, amargurado.

– Claro que roubaram uma coisa de você, filho. É isso o que fazem, roubam da gente até não sobrar mais nada. Ora, tudo que tínhamos neste mundo está naquele Ninho deles!

O mais alto do grupo, Twiddlesticks, aproximou-se de Peter. Pousou o longo braço no ombro do menino:

– Não quero desapontá-lo, amiguinho, mas é improvável que a gente cruze com aqueles passarinhos de novo. Temos sorte de nos deixarem viver.

– Se há uma lei nos Desertos Justos – acrescentou Clipper –, é que você seja bom e grato, porque os corvos foram muito gentis conosco. Eles têm bons motivos para nos querer mortos! – alguns dos outros gemeram diante de tal pensamento.

– Mas o que *fizeram* para que os detestem tanto? – perguntou Sir Tode. – Tenho certeza de que é uma história que vale a pena ouvir.

Os homens abaixaram a cabeça, constrangidos. Só Clipper respondeu, murmurando algo sobre terem se comportado “terrivelmente mal”.

– Nossa, o som daqueles gritos ainda me dão arrepios até hoje – ele disse.

Peter sentiu uma onda de irritação, pois Sir Tode estava mudando de assunto. Quem se importava com o que aqueles homens tinham feito? O que importava era a missão. Levantou-se, insistindo:

– Meu companheiro e eu vamos com ou sem vocês. No entanto, se concordarem em nos ajudar, posso lhes dar algo em retribuição – tirou o odre do saco. – Água limpa e fresca, da

chuva – removeu a rolha e começou a despejar o conteúdo da garrafa na areia. Vendo aquilo, os prisioneiros foram para o chão, pegaram mãos cheias de lama e enfiaram na boca, sugando os grãos e gemendo de alívio.

Peter colocou a rolha de volta, cortando o abastecimento.

– Esse odre contém um bocado de magia que pode lhes dar água por dez vidas. Se nos ajudarem, é de vocês.

Os prisioneiros se entreolharam, a boca cheia de areia. Peter sacudiu o prêmio diante deles, deixando que ouvissem o rufar da nuvem chuvosa presa ali dentro. Os cinco homens observavam o odre maravilhoso, os corpos balançando ligeiramente para a frente e para trás.

Twiddlesticks cuspiu a areia da boca e se levantou.

– Certo, amiguinho. O que tem em mente?

>>>

Peter sabia que a chave para o sucesso de um grande roubo era a preparação. Para ter qualquer esperança de recuperar os olhos fantásticos, precisaria do máximo de informação possível.

– Primeiro, quero saber desse Ninho – ele disse.

– É assim – explicou Twiddlesticks. – O Ninho é grande... bem grande. Fica espetado, para fora da areia, como um dedal gigante. Os pássaros guardiões estão por toda parte, em particular durante o dia, quando todos estão batendo asas por aí.

Peter assentiu:

– Então, precisamos atacá-los antes do nascer do sol, enquanto ainda estiverem dormindo. Dessa maneira, só teremos de lidar com alguns guardas, e não com o exército todo – virou-se para o velho chamado Patch. – Vou precisar de uma distração. Que materiais traz com você?

– Não muitos. Talvez alguns restos de vela e outras coisinhas.

Peter franziu o rosto, pensando.

– Terá de juntar mais coisas para esse trabalho. Consegue arranjar um machado?

O ladrão soltou uma gargalhada descontraída.

– Acho que já sei o que pretende, filho. Vou providenciar!

– Twiddlesticks, você cuidará das fechaduras comigo.

– Claro, amiguinho! – respondeu o outro, estalando os dedos.

– Bogie, vamos precisar que você entre lá e primeiro dê uma olhada na planta. Descubra onde estão as fechaduras e quantos guardas ficam a postos, e o lugar em que ficam.

Bogie suspirou.

– Temia isso... é que estou muito fora de forma.

– Tenho certeza de que faz bastante tempo – disse Peter –, mas há coisas que a gente nunca esquece. Encontre-nos aqui de novo em uma hora.

– Certo, certo – Bogie se levantou e foi marchando em direção ao horizonte. A cada passo, sua silhueta mesclava-se à paisagem, até não sobrar nada dela.

– Nossa, ele sumiu completamente! – só quando o cavaleiro estreitou os olhos, na direção do lugar exato, é que pôde ver as pegadas se formando na areia. – É um truque de ladrão?

– Não, só destreza – Peter afirmou.

Incapaz de ver por si próprio, o menino ficou contente ao ouvir que Bogie era tão bom em seu ofício. Cada ladrão parecia possuir habilidades muito superiores às que já encontrara em sua cidade; a capacidade deles era equivalente à sua. Só esperava que isso fosse suficiente.

– Cough – ele disse, voltando ao plano –, vou precisar que distraia os guardas quando chegarmos lá. Você acha que pode afastá-los?

– Moleza – Cough respondeu, já recolhendo uma boa carga de pedrinhas em sua bolsa.

Peter passou ao último deles.

– E isso nos leva a você, Clipper. Preciso que esteja à espera para pular e...

– N-não, senhor! – interrompeu o ladrão. – Sei o que vai me pedir, e não o farei!

– Precisamos de você – insistiu Peter. – Sem você para dar um grampo, os guardas poderão alertar o bando inteiro, e estaremos mortos. Você pode usar meu saco.

– Eu disse não! Não vou fazer isso de novo! – Àquela altura, o velho mal continha o choro. – Concordei em ajudar a estourar o bagulho, mas não vou grampear ninguém; isso é demais! – afastou-se do grupo.

– Seja razoável, amigo – disse Twiddlesticks, com um tom de ameaça na voz. – Você sabe que o plano do menino não vai funcionar sem um grampo. Além disso, não podemos dizer que você seja inexperiente...

Peter cruzou os braços.

– Preciso de alguém para dar o grampo, e, se não arranjar ninguém, mixou o negócio. Nada de odre de vinho.

– Odre de vinho, hã! – Clipper chutou a areia. – Esse negócio todo está cheirando muito mal! Não quero fazer parte disso! Nunca mais, eu jurei! – aproximou-se de Peter e sussurrou: – Abra o olho, miudinho. *Não tem perdão em toca de ladrão!* – esse era um provérbio bem conhecido no meio da bandidagem, mas o menino não tinha a menor ideia de por que se aplicava àquela situação. Antes que pudesse responder, o velho deu meia-volta e saiu correndo rumo às colinas. Peter pôde ouvir os tropeços pelas dunas, enquanto ele gemia “Nunca mais!”.

– O que foi isso? – perguntou, virando-se para o restante do grupo.

– Ignore-o – disse Twiddlesticks. – Ele é um covarde com consciência – diante do comentário, um dos homens riu. – Você ainda tem a nós. Bogie também pode se virar para dar o grampo. Ele não é tão veloz, mas sabe dar o melhor nó.

Peter suspirou. Não era o ideal, mas servia.

– Bem, combinado. Nós nos encontraremos aqui em uma hora e seguiremos para o Ninho.

– Certo!

Os homens saltaram dos seus lugares e saíram cada um em uma direção diferente.

Peter e Sir Tode agora estavam sozinhos diante do fogo fraco.

– Espero que dê certo – comentou o menino, a expressão demonstrando incerteza pela primeira vez. – Esses homens são grandes ladrões, mas não sei se são confiáveis – bateu o cotovelo no saco, só para ter certeza de que ainda estava ali.

– Peter? – Sir Tode pigarreou. – Você tem alguma função para mim?

O menino receava que o cavaleiro fosse perguntar algo parecido.

– Esta noite não. Só preciso que fique por perto.

– Mas...

– Esses homens são especialistas. Terá que confiar em mim – deu um sorriso indiferente. – Mas não se preocupe; tenho certeza de que seus dons logo terão utilidade.

>>>

Em uma hora os ladrões voltaram, todos inebriados de tanta expectativa. Twiddlesticks esfregara os nós dos dedos com um extrato fedorento de minhoca que os deixara brilhantes. Agora, conversava ternamente com cada um dos longos dedos, chamando-lhes de “amorzinhos”. Bogie regressara cedo e já desenhava na areia, fazendo um mapa do layout do Ninho para os outros. Cough estava com a bolsa repleta de pedrinhas roliças, perfeitas para lançamento.

Quando Patch chegou, o grupo quase teve um ataque do coração. Vestia o que, a distância, parecia ser um uniforme militar velho.

– O encarregado! – resfolegou Sir Tode, conforme a figura subia a colina de machado em punho.

Os outros prisioneiros instantaneamente hesitaram por um momento. Olharam para trás e viram o “encarregado” na areia curvado de tanto rir.

– Peguei vocês! – ele se sacudia tanto que a peruca escorregou, revelando o rosto rosado de Patch. – Peguei vocês direitinho! – os ladrões se aproximaram cautelosos, até estarem todos ao redor dele. De alguma forma, o homem conseguira tingir os trapos para que ficasse idêntico ao do Oficial Trolley. O machado que tanto haviam temido era apenas um punhado de lascas de madeira.

– Ora, você me enganou! – disse Twiddlesticks. – É você mesmo.

– Disse que era bom! – ele girava a peruca no dedo. – Nenhum de vocês acreditou em mim quando disse que era o melhor que já existiu em disfarces! Mas tinham que ver a cara de vocês quando subi a colina! Mandeí ver, não é mesmo? – e caiu numa nova gargalhada.

– Excelente! – disse Peter, concordando. – Se ele enganou todos vocês, decididamente enganará os corvos.

O grupo decolou no horizonte, rumo ao leste, logo após a meia-noite. De modo a manter o ritmo, Peter sugeriu que Sir Tode viajasse no saco.

– Esse pode ser um bom lugar para você ficar durante a missão – sugeriu, esforçando-se para não ofender o cavaleiro. – Se eu estiver em dificuldades, você pode saltar e surpreender quem estiver atacando.

Sir Tode começava a se sentir excluído.

– O professor me deu uma tarefa, Peter... ser seus olhos. Como posso fazer isso no fundo de um saco?

Peter ignorou a pergunta e continuou andando com os ladrões.

A lua iluminava o caminho enquanto seguiam pelas colinas de areia fresca. Peter ouvia batimentos cardíacos abafados, mas não encontraram ninguém.

– Onde estão todos os outros prisioneiros? – enfim perguntou a Twiddlesticks.

O velho ladrão pigarreou.

– Ah, estão por aí, amiguinho. São tímidos, só isso.

O grupo chegou ao Ninho aproximadamente uma hora antes do amanhecer. Peter abaixou-se atrás da colina mais próxima e deixou que Sir Tode saísse do saco para respirar ar fresco.

– Como é o visual? – perguntou ao companheiro.

Sir Tode espiou por cima do monte.

– Minha nossa... é gigantesco.

Pela primeira vez não estava exagerando. O Ninho que estava diante deles tinha ao menos uns trinta metros de altura. O negócio todo era feito de sobras de ruínas de barcos. Erguidas na base havia quatro torres, cada uma guardada por corvos que voavam em vigília noturna.

Sir Tode juntou-se ao amigo.

– Peter, tem certeza quanto ao plano? Não sabemos a história toda deste lugar – lançou um olhar nervoso aos quatro prisioneiros que subiam as dunas de modo sorrateiro. – E esses homens...

– ... são a única chance que temos – Peter respondeu. – Além disso, sem eles, não posso ter de volta os olhos fantásticos e terminar minha missão.

Sir Tode ficou em silêncio por um momento.

– Achei que fosse *nossa* missão... – murmurou baixinho.

Peter e os ladrões se reuniram atrás de uma duna em frente ao muro dos fundos. Bogie forneceu mais detalhes.

– Acabei de ver três pássaros guardiões de cada lado; seis no total. Tem mais alguns em cada torre alta e talvez o pássaro patrulheiro do lado de dentro. O quartel principal é onde os pássaros estão dormindo; por certo *não* vão querer demorar por ali. Precisam procurar uma escada que os levará ao andar mais alto. É lá que guardam os tesouros. Mas tem um bocado de cadeados naquela porta, portanto, Twiddlesticks e o menino têm trabalho na medida pra eles.

– Acha que dá conta, amiguinho? – perguntou Twiddlesticks, cutucando Peter.

O menino sorriu, estalando os dedos.

– Esforce-se, talvez consiga me acompanhar – apesar da companhia desagradável, Peter começava a gostar do negócio. Ali estava um bando de adultos que admiravam e respeitavam suas habilidades. Ajudou Sir Tode a entrar no saco e o pendurou no ombro. – Estamos prontos?

– Claro! – os outros responderam.

A essa altura, você testemunhou como Peter Nimble era verdadeiramente talentoso, apesar de sua deficiência. Você o viu ser mencionado como um mestre da ladroagem por várias autoridades e sair de inúmeras situações perigosas. Pode estar pensando que essa cegueira não é deficiência alguma e que, de algum modo, chega mesmo a lhe dar vantagens sobre qualquer outra pessoa que enxergue. Alguns de vocês talvez estejam pensando: “Nossa, gostaria de ser cego como Peter Nimble!”. Se estiver pensando isso, pare agora mesmo, pois, para quaisquer benefícios que possa pensar que a cegueira traz, há igualmente inúmeras desvantagens que é preciso considerar.

Por exemplo, se tivesse que dar uma ordem a um bando de ladrões prisioneiros e eles respondessem “Claro”, ao mesmo tempo que trocassem sorrisos e esfregassem as mãos, veria e saberia que planejavam algo terrível; exatamente o que acontecia neste caso. Peter Nimble, no entanto, *não* podia ver isso, e, portanto, não fora alertado quanto ao perigo imediato. Em geral, Sir Tode teria notado esse tipo de coisa e informado Peter, mas, como estava confinado ao saco, troca de olhares e mãos nervosas, assim como sorrisos maliciosos, passaram despercebidos.

– Bom – falou o menino, totalmente alheio ao que se passava –, vamos ao trabalho.

E, assim, Peter, Sir Tode e quatro ladrões indignos de confiança seguiram sorrateiramente em direção ao Ninho.



Peter Nimble rouba o Ninho

O PLANO DE Peter tinha várias etapas. A primeira era chegar aos guardas do entorno; a segunda, cuidar dos corvos das torres. Por sorte, tinha um especialista em disfarce, um ludibriador brilhante e um grampeador útil.

Peter e os outros deram um tempo, enquanto Patch, ainda vestido como Oficial Trolley, seguiu ao encontro dos guardas. Se você não adivinhou, *patch* é alguém que se disfarça, em geral com roupas elegantes, de modo a se aproximar do alvo. Normalmente, agem ao redor ou dentro de salões de jogos, capelas matrimoniais e outros locais repletos de gente tola e bem-vestida. Pela conversa na Pedra Chaleira, Peter sabia que os corvos falavam com o encarregado; só esperava que os pássaros guardiões não detectassem logo o disfarce.

– Ei, pessoal! – ele ouviu Patch chamando, em sua melhor imitação do Oficial Trolley. – Como vai indo esta noite?

– Como tem que ser, encarregado – respondeu um dos corvos. – Voamos em vigília, protegendo nossos irmãos que dormem. Por que está tão longe de seu posto? Sabe que não é bem-vindo aqui.

– Calminha, eu só estava na área e pensei em dar um alô.

– O que já fez. Agora vá, antes que a gente perca a paciência com você – disse o pássaro.

Para Peter, soou como se o Oficial Trolley e os pássaros não tivessem a melhor das relações. Mesmo assim, eles não estavam atacando... ainda.

Enquanto Patch se esforçava para manter a conversa, Cough passou de modo sorrateiro pelos guardas e contornou a estrutura. Seu corpo estava enterrado na areia, só com os olhos e o nariz para fora, para respirar, como se fosse um crocodilo. Ao chegar a uma distância do Ninho em que podia arremessar as pedras, ele ergueu o braço da areia e testou o vento.

Cough, ou “tosse”, é um truque de roubo no qual você cria uma distração fazendo um

barulho. O mais comum é quando um ladrão amador atira uma pedra numa vidraça próxima, esperando afastar um vigia de seu posto. Cough, no entanto, não era nem de longe um amador, e, quando resolvia jogar pedras, o efeito era nada menos que fantástico. Tirando várias pedrinhas da bolsa, foi arremessando, uma a uma, na escuridão. Cada vez que flexionava o pulso, outra pedra caía, soando exatamente como uma pegada na areia. Para enfatizar o embuste, ecoava a voz na mesma direção, fazendo parecer que duas pessoas estivessem sussurrando ao passar correndo.

– Silêncio, Trolley! – estrilou o pássaro guardião, interrompendo Patch, no meio de uma piada. O pássaro pulou ao redor e espiou a escuridão. – Quem está aí? – ele perguntou.

Cough jogou outro punhado de pedras no canto.

O pássaro ouviu os “passos” de novo e voltou-se para os companheiros.

– Decididamente tem alguém ali. Podem ser os estranhos.

– Pode ser! – disse o “encarregado”, concordando. – Vocês vão dar uma olhada e eu fico de olho nas coisas por aqui.

– Nada disso! – estrilou o primeiro pássaro. – Aaron, fique atrás, de olho nesse aqui.

– Sim, senhor! – o jovem corvo chamado Aaron respondeu. Os outros guardas voaram até o canto para inspecionar o barulho.

Peter ouvia a ação de seu esconderijo. O caminho estava quase livre. Nesse momento, Bogie esperava no canto, com um saco vazio, pronto para grampear os pássaros guardiões que se aproximavam. *Clipping*, ou “grampear”, é um termo para sequestrar, em geral aplicado a jovens herdeiros na esperança de se obter um resgate. Embora Bogie fosse forte, Peter sabia que precisavam era de um especialista, alguém rápido e equilibrado, que não se aturdisse com vítimas relutantes. Pegou-se imaginando o motivo de Clipper ter abandonado o grupo.

Os guardas pararam bem ao lado de Bogie, que estava por inteiro mesclado à sombra. Ele podia não ser um grampeador especialista, mas tinha sua própria destreza, o que lhe garantia o elemento-surpresa. Em alguns segundos, todos os pássaros estavam presos no saco, debatendo-se e grasnando como malucos. Para abafar o som, Bogie enterrou suas vítimas na areia e bateu com os pés em cima do montinho.

– Isso vai mantê-los quietos – ele disse, rindo.

O ruído do grampo não tinha passado despercebido. Aaron, o guarda restante, olhava na direção dos sons.

– M-minha nossa! Você ouviu isso? – ele disse ao homem que achava ser o Oficial Trolley. – Você ouviu isso? Será que não devemos chamar alguém?

Patch ergueu seu machado de madeira.

– Se quer minha opinião, acho uma péssima ideia – antes que Aaron pudesse fazer barulho, o ladrão o golpeou com sua arma.

Tum!

Peter se retraiu ao ouvir a lâmina atingir o corpo do pássaro. O menino respirou fundo, lembrando a si mesmo que os corvos eram maus. Ele ouviu Patch dar um assobio baixinho, sinalizando que o caminho estava seguro. Peter e Twiddlesticks se ergueram da areia e rastejaram até o Ninho.

Como os corvos podiam voar, não tinham necessidade de uma porta dianteira; em vez disso, chegavam e entravam pelos buracos das paredes de madeira. Os pássaros tinham tomado o cuidado de garantir que os vãos fossem estreitos demais para que um adulto de estatura normal passasse. Mas não para um menino de dez anos.

– Tudo bem, amiguinho – disse Twiddlesticks, dando um impulso em Peter. – Aterrisse com cuidado.

Peter se espremeu entre os mastros quebrados e remos estilhaçados (e, ao fazê-lo, arranhou várias farpas para ele e Sir Tode). Ele chegou ao outro lado e pulou no chão, sem fazer qualquer barulho.

– Estou dentro – ele sussurrou, através da parede.

– A escada fica à sua esquerda – ele ouviu Twiddlesticks dizer. – Estarei esperando você na descida.

Peter manteve a mão na parede, enquanto, de modo sorrateiro, seguia pela fortaleza. A descrição de Bogie não fizera justiça ao local. Embora tivesse mencionado que o quartel era cheio de corvos adormecidos, não explicou que o quartel era o Ninho *inteiro*. Peter equilibrou seus nervos ao ouvir milhares de pequenos batimentos cardíacos; cada um pertencente a um pássaro mortal dormindo em seu poleiro. Ele sentiu Sir Tode tremendo através do saco. O menino enfiou a mão lá dentro e afagou as orelhas do cavaleiro.

– Calma – sussurrou ao amigo. – Estou com tudo sob controle.

O pé de Peter chegou a uma escada frágil. Ele se ajoelhou e colocou o ouvido no primeiro degrau, testando com os dedos os lugares que podiam ranger. E fez isso com cada degrau, subindo cada vez mais alto, acima dos pássaros que dormiam.

Na metade da subida da torre, ele chegou a uma abertura na parede. Dava pra ouvir Twiddlesticks andando de um lado para outro, na areia abaixo. Atrás dele estavam Patch, Cough e Bogie, enfiando os últimos guardas nos sacos. Peter pegou um pedaço de corda, que havia sido tecida com inúmeros tipos de cabelo, e jogou a ponta para baixo. Twiddlesticks pegou a corda e logo estava com Peter, dentro do Ninho. Sem uma palavra, os dois ladrões prosseguiram escada acima.

Eles chegaram ao deque do alto, onde encontraram uma grande varanda que se estendia pela parede dos fundos. Por todo lado havia equipamento náutico espalhado, redes de pesca, bússolas, sextantes e velas. Exatamente como Bogie dissera, uma porta trancada estava no canto dos fundos. Peter não conseguia sentir odor de nenhum tesouro, mas o aroma dos olhos fantásticos era forte o suficiente.

– Esse é o local – ele disse.

Twiddlesticks estalou os dedos:

– Muito bem, amorzinhos. Hora de brilhar – já tinham decidido que ele ficaria com os cadeados externos, enquanto Peter cuidaria do trinco do meio. Ter sido designado para o fecho mais difícil fora uma grande honra, e Peter não pôde deixar de se sentir orgulhoso ao enfiar o dedo no buraco estreito da fechadura e começar a trabalhar no ferrolho.

A operação foi concluída em menos de dez minutos.

– O trinco foi um trabalho e tanto – disse Twiddlesticks, empurrando a porta para abri-la. – Não teria conseguido sem você, amiguinho.

– Vamos apenas encontrar minha caixa e dar o fora daqui – àquela altura, Peter achou que seria seguro deixar o cavaleiro sair do saco. Ele o abriu para que Sir Tode pudesse olhar em volta. – Nem uma palavra – sussurrou. – Não posso deixar você andar; suas patas fazem barulho demais.

Sir Tode olhou em volta, o ambiente iluminado pela lua. A sala de tesouros era bem pequena, e ele não pôde deixar de pensar que parecia mais uma sala de armamento do que qualquer outra coisa. Não havia joias, nem belos talheres, apenas pilhas e pilhas de facas, arpões e remos afiados. Ele olhou Peter, acima, mas o menino estava focado demais na procura de sua caixa para notar o fato estranho. Nem pareceu notar quando Bogie, Patch e Cough entraram na sala, depois de Twiddlesticks. Agora, os quatro estavam pegando braçadas de armas e jogando pela janela, na areia abaixo.

– É... Peter... – Sir Tode sussurrou.

– Shh! – estrilou o menino. – Você não sabe sussurrar como ladrão. Se acordar os corvos, estaremos todos mortos – Peter voltou a tatear seu caminho pela sala. Suas mãos ágeis ainda procuravam pela caixa, quando se deparou com uma lâmina afiada. – Ai! – ele gritou, chupando o sangue do corte da palma de sua mão. – O que um arpão está fazendo na sala de tesouro? – os outros ladrões estavam ocupados demais com seu próprio trabalho para dar qualquer atenção à sua pergunta.

Sir Tode tentou de novo.

– Peter, *de fato acho* que você deve...

– Achei! – ele exclamou. E, de fato, havia encontrado. Sobre uma mesinha, no centro da sala, estava a caixa do caixeiro-viajante; ao lado, o anzol. Peter pegou de volta sua arma, depois abriu a caixa, verificando, para assegurar-se de que os seis olhos estavam ali dentro. – Agora, vamos dar o fora daqui – ele disse, baixinho.

– Não tão depressa, amiguinho – disse uma voz atrás dele. Antes que Peter pudesse se mexer, um punhado de dedos oleosos o pegou pelo pescoço. – Foi formidável de sua parte arranjar um plano para entrar no poleiro desse jeito, mas acho que vou assumir o leme daqui em diante.

Peter relutou contra o apertão.

– Twiddlesticks?

– É bom voltar a ter uma lâmina na mão – o ladrão pressionou um punhal enferrujado contra a garganta de Peter. – Esse trabalho ficou muito maior que seu pequeno furto.

Agora, por que você não nos dá o que tiver dentro dessa sua bela caixa? Faça isso, e poderei até deixar que lute do nosso lado.

– Seu *lado*? – Peter estava prestes a dizer algo inocente, como “Estou confuso, que lado?”, quando foi interrompido por um grito vindo de fora.

– Emboscada!!!

Os quatro ladrões dispararam rumo à janela e olharam para baixo.

– É Clipper! – disse Bogie. – Aquele traidor nojento!

O velho ladrão atravessava as dunas abanando os braços e gritando com toda força.

– Emboscada! – uivava Clipper. – Eles vieram para matá-los, passarinhos! Acordem! Acordem...! – Peter ouviu um som de alguém agarrando o homem que gritava. Houve ruídos de luta, depois, nada.

– Parece que o velho CrossStich o pegou! – disse Bogie, radiante. Mas era tarde demais, os gritos de Clipper já tinham acordado os corvos.

Os ladrões ouviam os grasnidos confusos no alojamento abaixo.

– Titus? Aaron? – gritou o Capitão Amos, parecendo alarmado. – Vamos, irmãos! Estamos sendo atacados! – a fortaleza sacudiu conforme todos os pássaros ali dentro saltaram de seus poleiros para entrar em formação.

– Vocês ouviram o capitão! – Twiddlesticks disse a Patch, que estava segurando uma buzina de nevoeiro. – Reunir a malandragem! – Patch levou a buzina aos lábios e soprou um longo apito.

Lá embaixo, centenas de selvagens enlouquecidos rugiam, e homens peludos pulavam de seus esconderijos na areia. Eles vieram correndo pelas dunas, pegando as armas que pudessem encontrar. Brandindo suas facas e seus arpões, os prisioneiros dos Desertos Justos irromperam no Ninho.

A areia iluminada pela lua, que momentos antes estivera quieta, foi transformada quase de modo instantâneo num sangrento campo de batalha. Gritos ecoavam pelas dunas conforme as lâminas atingiam os pássaros. Com a ajuda das armas recém-devolvidas, os prisioneiros foram capazes de abrir com facilidade um buraco na base do Ninho. Agora, os bandidos abriam caminho pela escuridão, assassinando qualquer coisa que se movesse. Os corvos eram grandes guerreiros, porém, confinados pelas paredes, não tinham espaço para atacar, tampouco altura para fugir.

– Vida longa ao verdadeiro rei! – gritou o Capitão Amos, acima do tumulto.

– E vida longa à sua Linhagem! – as tropas ecoaram, enquanto batiam as asas e bicavam os agressores.

A essa altura, Peter e Sir Tode tinham fugido para o terraço aberto e estavam tentando achar a escada.

– Minha nossa – disse o cavaleiro, olhando a carnificina através dos vãos do piso –, é

um massacre!

Isso nem precisava ser dito a Peter, que podia ouvir os grasnidos dos corvos morrendo por toda parte. Agarrando-se ao terraço tentou se acalmar. Era isso que queria, não era? Os corvos eram maus, e ele tinha que detê-los. Por mais que o menino repetisse isso para si mesmo, não conseguia se livrar da sensação de ter deixado que algo terrível acontecesse.

– Peter! – Sir Tode chamou sua atenção. – Temos de sair daqui! Os pássaros estão vindo em nossa direção!

Uma tropa de corvos irrompeu no terraço, varrendo os dois com farpas de madeira.

– Perto do posto de vigia! – um deles grasniou. – Estão com os estranhos cercados!

– Matem os traidores! – outro gritou.

Twiddlesticks e os outros ladrões formaram um círculo fechado para se protegerem dos ataques. Peter, que ficou preso no meio daquela formação, rastejou passando pelo meio das pernas dos homens e seguiu para a escada. Ele estava tão tomado pelo tumulto da briga que não percebeu que seguia na direção errada, direto para a beirada do terraço.

Sir Tode, que ainda estava nas costas, no saco de Peter, olhou bem na hora.

– Peter, pare!

O menino congelou, com o coração disparado.

– O que é? O que você está vendo?

– Há um declive íngreme à sua frente. E fica acima de um precipício enorme!

Peter recuou da borda. Quase os levara diretamente para a morte.

– Podemos pular para o outro lado? – ele perguntou.

– Minha nossa, não! – palavras não podiam descrever a extensão daquele vácuo diante deles. Eram quilômetros de comprimento e outros tantos de profundidade. Era essa a faixa negra que Sir Tode vira no horizonte a leste. – Mal consigo avistar o outro lado – ele disse.

Pela primeira vez, desde a aterrissagem nos Desertos Justos, Peter compreendeu como era impossível escapar daquela prisão.

O combate rugia ao redor deles. Parecia que os corvos estavam começando a dominar a luta. A batalha tinha deixado vários buracos na parede no ninho, que lhes davam a possibilidade necessária de manobras para a batalha. Eles mergulhavam sobre os ladrões em ondas sucessivas de ataques. O Capitão Amos, que tinha voado até o terraço, bicava Twiddlesticks com voracidade.

– Morra, traidor!!! – berrava a cada investida do bico.

Os pássaros batiam asas ao redor de Peter e Sir Tode, quase levando-os à beirada do terraço.

– Para trás, vilões! – o cavaleiro gritava, batendo suas patas dianteiras para manter os atacantes a distância.

Peter estava oprimido pelo caos. Seus sentidos aguçados falhavam em meio aos ruídos repulsivos, os odores pútridos e os movimentos bruscos ao redor. Tirou o anzol do saco e fracamente o golpeou no ar. Começou a temer que fossem bicados até ficar em pedaços, ou lançados ao precipício. Cobriu os ouvidos, tentando abafar o barulho, mas era inútil.

– Não sei o que fazer! – falou, contendo o choro. – Não consigo entender nada do que estou ouvindo.

– Não vamos aturar isso! – disse Sir Tode afastando as mãos de Peter dos ouvidos. – Invadimos este lugar para pegar os olhos fantásticos; acho que temos de colocá-los em uso!

A ideia de usar os olhos assustava Peter. Da última vez que experimentara um par, segundo ordens de Sir Tode, quase fora morto. Porém, que outra opção tinham? Ele tirou a caixa do saco, abriu a tampa e enfiou a mão lá dentro. No entanto, quando tocou os olhos, sentiu que suas mãos tremiam demais para saber a diferença entre eles.

– Ajude-me! – ele gritou. – Não sei que par usar!

O cavaleiro foi ao chão e galopou até o lado de Peter.

– Fique calmo e me deixe pensar – olhou os três pares. Os pretos estavam fora de questão, e, até onde sabia, os verdes eram tão ruins quanto. – É melhor nós ficarmos com o par que conhecemos – constatou. Sir Tode estava usando a palavra “nós” quando, na realidade, queria dizer “você”. Já tinha concluído que sua única preocupação era levar Peter para longe, em segurança, mesmo que significasse ficar para trás. Pegou os olhos dourados com os dentes e tentou pensar numa maneira de o menino usá-los a fim de se livrar dos corvos e prisioneiros, mas, de onde estava, tudo que podia ver era um deserto sem fim e um precipício sem fundo. Então, avistou o reluzir de algo metálico atrás dele, algo que tinha sido resgatado de um dos barcos destruídos.

Sir Tode soltou os dois olhos nas mãos trêmulas de Peter.

– Quero que você se concentre na minha voz – ele instruiu. – Vou tirá-lo daqui, mas, primeiro, preciso que você me acompanhe *bem atentamente*. Peter concordou, anestesiado, e pôs a mão nas costas de Sir Tode. E seguiu o cavaleiro batalha adentro.

O telescópio estava montado numa prancha longa, apontado acima do abismo, como um trampolim de mergulho. Sir Tode esperava que a madeira apodrecida fosse forte o suficiente para suportar o peso deles. Acalmando os nervos, colocou uma pata na superfície e projetou-se acima do precipício.

– Você tem sorte de não ver isso – ele disse, olhando a escuridão abaixo. Eles finalmente chegaram ao telescópio, que estava apontado para o horizonte. O cavaleiro não podia ver o que havia lá fora, mas *talvez* aquele dispositivo *pudesse*. Ergueu-se sobre as patas traseiras e estreitou os olhos através do telescópio; a distância, pôde identificar um leve contorno de uma torre, em contraste com a luz do prenúncio do amanhecer.

Sir Tode se abaixou.

– Ouça com atenção, Peter. Preciso que posicione os olhos dourados de modo que

fiquem vendo o telescópio. Agora estabilize as mãos, não podemos falhar.

Antes que Peter pudesse dizer qualquer palavra em desacordo, Sir Tode subiu em seus ombros, permitindo que tivesse acesso ao telescópio. O menino esticou a mão, pressionou o primeiro olho dourado no telescópio e pôde sentir a prancha cedendo sob o peso dos dois.

– Pegue o estranho! – Peter ouviu uma voz gritar. – Ele está na torre de vigilância! – os pássaros revoavam acima e abaixo deles. As garras choviam como granizo negro, beliscando seu braço e sua roupa.

Twiddlesticks rolou pelo terraço e cravou a lâmina no peito do pássaro caído.

– É do garoto que estamos atrás. Pegue-o! – uma horda de prisioneiros seguiu seu comando vindo em direção a Peter. Com a faca nos dentes e um saco aberto nas mãos, um ladrão da frente veio rastejando sobre a tábua. A madeira rangeu com o peso adicional, e Peter achou ter ouvido o estalo de um prego enferrujado.

– Uma vez e nunca mais! – grasnou o Capitão Amos, mergulhando e derrubando o homem da beirada; seu grito continuou abaixo, até se dissipar no nada. Peter sentia os corvos formando um círculo apertado ao redor de si e de Sir Tode. A manobra o confundiu; parecia que os corvos estavam tentando *protegê-lo*, mas isso não fazia sentido.

– Sir Tode, o que está acontecendo? – ele gritou.

– Eles estão tentando nos jogar no abismo! – o cavaleiro murmurou, enquanto debatia as patas no ar. – Ande logo com esses malditos olhos!

Peter segurou o segundo olho junto ao telescópio, deixando que visse o horizonte distante.

– Pronto – ele disse.

O Capitão Amos veio voando em direção a Peter.

– Espere, estranho! – ele grasnou, acima do ruído. – Há algo que você precisa saber! A Justiça lhe trouxe para...

– Agora! – Sir Tode pulou dos ombros de Peter, afastando o pássaro. – Coloque os olhos *agora*!

Ao comando, Peter colocou os dois olhos dourados na cavidade ocular. Piscou, e os sons da batalha desapareceram como por encanto. Peter sentiu-se caindo a céu aberto, até que pousou de cabeça numa rocha, e o mundo caiu em silêncio.

— PRIMEIRA PARTE —

ônix



O palácio perfeito

PETER ACORDOU E Sentiu-se deitado numa cama macia. Na verdade, era tão macia que por um momento achou que estivesse de novo flutuando no Lago Turbulento. A caixa dos olhos fantásticos estava seguramente presa em seus braços. Seus músculos estavam doloridos e ele sentiu uma pressão no peito onde as dobradiças haviam pressionado o osso torácico. Devagar, afastou os dedos da madeira e massageou os braços rijos, trazendo-os de volta à vida. Por quanto tempo teria segurado a caixa daquela forma? Só por segurança, abriu a tampa e verificou, para ter certeza de que os olhos ainda estavam ali. O par preto e o verde estavam nas respectivas cascas de ovos, como sempre. Por um instante, entrou em pânico. Onde estavam os olhos dourados? Mas então tocou as pálpebras inchadas e percebeu que estavam seguros na sua cavidade ocular. Tirou-os e os colocou com os outros na caixa.

Tirando o edredom grosso, Peter tentou identificar os arredores. O cômodo cheirava a algum tipo de perfume enjoativo que, sem dúvida, tinha um nome de flor. Segundo seu olfato, não havia ninguém por perto. Levantou-se, mas logo ficou tonto. Apalpando a cabeça, descobriu que estava com uma bandagem reforçada. Teria se ferido? Com que gravidade? A bandagem não tinha sido um trabalho de especialista. Parecia que alguém, era muito provável uma criança, tinha pegado uma bola de trapos e enrolado em sua cabeça de qualquer jeito. Puxou o curativo e encontrou um corte profundo no topo da cabeça. O corpo do garoto se contraiu ao tocar com os dedos o ferimento. O sangue tinha vários dias. Peter ficou imaginando há quanto tempo estaria naquele lugar estranho.

– O-olá? – disse, caindo para trás no travesseiro fofo. Não houve resposta. – Alguém pode me responder? – nada de resposta.

A última coisa que Peter podia lembrar era estar nos Desertos Justos. *O que teria acontecido?* Lembrava vagamente algo sobre os corvos, os ladrões e...

– Sir Tode? – ele chamou, baixinho. Peter não conseguia ouvir nem sentir o cheiro do amigo por perto. Eles tinham pulado, juntos, num grande abismo. Tentaram usar os olhos dourados para fugir juntos, mas agora Peter estava sozinho. A cabeça do garoto começou a latejar e ele esticou a mão para se equilibrar. Recordava-se de algum tipo de batalha no

Ninho. Houve caos e gritaria ao redor deles. Lembrava, de modo um tanto remoto, de pássaros revoando em sua defesa, e ainda do líder, Capitão Amos, tentando lhe dizer algo...

Decididamente havia partes faltando naquele quebra-cabeça. Falando em quebra-cabeça, Peter se lembrou da rima. Respirou fundo e se concentrou em retirar as palavras da mente nebulosa:

Reis há de sobra; príncipes, nem tanto.

Os corvos se dissiparam e o mar recuou seu manto.

Só um estranho aliviará nosso coração,

Mas a treva reinará, a menos que ele seja...

– Minha nossa! – gritou uma voz atrás dele. – Você não pode se levantar, está *doente*!

Peter engoliu em seco, surpreso. Não tinha percebido que havia alguém por perto.

– Quem é você? – ele disse, virando-se.

Uma voz terna riu.

– Ora, senhor! Acho que a pergunta mais apropriada é quem é você? – ao ouvi-la, Peter pôde notar que não faria mal algum. Mas de onde ela viera? E por que o chamava de senhor?

– Eu? – ele respondeu, gaguejando. – Meu nome é... *Justice*. Justice Trousers.

Você precisa se lembrar de que Peter, em geral um cascadeiro habilidoso, estava sofrendo de um expressivo ferimento na cabeça, o que o impediu de arranjar algo mais convincente.

– Justice? – a mulher pensou por um momento. – Acho que nunca ouvi esse nome. O que significa?

– É apenas um nome – Peter mentiu novamente. A verdade era que isso fora a última de coisa de que ele se lembrava antes de escapar do Ninho.

– Bem, é um prazer conhecê-lo, sr. Trousers! Meu nome é sra. Molasses. É uma palavra antiga que significa felicidade e gentileza. – Peter sabia muito bem que não significava aquilo; na verdade, era uma palavra para um tipo de negócio açucarado usado em relógios de amulheta e doces, mas achou que seria rude contradizê-la. A mulher continuou: – O senhor é mais do que bem-vindo à minha casa, mas insisto para que se deite. Simplesmente não posso deixar que o senhor fique sangrando por todo meu chão limpo – com isso, ela o pegou pelos ombros e o forçou a se deitar de novo sobre o travesseiro. – O senhor me deu um susto – ela disse, bufando ligeiramente. – Nossa, com aquele sangue terrível por todo lado, é um milagre que eu tenha conseguido limpar antes que as manchas se instalassem!

Peter sentiu a massa gigante de panos enrolados ao redor de sua cabeça e concordou em silêncio. Enquanto a sra. Molasses o colocava de volta na cama, o menino pôs os sentidos

para trabalhar da melhor forma que suas condições permitiam. A julgar pela voz, dava para sentir que a sra. Molasses era, sem dúvida, uma adulta. E tinha o mesmo perfume que o restante do ambiente. Suas mãos eram rechonchudas e macias, e ela demonstrou um pouco de falta de ar quando puxou as cobertas de Peter. Tudo indicava que devia ser o tipo de pessoa a quem chamam de “animada”.

– Que palavras eram aquelas que você estava falando quando entrei no quarto? – ela perguntou, afofando um travesseiro. – Pareceram tão bonitas, tão *estranhas*...

– O que eram? – a dor em sua cabeça agora era um latejo, mas a cada minuto que passava ia ficando cada vez mais aguda. – Só uma... rima infantil – ele disse em meio a um bocejo.

– Infantil? – ela pensou a respeito. – Acho que também nunca ouvi essa palavra, mas gosto muito de rimas. Por que você não descansa um pouco e depois nós podemos *rimar* juntos? – e, assim, a sra. Molasses puxou as cobertas ao redor de Peter e o deixou sozinho para adormecer, o que aconteceu quase que imediatamente.

>>>

Quando Peter acordou, entrou em pânico.

– Os olhos! – ele gritou, dando um salto do travesseiro. Seu corpo inteiro estava banhado de suor, e seus braços estavam vazios. A última coisa de que conseguia se lembrar era que a caixa estava apertada junto ao seu peito. Lembrava-se de modo vago de uma mulher estranha que entrara e o cobrira, algo que nunca ninguém fizera. E, agora, a caixa tinha sumido. Fora tudo um truque, e ele caíra direitinho. Peter se moveu para ficar de pé e vasculhou o quarto. Remexeu gavetas vazias e revistou o chão imaculado, mas não encontrou sinal algum dos olhos.

– Como pude ser tão imbecil? – falou, batendo uma gaveta. – A essa hora, aquela mulher provavelmente está a quilômetros de distância!

– Oieeee! – surgiu uma voz animada atrás dele. Peter tomou um susto e cambaleou à frente. Aquela era a segunda vez que a sra. Molasses conseguia chegar até ele de modo sorrateiro. Peter desconfiava que isso era porque ela e o quarto estavam ambos com o mesmo perfume horrível. O troço parecia estar funcionando como uma camuflagem que, aliada aos passos surpreendentemente leves, tornavam a mulher difícil de rastrear. – Estava no meu cantinho da limpeza – ela disse, tirando a caixa que trazia embaixo de um dos braços, devolvendo-a a Peter. – Estava tão suja! Pensei em dar uma limpadinha. Está novinha em folha!

Ele checkou o fecho em busca de arranhões.

– Você não abriu, não é?

A mulher soltou uma gargalhada e sacudiu o dedo.

– Ah, ah! Muito engraçado, senhor. Ela tem um *cadeado* na frente; ninguém consegue abrir essas coisas! Honestamente, não vejo por que o senhor guarda uma caixa dessas, já que é impossível ver o que tem dentro.

Peter não entendeu direito o que ela queria dizer, mas achou melhor não discutir.

– Eu tenho a chave – ele explicou.

– Chave? – ela catou algumas folhas caídas de uma figueira plantada no canto. – Outra de suas palavras tolas? O senhor por certo vem de um lugar esquisito, sr. Justice Trousers.

Conversar com aquela mulher fazia a cabeça de Peter doer, mas ele decidiu perseverar, esperando descobrir algo de sua situação atual.

– Onde estamos? O que é esse lugar?

– Não é um lugar, senhor, é um *palácio* – ela suspirou. – O palácio mais perfeito do mundo!

– Há quanto tempo estou aqui neste palácio?

– Bem, quando o encontrei, o senhor estava deitado no meio do meu pátio, sangrando como um chafariz – explicou. – Eu o levei para casa, fiz curativos em seus ferimentos e o coloquei para dormir bem aí, nessa cama. Três dias depois, o senhor acordou e se apresentou. Lembra-se disso? Depois, dormiu mais dois dias, e aqui estamos nós!

– Estou aqui há cinco dias? – ele perguntou, relutando com a matemática.

– Não, *três dias*, depois *dois*. Cinco é algo totalmente diferente... eu acho.

– E tem certeza de que eu estava sozinho? – Peter estava ansioso para descobrir o que tinha acontecido com Sir Tode.

– Sozinho, como uma gota de limão – ela respondeu.

O menino abaixou a cabeça. Seu amigo não conseguira atravessar o abismo. Pelo que sabia, Sir Tode ainda estaria lutando aquela batalha terrível, e era tudo culpa sua. O pensamento o deixou repleto de dor, dores gêmeas da solidão e da culpa.

– Falando em gota de limão – a sra. Molasses prosseguiu com alegria –, você está com fome?

Embora Peter se sentisse aflito para pensar em comer, seu corpo discordava, e reagiu à pergunta com um ronco bem alto.

– Acho que estou – ele respondeu, constrangido.

A sra. Molasses espalmou as mãos.

– Ah, que esplêndido! Então, venha, senhor Trousers. Tenho um agrado para o senhor!

>>>

Peter e a sra. Molasses seguiram por longos corredores e escadarias, todos cheirando a sabão fresco. Havia portas perfiladas em todos os corredores, demarcando um lar separado para cada cidadão.

– Perceba como esses saguões são limpos à perfeição! – ela dizia, estendendo os braços à esquerda e à direita, conforme eles seguiam. – O próprio rei verifica para que sejam limpos toda noite! – Peter já tinha removido o curativo da cabeça e estava com a

bandagem habitual ao redor de suas cavidades oculares vazias. Se a sra. Molasses tinha notado a mudança, preferiu não mencionar. Peter passava de um lado ao outro, enquanto caminhavam, tentando absorver cada detalhe que podia. Havia muita gente em volta. Todos estavam com cheiro bom e pareciam felizes. A cada intervalo de alguns metros, a sra. Molasses parava para apresentar seu hóspede a outro vizinho.

– Oieeee! Sr. Bonnet! Este é meu novo amigo, o sr. Trousers... Eu o encontrei agonizando em meu pátio!

– Prazer em conhecê-lo, senhor! – a pessoa exclamava, apertando com vigor a mão de Peter. – Sempre ficamos felizes em ter visitantes aqui no palácio! – uma pausa inevitável viria depois, e então: – Na verdade, nunca *tivemos* nenhum visitante antes... mas com certeza estamos muito felizes em tê-lo!

Seguiram até um caminho abobadado que, Peter achou, podia ser uma ponte. Sir Tode teria dito o que estaria vendo, mas agora ele se fora. Constrangido, o menino percebeu o quanto subestimara o amigo no deserto. Sir Tode tinha tentado alertá-lo para não confiar nos ladrões, mas ele não ouvira. Tratara o cavaleiro como pouco mais que um obstáculo; enfiara-o no fundo de um saco! Apesar de tudo, Sir Tode se sacrificara para que Peter pudesse concluir a busca. E ele jurou a si mesmo que faria exatamente isso.

– Custe o que custar – sussurrou.

Seu primeiro passo seria verificar se aquele era, de fato, o Reino Desaparecido. Pelo que dava para sentir, o palácio lembrava a descrição do Professor Cake. Havia um muro coberto de vinha do lado de fora. Terraços, pontes e escadarias em todas as direções. Cada centímetro do palácio era esculpido em rocha sólida e ornamentado com lindos jardins.

– Deve ter levado um bom tempo para construir esse palácio – ele disse à sra. Molasses.

– Ah, anos e anos! – ela respondeu. – Nosso rei fez tudo isso com as *próprias* mãos. Imagine só, senhor Trousers!

– Por que me chama de senhor? – Peter indagou. Essa dúvida, em particular, o vinha incomodando há algum tempo.

– Porque o senhor é um *homem*, sr. Trousers – ela explicou –, embora seja bem pequeno. Mesmo assim, em nosso reino, chamamos todos os homens de “sr.” e todas as mulheres de “senhora”. Agora, não sei como funciona no lugar de onde o senhor vem – ela resfolegou, tocando seu braço. – Nossa! Eu espero que não seja o contrário! Deve ser muito constrangedor!

– Não, também é como aqui. Todos me chamam de senhor – Peter não prolongou o assunto. Ainda assim, era estranho que aquela mulher falasse como se ele fosse um adulto. – Sra. Molasses, quantos anos a senhora tem? – ele perguntou, sem saber que perguntas desse tipo jamais devem ser feitas a mulheres animadas.

– Anos? – ela perguntou.

– Quando é seu aniversário?

– Aniversário? Não tenho certeza se o compreendo. Essa palavra parece *bem* familiar,

mas... aniversário... aniversário...

– Esqueça – Peter disse. Ele não tinha certeza se sabia explicar o que era aniversário para alguém que já não soubesse.

– Ah! – a sra. Molasses estalou os dedos. – Aposto que você quer saber onde é nosso *lavatório*. Está correto?

– É... sim. Eu nunca me esqueço de lavar as mãos antes de comer – disse o menino, contando sua mentira menos convincente até hoje.

A sra. Molasses levou Peter até um banheiro ao longo do corredor. Ele percebeu que até os banheiros tinham cheiro de limpeza e frescor. Peter lavou a palma da mão direita, que sofrera um corte cruel durante a luta no Ninho. A dor o levou àqueles momentos finais e aterrorizantes no terraço, empoleirado acima do precipício. Garras que o pegavam pela roupa. Lembrou-se da voz de Sir Tode em seu ouvido. O peso das patas do amigo quando o cavaleiro pulou de seus ombros. “Coloque os olhos, agora!”, ele gritara, quando a tábua se partiu entre eles...

– Oieeee, sr. Trousers! – a voz da sra. Molasses ecoou do corredor de fora. – Não vamos querer perder nosso jantar!

Peter forçou-se a participar daquilo. E saiu, secando as mãos na camisa (como fazem os menininhos). Seguiu a sra. Molasses até o Salão de Refeições.

O lugar era um pátio aberto imenso, cercado por pilares de pedra. Peter podia ouvir a água escorrendo dos tubos acima. A água fluía por um córrego raso que passava por baixo de pontes ao redor. O centro do piso era ocupado por uma mesa enorme, grande o suficiente para centenas de pessoas. Ao contrário de todo o resto que havia no palácio, essa mesa era feita de madeira. Bem no centro de sua superfície havia uma abertura com um fosso cheio de água. Travessas enormes flutuavam na superfície, repletas de comida de todo tipo imaginável. As pessoas riam e conversavam, sentadas em seus lugares ao redor da mesa.

Peter podia ouvir uma dúzia de pássaros em seus pedestais. Eles não assobiavam, como estava acostumado a ouvir; ao contrário, *cantavam* de fato. As vozes ecoavam em perfeita harmonia:

Um fim perfeito, para um dia perfeito,

Amamos nosso rei, que é nosso eleito!

Peter ouvia, enquanto faziam um rápido intervalo e começavam a cantar novamente. E de novo. E de novo. Notou que pareciam ficar murmurando a frase sobre o rei sem interrupção.

“*Esses pássaros entendem de rima*”, pensou consigo. “*Será que talvez poderiam me ajudar a descobrir como termina minha charada?*”. Cada voz gorjeada era acompanhada por um tinido que os ouvidos do mestre da ladroagem não sabiam identificar. Ele resolveu investigar o som após o jantar. Enquanto isso, sentia o cheiro do banquete flutuando à sua frente, e seu estômago exigia o que lhe era devido.

Peter tomou seu lugar e começou a servir seu prato de comida, mas antes que pudesse dar uma garfada, a sra. Molasses e uma mulher chamada sra. Sunshine (ensolarada) pegaram uma de suas mãos. A mesa toda ergueu os braços, dizendo:

– Vida longa ao rei! – os pássaros acompanharam, ainda que menos entusiasmados.

Vida longa ao rei. Peter ficou matutando as palavras. Havia algo familiar quanto àquela frase. Não era o grito de formação dos corvos nos Desertos Justos? Mas, de alguma forma, era diferente a maneira como a sra. Molasses e seus amigos a diziam.

A comida tinha o cheiro que a sra. Molasses descrevera: absolutamente perfeito. Os crepes de mel eram grossos e macios. O lombo estava perfeito e suculento. Para beber, todos tinham taças de creme. Era um banquete que ia além da imaginação de Peter, mas, cada vez que dava uma garfada, suas glândulas salivares captavam um amargor sob a superfície. E, independentemente do quanto ele bebesse, nunca conseguia se livrar do gosto ruim. Ainda assim, era comida, e seu estômago apreciava a atenção.

Peter servia-se de um prato após o outro, o tempo todo entreouvindo as conversas ao redor. Pelo que podia notar, o palácio todo se reunia para um banquete toda noite.

– Sem um banquete para finalizar, o dia não seria perfeito, não é? – dizia a sra. Molasses, limpando os lábios com um guardanapo.

Peter começava a concordar com ela quanto ao lugar ser perfeito. Todos eram educados, felizes e bem alimentados. Estava até se acostumando a ser chamado de “senhor”. Ele pensou o quanto sua vida teria sido melhor se alguém como a sra. Molasses o tivesse adotado, em vez do cruel sr. Seamus. Aquele palácio todo parecia ter sido tirado de seus sonhos... Bem, *não exatamente*. Assim como acontecia com a comida, também havia algo que o inquietava por trás dos pisos limpos e das vozes alegres.

Nesse instante, o ar foi cortado por um som ensurdecador. Um *beeeng* ecoou pelo pátio, sacudindo a fundação.

– Hora de dormir! Hora de dormir! – gritavam as pessoas, jogando taças e garfos, e levantando-se de imediato. Todas as vozes estavam pontuadas por um som inequívoco de terror.

Beeeng! O barulho ecoou de novo. Dessa vez, Peter o reconheceu como o sino de um relógio gigante, muito maior do que aquele com o qual crescera. Ele achou estranho não ter ouvido os ponteiros se movendo durante o jantar. O relógio bateu de modo repetido, sacudindo pratos e talheres.

– O que está acontecendo? – ele perguntou, conforme a sra. Molasses arrastava-o de seu lugar à mesa. – E quanto à comida? E a *sobremesa*?

– Não há tempo para perguntas! – ela o empurrava em meio à multidão. – Precisamos chegar em casa para deitar!

Apesar de seu tamanho, a mulher era surpreendentemente veloz, e Peter estava fazendo de tudo para acompanhá-la. Ele tentou fazer que a sra. Molasses fosse mais devagar, mas não adiantou. A cada badalada do relógio, ela e os outros ficavam cada vez mais

aterrorizados. Enquanto corriam de modo frenético por pontes e escadarias, o palácio perfeito era transformado num pandemônio.

A sra. Molasses virou uma esquina e enfiou Peter dentro de sua casa.

– Seguros! – ela entrou depois dele e bateu a porta, ainda ofegante, ainda tremendo. – *Nunca* se pode andar por aí, durante a hora de deitar, senão... – e, ali, suas palavras foram se apagando, como se um temor indescritível tivesse ficado preso em sua garganta.

– Senão o quê? – ele perguntou, baixinho.

A sra. Molasses engoliu o medo.

– Senão você não dorme o suficiente, sr. Trousers! – ela alisou o avental e prendeu novamente os cabelos. – Pra cama, agora!

Peter sabia que ela não estava dizendo a verdade. Como todos os adultos, a sra. Molasses cometeu o engano de achar que as pessoas acreditavam naquilo que lhes diziam. Mas Peter, mais até que os outros, tinha habilidade para perceber insinuações falsas, e, naquele momento, o tom alegre da sra. Molasses pareceu bem falso.

Ele seguiu sua anfitriã até o quarto de hóspedes. O grande sino ainda tocava.

– Nossa – ele exclamou, com sua voz mais inocente –, esse relógio gigante é elegante, com certeza.

– Relógio? – ela repetiu, confusa. – Ah, você quer dizer o sino da hora de dormir. Não ligue para isso. É só uma das mágicas do rei para nos ajudar a ir deitar – o menino estava confuso com a explicação. Ele nunca tinha ouvido ninguém se referir a um relógio como “mágica”. A mulher o ajudou a se deitar na cama, mudando de assunto. – Estou empanturrada! Aquele jantar não foi perfeito?

O sino da hora de dormir tocava suas últimas badaladas, e Peter ouviu um retumbar ao redor deles, por trás das paredes, embaixo do piso, acima do teto. Era como se as próprias pedras estivessem vivas. A sra. Molasses seguiu contente com seu trabalho, sem dar atenção ao tremor das plantas da casa e dos móveis.

O tremor parou de modo brusco, assim como tinha começado, terminando com um *tuf!* O som era familiar aos ouvidos de Peter, um cadeado tinha sido fechado na porta da sra. Molasses. Ele pôde ouvir outras dúzias de ruídos iguais, enquanto os cadeados iam sendo fechados ao longo do corredor. De alguma forma, o mecanismo do relógio estava fechando cada porta do palácio.

Por fim, o silêncio voltou. A sra. Molasses deu os retoques finais na cama de Peter, cantarolando com suavidade a canção dos pássaros durante o jantar:

Um fim perfeito, para um dia perfeito,

Amamos nosso rei, que é nosso eleito!

– Pronto, bem aconchegante! – ela disse, afagando a bandagem da cabeça de Peter. – E só em pensar que poderemos fazer tudo de novo amanhã! – Assoprou a vela e se dirigiu ao próprio quarto perfeito.



Uma conversa com Pickle

NEM DEZ MINUTOS Depois que a sra. Molasses tinha apagado a luz e seguido para seu quarto, Peter descobriu o que tanto assustara as pessoas no jantar. Havia um monstro no palácio.

Dava para ouvi-lo nos corredores lá fora. Ele se deslocava com um barulho horrível de raspagem, tilintar e arrastamento, que parecia ecoar eternamente. A voz era ainda pior... um uivo oco e infeliz que revirou o estômago de Peter e deixou seus braços arrepiados por inteiro, enquanto ouvia puxando as cobertas bem junto ao corpo. Seria disso que ele viera salvá-los?

Se havia algo que Peter achava ainda mais perturbador do que os barulhos terríveis vindos lá de fora, era o fato de a sra. Molasses estar dormindo profundamente no quarto ao lado. Não tinha como ela não estar ouvindo o monstro terrível, bem ali, do lado de fora da porta. No entanto, ressonava com tranquilidade em sua cama perfeita. Ele supôs que, depois de algum tempo, a pessoa pudesse se acostumar a qualquer coisa, por mais alto que aquilo rosnasse, gemesse e rugisse. Peter, no entanto, tinha perguntas demais para sequer pensar em dormir. E decidiu que seria melhor investigar. A julgar pelas precauções extremas de segurança do rei, ficava claro que o monstro era muito, muito perigoso; de outro modo, aquelas trancas gigantescas não seriam necessárias. “Se ao menos eu tivesse o meu anzol”, ele pensou, pela milésima vez naquela noite. Já tinha verificado seu quarto à procura de algo que servisse de arma, mas o melhor que podia fazer era arremessar um travesseiro.

Peter colocou a caixa dos olhos fantásticos embaixo do braço e, de modo sorrateiro, saiu para o hall. Quando chegou à porta da frente, ajoelhou-se e pôs o ouvido na superfície. Através do metal, pôde ouvir centenas de passos. Seria uma centopeia gigante? Não, Peter agora podia entender que aquilo que ele achava ser uma voz terrível era, na verdade, um coro de dúzias de vozes, todas gemendo e resfolegando. O menino esperou pacientemente

até que o monstro, ou monstros, tivesse desaparecido, depois pôs-se a trabalhar.

Para Peter, como nós sabemos, um cadeado normal, mesmo que capcioso, não chegava a ser intransponível, mas a fechadura da porta da frente da sra. Molasses estava muito além do comum. O mecanismo era feito com aço temperado e reforçado por engrenagens no portal.

– Quem faria uma porta que tranca de ambos os lados? – perguntou a si mesmo, baixinho. Desde que acordara no palácio, o garoto passava cada vez mais tempo falando em voz alta, consigo mesmo. Embora para algumas pessoas isso possa parecer um sinal de loucura, para Peter era mais um sinal de solidão.

O menino sabia que, sem as ferramentas apropriadas, não poderia abrir a porta, o que significava que teria de encontrar outra forma de sair da casa. Ele não conseguia achar nenhuma janela na parede da frente, mas percebeu uma brisa leve fluindo por baixo da porta do quarto da sra. Molasses. Ele girou a maçaneta e entrou.

A sra. Molasses estava dormindo em sua cama. Peter podia ouvir a mulher mexendo a cabeça, tendo algum tipo de pesadelo.

– N-não – ela gemia. – Dê-me ele de volta!

O ladrão mestre foi até a parede dos fundos do quarto à procura da fonte da brisa. O ar entrava por uma porta de tela que abria para um pequeno pátio. Ele saiu, tomando cuidado redobrado para não perturbar a sra. Molasses ao passar.

A temperatura no pátio estava fresca – na verdade, perfeita. Peter parou, aproveitando o luar em sua pele.

– Esse só pode ser o pátio onde a sra. Molasses me encontrou – disse, a si mesmo. Sair da casa perfumada significava que poderia enfim usar seu nariz outra vez. Ele respirou fundo... e sentiu o cheiro de Sir Tode!

Peter correu até o centro do pátio e pressionou o nariz nas pedras frias. Havia um pouquinho de sangue seco nas rachaduras da argamassa. Parte desse sangue pertencia a Peter, mas um pouco era de Sir Tode.

– Nós dois conseguimos atravessar – ele sussurrou, quase temendo expressar sua esperança em voz alta. – Mas como foi que nos separamos?

Ele estudou o solo em busca de mais pistas. Era possível sentir as marcas na pedra onde os dois tinham aterrissado; havia algumas penas de corvo que deviam ter vindo junto, quando eles foram transportados. Então, mais adiante, pôde sentir o cheiro de uma terceira pessoa, alguém que chegara de modo furtivo. Essa pessoa recendia a imundície, até pior que os prisioneiros dos Desertos Justos. Peter seguiu o rastro para reconstruir o que havia acontecido. O estranho tinha tentado pegar o saco de pilhagem de Peter, mas não houvera luta, e ele conseguira dominar o cavaleiro, fugindo para... onde? Peter seguiu o odor, mas não conseguia saber para onde o raptor teria ido. Era como se Sir Tode e o estranho tivessem desaparecido.

Em algum lugar, a distância, um rosnado malévolo sacudiu o ar. O som encheu Peter de

terror mais uma vez. Até onde sabia, um desses monstros havia capturado seu amigo. Se fosse o caso, ele só esperava que a criatura estivesse mantendo Sir Tode vivo, por enquanto; então, ao menos haveria uma chance de Peter salvá-lo.

Ele correu para o muro baixo que cercava o pátio. A julgar pelo vento que uivava abaixo, o outro lado era um penhasco. Ele jogou uma pedrinha por cima da borda e ficou ouvindo cair, cair, cair.

– Esse palácio dever ficar na beirada do mesmo precipício que os Desertos Justos, só que do outro lado.

– Claro que fica – respondeu uma voz baixa.

Peter girou, fechando os punhos. A voz era tão fraquinha que até seus incríveis ouvidos tiveram dificuldade para identificar de onde vinha.

– Quem é você? – ele perguntou.

– Eu lhe darei três tentativas! Agora chegue o pé pra lá para que eu possa continuar ciscando – Peter agachou e sentiu a base do muro. – Ei, tire a mão, seu abusado! – gritou a voz.

Peter pegou um besourinho que estava escondido numa fresta.

– É você quem está falando, não é? Você é um besouro falante!

– Ora, muito bem – disse o besouro. – O que o fez desconfiar?

Peter ainda era muito jovem para entender que o besouro, um tanto irritado por ter sido pego, estava caçoando dele, usando um pouco de sarcasmo.

– Só fiquei ouvindo de onde vinha sua voz – ele explicou. – Tenho ouvidos muito sensíveis.

– Ora, mas você é bem especial, hein? Imagino que agora queira um prêmio, não? Ouça, eu não ando por aí catando gente como você, portanto, que tal *me pôr de volta no chão*?!

– Desculpe. É que estou perdido. Sou novo aqui e preciso encontrar um amigo meu. Acho que ele foi raptado por um monstro.

– Claro, eu o vi – disse o besouro. – Um sujeito horrível, num saco, que foi agarrado por outros sujeitos horríveis. Foi uma briga e tanto. Chiados, asas batendo e tudo mais. Achei que eles iam me esmagar!

O estômago de Peter se retraiu ao se confirmarem seus piores temores quanto a Sir Tode.

– E depois, o que aconteceu? – ele implorou. – Para onde eles foram?

– Honestamente, não presto muita atenção a esses grandalhões. Assim que fiquei fora da distância de ser pisoteado, fui cuidar da vida. Falando nisso... tchau! – e, assim, o besouro rabugento pulou da palma da mão de Peter e fugiu.

Peter ficou em pé.

– Ora, mas essa foi uma conversa perfeitamente inútil – ele disse num suspiro.

Mas existe uma coisa maravilhosa nesse mundo chamada “previsão”. É uma dádiva estimada acima de todas as outras, porque permite saber o que o futuro reserva. A maioria das pessoas com poder de prever acaba tendo muito poder na vida, frequentemente tornando-se grandes soberanos ou bibliotecários. Tristemente, Peter, sendo um menino de dez anos, não tinha nenhuma capacidade de previsão. E, assim, prosseguiu caminhando, inconsciente de que sua chance de encontrar um inseto rabugento provaria ser nada menos que *transformadora*.

Embora não estivesse impressionado pelo besouro, Peter ficou imaginando se não valeria a pena procurar algum animal mais amistoso e observador para interrogar. Lembrou-se dos pássaros cantando no Salão de Refeições, durante o jantar. Talvez eles pudessem lhe dizer algo sobre os monstros, ou até sobre Sir Tode. Ele pegou a caixa de olhos fantásticos e seguiu para o corredor principal.

O pátio da sra. Molasses era desconectado do palácio principal, mas Peter teve pouca dificuldade ao escalar os muros cobertos de hera. E logo estava em pé, numa ponte que, se se recordava de modo correto, o conduziria ao centro do palácio. Ele retraiu sua rota feita mais cedo, naquele dia, tomando cuidado para ficar fora do caminho dos monstros que circulavam pelos corredores. De vez em quando, ouvia-os por perto; surgia um som agudo, seguido por centenas de gemidos horrendos, conforme as criaturas andavam por aquele corredor. Para Peter, parecia que eles também estavam seguindo caminho até o Salão de Refeições.

– Então, é melhor que eu me apresse – ele murmurou, dobrando a velocidade.

Peter chegou à passagem larga que ligava ao Salão de Refeições. Disparou à frente, mas, na metade do caminho, deu de cara com uma série de grades de ferro. O menino caiu para trás, derrubando a caixa de olhos fantásticos, que bateu ruidosamente nas pedras. Ficou de pé e esticou a mão à frente. A obstrução, que não estivera ali durante o dia, era parte do portão que separava o Salão de Refeição do restante do palácio. Passou os dedos pela beirada e deduziu, de modo correto, que o portão fazia parte do mesmo mecanismo que trancara a porta da sra. Molasses.

Embora Peter fosse um contorcionista talentoso, logo viu que os vãos eram estreitos demais para que conseguisse passar. A situação era enfurecedora, ele podia literalmente *sentir o cheiro* de seu destino alguns passos à frente. O menino pensou em encontrar uma entrada alternativa, mas achou arriscado demais com tantos monstros. Pegou a caixa de olhos e pensou como poderiam ajudá-lo. Talvez ele pudesse usar os olhos dourados para se transportar para o outro lado. Abriu a tampa e, ao fazê-lo, sua mão foi atraída pelo par negro. Peter os pegou, mas, quando as pontas dos dedos encostaram na superfície, ele resfolegou e recuou.

Aqueles não eram os olhos dourados.

Peter engoliu em seco e estendeu a mão até a caixa mais uma vez. Como se por uma força magnética, sua mão foi puxada de novo em direção ao mesmo par. Correu as pontas dos dedos sobre a superfície de textura lisa e estremeceu de terror. Era inquestionável,

deveria usar os olhos negros.

Você deve se lembrar de que a última experiência de Peter com esse par específico de olhos encantados deixou um gosto amargo em sua boca. Não fosse por Sir Tode, Peter por certo teria sufocado bem ali, no deserto. Mas dessa vez parecia diferente. Agora, os olhos o chamavam. Por mais aterrorizado que estivesse, no fundo Peter sabia que tinha de reagir.

Ele ergueu o par preto das cascas de ovo e fechou a tampa.

– Certo, vocês dois – ele disse. – Eu lhes darei outra chance, mas é bom que prometam não me matar – os olhos continuaram num silêncio preocupante. Peter deslizou a caixa para trás de uma coluna próxima e ficou de frente para o portão. Desatou a bandagem e respirou fundo. Colocou os olhos nas cavidades oculares e piscou.

Dessa vez, Peter não parou de respirar. Nem ouviu o som da água. Em vez disso, ao abrir as pálpebras, sentiu as mãos e os pés ficarem rijos. O solo embaixo dele começou a se transformar, expandindo-se como um imenso penhasco pedregoso.

– O que está acontecendo comigo?! – ele gritou, mas sua voz saiu bem fraquinha. Peter ainda não conseguia ver nada, pois estava cego como sempre, mas seu corpo inteiro estava diferente de alguma forma, seus dedos, inúteis, ele não conseguia nem saber o que estavam tocando. Além disso, estava com um gosto horrível na boca. O que era *aquilo*? Ele estava *lambendo* o chão? Espere, não era sua boca, eram seus pés! *Ele sentia o gosto do chão com os pés!*

Peter deslizava ao redor, tentando identificar sua localização, mas o corredor ficara enorme. Por mais que corresse, a parede imensa parecia nunca se aproximar.

– O que esses olhos fizeram comigo? – ele se perguntou, esticando a antena. – Ahh! – Peter gritou, percebendo que, de fato, tinha uma antena. O grande ladrão tinha acabado de se transformar num besouro preto brilhante.

Ser besouro exigia tempo para se habituar. Peter não estava acostumado a correr tanto para cobrir apenas uma pequena distância. Além disso, sua cegueira estava ainda mais difícil de administrar; de repente, precisava se acostumar a um novo conjunto de sentidos, paladar diferente, tato diferente, audição diferente, e estava destituído de qualquer senso olfativo. No entanto, logo descobriu como tatear seu caminho com os pés e a compreender o que sua antena lhe dizia.

Devido à sua mudança de tamanho, o portão já não era mais um problema. Peter rastejou por baixo das grades de ferro e logo estava do outro lado. Com rapidez, dirigiu-se à sombra e arrancou os olhos fantásticos com as patinhas dianteiras.

Dentro de segundos Peter Nimble era de novo um menininho. Amarrou a bandagem ao redor da cabeça e guardou os olhos pretos nos bolsos de sua calça, pensando no que tinha acabado de acontecer. O par dourado fazia com que fosse *transportado*; o par preto fazia com que fosse *transformado*. Mas por que um besouro? Por que o Professor Cake lhe dera essa estranha habilidade? Ele pensou na ocasião em que experimentou os olhos nos Desertos Justos. Sir Tode dissera que seu corpo estava se transformando, também naquela ocasião, mas de uma forma diferente; sua pele estava ficando toda pegajosa e ele não

conseguia respirar. Qualquer que fosse a resposta, o menino sabia que havia mais coisa nesse par do que os olhos podiam ver.

Peter entrou no Salão de Refeições e descobriu que ali também tinha sido transformado. O lugar estava um desastre absoluto. Havia comida e louça espalhadas por toda parte. Barquinhos de molho e pedaços de carne de porco já tinham estragado. O garoto enrugou o nariz ao passar por bolotas de creme e poças de queijo cheddar. O azedume que percebera quando estava comendo se tornara mais forte; agora podia sentir o cheiro exalando de todos os pratos virados.

– Quem poderia ter feito essa bagunça? – ele disse, resfolegando, consigo mesmo. Depois, lembrou-se do estado de pânico que se apoderou de todas as pessoas quando o grande sino ecoou. Ele ergueu o ouvido, tentando ouvir o movimento dos ponteiros do relógio, mas só ouvia um som constante de trituração.

O mestre da ladroagem seguiu seu caminho, atravessando o piso, até chegar a um pequeno pássaro, aninhado no alto de um pedestal de pedra, que dormia profundamente. Se o monstro tivesse carregado Sir Tode e tivesse passado por esse hall, talvez esses pássaros pudessem lhe dizer para onde eles tinham ido. Ele se lembrou de ter ouvido um tilintar fraco acompanhando os pássaros durante o jantar. Pesquisando com seus dedos, descobriu que o tornozelo da criatura estava fixado por um anelzinho dourado e uma corrente. Estariam eles sendo mantidos prisioneiros?

– Com licença? – ele sussurrou. – Eu preciso de sua ajuda.

O pássaro acordou, batendo as asas e gritando:

A manhã é perfeita como esperei.

Peter segurou o bico, antes que pudesse acordar os outros. Ainda assim, a criatura cantou com o som abafado, seguindo para a próxima frase.

Tomemos café e louvemos o rei!

O pássaro estava claramente aterrorizado e relutava, com toda sua força, para se soltar do apertão. Peter podia sentir seu coraçãozinho disparado enquanto debatia as asas em sua mão.

– Não vou machucá-lo – ele disse. Peter tentou correr o dedo ao longo da nuca do pássaro. Não tinha certeza se pássaros tinham nuca, mas o truque pareceu ajudar. Devagar, a criatura se acalmou.

– P-por que está escuro? – ele perguntou enfim. Pela voz e as penas curtas, Peter pôde notar que a ave era uma menina.

– Porque ainda não é de manhã – ele respondeu. – Estou aqui em busca de informação.

A pequena ave começou a tremer.

– *Eu não vi nada! Vida longa ao noss....!* – Peter segurou seu bico de novo. Temia que toda aquela cantoria fosse acordar os outros pássaros, ou, pior, chamar a atenção de quaisquer monstros que estivessem circulando pelos corredores.

– Eu não sou o rei – ele disse. – Estou aqui para libertar você e seus amigos, mas preciso que fique quieta, do contrário nós dois podemos ser pegos.

O pássaro parou de protestar.

– E-eu o vi, no jantar. Você é o visitante, o sr. Trousers.

– Sou eu – Peter enfiou a unha no pequeno cadeado, que abriu –, mas meu nome verdadeiro é Peter Nimble.

– Pickle Sparrow, senhor – ela fez uma reverência, esticando a perninha recém-liberta.

– Prazer em conhecer, Pickle. Eu estava torcendo para que você pudesse responder a algumas perguntas para mim sobre esse lugar.

A ave pensou por um momento.

– Primeiro, liberte minhas irmãs – ela falou com firmeza.

Peter se dirigiu a todas as outras aves e abriu os trincos ao redor dos tornozelos. Havia doze pássaros no total. Despertando, todos passaram a cantar de imediato, da mesma maneira que Pickle fizera. Ela fez o melhor para aquietá-las e explicou a situação. Quando descobriram que o estranho tinha aberto as trancas, pararam de cantar e olharam para Peter com grande admiração. Com uma reverência esmerada, pois eram todas aves fêmeas, cada uma piou seus agradecimentos e saiu batendo asas noite adentro.

Uma vez que as irmãs estavam distantes, Pickle pulou de volta para a palma da mão de Peter.

– Não temos muito tempo até chegar a Patrulha Noturna – ela falou. – O que você gostaria de saber?

Peter aprendera, de seu tempo com o Velho Sarnento, que a melhor forma de interrogar alguém é fazer todas as perguntas sobre ele; não há nada que as pessoas gostem mais de fazer do que falar de si mesmas.

– Eu queria saber por que você está acorrentada dessa maneira.

A ave esticou as asas.

– Estamos acorrentadas porque o rei não quer que fujamos.

Embora esse fosse o motivo habitual para prender alguém, Peter não conseguia imaginar como isso valia a pena. Que possível ameaça aqueles pequenos pássaros ofereceriam a um rei?

– Por que ele não quer que escapem? Tem medo de vocês?

– Ah, sim! – ela chegou mais perto. – Ele acha que podemos sair voando para buscar ajuda... e iremos mesmo! – ela respondeu, pavoneando-se, orgulhosa. – Mesmo que a jornada nos mate!

Peter ficou maravilhado com a coragem da pequena ave.

– Quando eu estava no jantar, ontem à noite, o grande relógio tocou e todos saíram

correndo. Por que isso?

– Senhor, eu não sei o que é um relógio. Porém, toda noite, o rei maneja um sino mágico. É para nossa própria segurança. As pessoas têm que evacuar os corredores antes que venha a Patrulha Noturna – quando ela terminou de falar, Peter ouviu um rugido ecoar num terraço próximo. O pássaro soltou um grasnido aterrorizado, aninhando-se na palma da mão do menino. – Agora são eles!

A Patrulha Noturna. Deviam ser os monstros que ouvira mais cedo. Peter pôde notar que estavam seguindo em direção ao Salão de Refeições; não restava muito tempo.

– O que, exatamente, é a Patrulha Noturna? – ele perguntou.

– Ah, eles são terríveis, senhor! Eles o devoram com pena e tudo! Por isso as pessoas trancam a porta à noite, para que a Patrulha Noturna não os pegue. Qualquer um que esteja circulando pelos corredores depois do toque de recolher corre perigo. Se a Patrulha Noturna o vir batendo asas por aí, o máximo que pode fazer é rezar para que sejam rápidos.

Peter achou que a Patrulha Noturna parecia bem semelhante a Pencil Cookson e sua gangue Mumblety-Peg, só que em maior proporção de maldade.

– Está dizendo que a Patrulha Noturna trabalha para o rei?

– Claro que trabalha. Eles são o exército particular do rei... Só que ele não é rei nenhum, é um tirano! Ele mantém todos os seus súditos trancados e nos obriga a dizer que o amamos. E se alguém discordar, ele manda a Patrulha Noturna à sua porta. E, pior de tudo – a voz dela se transformou num sussurro –, ele fez que todos esquecessem!

O tempo de Peter se esgotava. Agora, podia identificar o som de passos se arrastando e tilintando mais perto do corredor.

– Preciso que seja muito clara comigo, Pickle. O que ele fez que todos esquecessem?

– Não o quê... *quem!* – ela disse. – As trancas nas portas não são apenas para manter as pessoas em segurança. É para evitar que saiam e vejam os *Desaparecidos*.

Era exatamente como Peter desconfiava. Se as trancas fossem somente para proteção, então seria possível abri-las pelo lado de dentro. O rei estava escondendo algo, alguma coisa que não queria que vissem.

– Esses desaparecidos, quem são?

– Bem, o que está faltando no palácio? O que é preciso em todo reino?

– Eu não sei... *terra?* – ele gaguejou. – Por que não me diz?

Pickle sacudiu sua cabecinha e recuou com um pulinho.

– Temia que fossem mais espertos que ele. Sabe o quanto são inteligentes. É por isso que deixa todos trancafiados... – e, antes que pudesse terminar, soltou um gritinho. A pequena ave saltou da mão de Peter e ganhou o céu.

– *Quem* fica trancafiado? – Peter berrou, mas era tarde demais. Pickle tinha

desaparecido.

– Ei! – uma voz rugiu bem atrás dele. – Quem está aí?



A Patrulha Noturna

PETER ESTACOU. FICOU Ouvindo um par de garras que arranhava de encontro ao piso do pátio. O mestre da ladroagem estivera tão concentrado em conseguir respostas de Pickle Sparrow que não percebera que um bando de monstros gemedores abria caminho para o centro do reino. Para todo lado onde Peter se virava seus ouvidos encontravam o tilintar de correntes sendo arrastadas.

A Patrulha Noturna o encontrara.

– Ei, LongClaw! – rugiu a voz mais uma vez. – É melhor vir até aqui!

Peter ouviu outra criatura pisando forte do lado oposto.

– O que é agora? – a criatura rosnou.

– Estava trazendo as crianças agora, mas ouvi vozes lá dentro. Decididamente pareciam humanas.

– Humanas, é? Devem ter sido pisoteados na hora de ir pra cama, pobrezinhos – disse o segundo, estalando algo no chão que agora Peter percebia ser um chicote.

– O que diz, chefe? Acha que devemos contar ao rei?

– Não há necessidade, Maul. Acho que devemos manter a diversão entre nós.

Peter recuou ainda mais para dentro da sombra, tentando analisar sua situação. Dava para notar que eram grandes, pela forma como o chão estremecia a cada passo. Os chicotes soavam como se tivessem pedacinhos de vidro entrelaçado nas pontas. Também parecia que cada um carregava uma longa corrente na mão livre. As vozes eram profundas e vorazes... em especial a do grandão, o LongClaw. Peter podia ouvir pequenos respingos de baba caindo no chão aos pés deles.

– Seja quem estiver aí – rosnou LongClaw –, você está violando o toque de recolher do rei. A punição é a morte!

– É! Se implorar como um chorão, *talvez* a morte seja rápida.

– Mas, se tentar escapar, faremos bem devagar... e de modo *bem mais divertido* –

caíram na gargalhada, rosnando e ofegando.

O som horrível provocou arrepios em Peter. Não conseguia imaginar que tipo de monstros terríveis havia encontrado, mas estava quase certo de que estavam firmes no propósito de matá-lo. Desacelerou o coração descompassado enquanto as criaturas andavam pelo Salão de Refeições arruinado.

– Ora, vamos. Não temos a noite toda! – LongClaw derrubou um pedestal com o braço forte. O pilar de pedra se espatifou contra a parede, explodindo em mil pedaços. Peter engoliu em seco. Se a criatura podia estilhaçar pedra, o que não faria com seus ossos? De repente, sentiu um cheiro de almíscar, e seu corpo inteiro gelou.

Eram gorilas.

Quem só viu macacos domesticados talvez não imagine o quanto essas criaturas podem ser horripilantes. Embora possam variar um pouco de uma espécie para outra, a maior parte dos gorilas selvagens possui dois chifres rachados, espetados nas sobrancelhas, que se emendam em um só, como em um unicórnio, onde deveria ser o nariz. A boca é imensa e sempre respingante de baba, repleta de presas de marfim que apontam para todas as direções. Muitos anos antes, Peter casualmente se deparara com tal monstruosidade ao roubar o circo aquático. O encontro, que quase resultara na amputação violenta dos seus braços, assombrava-o até hoje.

Peter ficou agachado na sombra ouvindo a Patrulha Noturna se aproximar. Recordou-se que os animais no Reino Desaparecido eram diferentes dos que havia em sua terra natal; e, no caso desses gorilas, deviam ser ainda mais cruéis.

– Olhe essa maldita bagunça! – disse LongClaw, chutando uma bandeja de pãezinhos de fígado. – Esse lugar está fedendo como um chiqueiro de porcos.

– São os humanos – respondeu Maul, raspando restos de pudim do calcanhar. – Um punhado de criaturas nojentas.

– Olha a boca! – LongClaw deu-lhe um peteleco na cabeça. – O rei é humano, você sabe. Se não fosse ele nos ensinar com todos esses livros e gráficos, ainda estaríamos por aí, em algum lugar nas selvas, atirando cocô e sugando carrapatos arrancados da corcunda! – ele ergueu a corrente com a pata livre. – Mas agora temos escravos para fazer isso pra gente, não é? – deu um solavanco na corrente. De algum lugar manifestaram-se gemidos de choro.

“Escravos...”, Peter pensou consigo mesmo. “Devem estar presos na outra ponta da corrente.” Porém, por mais lamentosos que fossem os gritos, o menino sabia que não poderia ajudar ninguém se os gorilas o pegassem. Sua primeira preocupação era com a própria sobrevivência. A Patrulha Noturna bloqueara as saídas; correr não era uma opção. Podia tentar escalar a parede, mas seria igualmente perigoso; gorilas possuem olhos de predador e o avistariam num segundo. Não, a única coisa a fazer era ficar imóvel e torcer para que perdessem o interesse.

– Espere aí – disse LongClaw, dando um passo em direção a Peter. – Acho que senti o cheiro de alguma coisa perto da parede dos fundos.

– Humano, certo? Como eu disse!

LongClaw ergueu o chicote.

– Cerque o perímetro! Vou checar aquela parte com sombras!

Os gorilas se dividiram e passaram a observar as paredes opostas do corredor. Peter pressionou o corpo contra o pedestal, tentando, em desespero, arranjar um plano antes que o alcançassem. Sentiu o par de olhos fantásticos negros no bolso. Transformar-se em um besourinho preto e esmagável agora não era o ideal, mas estava quase sem opções. Se tivesse sorte, talvez pudesse fugir antes que o vissem.

– Ei! Lá está! – disse Maul, avistando o cotovelo de Peter na sombra. – Alguma coisa se mexeu ali.

Dispararam adiante, derrubando vasos de plantas e bancos que estavam pelo caminho. Peter não tinha um instante sequer a perder. Arrancou a bandagem e colocou os olhos negros na cavidade ocular. No momento seguinte, sentiu todo seu corpo mudar de novo. O chão se expandiu, e ele encolhia, encolhia... Mas algo estava errado, suas mãos não estavam apenas encolhendo; criavam penas! Peter abriu a boca para gritar, mas só soltou um grasnido agudo.

Os gorilas chutaram o pedestal de Peter para o lado. Agora olhavam o chão.

– Seu imbecil! – disse LongClaw, dando um peteleco na cabeça de Maul. – É só um daqueles passarinhos.

O gorila falava a verdade, pois, pulando diante deles, no chão, havia um pardal aterrorizado.

“*Um pássaro!*”, Peter refletiu, batendo as asas. *Mas como?* O como não importava no momento; tinha de sair dali. E descobriu bem rápido que ser um pássaro não era tão fácil quanto ser um besouro, não tinha braços nem mãos, os pés estavam estranhos e longos, e o rosto tinha penas. Pior ainda: Peter não conseguia bater as duas asas ao mesmo tempo. Tudo isso, combinado à cegueira habitual, tornava impossível que voasse além de alguns centímetros... se é que se poderia chamar aquilo de voar.

– Espere aí, o que está fazendo no chão desse jeito? – comentou Maul, observando a ave impotente voando de encontro a uma base de castiçal pela terceira vez. – Todos os pássaros não deveriam estar acorrentados segundo as ordens do rei?

LongClaw olhou os outros pedestais, notando, pela primeira vez, que todos estavam *sem passarinhos*.

– Alguém soltou todos os pássaros! – agachou-se diante de Peter. – Talvez esse filhote possa nos dizer o que aconteceu. E, se não disser, acabamos de arranjar um petisco noturno – agarrou Peter pelas penas do rabo e o balançou acima da boca. O coraçãozinho de pássaro de Peter batia mais rápido do que jamais considerara ser possível. – Olá, miúdo – disse o gorila com um sorriso. – Gostaria de nos dizer o que se passou aqui esta noite?

Peter estremeceu sob o hálito quente e podre do bicho. Da última vez que estivera tão perto de um gorila, quase perdera um membro; agora estava diante da possibilidade de

perder muito mais. A menos que quisesse ser devorado, tinha de pensar rápido numa resposta. Peter sabia que as melhores mentiras são, na maior parte, verdade; sendo assim, você pode ser o mais honesto possível quando estiver contando a mentira. Começou a chorar.

– Não me coma, senhor! Tudo que desejo é ser colocado de volta no pedestal! – era verdade, Peter não queria ser comida e queria muito ser colocado no pedestal.

– Papo furado – comentou LongClaw. – Vocês passarinhos têm sonhado com a liberdade há anos. Bicam tanto aquelas tornozelas que temos de substituí-las toda hora. Agora, quem ajudou essas gracinhas a escapar?

– Foi um... um *estranho*! – Peter respondeu, achando de novo que a verdade seria mais convincente. – Nunca o vi – também era verdade. – Ele gritou algo parecido com “Abaixo o rei!”, e depois abriu as correntes como mágica! Minhas irmãs saíram voando, mas eu não pude, por conta... de uma asa quebrada – mostrou a asa torta como evidência. – Eu vi o estranho sair correndo. Ele foi por ali! – Peter apontou para a direção *oposta* à casa da sra. Molasses.

– Um arrombador de fechadura? – LongClaw bateu a pata, atravessando a parede. – O rei vai nos matar se souber disso! – jogou a ave para Maul. – Suas tarefas podem esperar. Algeme esse aí e junte a horda! Quero todos os gorilas de olho em busca daquele estranho! – ele braniu e saiu como um raio.

Maul carregou Peter até um pedestal (um dos que ainda estavam em pé). Colocou uma argolinha dourada nas garras e teve dificuldade em prendê-la ao redor da perninha da ave. Enfim conseguiu.

– Nojentinho raquítico – murmurou o gorila. – Nem vale a carne – pegou o chicote e estalou no corredor.

Você deve se lembrar de que os dois gorilas tinham entrado no Salão de Refeições segurando uma longa corrente. Conforme Maul seguiu pisando forte, a corrente foi esticada, arrastando cem escravos junto. Os cativos cambaleavam e gemiam passando na frente de Peter. *Quem serão essas almas arrasadas?* Obviamente, eram prisioneiros de algum tipo. Mas, sendo assim, por que o rei simplesmente não os despachara para os Desertos Justos? Tendo apenas um bico, Peter não conseguia sentir cheiro como de costume, mas, quem quer que fossem aquelas criaturas, fediam como se nunca tivessem tomado um banho na vida. Ouviu a procissão infeliz passar. Peter estava com dificuldade em distinguir o número exato de escravos; pardais, como espécie, não são conhecidos pelo grande poder de concentração, mas achou ter contado pelo menos cem corações batendo ao longo do desfile da corrente enferrujada.

– Mexam-se, insetos! – Maul estalou o chicote em algum lugar no fim do corredor. Os prisioneiros misteriosos cambalearam adiante, e mais gemidos ecoaram pelo palácio.

Quando o Salão de Refeições estava livre do perigo, Peter dedicou-se ao desafio de tirar de novo os olhos. Enquanto tentava, o grande ladrão ficou imaginando como funcionavam, exatamente, os olhos fantásticos negros. Primeiro, haviam-no transformado

em inseto; depois, num pássaro... Qual seria a ligação? Peter pensou na rápida conversa que tivera com o besouro, no muro da sra. Molasses, e pouco antes da chegada dos gorilas estivera conversando com um pardal. Talvez esses olhos o transformassem no último animal que tivesse *tocado*? Se assim fosse, encontrar aquele besouro rabugento tinha provado ser mais útil do que pensara antes.

Peter tentou recordar a jornada ao atravessar os Desertos Justos. Que animal poderia ter tocado? Imaginou que Sir Tode não contava como animal, portanto, tinha de ser outra coisa. Lembrou-se de como não conseguia respirar e como tudo ao redor (até mesmo o ar) queimava como fogo sobre sua pele pegajosa; que tipo de animal não poderia sobreviver ao próprio hábitat?

– A menos que não fosse o próprio hábitat – piou a si mesmo. – Talvez estivesse me transformando em algo do oceano? Algo como um *peixe*... – Peter pensou no ancoradouro, na cidade natal, e em como as docas estavam sempre cobertas de peixes sufocando. Seria exatamente assim sua morte se Sir Tode não estivesse lá para salvá-lo. Só esperava ter a chance de retribuir o favor.

Peter conseguiu remover os olhos negros (com a ajuda dos dois pezinhos e uma colher que havia por ali), e logo estava sentado no pedestal como um menino de dez anos novamente. A correntinha dourada que estava ao redor do tornozelo tinha arrebentado quando se transformara. “*Preciso me lembrar de nunca tocar numa cobra*”, refletiu, “*ou jamais conseguirei tirar esses troços*”.

Peter vasculhou a parede à procura de um mecanismo de liberação. Se as grades tinham de fato a intenção de manter as pessoas trancadas do lado de dentro, significava haver um jeito para que a Patrulha Noturna ativasse o mecanismo do outro lado. Peter encontrou uma alavanca pouco acima da cabeça. Puxou-a com as duas mãos, e o portão pesado deslizou num clique. Assim que obteve espaço suficiente, espremeu-se entre as grades de ferro e o chão e correu até a caixa dos olhos fantásticos.

Os dois pares restantes estavam exatamente como os deixara. Quem tivesse passado por ali não poderia tê-los notado na sombra. Dando um suspiro, Peter pegou os olhos negros do bolso e os recolocou na casca de ovo.

O menino estava tão concentrado na caixa, que deixou de notar *outra coisa* no chão. No meio do corredor havia um círculo de corda amarrado com um laço. A ponta se estendia pelo corredor e desaparecia pela rachadura da parede adentro, onde quatro pares de olhos observavam.

Os espíões estudavam Peter do esconderijo, remexendo-se para obter uma visão melhor.

– O que ele está fazendo? – perguntou um deles.

– Chegue essa cabeça gorda pra lá; mal consigo ver! – outro estrilou.

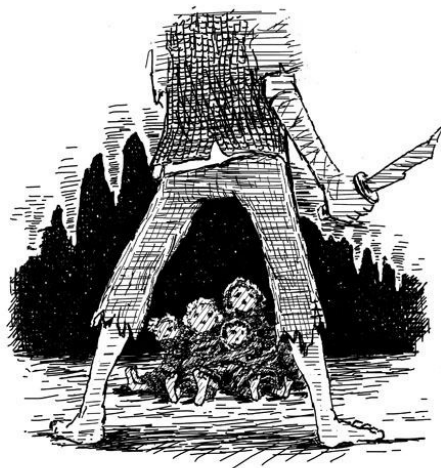
– Vocês dois, calem a boca antes que ele nos ouça!

Peter fechou a caixa. Seus ouvidos tinham acabado de captar sussurros no fim do corredor.

– Sei que estão me observando – ele gritou, ficando em pé.

– Agora! – berrou uma voz.

Antes que Peter pudesse reagir, o laço foi puxado e se apertou ao redor das suas pernas, tirando-o do chão. Ele bateu a cabeça no piso com um barulho ensurdecedor, e seu corpo ficou inerte.



Simon e os desaparecidos

PETER ACORDOU SENTINDO Cheiro de farinha. Não florzinha que os homens inteligentes nos fazem parar e cheirar, mas aquele pó branco que se usa para fazer pão e pregar peças. A pessoa que o sequestrara havia amarrado um saco de farinha na sua cabeça. Peter respirava o ar empoeirado e não demorou para que começasse a espirrar, o que resultou em uma profunda inalação farinácea nariz adentro, provocando mais espirros. A cada um deles, surgia uma dor aguda na parte de trás da cabeça, que estava dolorida por conta da emboscada na saída do Salão de Refeições. Ele tinha a sensação de que sua queda fizera reabrir o corte em sua cabeça; sua têmpora estava latejando com força e dava para sentir o sangue escorrendo pela orelha.

O menino tentou se mexer, mas descobriu que seu corpo inteiro estava acorrentado, de cima a baixo. Para assegurar que não se soltasse, uma coleção de algemas tinha sido colocada em seus membros. Pelo que podia sentir, Peter tinha umas dez trancas em cada braço, quinze em cada perna e duas grandes, bem apertadas, ao redor do pescoço. Dava para notar que os cadeados estavam enferrujados, o que não facilitaria sua fuga.

Através do saco de farinha, Peter podia ouvir passos e vozes abafadas se aproximando. Deixou a cabeça pender, uma manobra arguta de fingir inconsciência até que descobrisse quem o mantinha preso. Em silêncio, enfiando o dedo mindinho no buraco da fechadura da alga de um dos tornozelos, o mestre da ladroagem se esforçava para ouvir o que as vozes diziam.

— O que fizeram com ele? — uma voz jovem indagou. — Concordamos em jamais usar essas correntes.

— D-desculpe, Sua Majestade! Nós tentamos amarrá-lo, como desejava, mas ele ficava escapando das cordas! — a voz pareceu embargada, como se a pessoa estivesse lutando contra as lágrimas. Peter tinha quase certeza de que eram meninas.

— Scrape — disse a primeira garota —, achei que você tivesse dito que ele estava

inconsciente quando o trouxe para cá, não?

– Ele estava inconsciente! – respondeu uma voz de menino. – Mas, toda vez que dávamos um nó, ele remexia o braço e desamarrava tudo, como se, para ele, escapar fosse tão natural quanto respirar. Era assustador! – Eles tinham flagrado Peter executando o velho truque do Drowysy Dodger que ciganos do mar lhe haviam ensinado anos antes. O truque envolvia o treino dos dedos para desfazer nós durante o sono. Pelo fato de que a prática exigia a inconsciência, a habilidade era notoriamente difícil de dominar. Peter sorriu sob o capuz; ao que tudo indicava, era bom naquilo.

A voz de Scrape continuou:

– Tivemos que desistir e usar as velhas algemas. Sei que não deveríamos, Sua Majestade, mas não tínhamos mais nada!

Peter sentiu-se intrigado com a conversa. Os captores pareciam muito jovens e um tanto assustados. Mais estranho ainda era que uma das meninas estava sendo chamada de “Sua Majestade”.

– Precisa acreditar na gente, Sua Majestade! – falou a menina com voz de choro. – Não usaríamos as correntes se de fato não precisássemos. Lembra-se de como Pickle disse que o estranho sabia um segredo para abrir todas as trancas? Ele deve saber da magia do rei!

Scrape se aproximou:

– Se ele está com o rei, então devemos matá-lo agora! – Peter respirou fundo ao ouvir o som de uma faca sendo tirada da cinta. – Isso é o que se faz com traidores...

– Não o machuque, Scrape! – alguém ordenou, interpondo-se no meio dos dois. Peter não notara essa pessoa antes; a voz soava corajosa e velha. Ele relaxou um pouquinho quando ouviu a faca de Scrape sendo guardada de novo. A voz sábia prosseguiu: – Eu já conheci muitos traidores na vida, e não acredito que essa criança seja um.

– Simon tem razão – disse Sua Majestade. – Nós devemos mantê-lo vivo, ao menos até sabermos mais sobre o motivo por ter vindo... e o que estava fazendo com aquele bilhete.

O bilhete. Isso significava que quem tinha capturado Peter também estava com seu saco de pilhagem... e podiam estar com Sir Tode! O coração do menino se iluminou ao perceber que ainda podia haver uma chance para que salvasse o amigo perdido. Ele destravou outra alga, redobrando os esforços para se soltar.

– A Justiça irá nos revelar a verdade em breve – disse Simon. – Você inspecionou a caixa que ele estava carregando?

– Não conseguimos abrir. Tem uma tranca na frente – respondeu um deles.

A tal garota chamada de Sua Majestade suspirou.

– Muito bem. Simon e eu veremos se podemos pegar uma picareta nas minas. O restante de vocês fica com o prisioneiro. Avisem-me quando ele acordar – assim, Sua Majestade e Simon deixaram a sala.

– Simon? – Peter pensou consigo mesmo. – Onde foi que já ouvi esse nome? – parecia

familiar, mas sua cabeça doía demais para pensar. O saco também impedia que seus ouvidos e nariz funcionassem como de costume. Tudo que podia fazer era continuar mexendo nos fechos. Se tivesse sorte, os guardas ficariam de papo e ele poderia se inteirar da situação.

– Vocês dois ouviram sobre a Crumpet Sparrow? – perguntou um deles, puxando assunto. – Ela não apareceu com as outras. Suas irmãs nunca mais viram suas penas desde que ela foi libertada.

– Pobrezinha! – disse outro. – Você não acha...?

– Ah, não seja tola! Ela vai aparecer, sim.

Parecia que eles estavam falando das aves que Peter soltara. Ele se lembrava das vozes mencionando “Pickle” um momento atrás. Qual era a ligação entre esses pássaros e seus captores?

– Eu me pergunto de onde vêm os estranhos – uma das vozes de menina manifestou-se de novo. – Você descobriu alguma coisa do outro?

– Nada. Scrape e eu tentamos tudo que podíamos pensar para fazer aquela coisa estúpida falar, mas só conseguimos tirar que dele não tiraríamos nada.

Será que o estranho poderia ser Sir Tode? Peter com certeza esperava que sim. Suas trancas estavam demorando mais tempo para abrir por conta da ferrugem. Ele só tinha conseguido livrar um braço até agora. Por sorte, por causa de todas as correntes amarradas em volta de seu corpo, ele conseguia mexer um braço sem ser percebido.

– Sim, aquele gato é cruel. Eu perguntei sobre seu amigo aqui e ele quase mordeu meu dedo mindinho do pé...

– Uiiii! – gritou uma das vozes de menina. – Não *nos mostre!*

Era Sir Tode! Peter sorriu, imaginando o interrogatório catastrófico. Como pôde ter duvidado da habilidade do amigo? Ainda assim, seria melhor intervir antes que pudessem incomodar ainda mais o cavaleiro.

– Precisamos descobrir o que esses estranhos sabem. – Scrape agora andava de um lado para outro na frente de Peter. – Se eles descobrirem a charada, nós podemos estar correndo sério perigo.

– T-talvez ele não seja um espião? – disse uma das meninas, esperançosa. – Talvez ele tenha vindo para...

– Nem diga isso! – Scrape a cortou. – Não podemos nos dar ao luxo de ficar tão esperançosos assim. Além disso, ele é apenas uma criança.

O latejamento na cabeça de Peter enfim diminuiu e ele começou a se acostumar a ouvir através do tecido. Agora, podia contar com clareza quatro vozes na sala. Sabia que poderia encarar um grupo desse tamanho, mas era certo que precisaria de uma arma, ou alguma distração. Pelos ecos dos passos, estavam no subsolo. “*Deve haver túneis que percorrem o subterrâneo do palácio*”, ele pensou consigo mesmo. “*Provavelmente foi assim que*

conseguiram entrar no pátio da sra. Molasses e raptar Sir Tode. Mas por que fizeram isso? E o que ‘Sua Majestade’ estaria planejando a seguir?”

Scrape agachou-se diante do prisioneiro.

– Supondo que sejamos meio truculentos com o sr. Estranho aqui – Peter ficou tenso quando o garoto pegou a faca de novo –, talvez ele nos dê algumas respostas, não?

Nesse exato momento Peter ouviu algo que parecia um pequeno galope entrando.

– Vocês não devem fazer nada, amiguinhos! – Peter quase engoliu a língua. Aparentemente, Sir Tode conseguira escapar sozinho. – Exijo que libertem meu companheiro de uma vez! E, já que estou aqui, acho que vocês, seus nojentinhos, me devem um pedido de desculpas!

Peter ouviu um burburinho enquanto os quatro captores se juntavam.

– Chame a Peg! – um deles gritou. – O restante de vocês... podem ensacá-lo!

– Uma vez foi o bastante, obrigado! – com um rosnado feroz, Sir Tode pulou em seus agressores. Peter esforçava-se com as algemas, tentando de tudo para continuar ouvindo a batalha. Pelo que podia entender, parecia que Sir Tode estava se dando bem sozinho. O cavaleiro saiu do bolo, despejando uma porção de palavrões e dando patadas.

– *En garde*, vilão!

– Aiiii!

– Aguenta essa, seu desordeiro!

– Aiii!

– Preparem-se para...

– Te peguei! – gritou um deles. Peter reconheceu a voz como a do menino chamado Scrape.

– Solte-me nesse instante, seu covarde agarrador de rabo! – Peter deduziu que Sir Tode tinha, de fato, sido pego pelo rabo. – Isso é jogo sujo!

– Ah, eu vou lhe mostrar o que é jogo sujo – disse Scrape. – Arranjem algumas pedras e um funil. Vamos ver o quanto esse gato é esperto com a barriga cheia de...

– TOQUEM NELE E MORRERÃO!

Todos na sala se voltaram para ver Peter em pé, atrás deles, desvencilhando-se das correntes enferrujadas do corpo. Estava com o punhal de Scrape, que pegara durante um momento de distração. Incerto sobre como segurar apropriadamente a arma, Peter contentou-se em ficar passando-a de uma mão a outra.

– Peter! – resfolegou o cavaleiro, esticando o pescoço. – Que bom vê-lo de novo!

Os quatro sequestradores encaravam o menino.

– É... pessoal... – disse uma das meninas em tom de voz nervoso –, como foi que ele se soltou daquelas correntes?

– E por que ainda está com o saco na cabeça?

Scrape deu uma fungada, jogando Sir Tode para o lado. – Ele não é nenhum assassino. Nem sabe segurar uma faca direito – ele arregaçou as duas mangas e avançou na direção de Peter.

Scrape era forte e claramente um lutador experiente. Mas o que Peter não tinha em força, tinha em velocidade. Em segundos o garoto superou seu oponente e prendeu o grupo todo com suas próprias algemas. No fim das contas, os guardas, Trouble, Scrape, Giggle e Marbles, eram uma gangue de crianças não muito mais velhas que o próprio Peter.

O grande ladrão tirou o saco de farinha da cabeça e ficou andando ao redor dos prisioneiros.

– Agora temos nossas perguntas e faremos o que for preciso para obter respostas – para dar mais efeito, pisou no pé do que se chamava Scrape, que tinha falado mal de Sir Tode. – Se não nos derem respostas, meu amigo e eu vamos cortar a garganta de vocês... e beber seu sangue!

Sir Tode hesitou diante da última ameaça.

– Um toque meio repugnante, não acha, Peter?

Foi nesse momento que algo estranho aconteceu. Um a um, os membros do grupo começaram a chorar. Não eram lágrimas ressentidas, como as do Professor Cake lamentando os mortos, nem as lágrimas patéticas do Velho Sarnento implorando por um limão. Não. Eram lágrimas genuínas de terror infantil.

– P-por favor, moço! – implorou Giggle, com uma bolha de ranho no nariz. – Não beba nosso sangue!

– Não tivemos a intenção! – disse o menino chamado Trouble. – Não nos atire aos monstros! – Peter estava confuso. Estava acostumado a lidar com ladrões sedentos de sangue e gente cruel, mas não com crianças ranhentas.

Antes que pudesse pensar no que falar, alguém mais entrou correndo na sala. Peter girou, empunhando a lâmina.

– Mais um passo e matarei todos eles! – ele esperava que a ameaça não parecesse tão vaga como ele a sentia.

– Esqueça de nós! – Scrape relutou em suas amarras. – Fuja, Sua Majestade!

Peter hesitou.

– Sua *Majestade*? – ele repetiu. – Você é o rei?

– Nem tanto – disse Sua Majestade. Peter notava agora que a voz com certeza pertencia a uma menina. Ela virou para alguém em pé, logo atrás. – Simon, desarme-o.

Antes que Peter pudesse reagir, Simon atravessou a sala e o agarrou pelo pescoço. O garoto caiu no chão, engasgando, enquanto oito garras cravavam sua pele.

– Você vai abaixar sua arma gentilmente – disse-lhe uma voz grave ao ouvido. Peter abriu a mão e deixou cair o punhal.

No momento seguinte Simon estava de volta, ao lado de Sua Majestade. Peter massageou o pescoço e ficou de pé. Ele pôde notar que Simon era algum tipo de pássaro – um pássaro muito mortal –, mas não conseguia identificar a raça.

– O que você é? – ele perguntou.

– Sou o guarda leal de Sua Majestade – respondeu a criatura com uma voz alterada. – Sua última pergunta me leva a crer que não foi mandado para cá pelo rei. Está correto?

– Já disse que não sabemos nada desse maldito rei! – disparou Sir Tode.

Peter tocou o amigo para acalmá-lo. Embora o bom-senso lhe dissesse para não confiar nos opressores, o menino sentia uma pequena voz por dentro, a voz de ladrão, dizendo-lhe que fosse honesto com aqueles estranhos.

– Nós viemos para... Estamos procurando alguém – ele começou a dizer –, mas não temos certeza de onde, nem de quem são... Tudo que sabemos é que precisam de nossa ajuda.

Sua Majestade tirou um pedaço de papel do bolso.

– Você está falando do bilhete? – ela disse, entretida.

– Não é motivo para divertimento, posso lhe garantir – Sir Tode falou. – Quem escreveu o bilhete está em grande perigo, e estamos a caminho para ajudar. Aliás, isso foi antes de vocês nos *sequestrarem* de modo tão rude.

Um grande silêncio recaiu sobre a sala. Embora Peter não pudesse ver, todos os olhos das crianças estavam fixos em Sua Majestade, esperando que a menina falasse. Ela desdobrou o papel e leu em voz alta:

Só um estranho aliviará nosso coração,

Mas a treva reinará, a menos que ele seja... um ladrão.

– Um ladrão! – Sir Tode bateu o casco. – Pelo amor de Deus, Peter, acho que a menina matou a charada!

– Claro que sim – ela pôs o bilhete de volta no bolso. – Afinal, fui eu que o escrevi.



Um herói improvável

PETER E SIR Tode estavam sentados numa salinha embolorada bem abaixo do Palácio Perfeito. Mastigavam talos de cogumelos e sorviam goles de água velha em canecas de latão. Agachados ao redor deles havia cinco outras crianças e um pássaro. A chama de apenas um toco de vela tremulava no chão sujo, provendo a única luz do ambiente. A escuridão não incomodava Peter, porque era cego. E as outras crianças podiam ver bem, porque não andavam apropriadamente à luz do dia há mais de dez anos. Sir Tode, no entanto, estava nervoso e assustado. Ficava perto de Peter, colado ao menino, toda vez que algum barulho estranho ecoava pelos túneis.

A líder do grupo se apresentou como Princesa Peg. Era uma menina alta, com aproximadamente a mesma idade de Peter. Assim como as outras crianças, vestia trapos e andava descalça. Cada centímetro do corpo estava coberto com o mesmo limo que mascarava os odores. Foi só quando falou que Peter pôde captar uma leve indicação de sua linhagem real.

— Parece que faz tanto tempo que mandei aquela mensagem — ela disse, pousando a caneca. — Deve entender que perdi as esperanças de que chegasse até alguém.

Peter não podia abandonar o próprio ceticismo.

— Se é mesmo uma princesa, o que está fazendo aqui? Não deveria estar em alguma torre, trançando os cabelos e cavalcando pôneis?

— Talvez — ela respondeu com amargura —, mas, em vez disso, cresci no subterrâneo, como prisioneira do rei.

— Parece horrível — Peter observou. Considerou que até mesmo o sr. Seamus o deixava sair, de vez em quando, para fazer suas tarefas. — Mas por que seu pai a manteve prisioneira?

Sua Majestade soltou um suspiro que denotava o desgosto em ter de explicar o óbvio.

– O rei é meu *tio*. Ele roubou o trono de meu pai logo depois que eu nasci. Quando assumiu, mandou me trancar, e os outros também.

– Há muitos além de nós – disse a menina chamada Giggie.

– Centenas! – acrescentou Marbles. – O rei mantém todos acorrentados como escravos. Obriga-os a realizar tarefas para o reino todo.

– Por isso que a porcaria do lugar é tão limpo – Trouble interveio, passando a mão pela calça. – Toda noite, os monstros nos arrastam pelo palácio, fazendo-nos esfregar cada sujeirinha.

Monstros? Para Peter, as crianças pareciam se referir aos gorilas que ele tinha encontrado.

– Você quer dizer a Patrulha Noturna? – indagou.

A princesa deu de ombros.

– Pode chamar de Patrulha Noturna, mas, para nós, são apenas monstros. Quando você já viu um bocado de seus amigos serem devorados inteiros, deixa de lado as formalidades.

Peter fazia o máximo para acompanhar a história, mas ainda não tinha conseguido encaixar todas as peças.

– Então há um rei impostor que assumiu o reino e forçou um monte de gente a ser escrava... Como foi que os cinco escaparam?

– Simon nos salvou – respondeu Peg. – Ele era da Guarda Real de meu pai.

– Nós, os corvos, costumávamos ser muitos – falou o pássaro com seriedade. – Agora só sobrou eu.

Um corvo. O corpo todo de Peter se retesou ao perceber que o pássaro que estava a um palmo de distância era da tribo que assassinara o Velho Sarnento.

– Depois que a princesa foi levada ao subterrâneo – Simon prosseguiu –, eu a procurei e biquei a corrente até soltá-la. Fiz o mesmo com as outras crianças, até não conseguir mais usar meu bico – o velho pássaro sabia algo sobre a forma como gente cega conseguia “ver” com as mãos, por isso saltou para mais perto de Peter, a fim de que o garoto pudesse tocá-lo. Peter recuou; depois, devagar, esticou o braço em sua direção. Onde deveria haver um bico, Peter encontrou só um toco. Pensou no quanto devia ser difícil para uma criatura orgulhosa ficar tão deformada; para ele, seria como perder os dedos.

– Não é tão ruim – disse Simon. – Só gostaria de ter conseguido salvar todas as crianças.

– Espere, todos os prisioneiros são *crianças*? – Peter indagou.

– Cada um deles – Peg respondeu. – Foi a primeira coisa que meu tio fez ao assumir o reino.

Os Desaparecidos. Tudo o que o pássaro dissera a Peter, no Salão de Refeições, começava a fazer sentido. Pickle lhe perguntara qual era a única coisa que faltava no palácio. Na ocasião, não conseguira responder, mas agora ele sabia.

– Não havia crianças em lugar algum – ele disse. – Isso estava me perturbando no jantar. Tudo estava tão limpo e arrumado! Tudo perfeito *demais*.

– Perdoe-me por correr o risco de parecer estúpido – disse Sir Tode –, mas por que um rei teria medo de criancinhas?

– Essa é fácil – comentou Scrape. – Porque não gostamos de receber ordens de ninguém!

Simon estalou o bico, absorto.

– Scrape está mais perto da verdade do que imagina. O Rei Rosado logo reconheceu a ameaça que você e seu grupo representavam para os planos dele. Enquanto os adultos podem ser intimidados e enganados, as crianças são, em essência, feitas de fibra mais forte. Ele sabia que um reino repleto de crianças jamais aceitaria um monarca *impostor*.

As palavras dele não poderiam ter sido mais corretas. Como você sabe, as crianças, ao contrário dos adultos, são muito mais inteligentes para não ser enganadas por impostores, um fato que justifica, com sobra, a desconfiança de madrastas e professores substitutos.

As palavras de Simon fizeram Peter pensar numa história que uma vez entreouvira sobre uma criança e um imperador nu. Não conseguia se lembrar de todos os detalhes, mas recordava como era hilária e verdadeira. Adultos podem ser enganados com frequência em situações que crianças jamais o seriam. Ouvir um adulto, mesmo que tenha penas, falar de crianças com tanta consideração fez Peter se lembrar do Professor Cake. O menino detestava admitir, mas, no fundo, os instintos lhe diziam que Simon era igualmente digno de sua confiança... mesmo *sendo* um corvo.

Giggle suspirou.

– Em pouco tempo nossos pais se esqueceram de quem éramos. O rei baniou o nome de todos, para que não pudessem se lembrar do que ele tinha feito... Esse é o motivo de nós, crianças, termos nomes daquilo que somos.

– Exceto pela princesa – explicou Scrape em tom de admiração. – Ela manteve seu nome verdadeiro, por isso ainda é uma princesa.

Se Peter pudesse enxergar, teria visto Peg corar.

– Sou uma fugitiva, como o restante de vocês – ela afirmou. – Depois que Simon nos libertou, passamos a criar um plano para resgatar o resto das crianças. Fora o rei, conhecíamos apenas um tipo de pessoa que talvez fosse capaz de abrir os trincos. Um ladrão. Era nossa única opção. Joguei o bilhete dentro do buraco enorme que cerca o palácio, torcendo para que seguisse seu caminho até um dos prisioneiros sobreviventes dos Desertos Justos – ela hesitou e, nesse momento, Peter sentiu uma pontada de decepção –, mas acho que, em vez disso, acabou chegando até você.

– Mas por que mandar uma charada? – perguntou Peter, tentando ignorar o tom de desapontamento. – Poderia ter nos poupado um bocado de confusão se tivesse escrito algo menos complicado.

– Não era tão complicado assim – ela murmurou.

– Concordo! – disse Scrape. – E como ela poderia saber que iria parar nas mãos de um tonto cego e de seu horrível bicho de estimação?

Sir Tode, que estivera apenas ouvindo até ali, evidentemente estava farto.

– Para mim, chega! – ele disse, ficando de pé sobre as patas. – Sou um *cavaleiro destemido*, conhecido pelo mundo inteiro por matar dragões. Quem, dentre vocês, pode ostentar tal façanha? E esse “tonto cego”, por acaso, é o lendário Peter Nimble... *o maior ladrão que já existiu!*

Diante daquelas palavras, Peter sentiu todas as pessoas encarando-o. Empertigou-se, grato, pela primeira vez, por não poder retribuir os olhares.

– Criança, isso é verdade? – perguntou Simon, saltando para mais perto.

Peter não respondeu de imediato. Quando pensou na pergunta, tudo de que pôde se lembrar foram os inúmeros erros que cometera durante a jornada até aquele momento. Mas, com essas recordações, veio a forte lembrança do que o professor lhe dissera na costa da ilha.

– É verdade – respondeu. – Conheci os ladrões nos Desertos Justos, e sou melhor que todos eles juntos; eles mesmos disseram isso. Sir Tode e eu fomos escolhidos para salvá-los... e é exatamente isso o que faremos.

– Até que se encaixa – Trouble limpou o nariz. – Pelo menos, ele é um estranho.

– E abriu, de fato, todos aqueles trincos – acrescentou Scrape.

– Nosso herói! – Giggie e Marbles disseram em coro.

Peg, no entanto, continuava sem se convencer.

– Veremos – foi tudo o que disse.

– Honestamente, princesa, não ligo para o que você pensa – disse Peter, levantando-se com Sir Tode. – O Professor Cake confiou em nós e isso já basta para mim.

– Quem é esse professor? – Simon perguntou.

Peter não tinha certeza se sabia como responder à pergunta.

– Ele é um homem idoso que toma conta de tudo. Foi ele quem encontrou sua garrafa. Ela foi flutuando pelo mar e chegou até ele.

– O mar – o corvo sacudiu a cabeça. – Então a Justiça nos mandou um milagre, de fato. Estas costas não são banhadas pelas águas do mar há muitos anos, desde o Aniversário Maldito.

– O quê? – Peter estava confuso.

– Tenho certeza de que vocês dois se perguntaram como essas terras se tornaram ocultas do restante do mundo – Simon respondeu. – Que tal ouvir essa história?



O Aniversário Maldito

VOCÊ PODE TER Observado, em sua própria vida, o grande poder que existe na narrativa de uma história. Uma fábula bem contada pode transportar os ouvintes de suas vidas monótonas, dando-lhes um senso mais amplo do mundo. Assim que Simon sugeriu a história, Sir Tode entrou em ação.

– Uma história? – ele bateu o casco na terra. – Ora, mas que ideia esplêndida! – o cavaleiro conhecia a importância da preparação do clima e recusou-se a deixar que Simon continuasse até que uma roda apropriada fosse formada. O pássaro ficou em pé, desconfortável, no meio do grupo, com sua sombra refletindo na parede limosa da caverna.

– Então está certo – disse Sir Tode. – Você estava dizendo algo sobre como este reino desapareceu de maneira misteriosa, não é? Em um aniversário?

O velho corvo assentiu.

– Naquela época, chamava-se Ilha de Porto Avelã.

Peter sabia que “avelã” era uma palavra elegante que designava a cor dos olhos das pessoas.

– Esse é um nome meio engraçado para um deserto, não? – indagou, esperando não estar sendo rude ao interromper.

– Estas terras nem sempre foram tão áridas. Antes, não havia nem palácio nem deserto. Havia apenas as pedras, o mar e o céu. O reino inteiro pertencia a um homem rico e seus dois filhos. Embora fossem irmãos, os filhos não poderiam ser mais diferentes. O caçula, Lorde Avelã, era nobre e de bom coração...

– Esse era o meu pai! – explicou Peg com orgulho.

– O irmão mais velho, Lorde Rosado, era voraz e cruel. Nunca perdia uma oportunidade de abusar dos camponeses da terra. O Homem Rico ficava profundamente atormentado pela perversidade que via no coração do filho mais velho, e temia quanto ao que poderia acontecer com o povo se ele algum dia assumisse o poder. E, assim, com a aproximação

de sua morte, deixou a ilha toda de herança para o filho mais novo.

– Tenho certeza de que foi uma boa decisão – comentou Sir Tode.

– Lorde Avelã, que não era muito mais velho que Sua Majestade quando assumiu o poder, sabia que o pai o escolhera por um motivo e planejava honrar essa confiança. Nessa época, os humanos da terra eram escavadores forçados a implorar por água da chuva e comida. Mas o jovem Avelã imaginou um futuro melhor. Construiria um grande palácio para brilhar como uma joia no mar.

“Ao ouvir seus planos, o povo debochou. Como poderia ele, pouco mais que uma criança, ter esperanças de realizar tal façanha? Cada tijolo teria que ser talhado das rochas do subsolo. A tarefa parecia impossível.

“No entanto, Lorde Avelã não se intimidou. Se os seus colegas humanos não o ajudariam, então recorreria a outro lugar. Ele olhou dentre os animais da ilha e escolheu o grupo mais miserável que pôde encontrar. Corvos. Naquela época, nós éramos muitos. Embora vorazes, estávamos ocupados demais, lutando entre nós mesmos, para lutar contra nossos predadores. Diziam que nossa carne dura era ideal para salgar e preservar e, por conta disso, éramos mortos aos montes. Quando Lorde Avelã veio a nós, só um bando permaneceu.”

O bigode de Sir Tode se remexeu.

– Um *o quê*?

– Bando é uma palavra para um grupo de corvos – ele explicou.

– Claro. Como um cardume de peixes – Peter retrucou, desejando, pela primeira vez, ter podido frequentar a escola. Isso poderia ter evitado alguma confusão nos Desertos Justos.

– Precisamente. Como estava dizendo, restaram alguns corvos, e Avelã veio até nós; eu era um deles. Desconfiávamos dos humanos e não estávamos dispostos a confiar nas palavras de Lorde Avelã. Mas, numa noite, quando uma tribo de caçadores provocou uma emboscada em nosso Ninho, ele veio em socorro e nos defendeu. Ficou gravemente ferido, mas conseguiu salvar até o último ovo. Daquele dia em diante, os corvos juraram proteger Lorde Avelã e sua Linhagem com a própria vida.

A Princesa Peg esticou o braço e passou a mão nas penas escuras de Simon.

– Foi o que fizeram.

– Lorde Avelã nos ensinou a lutar em união. Quando guiados por uma única voz, fomos capazes de defender nossos Ninhos no solo e nos esquivar das pedras no ar. Então, juntos, pusemo-nos a construir nosso reino. O primeiro ato foi cavar um grande poço. Embora fôssemos cercados pelo mar, a ilha não tinha água potável. Não havia rios nem fontes em lugar algum; todos dependiam da piedade das nuvens chuvosas que passassem. Com sua sabedoria, Lorde Avelã sabia que se conseguisse água limpa, as pessoas da terra se uniriam a ele. Usando apenas nossas garras e nossos bicos, cavamos ao lado de Avelã por sete longos anos, até que finalmente encontramos uma fonte, no fundo da terra. Removemos uma rocha e a colocamos em cima daquele ponto, onde permanece, até hoje.

– Pedra Chaleira – Peter disse. – Nós a vimos no deserto.

– O que eu não daria para ver aquele solo santificado mais uma vez – Simon falou em tom saudoso. – Foi a Pedra Chaleira que despertou as pessoas dessa terra. Uma vez que viram suas fontes limpas, acreditaram que o sonho de Avelã seria possível. Ao longo dos dez anos seguintes, homens, mulheres e corvos trabalharam com ele para transformar o deserto num grande palácio. Cavamos a água do subsolo e trouxemos os córregos para as ruas. Construimos um lar para cada pessoa e fizemos jardins nos pátios. A cidade foi chamada de Porto Avelã, e as pessoas coroaram Lorde Avelã como seu rei. Nós, corvos, fomos designados como sua Guarda Real, e tudo ficou em paz por um tempo.

Sir Tode, que tinha destreza com narrativas, gemeu.

– Atiçou o irmão desprezado.

– Desprezado e desprezador – Simon disse. – Durante os anos de construção, Lorde Rosado ficou consumido de inveja. Ele tinha sido roubado de seu direito hereditário e jurou jamais perdoar o menosprezo. Recusava-se a pôr os pés nas terras do palácio do irmão, permanecendo na periferia, apenas com alguns animais e criminosos, que lhe faziam companhia. Ano após ano, o Rei Avelã convidava o irmão para vir construir a seu lado, mas, ano após ano, a oferta era rejeitada.

“Conforme as torres cresceram, também cresceu a amargura de Lorde Rosado. E, finalmente, numa noite fria, ele partiu mar adentro. Ninguém soube para onde viajou durante aqueles anos, mas houve boatos de que ele teria ido em busca de um mago negro como nunca se vira nessas terras. E, durante todo aquele tempo, ele nunca desistiu de seu único objetivo...”

– Vingança! – exclamou Sir Tode com um entusiasmo um tanto excessivo.

– Vingança – Simon ecoou em tom mais tristonho. – Ela chegou na noite da grande celebração. O palácio tinha sido concluído e todas as pessoas tinham começado a construir suas famílias. Dentre elas estava o Rei Avelã, que se apaixonara por uma bela mulher chamada Lady Magnólia. Juntos, eles esperavam o nascimento de gêmeos: um menino e uma menina. Para honrar a ocasião, os cidadãos de Porto Avelã decidiram fazer um grande banquete.

– Na noite em que a princesa e o príncipe nasceriam, todos do reino se juntaram no pátio. As pessoas saudavam, conforme o Rei Avelã e a Rainha Magnólia apresentavam seus herdeiros. A menina, que nasceu primeiro, foi batizada em público como Princesa Peg.

– Sou eu – Peg disse, corando.

– Qual era o nome do outro gêmeo? – Peter perguntou a Simon.

– A segunda criança não chegou a ganhar um nome, pois, naquela noite, Lorde Rosado regressou em segredo ao reino e se disfarçou em meio à multidão. Trouxe um exército de monstros como nunca se viu antes, uma horda de bichos selvagens, gorilas de outras terras, armados para a guerra. Não sei onde ele encontrou aquelas criaturas, nem sei como conseguiu ganhar a lealdade delas. Ele as trouxe às escondidas até o palácio, através de

esgotos subterrâneos, onde ficaram aguardando seu comando. Quando o Rei Avelã ergueu a segunda criança diante dos súditos, Lorde Rosado deu um grito de guerra e seu terrível exército atacou. As criaturas baniram a multidão, matando e devorando pessoas – Simon deteve-se por um momento, tomado de emoção. – Foi um massacre.

Peter encolheu-se ao correr os dedos pelas cicatrizes no antebraço; bem sabia como os gorilas podiam ser implacáveis.

– A Guarda Real não reagiu à luta? – ele quis saber.

– Alguns sim, mas nossas forças já tinham sido afugentadas. Rosado fez um acordo com os ladrões que moravam no reino, pois todo reino feliz têm sua porção de vilões. Pouco antes do batizado, a Guarda Real descobriu que todas as crianças que dormiam tinham sido roubadas de suas camas.

– Elas foram todas grampeadas – disse Peter, intrigado. Lembrou-se de como o velho bandido Clipper tinha se recusado a ajudá-lo nos Desertos Justos. “Não farei isso novamente!”, ele gritara, antes de sair correndo noite adentro.

– Foram *traídos* – Simon falou com amargura. – Os ladrões esconderam os pequeninos no fundo do subsolo, onde ninguém podia ouvir o choro deles, depois partiram para o mar, os sacos cheios de ouro, pagamento pela traição. Rosado dera-lhes os sacos, sabendo que seriam confundidos com as crianças desaparecidas. Quando alguns de nossos guardas relataram a fuga, nosso capitão liderou uma revoada na busca. Só depois que o bando deixou o palácio Rosado e seu exército atacaram. Os gorilas tinham armas que cuspiam fogo e lançavam chamas pelo ar. Dentre nós, os que sobraram não estavam preparados para tal mágica. Lutamos com bravura, mas éramos poucos.

– O que aconteceu com os outros corvos? – perguntou Sir Tode.

– Nosso capitão e sua tropa alcançaram e atacaram os ladrões quando ainda tentavam velejar rumo à segurança. Quando os homens perceberam como seus sacos de ouro tinham sido usados como isca, rugiram tão alto que isso sacudiu as estrelas do firmamento.

Um arrepio percorreu o pescoço de Peter.

– A influência maligna do traidor – ele sussurrou.

– O quê? – perguntou a Princesa Peg.

– É uma maldição terrível – ele explicou. – Eu só tinha ouvido falar dos rumores. Dizem que quando um ladrão é traído por outro, pode jogar uma praga terrível sobre o traidor.

– E qual é a punição? – Simon perguntou, interessado.

– Dizem que todo homem sob a maldição do traidor acaba morrendo da mesma forma, como um verme miserável.

– Ele não merece menos – disse o velho pássaro. – Independentemente de sua maldição acontecer ou não, o fato é que seu plano funcionou naquela noite. Com os corvos divididos, Rosado e seu exército invadiram os aposentos reais. Ele assassinou o irmão, verdadeiro rei, e tomou o trono. Para responder à sua pergunta, esse foi o Aniversário

Maldito.

– Ah – Peter disse, quase desejando não ter perguntado.

– Então, o irmão malvado roubou de volta sua herança – Sir Tode falou, imaginando a cena dramática – e, podemos concluir, assim termina a história do Aniversário Maldito.

– Não exatamente – Simon respondeu. – O Rei Avelã sabia que a cobiça do irmão pelo poder não seria satisfeita com esta pequena ilha, e que logo ficaria entediado e partiria de barco para aterrorizar outros reinos. Então, em seu último suspiro, jogou uma praga na terra. Declarou que, enquanto Rosado reinasse, a costa do Porto Avelã jamais encontraria o mar. E, com aquelas palavras, a ilha toda estremeceu. A terra se partiu em duas e engoliu o oceano, deixando apenas uma terra sem fronteiras e improdutiva.

– O reino inteiro desapareceu! – Sir Tode bateu o casco.

– Desde então, estamos encurralados – disse a princesa, amargurada. – O grande fosso que cerca o palácio é largo demais para ser atravessado, até para Simon. Ninguém consegue entrar ou sair.

– Ninguém, exceto nós – Peter lembrou. Embora antes tivesse declarado que não ligava para o que a princesa pensava a seu respeito, agora surpreendia-se em busca da aprovação dela. – Se isso não é uma prova que devemos estar aqui, então, o que é?

– Ele tem razão – disse Sir Tode, passando a um assunto mais importante. – Agora, vejo alguns furos nessa história, Simon. Você explicou como os Desertos Justos surgiram, mas como foi que os corvos assumiram o controle do local?

Simon piscou, olhando para Sir Tode.

– Não entendo sua pergunta. Os corvos e os ladrões se afogaram quando o mar recuou. Ouvi rumores de alguns prisioneiros sobreviventes, mas...

– Alguns não – Peter disse –, milhares. Eles são liderados por um pássaro chamado Capitão Amos.

Simon resfolegou e pulou para mais perto.

– Capitão Amos? Ele está vivo? Ele e seus irmãos ajudaram em sua busca?

– Sim... e não – Peter respondeu. – Os corvos tentaram nos ajudar, mas cometi o erro de confiar nos prisioneiros, e eles me usaram para ajudar a invadir o arsenal e roubar as armas de volta – ouvir a história do pássaro fez com que Peter percebesse o quanto agira errado ao confiar nos ladrões. – Quando deixamos os Desertos Justos, Capitão Amos e os outros ainda estavam lutando por suas vidas – ele abaixou a cabeça, envergonhado. – Eu lamento.

– Agora não há nada que possamos fazer por eles. Meus irmãos são lutadores fortes. A Justiça os ajudará – o velho pássaro permaneceu em silêncio por um bom tempo, pensando na guerra do outro lado do abismo.

Peg terminou a história.

– Uma vez que meu tio assumiu o trono, ele agiu como se o ataque todo tivesse sido um pesadelo. Na manhã seguinte, os adultos acordaram, na manhã, diante do palácio limpo e com um café da manhã quente. Ele fingiu que sempre fora o rei e que eles eram seus súditos amados. As crianças desaparecidas nunca mais foram mencionadas, e quem se atrevesse a falar delas, desaparecia. O restante dos adultos tinha tanto medo que prosseguiu com a farsa. Após alguns anos, esqueceram-se por completo de que um dia elas existiram.

– Como pode ser? – exclamou Sir Tode. – Como podem os pais se esquecerem dos próprios filhos?

– Essa é uma pergunta que não sei responder – Simon afirmou. – De alguma forma, Lorde Rosado baixou uma nuvem imensa sobre a mente dos cidadãos. Eles acreditam nas suas mentiras e seguem seu comando sem questionar.

Peter tinha ouvido falar de médicos viajantes que conseguiam hipnotizar seus pacientes balançando um relógio de bolso diante de seus rostos, ou tocando suas têmporas com magnetos, mas nada era tão poderoso como Simon estava descrevendo. Ele pensou nas conversas que tivera com a sra. Molasses e seus vizinhos durante o jantar. Todos eles pareciam muito determinados em relação ao amor que tinham por seu rei.

– Tem de haver uma explicação – ele disse em voz alta.

Peg sacudiu os ombros.

– É a mesma forma como ele controla os trincos, o sino da torre e todas as outras coisas no palácio; ele usa magia.

– Você chama esse troço de magia – Peter disse –, mas é só um mecanismo do relógio, certo? – Aquilo o incomodava, desde sua chegada; parecia que as pessoas não sabiam quase nada sobre ciência ou lógica. Peter não era nenhum gênio, mas conseguia entender como funcionavam as engrenagens desde muito jovem. No entanto, a sra. Molasses, e até Simon, pareciam tratar essas coisas como se fossem feitiços poderosos.

– Talvez esses dispositivos sejam simples para alguém de sua terra – disse o corvo. – Porém, aqui, eles são mistérios como nada que já vimos. O rei usa um “mecanismo de relógio”, como você chama, para manter presos tanto os adultos quanto as crianças.

– Eu trocaria de lugar com os adultos a qualquer hora – disse Peg. – Eles podem dormir em camas e comer o quanto quiserem. Enquanto isso, nós, crianças, ficamos presas nas minas. Desde que tínhamos idade suficiente para ficarmos de pé, ele nos fez de escravos, com aquela imensa fera mágica...

– Engrenagem de relógio! – interferiram Giggie e Marbles, sorrindo para Peter. As duas garotas começavam a ter uma queda pelo jovem ladrão.

Peg revirou os olhos e continuou:

– Nós passamos nossas vidas nas minas, trabalhando na fera da *engrenagem* que come a própria rocha.

– Para que ele está cavando? – Peter quis saber. – Tesouro?

Ela sacudiu os ombros:

– Francamente, não sei. Estou mais preocupada em continuar viva. E, agora que você apareceu, está ficando bem mais difícil. O rei restringiu o horário do toque de recolher, e os monstros passaram a fazer inspeções surpresa nas casas das pessoas. Parece que um pássaro comentou sobre um estranho; achei que não fossem tão tolos.

O estômago de Peter se contraiu.

– Será que algum outro pássaro disse a eles?

– Não há outro pássaro – ela respondeu.

Por mais que detestasse ter que dizer, Peter não podia deixar que uma criatura inocente levasse a culpa por sua asneira.

– Eu disse a eles – pigarreou para limpar a garganta. – Estava tentando salvar os pássaros, mas a Patrulha Noturna me interrompeu. Falei sobre o estranho para distraí-los. Estava tão escuro, então é provável que pensaram que eu fosse um pássaro – torcia para que não passassem essa última parte sob um crivo minucioso. – Lamento – falou pela segunda vez em alguns minutos.

– Brilhante – Sua Majestade fungou. – Agora são os cegos que conduzem os cegos.

Simon explicou:

– Aqueles pássaros eram nossos espiões na superfície. Sem eles, não temos nenhuma forma de saber o que Rosado está planejando. Também é provável que ele tenha apreendido um deles. Quando você os libertou, todos vieram aqui, menos um, chamado Crumpet. O rei não descarta tortura. Ele pode tê-la levado para saber do estranho... mas, sem dúvida, saberá muito mais.

A ideia daquele pássaro inocente sendo torturado era demais para Peter.

– Nós precisamos salvá-la!

– Acho que você já “ajudou” o suficiente por hoje – disse Peg, de pé, de costas para ele. – Trouble, Scrape, vocês dois, preparem-se para um novo esconderijo. Giggle e Marbles ficarão de vigia – suas ordens foram interrompidas por uma campainha acima da terra. – Essa é a campainha do café da manhã, o que significa que o rei vai acordar em breve. Precisamos nos mexer.

Peter pôs a mão na parede e sentiu um tremor, conforme os cadeados foram sendo abertos por todo o palácio. Centenas de pessoas saíam de suas casas, todas caminhando em direção ao Salão de Refeições. Ele podia ouvir outra coisa acima do falatório dos cidadãos famintos: um leve ruído de água. Peter cheirou o ar e captou um perfume que não estava ali momentos antes.

– Onde pensa que vai? – disse Peg, quando o viu pegando seu recém-recuperado saco de pilhagem.

– Preciso checar algo, na superfície – ele respondeu.

– Qual é o motivo? Eles estão tomando café da manhã.

– Estou com fome – Peter não queria dizer o verdadeiro motivo, caso ele estivesse errado. – Veja dessa forma: se eu morrer, estarei fora do seu caminho para sempre – ele pegou um pedaço solto de corda e enfiou no saco; segundo sua experiência, nunca era demais ter um pedaço de corda à mão.

A princesa se viu entre a frustração e a curiosidade.

– Tudo bem, mas eu vou com você. O único caminho seguro é através desses esgotos, e você jamais chegará lá sozinho – ela se virou para Simon. – Fique de olho no *cavaleiro feroz* e cuide para que ele não se meta em confusão. Todos estejam de volta aqui em uma hora.

E assim, os Desaparecidos se espalharam pela escuridão.

>>>

A jornada até a superfície foi bem longa. Os túneis eram estreitos, escorregadios e ficavam ainda mais traiçoeiros pela velocidade do ritmo de Sua Majestade. Alguns minutos depois, Peter estava totalmente encharcado e dolorido. Mesmo assim, não diminuiu o ritmo; queria provar a si mesmo que era um herói valoroso e isso significava seguir em frente. Conforme respirava o ar abafado, Peter pensou como teria sido crescer naquele estranho reino. Significaria escravidão, é verdade, mas ele não era nenhum estranho ao trabalho duro. Não conseguia eliminar a sensação de que havia algo *familiar* naquele lugar, algo que o fazia se sentir em casa, mais do que em qualquer lugar que já estivera na vida. Até Sua Majestade, que era rude e autoritária, de alguma maneira parecia-lhe familiar.

– Não consegui abrir aquela sua caixa – ela disse, olhando para trás, enquanto subia uma escada. – O que há lá dentro?

– Nada de especial – Peter ainda ficava nervoso quanto a mostrar os olhos fantásticos a alguém. Ele ainda se lembrava do alerta do professor quanto a mantê-los em segredo. – Apenas algumas ferramentas tolas de ladrão.

– É mesmo?! – ela o ajudou a subir na beirada. – Posso vê-las?

– Segredo de ofício – ele empurrou o saco para trás. – Uma garota não entenderia.

– Tudo bem... eu não queria ver mesmo! – Sua Majestade recomeçou a correr com o dobro da velocidade.

Apesar de magoado pelo tom com que ela o descartou, Peter estava aliviado que o assunto tivesse sido deixado de lado.

– O que você espera fazer, depois que escapar com as crianças? – ele perguntou, torcendo para que a conversa pudesse desacelerá-la. – Você será coroada rainha?

– Irei encontrar o Sem Nome – ela disse.

– Encontrar *quem*?

– Sem Nome. Meu irmão gêmeo.

Peter se esquecera por completo da segunda criança.

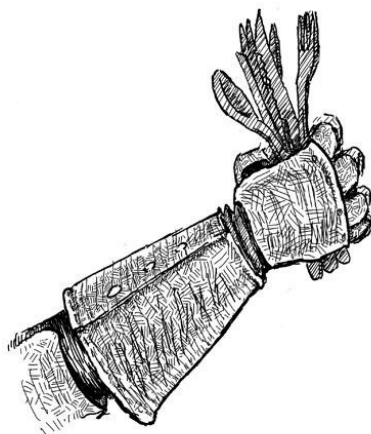
– Simon não disse o que aconteceu com ele.

– Ninguém sabe. Ele desapareceu. Trouble e Scrape acham que ele está morto, mas eu não acredito. Perguntei a Simon, mas ele sempre me vem com aquela tolice de “salve a Linhagem” e “a Justiça voltará a nós”.

Peter não tinha certeza se era sábio por parte do pássaro criar falsas esperanças assim.

– Um bebê sobreviver a uma batalha dessas – observou, cauteloso –, você tem de admitir, parece meio improvável.

– Ele está vivo – ela empurrou um portão enferrujado e saiu para o calor da luz do dia. – E, algum dia, vou encontrá-lo. Você vai ver – mas é claro que Peter não poderia *ver* nada, nem os corredores, nem o céu, nem mesmo como a luz matinal reluzia nos radiantes olhos verdes-esmeraldas de Sua Majestade.



O discurso do rei

PETER E PEG Chegaram ao Salão de Refeições pouco antes do segundo prato. A princesa o levou por uma das inúmeras gárgulas que cuspiam água para baixo, no pátio. Gárgulas, como você deve saber, têm esse nome porque “gargarejam” água. Alguns acreditam que essas figuras grotescas um dia foram criancinhas imundas, petrificadas como punição, pelo hábito sórdido de cuspirem em público. Esse par de crianças sujas, no entanto, tinha coisas mais importantes com que se preocupar, em vez de tabus sociais. Peter e Peg debruçaram-se sobre a fileira inferior de dentes de pedra, ouvindo os cidadãos abaixo. Como com o jantar, na noite anterior, a conversa foi agradável e a comida, abundante. Peter podia ouvir as pessoas conversando de boca cheia, dizendo coisas como “eu de fato adoro pãezinhos de figo!” e “minha nossa, mas essa omelete de pardal não está divina?”.

O salão havia sido completamente limpo desde a última vez que o menino estivera ali, e os pedestais de pardais tinham sido substituídos por vasos de plantas.

– Um grupo de crianças vem, antes do amanhecer, e limpa tudo – disse a princesa. – Os adultos sempre deixam o lugar uma bagunça terrí...

Peter encostou um dedo nos lábios dela, sinalizando para que fizesse silêncio. Ele precisava se concentrar no que estava acontecendo abaixo. Dava para ouvir as pessoas mastigando. Ele podia ouvir o tique-taque da torre do relógio e as correntes de água fluindo ao redor.

– Princesa, você vê algo na água lá embaixo?

Peg olhou por cima do maxilar da gárgula para ter uma visão melhor. Para ela, tudo parecia normal.

– O que estou procurando? – ela perguntou.

Peter se concentrou. Decididamente havia algo pútrido na água.

– Tem alguma coisa espetando para fora da superfície? Como canos longos, ou algo assim?

– Eu vejo bambus. Estão espalhados por todo o salão, a cada três metros, mais ou menos.

Peter assentiu, aproximando-se mais.

– Ainda bem que viemos. Aposto minha destreza que o rei está planejando vir ao café esta manhã.

– Isso é ridículo – Peg disse. – O rei nunca toma café da manhã com os súditos. O que o faz ter tanta certeza?

– Porque seus guardas estão posicionados na água. Olhe para onde estão os bambus. Você está vendo alguma sombra maior?

– Sim – ela disse, depois de um instante. – A-aqueles são monstros?

– Não há nada parecido com o cheiro de um gorila molhado – o menino tentou não soar presunçoso, mas era difícil controlar o sorriso. – Fique abaixada! Lá vem o rei!

Quase que como obedecendo a um sinal, uma trombeta soou e uma dúzia de gorilas armados surgiu da água. Vendo a aterrorizante Patrulha Noturna em plena luz do dia, as pessoas entraram em pânico. Vários homens desmaiaram na hora. Outros começaram a engasgar com seus waffles. Houve um estampido enlouquecido de cidadãos jogando sua comida no chão, empurrando-se para fugir do Salão de Refeições, mas, quando chegavam ao corredor, as pessoas encontravam o portão abaixado, bloqueando a saída para o restante do palácio.

– Parem, cidadãos! – um gorila rugiu acima do estrondo. Peter reconheceu sua voz como sendo do que se chamava LongClaw. A fera parou, checando para ter certeza de que todos estavam ouvindo, antes de continuar. – Seu bondoso rei decidiu acompanhá-los no café da manhã. Deem-lhe as boas-vindas!

A multidão instantaneamente explodiu num aplauso ruidoso, do jeito que Peter jamais ouvira na vida. Ouvia homens e mulheres batendo os pés em algazarra, saudando com toda a força. No entanto, o mestre da ladroagem podia sentir outras coisas: que as mãos que aplaudiam tinham um odor suarento e as gargantas pareciam secas.

O rei entrou por uma portinha, na base da torre do relógio. Claro que Peter não podia vê-lo, mas sentia bem o cheiro. Cada passo vibrava com um tinido voraz de esporas.

– Ele está vestindo sua armadura de *engrenagens* – disse Peg. – Nunca vai a lugar algum sem ela.

Peter estava meio perdido. Estava quase certo de que ela queria dizer alguma outra coisa que não “engrenagem”. Mas, quando ouviu de perto, seus ouvidos captaram o *brrrrr* de engrenagens girando por baixo do peitoral do rei. O menino estudou os sons, imaginando como aquela estranha armadura poderia funcionar.

O aplauso continuou, enquanto Sua Majestade seguia rumo à cabeceira da mesa. Em vez

de acenar para pedir silêncio, ele simplesmente ficou ali, de pé, assentindo.

– O que ele está esperando? – Peter sussurrou para Peg.

– Está esperando para ver quem para primeiro.

Mas ninguém parava. As pessoas aclamavam, aclamavam e aclamavam, até ficarem com as mãos vermelhas e as vozes roucas. Por fim, um velho na mesa perdeu as forças. Caiu ao chão, e os gritos deram lugar a um acesso de tosse.

– Basta! – o rei gritou, numa voz autoritária e indignada. Peter não achou que soava como a voz de um guerreiro voraz; havia algo quase estridente em seu tom. Ainda assim, diante de seu comando, a multidão caiu num silêncio aterrorizado. O rei encarou o velho. – Você não tem respeito por seu Grande Soberano?

– P-por favor, Rei Poderoso! – o velho implorou. – Tenha piedade de um súdito leal!

– Guardas! – rápidos como um raio, três gorilas atravessaram o pátio. Pularam em cima do velho e o arrastaram pelos tornozelos, gritando, seguindo pelo corredor, em direção a um lugar que não dava para ver, mas, sem dúvida, seria um destino desagradável. Quando os gritos foram enfraquecendo, o rei virou de volta para os súditos: – Por favor, *comam* – ele disse com um sorriso magnânimo.

Cada pessoa do salão se sentou. Comiam em silêncio, tentando forçar a comida perfeita goela abaixo. O que era difícil de fazer, por conta de terem acabado de ver um de seus vizinhos “desaparecer” nas mãos de gorilas babões.

No alto, bem acima deles, Peter estava junto de Peg, tremendo, dentro do imenso maxilar da gárgula. Não tremia por causa da água fria que passava pelos seus joelhos, mas porque seus ouvidos sensíveis ainda podiam detectar os gritos do velho ecoando em algum lugar no profundo subterrâneo.

Enquanto isso, os adultos abaixo mastigavam, bebericavam e engoliam, ao longo do restante da refeição. Gorilas circulavam a área atrás deles, observando para ver se alguém se atreveria a ofender o rei com pouco apetite. Quando as pessoas tinham finalmente limpado seus pratos, Rosado falou novamente:

– Meus queridos cidadãos, vocês podem estar imaginando por que lhes dei a graça de minha presença esta manhã. É que faz pouco mais de dez anos que terminei de construir o Palácio Perfeito, tijolo a tijolo, com minhas próprias mãos – deteve-se por um momento, para aceitar o aplauso entusiástico dos súditos.

– Obrigado, cidadãos – o rei disse. – É animador ver como vocês apreciam minha liderança, minha sabedoria e meu sacrifício.

– Sim, nós apreciamos! Sim, apreciamos! – o povo gritava.

– E, para recompensá-los, planejo algo grandioso para o aniversário de nosso reino.

– E viva o aniversário! – gritaram as pessoas.

– Será algo que fará do meu reino o que ele sempre deveria ter sido! Não apenas perfeito, mas *poderoso*!

– Um viva para poderoso! – gritaram as pessoas.

Peter inclinou-se à frente. O que quer que o rei estivesse planejando, talvez tivesse algo a ver com a escavação feita no subterrâneo.

– Mas, antes de compartilhar isso com vocês, tenho algo mais sério a discutir.

– Três vivas para algo mais sério! – gritaram as pessoas.

O rei fez uma cara feia para essa última declaração.

– Se fosse tolo, diria que vocês estão apenas repetindo o que sai de minha boca perfeita.

– Oh, não! – gritaram as pessoas, desta feita mais nervosas. – Estamos ouvindo! Nós o amamos!

– Assim é melhor – ele estrilou, já mais abrandado. – Como disse antes, há uma questão muito grave que devo levar à atenção de vocês. Parece que um espião conseguiu entrar no castelo. Ele atende pelo nome de sr. Justice Trousers, e eu desconfio que possa ser, na verdade... um *ladroão*!

Diante disso, as mulheres começaram a passar mal, enquanto os homens tremiam dentro de suas botas. Parecia que a simples palavra incitara o terror nos corações de todos os súditos.

– Como vocês sabem – o rei continuou –, ladrões são criaturas sombrias que possuem maneiras perversas de abrir as fechaduras que instalei para protegê-los.

As duas crianças ouviam, enquanto as pessoas louvavam o rei e suas maravilhosas fechaduras “mágicas”. Peter, que já contara uma ou duas mentiras decentes em sua época, não estava impressionado.

– Ele está tentando lhes dizer que ficar trancafiado é bom? Essa é a maior tolice que já ouvi!

– Eu sei – ela respondeu –, mas eles acreditam nele mesmo assim.

O rei ergueu a mão, silenciando a multidão.

– Foi-me dito que o sr. Trousers veio em missão secreta para assassinar seu valoroso rei!

Uma nova onda de pânico sacudiu a multidão.

– Não morra, Sua Majestade! – eles gritavam. – Precisamos do senhor!

– Sua preocupação me comove – ele colocou a mão em cima do coração, que fazia tique-taque. – No entanto, não se esqueçam de que sou o maior guerreiro que já existiu – Peter fungou diante dessa última afirmação.

– Não ria – Peg o alertou. – Ele pode ser convencido, mas meu tio é perigoso. Simon diz que ele pode combater não uma, mas *uma centena* de espadas, e um único movimento de seu braço pode derrubar dez homens – sua mente teve um lampejo dos pais mortos. – Não importa o que faça, não o subestime.

O fato de aquele homem se provar tão poderoso parecia impossível para Peter, mas ele

confiava que Simon conhecesse um bom guerreiro quando via um. Peter passara sua vida inteira numa cidade onde as lutas eram bêbadas ou amistosas, silenciosas ou insignificantes. Guerra de verdade era algo desconhecido para ele. Pensou no quanto ficara amedrontado e confuso quando a batalha irrompera no Ninho; agora, estava num mundo diferente.

O menino afastou esses pensamentos da cabeça e mais uma vez se concentrou no discurso do rei.

– Súditos leais! Vocês podem estar se perguntando como um espião conseguiu se infiltrar neste reino invencível. Fico triste em lhes dizer que fomos traídos por um dos nossos. E apresento-lhes a traidora! – bateu as mãos na armadura e dois gorilas entraram pelo corredor acompanhando alguém que traziam no meio.

Peter resfolegou. Dava para sentir o perfume até lá em cima. Era a sra. Molasses! Ele pôde ouvir o tilintar das algemas ao redor de seus punhos e tornozelos. Estava claro que a mulher não fazia a menor ideia do que perdera, na primeira parte do discurso do rei. Ela implorava:

– O que foi que eu fiz? O que foi que fiz?

Peg chegou mais perto de Peter.

– Aquela é a mulher que o ajudou? – a princesa observava os gorilas marcharem com a prisioneira até o meio do salão, colocando-a aos pés do rei.

Rosado recomeçou seu discurso à multidão.

– Hoje cedo, meus guardas apreenderam essa mulher em sua casa. Ela era uma boa cidadã. Uma zelosa admiradora de seu rei e seu reino. Abençoada com uma vida perfeita, ela estava ávida para compartilhar sua sorte com estranhos – porque boas coisas estavam sendo ditas sobre ela, a sra. Molasses começou a concordar, assentindo com vigor a cada palavra. Ele prosseguiu: – E é por conta dessa *generosidade* que mandei chamá-la aqui, diante de vocês hoje – a mulher deu um sorriso breve e confuso. Estaria sendo recompensada?

– Ouvi dizer que ela recentemente trouxe um amigo para o jantar. Um estranho a quem esteve abrigando por vários dias. Minha cara sra. Molasses – ele disse, sorrindo para ela –, poderia, por gentileza, nos dizer o nome de seu estimado convidado?

A mulher ficou radiante, agora certa de que seria indicada para algum tipo de prêmio de hospitalidade.

– Sua Majestade, seu nome era... Justice Trousers!

Diante daquelas palavras, a multidão deu um grito em uníssono.

– Culpada pela própria confissão! – proclamou o rei. – Cidadãos, você sabem que este é exatamente o nome do espião mandado para me assassinar, e esta mulher é sua cúmplice!

A sra. Molasses deu um gritinho fraco.

– Não, Sua Alteza! O sr. Trousers era um bom homem. Ele estava ferido! Eu quis ajudá-

lo, para compartilhar nosso palácio perfeito com ele! – ela se aproximou, de joelhos, pousando as mãos algemadas sobre o colo. – Ele nunca disse nada quanto a ser um espião!

– Claro que não *disse*, sua tola! E você não pensou em perguntar. Sua “*gentileza*” – ele cuspiu esta última palavra, em particular alvo de sua repulsa – colocou um inimigo no meio de nós, pondo nossa vida preciosa em perigo! – voltou-se para o povo: – Agora, o que devemos fazer com ela?

– Puni-la! – gritaram as pessoas.

– Muito bem – ele marchou até a longa mesa de madeira e pegou um punhado de talheres, erguendo acima de sua cabeça. – Provem sua lealdade a mim! Peguem suas armas e *punam a traidora*!

A Princesa Peg ficou observando, horrorizada.

– Eles não vão... – ela sussurrou. Mas estava errada. Sem hesitar um segundo sequer, cada pessoa no Salão de Refeições pegou faca, garfo ou colher, entoando: “Matem a traidora! Matem a traidora!”. A sra. Molasses tremia de medo enquanto a cercavam gritando e berrando. Os gorilas riam, ansiosos para desfrutar do espetáculo.

– Matem a traidora! Vida longa ao rei!

– Precisamos fazer alguma coisa! – Peg disse, esticando o braço para pegar a mão de Peter. Mas a mão dele não estava em lugar algum. Enquanto estivera ocupada observando a multidão abaixo, o mestre da ladroagem tinha desaparecido.



Lillian

CONHECENDO UM POUCO De Peter Nimble e seus olhos fantásticos, agora você provavelmente presumiu que, quando a Princesa Peg descobriu que seu companheiro tinha desaparecido, foi porque tinha, de fato, *desaparecido*. A verdade era bem mais simples, porém, não menos opressora. No instante em que o grande ladrão ouviu a ordem de Rosado para matar a sra. Molasses, soube que tinha de fazer alguma coisa; se aquela mulher não o encontrasse e cuidasse dele, devolvendo-lhe a saúde, ele estaria morto. Estava ansioso por uma oportunidade de silenciar as dúvidas de Peg quanto a ele, de uma vez por todas; e que maneira melhor do que um resgate heroico?

Peter percebeu que não havia chance de dominar a turba, muito menos os gorilas. Sua única esperança seria criar algum tipo de distração; se ele pudesse desviar a atenção deles, apenas por um momento, talvez tivesse a chance de ir até lá, de modo sorrateiro, e libertar a sra. Molasses. Mas como? Ele não tinha engodos nem apetrechos grandes o suficiente para fazer ruídos e distrair uma multidão que rugia. Ele apalpou ao redor da boca da gárgula, procurando algo para atirar, um molar solto, talvez. Em vez disso, seus dedos encontraram uma dobradiça enferrujada que ligava o maxilar da estátua à parede. Aparentemente, a gárgula tinha o papel de torneira, controlando o fluxo de água dos tubos.

O menino ficou de pé e vasculhou o túnel por trás dele em busca de um interruptor para ampliar as comportas de água.

– Peter! O que está fazendo? – Peg veio andando pela água, ao lado dele, e o pegou pela manga. – Achei que tivesse acontecido alguma coisa com você! Não pode sumir assim!

– Ou você me ajuda, ou sai do meu caminho – ele deu um safanão recuando o braço, esquecendo, por um momento, que ela era a realza. – Precisamos salvar aquela mulher.

– Como? Estão a uns dez segundos de parti-la em mil pedaços, entoando o “*Vida longa*

ao rei!”!

– Então é melhor nos apressarmos – ele falou. – Você conhece essas tubulações de água? Há algum tipo de alavanca para o controle do fluxo da água?

– Um tipo de quê? – ela perguntou, exasperada. – Eu já lhe disse, as fontes são *mágicas*, assim como os sinos e as trancas e tudo mais.

Peter passou por ela, seguindo para dentro do túnel. Era fato que a princesa não seria de grande ajuda. Bem abaixo, pôde ouvir o sr. Bonnet dando o primeiro golpe na sra. Molasses com um garfo. O garoto se retraiu diante do som dos garfos rasgando o tecido da roupa dela.

– Não tenho tempo de explicar, Sua Majestade – replicou. – Por favor, apenas vá até meu saco e pegue a corda que tem dentro. Preciso que você a prenda em algo seguro – Sua Majestade preferiu não questionar a ordem. Sem mais nenhuma palavra, correu até o saco e tirou a corda.

– Agora, onde você está se escondendo? – murmurou Peter, virando as costas para a parede dos canos. Quanto mais avançava, mais funda ficava a água. Agora estava batendo em suas coxas, arrastando suas pernas com a força de milhares de galões. O fluxo o empurrava para trás, e ele esticou a mão para se equilibrar. Seus dedos pousaram numa pequena maçaneta ligada a canos enferrujados, ao longo do teto. – A corda está amarrada? – ele gritou para Peg.

Tendo crescido nas cavernas subterrâneas, a princesa tinha aprendido algumas coisas sobre nós de escalada. A corda estava habilmente presa ao redor das garras da gárgula.

– Está segura! – ela respondeu.

– Bom! Segure firme! – Peter pegou a maçaneta e a virou com toda força. Os canos gemeram e todas as gárgulas acima do Salão de Refeições abriram as mandíbulas horrendas, soltando uma inundação torrencial sobre as pessoas abaixo.

Caso você não tenha familiaridade com a sensação, uma batida na cabeça é considerada uma das surpresas mais desagradáveis da vida. Esse ataque em geral resulta na vítima se voltando para trás a fim de gritar “Que é isso?” em direção ao ar. A pessoa pode até afagar a cabeça de modo tolo, para verificar se há sangue. Isso acontece mais com gente alta, quando anda sob galhos baixos; um fato que tem muito a ver com o perpétuo mau humor de gigantes, Gúlivers e gente do tipo.

Embora os cidadãos do reino não fossem notoriamente altos, todos estavam recebendo a pancada na cabeça, vinda da água em cascata. Quase todos os adultos do Salão de Refeição viravam perguntando “O que é isso?”, enquanto passavam a mão na cabeça, à procura de sangue. Pelo fato de seus agressores não serem uma pessoa, mas uma cascata estrondosa, as perguntas eram respondidas com uma enxurrada no rosto.

O pandemônio era surpreendente. Havia tanta gritaria e água voando pra todo lado, que levaram vários minutos para perceber o que estava acontecendo. Durante esse tempo, mais água caía do alto, enchendo o salão, até a cintura das pessoas, tirando seus pés do chão.

– As gárgulas estão transbordando! – gritou o rei, subindo numa mesa, que também começava a flutuar. – LongClaw! Você é responsável pelas tubulações!

– Elas estavam boas ontem à noite, Majestade! – o gorila empurrou um cidadão de volta para a água. – Alguém deve ter mexido nos controles!

– Isso é impossível! Ninguém no reino... – porém, quando o rei estava prestes a dizer que ninguém no reino entendia de encanamento básico, avistou duas crianças, ambas com cerca de dez anos, nadando em meio ao caos, e uma delas era sua sobrinha!

– A menina está atacando! Peguem-na!

– Peguem a criança! – rosnou LongClaw, seguindo pela água atrás de Peg.

Como você deve saber, gorilas não são criaturas naturais da água. Eles mal bebem água no deserto. A cada mês ou mais, tomam uma golada que fica armazenada em suas panças, localizada bem no meio do tronco grotesco. Princesa Peg, por outro lado, tinha passado a vida inteira se deslocando pelos esgotos. Por conta disso, a horda de gorilas sedentos de sangue provou ser malsucedida na captura da herdeira fugitiva. Eles se deslocavam e se debatiam na água, mas Peg era veloz demais.

A menina nadou ao redor do Salão de Refeições, tentando o melhor para desviar a atenção para si, tirando-a de Peter. Enquanto isso, o ladrão mestre seguiu seu caminho até o centro da sala e pegou a sra. Molasses. Antes que a mulher soubesse o que estava acontecendo, Peter mergulhou abaixo da superfície e se pôs a trabalhar nas correntes. Os cadeados não foram difíceis, apresentando basicamente o mesmo mecanismo dos que eram utilizados nos pássaros. Ele abriu o fecho e voltou à tona para respirar.

– Você está livre! – ele disse, pegando-a pelo pulso. – Agora, prenda a respiração! – mergulhou abaixo da superfície da água novamente, dessa vez arrastando a sra. Molasses junto.

Embaixo d'água, Peter desacelerou seu coração e se concentrou na confusão. Se focasse, podia identificar a diferença entre humanos e gorilas. Ele sentiu a sra. Molasses puxando na direção contrária, enquanto eles seguiam rumo à beirada do salão. Eles chegaram ao lado de Peg bem na hora de ajudá-la a passar por uma pilha de cidadãos que se aglomeravam junto ao corredor principal.

– O portão está bloqueando a saída – Peter falou. – Há outra?

– Você deveria ter checado *antes* de nos fazer descer água abaixo – Peg murmurou. – Siga-me – ela agarrou o outro braço da sra. Molasses e os levou por um corredor lateral. Quando chegaram a um pequeno vão, Peg puxou uma pedra solta da parede e enfiou os dois numa passagem secreta. Ela entrou depois, recolocando a pedra, antes que alguém pudesse ver.

Era de pensar que salvar a vida de uma mulher fosse despertar nela uma reação positiva em relação aos salvadores. Era de imaginar que talvez até ficasse grata e ansiosa para agradecer enquanto seguia por aquele túnel subterrâneo. No entanto, não foi o caso. Depois de mais de dez anos de lavagem cerebral, a mente da sra. Molasses tinha sido apagada de qualquer coisa que sequer lembrasse o bom-senso. Apesar de tudo, ela continuava

totalmente convencida de que seu rei era bom e aquelas crianças eram más.

– Soltem-me! – ela gritava, enquanto eles a carregavam mais fundo, para dentro da terra. – Socorro! Guardas! Rei! Alguém! Os espiões me pegaram!

Peg virou-se, exasperada.

– Seus vizinhos iam assassiná-la... com colheres! Quer mesmo voltar pra lá?

– Só estavam obedecendo Sua Alteza! – ela deu um chute na canela de Sua Majestade. – Solte-me!

Peter tentou um tom mais diplomático.

– Sra. Molasses, sei que a senhora está amedrontada, mas se continuar gritando, aqueles monstros irão nos ouvir. Realmente quer isso? – como resposta, também recebeu um chute na canela.

Há uma velha frase, dita por um homem inseguro para se sentir superior à sua prole. Tristemente, o dizer pegou ao longo dos anos, e agora muita gente acredita que seja verdadeiro: “Não se discute com criança”. Como pode atestar qualquer criança sensata, esse sentimento é pura tolice, e enquanto Peg e Peter esfregavam suas canelas, Sua Majestade resfolegou, fazendo uma afirmação mais verdadeira:

– Não se discute com adulto – ela suspirou, mancando adiante. – Se ela é tão imbecil, devemos deixar que morra.

– Volte aqui, Peg – Peter ordenou com veemência tal que surpreendeu até ele mesmo. – Essa mulher pode estar confusa, mas ainda é uma de suas súditas. Nós vamos levá-la conosco.

– Ela levará o rei e seus gorilas direto ao nosso esconderijo! – a garota gritou em réplica. – Não podemos arriscar.

Peter pensou a respeito por um momento. Ele se ajoelhou e rasgou um pedaço de pano da perna da calça. Com um sorriso lamentoso, enfiou o tecido dentro da boca da sra. Molasses, que continuava berrando.

– Problema resolvido. Agora, comece a arrastá-la.

>>>

A mordaça funcionou como um encanto; chutes e socos à parte, a sra. Molasses foi bem mais cordata pelo restante da viagem. Quando o par finalmente chegou à toca, Sir Tode e Simon estavam esperando.

– Peter! – disse o cavaleiro, galopando até os pés do menino.

– Sua Majestade! – o corvo fez uma saudação, pulando no ombro da menina.

Peg suspirou, soltando seu lado da carga.

– Desculpe por nos atrasarmos. Pergunte ao Peter.

– Pergunto – Simon disse, encarando-o. – Ouvimos a comoção lá em cima e ficamos

preocupados. Mandei os pássaros investigarem. Eles disseram que o rei tinha trancado todo mundo em suas casas e começou inspeções de porta em porta. Vocês foram vistos?

– Pode-se dizer isso – Peter gemeu, enquanto arrastava o restante da sra. Molasses até a caverna.

– É... quem é sua amiga? – perguntou Sir Tode, cutucando-a com o casco.

– Seu nome é sra. Molasses. Ela é a mulher que cuidou de mim até eu ficar bom. Nós a salvamos da multidão enlouquecida de adultos.

– Foi uma tolice! – Simon estrilou. – Não podemos nos dar ao luxo de ter um dos cidadãos do rei sabendo de nossa localização.

– Eles iam *matá-la*! – Peter protestou.

– Mesmo assim. A segurança de Sua Majestade é mais importante do que a de qualquer outro indivíduo. Seria sábio de sua parte se lembrar disso.

A essa altura, a sra. Molasses conseguiu rolar e ficar de pé.

– Socorro! Estou aqui! – ela gritou, arrancando o pano da mordaca e correndo pelos túneis.

Peter atravessou a caverna correndo e deteve a mulher.

– Segure-a! – ele gemeu. – Vou acorrentá-la.

– Nada de correntes – Peg falou com firmeza. – Enquanto eu for a princesa, jamais usaremos correntes.

– Você usou uma em mim – ele resmungou.

Simon falou em voz baixa:

– Sua Majestade, a menos que essa mulher se acalme, ela nos coloca a todos em perigo de sermos descobertos. Caso se recuse a acorrentá-la, tem de se livrar dela – ele ergueu a garra. – Posso fazer isso de modo rápido.

– Eu disse não! – Peter gritou do outro lado da caverna. Tanto a princesa quanto o corvo ficaram evidentemente surpresos que os tivesse ouvido. – Sei que é perigoso, mas, se você a matar, não é melhor que o rei.

– O menino disse algo que tem sentido – concordou Sir Tode. – Não somos assassinos aqui.

– Fale por você – Peg rebateu.

Peter voltou-se para a mulher relutante. Sabia que tinha de haver um jeito de conscientizá-la sobre as mentiras do rei.

– Lembra-se de mim, sra. Molasses? Sou o estranho que a senhora encontrou em seu pátio.

– Não seja ridículo! – ela esbravejou. – Aquele homem tinha olhos dourados. Você, nem olhos tem! Nunca me esqueço de um rosto!

– Não sou um homem, sou um menininho – ele girou a perna, prendendo-a ao abraçar seu pescoço. – Lembra-se do que é um menininho?

A mulher olhou para ele aterrorizada.

– Se for algum tipo de tortura, jamais funcionará! Pode vir com essa *conversa de menininho* o quanto quiser; jamais cederei! – ela rolou para o lado, sufocando-o com sua saia volumosa.

Peter pegou um punhado de cabelo dela, tentando se soltar.

– Espere um minuto – Peter falou, sentindo o cheiro dos cachos perfumados. – Onde está Trouble?

– Os dois meninos estão vasculhando as cavernas – Simon respondeu.

– Pode trazê-los aqui, por favor?

Peg suspirou, depois assentiu para Simon, que com rapidez saiu voando da caverna. Alguns minutos depois, o corvo voltou trazendo Trouble.

– Fiz algo errado? – ele perguntou, limpando o nariz na manga.

Peter, que já tinha conseguido dominar a sra. Molasses com as cordas, levantou para encontrá-lo. Ele se aproximou, cheirando o cabelo do menino.

– Trouble – ele disse com um sorriso. – Quero que diga olá para sua mãe.

Houve um longo silêncio.

– Minha o quê? – Trouble perguntou, arrancando uma casca do machucado do antebraço.

Peter pegou sua mão e o levou até a luz de vela.

– Não há o que temer. Apenas deixe que ela veja seu rosto.

– Não chegue mais perto! – a sra. Molasses se acovardou, junto à parede, cobrindo os olhos. – Saia de perto de mim, seu homenzinho sujo!

Trouble agachou para vê-la melhor.

– Ela é terrivelmente gorda – ele falou.

Não estava dando tão certo quanto Peter esperava. Ele se ajoelhou ao lado da mulher e com gentileza afastou as mãos dos seus olhos.

– Olhe para ele – ele disse, baixinho. – Eu sei que você não esqueceu.

A sra. Molasses tentou se desviar do olhar de Trouble, mas não conseguiu. Lentamente, encarou os olhos azuis e algo mudou dentro dela. Peter ouviu-a resfolegar e sentiu que seu batimento cardíaco acelerou por baixo da pele.

– T-Timothy? – ela sussurrou.

A sra. Molasses agora tremia inteira. Esticou o braço e tocou o rosto do menino.

– Tive um bebê uma vez... ele tinha *lindos* olhos azuis... ele era... – seu corpanzil

estremecia enquanto lutava contra as lágrimas. – Meu bebê! – ela jogou os braços ao redor de Trouble e o puxou para perto de seu peito. – Meu pequeno Timothy!

O menino estava confuso e um tanto assustado.

– Esse é mesmo o meu nome? – ele perguntou. – Timothy?

A mulher estava em prantos, lembrando do dia horrendo, todos aqueles anos atrás, quando o filho fora roubado do berço.

– Achei que o tinha perdido para sempre! – ela o puxou para mais perto, e Trouble também caiu em prantos, pois, que criança algum dia esquece de verdade do amor da própria mãe?

Peg olhou tudo aquilo em silêncio, pensando em como queria matar aquela mulher menos de meia hora atrás.

– O que... acabou de acontecer? – ela perguntou.

Peter sacudiu os ombros.

– Sob aquele perfume e aquela sujeira, algo me dizia que eles tinham de estar juntos... o cheiro deles combina.

– Ah! O cheiro combinou! – Sir Tode repetiu as palavras como se fosse a conclusão de uma piada. – Disse a vocês que ele era talentoso, mas não me ouviram. *E agora*, o que têm a dizer?

Simon pulou do ombro de Sua Majestade.

– Perdoe minhas dúvidas, Peter Nimble. Agora vejo que sua chegada, de fato, foi um milagre.

A princesa não conseguiu ir tão longe, a ponto de admitir estar errada, porém, também estava impressionada.

– Você claramente tem habilidade com algemas – ela disse. – Amanhã iremos até as minas e veremos se pode ajudar alguém por lá – ela olhou para Timothy com a mãe e não pôde deixar de sorrir. – Obrigada.

Aquela aprovação, por mais suave que fosse, deixou Peter muito contente.

– De nada, Sua Majestade – ele disse, curvando-se.

Durante as horas seguintes, a caverna fria ficou repleta de mais ternura e amor do que todos os corações do mundo. Timothy compartilhou com a mãe as provações e dores de crescer no subterrâneo, e cada nova história fazia que ela caísse de novo em um pranto de gratidão por estarem juntos outra vez. Conforme a tarde avançou, o menininho ficou cansado e a mãe o pegou nos braços, afagando seus cabelos emaranhados e cantando cantigas de ninar.

>>>

Foi só à noite que a aparição da sra. Molasses, cujo prenome era Lillian, causou problemas. Começou quando as outras meninas voltaram de seus postos, mortas de

cansaço.

– Quem é essa? – Marbles perguntou, olhando desconfiada para a adulta ao lado de Timothy.

– É minha mãe – disse o menino, orgulhoso. – Peter a salvou.

Marbles resfolegou, pegando o braço de Peter.

– Você encontrou a mãe de Trouble?

– Não teria conseguido sem a ajuda de Peg – ele disse.

Um novo pensamento ocorreu à menina.

– Bem, e quanto à minha mãe? Por que o Trouble ganha uma mãe e eu não?

– É! – Giggie completou, indo para o lado dela. – E quanto a mim?

A Princesa Peg se aproximou e tentou explicar a situação. Quando tinha acalmado as duas, Scrape chegou de sua vigília.

– Ouvi gritos e vim o mais rápido que pude! O que aconteceu? – estava com os punhos fechados, pronto para uma briga.

– Trouble ganhou uma mãe – Marbles falou. – E não quer dividir!

Scrape, que era o companheiro mais próximo de Trouble, olhou o amigo, magoado.

– Isso não é justo... deixe-nos ficar com ela!

– Não é assim – Timothy os empurrou para longe. – Ela é *minha*!

– Ah, é? – gritaram, empurrando-o também. – Bem, e se eu *a pegar*?!

Peg fez o máximo para apartar as coisas.

– Todos vocês, parem de brigar! – ela gritou, em sua melhor voz autoritária. – Ou eu vou levá-la agora mesmo, lá para cima, onde a encontrei! – mas não adiantou; a confusão estava formada, completa, com choro, cuspe e chute na terra.

Lillian pôde ver que acabar com a briga exigiria mais que força.

– Crianças, *por favor*! – enfiou-se entre eles. – Sou a mãe que todos vocês têm agora. Eu gostaria de não ser, mas terei que ser o suficiente, por enquanto. Tenho certeza de que Timothy ficará perfeitamente feliz em me compartilhar com vocês. Não é, querido?

Timothy parecia longe de “perfeitamente feliz” quanto à possibilidade de dividir sua nova mãe com alguém, muito menos com vários *alguéns*. Em vez de responder, ele ficou olhando o chão, empurrando um montinho de terra com o pé.

– *Timothy*... – Lillian falou em tom de reprovação.

– Tudo bem – ele murmurou. – Vocês também podem ficar um pouco com ela.

E, assim, ela abraçou todas as crianças com seus braços de adulto, puxando até mesmo a Princesa Peg para dentro do grupo. Para vocês que cresceram com uma mãe, talvez o significado desse momento tenha escapado. Por mais cruel e falha que sua mãe possa

parecer, com certeza ela é melhor do que *mãe nenhuma*. Essas crianças não tinham lembranças de terem sido embaladas, ou tomado palmadas, ou ganhar papinha numa colher. Quando estavam aprendendo a andar ou sendo treinadas para usar o banheiro, não tinham uma voz de incentivo para animá-las; em vez disso, tinham gorilas prontos para comê-las vivas se não voltassem ao trabalho. Por causa disso, a promessa de Lillian, de ser a mãe de todos eles, foi um pouco opressora. Assim que ela os adotou, todos caíram em prantos, agarrando-se à nova guardiã.

Todos, exceto Peter Nimble. O jovem ladrão recuou do grupo e se juntou a Sir Tode no chão frio.

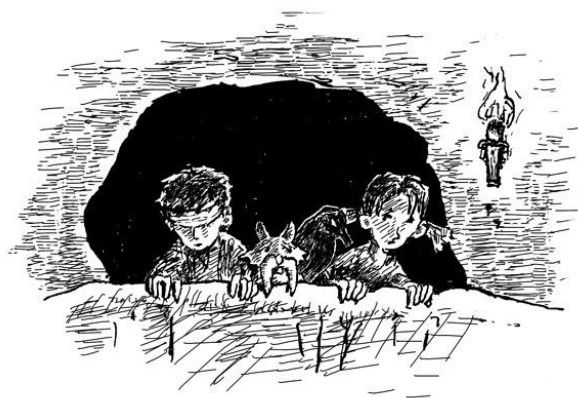
O cavaleiro estudou o rosto do menino sob a luz da vela.

– Não sou uma mãe – ele disse –, mas sou seu amigo.

Peter pousou a mão na nuca emaranhada.

– Meu melhor amigo.

E os dois ficaram sentados, juntos, ouvindo Lillian cantar baixinho para a nova família. Enfim, os Desaparecidos tinham sido encontrados.



A fera do mecanismo do relógio

AO SALVAR LILLIAN, Peter tinha por certo respondido a todas as questões quanto à sua competência. E assim, na manhã seguinte, Peg e os outros saíram para lhe mostrar as minas.

– Mal posso esperar para ver todas as correntes caindo, como mágica! – exclamou Sua Majestade, enquanto saltava ao descer os degraus pedregosos. Aparentemente, tinha mudado de opinião quanto ao jovem ladrão da noite para o dia. – Vocês deviam ter visto como ele abriu as correntes de Lillian, e ainda embaixo d’água!

Peter não estava tão confiante. Sim, era um ladrão habilidoso, mas, a julgar pelo som, havia muitas crianças que precisavam ser salvas. Não tinha certeza se gostava de ter tanta gente assim dependendo dele.

– Vamos torcer para que seja assim tão fácil – sussurrou.

No entanto, nada tinha de fácil. Só o fato de chegar às minas já fora uma provação. A aventura de Peter no Salão de Refeições tinha claramente provocado o rei, que, desde então, colocara sentinelas em todos os túneis subterrâneos; pelo que podia perceber, todos os caminhos agora estavam bloqueados por gorilas.

– Quantas rotas existem? – Peter murmurou. Eles aguardavam dentro de uma caverna até que alguns guardas passassem marchando.

– Ah, centenas – Timothy falou, segurando com firmeza a mão de Lillian. – Conhecemos muitas delas, mas só o rei conhece todas.

– O rei conhece todos os túneis? – Peter ficou um tanto surpreso; segundo sua experiência, adultos raramente conheciam as passagens secretas da própria casa.

– Cada um deles – Marbles afirmou. – Ele tem um pedaço mágico de pergaminho que lhe permite ver para onde todos eles conduzem e como se interligam.

– Um mapa? – Sir Tode perguntou.

– O que é isso? – ela perguntou de volta.

Peter e Sir Tode ficaram chocados. Aquelas crianças não tinham sequer aprendido o que

era um mapa.

– Mapa... – Lillian repetiu a palavra com um tom de ligeiro reconhecimento. – Sim, acredito que me lembre do que se trata – acendeu uma vela e trouxe para perto das crianças. – *Mapa* é um pedaço de papel com o desenho do chão. Olhem só, estou desenhando um *mapa* desta caverna – e, assim, pegou um pedaço de carvão e começou a marcar o chão.

– Isso é só um círculo cheio de calombos – comentou Timothy. – Não parece nada com este lugar.

– Verdade – ela respondeu com calma –, mas, e se Simon estivesse olhando esta sala enquanto voasse, de cima? Como pareceria?

– Escuro? – sugeriu Giggle.

– Como um punhado de rochas? – disse Scrape, esforçando-se para pensar. – Porque estaria olhando para um chão de pedras!

– Muito bom, Scrape. E que formato teriam todas essas paredes rochosas? Olhem em volta um instante se precisarem – todas as crianças olhavam ao redor, observando a câmara sombria.

– Um círculo? – Timothy se aventurou.

Lillian ficou radiante.

– Exatamente! Foi isso que desenhemos no mapa. E túneis seriam assim, serpenteados – as crianças observavam, fascinadas por completo.

Peg permaneceu com Peter, afastada do grupo.

– Aprendi um pouquinho sobre mapas com Simon – ela falou –, mas não sei o suficiente para explicar a eles. Eles precisam de um professor de verdade.

Peter ouviu a lição de Lillian, contente pelo fato de as crianças, enfim, aprenderem alguma coisa. Nunca tinha visto um mapa, é claro, mas crescera criando pequenos diagramas mentais na forma de cômodos, de modo que pudesse evitar esbarrar nas coisas. Em sua cabeça, esses espaços eram sempre vivos, mudavam e cresciam conforme os outros sentidos iam acrescentando mais detalhes.

– Se o rei tem esse mapa sofisticado, sabe a respeito da caverna onde vocês moram? – ele perguntou.

– Ainda não – Peg respondeu. – Aquela fomos nós que cavamos. Se ele descobrir, não sobrará mais nenhum lugar para nós.

Enquanto Lillian e as crianças continuavam discutindo sobre os mistérios da cartografia, Peter desviou sua atenção para os passos da Patrulha Noturna que ecoavam por ali. Podia ouvi-los batendo os pés de um lado para o outro, resmungando sobre o quanto o restante dos gorilas deveria estar se divertindo naquele momento. O sr. Seamus ensinara a Peter que, quando os guardas estão entediados, assumem padrões de hábitos, e era dever de um ladrão descobrir que padrão era esse e explorar sua fraqueza. Quando o gorila sentinela

passou marchando pela terceira vez, Peter sentiu uma oportunidade e se virou para Peg.

– Majestade, posso nos fazer passar por esses gorilas, mas é perigoso demais deslocar um grupo tão grande. Não podemos levar os outros.

A menina se levantou, batendo a poeira das mãos.

– Peter e eu vamos continuar – ela disse às crianças. – Preciso que o restante de vocês volte à caverna e espere por nós.

Os amigos soltaram um resmungo coletivo.

– Não é justo! – Scrape ficou de pé em um salto. – Por que você e Peter sempre ganham toda a diversão?

Antes que pudesse haver uma cena, Lillian interveio.

– Porque, sem você, não teria mais ninguém para me proteger daqueles gorilas terríveis. Você é um guerreiro tão corajoso, e eu me sentiria muito melhor com você a meu lado – ela lhe ofereceu um braço. – Poderia, por favor, me acompanhar?

O menino sacudiu os ombros, constrangido.

– Acho que sim – ele disse, seguindo ao lado dela.

Timothy, para não ficar atrás, agarrou o outro braço.

– Também vou protegê-la, mãe.

– Eu também! – disseram as meninas.

– Mas quanta gentileza de todos vocês! – Lillian conduziu as crianças rumo à caverna. – Quando voltarmos, farei um chá e lhes ensinarei tudo sobre *higiene*. Não será divertido?

Peter ouvia, tentado a acompanhá-la também, mas ele e a princesa tinham questões mais urgentes a resolver. Peter seguiu na frente, com Peg, Simon e Sir Tode logo atrás. O pequeno grupo ia cada vez mais para o fundo do subterrâneo, parando para se esconder sempre que ouvia a Patrulha Noturna por perto. Acabaram chegando a um túnel íngreme que levava às minas.

Peter colocou as mãos na rocha úmida.

– Dá pra sentir algo se mexendo lá embaixo, como se a terra toda se sacudisse.

– É a fera do mecanismo do relógio sobre a qual lhe falei, aquela que come pedras. Estamos chegando perto.

Uma voz rouca ecoou na escuridão.

– Certo! – disse um gorila. – Quinze minutos de cochilo; depois, voltamos ao trabalho! Quem reclamar vai virar comida dos dragões!

– Dragões? – Sir Tode, que se esforçava para galopar em silêncio, alcançou os outros. – O rei tem *dragões*?

– Nunca ouvi falar de tais criaturas – Simon respondeu, pousando no ombro de Sua

Majestade. – Provavelmente é só para assustar.

Peter inpirou o ar em busca de algo que pudesse resolver a questão, resquícios de enxofre ou veneno com uma nota de salmoura. Se fosse tolo, teria dito que o cheiro o fazia lembrar de sua cidade natal. Mas era um absurdo; estavam a milhas subterrâneo adentro, a meio mundo de distância.

O túnel nivelava-se e dava para uma planície estreita, com vista para uma caverna enorme.

– Bem-vindo às minas – Peg disse.

O som retumbante continuava, permitindo que Peter assimilasse melhor os arredores. A extensão da caverna o deixou perplexo. Sentia o calor vindo das tochas a uns trinta metros adiante. Podia ouvir pingos de água caindo do calcário, quinze metros acima, e dava para sentir o odor dos gorilas em marcha, atravessando o piso molhado que parecia se estender até o nada.

– Cuidado com essa beirada – Peg avisou, afastando-o. – É bem alto – ela apontou o outro lado da caverna, mostrando-o a Sir Tode. – É ali que dorme a fera do mecanismo do relógio.

O cavaleiro estreitou os olhos por entre a luz da tocha e resfolegou.

– Minha nossa, Peter... Ela não estava brincando! – Se o menino pudesse ver, teria sido tomado pela visão de um pesadelo. A máquina colossal era quase tão alta quanto a caverna. A parte de trás, exposta, revelava um emaranhado de engrenagens, pistons e molas, todos conectados a gaiolas circulares gigantes, não muito diferentes do tipo de rodas giratórias que os cientistas usam para divertir roedores. Só que aquelas eram muito maiores, grandes o suficiente para nelas acomodar várias pessoas. A frente da máquina parecia um imenso parafuso de ferro que escavava parede adentro.

A broca, que era responsável pelo retumbar, estava parada no momento. Os operadores, as crianças, estavam todos descansando no centro da caverna.

– Os escravos estão reunidos no meio de uma rocha plana – Sir Tode explicou. – Há um fosso de água escura cercando todos os lados.

Peter podia ouvir os gorilas ao redor, estalando os chicotes e ameaçando as crianças. Cada guarda segurava uma corrente comprida que se estendia pelo chão e desaparecia sob a superfície do fosso.

– É água salgada – comentou, percebendo por que aquilo lhe parecera familiar.

Sir Tode esticou o pescoço e teve um vislumbre de uma sombra comprida movimentando-se abaixo das ondulações.

– Parece que os gorilas têm algo nadando na outra ponta daquelas correntes.

Assim que o cavaleiro pronunciou isso, viu uma criatura enorme erguer a cabeça para fora da água. Seu corpo pegajoso era grosso como um barril de pickles e perfilado de barbatanas. O animal se revolia e arremetia contra as correntes, presas a uma máscara

imensa que lhe cobria toda a cabeça, exceto a boca. A cada investida das mandíbulas, dentes afiados que mais pareciam ser feitos de osso se revelavam. O bicho soltou um grito que parecia ser capaz de rachar a pedra.

– Minha nossa... – Sir Tode gemeu. – Achei que estivessem extintas! – olhava, horrorizado, enquanto o monstro hediondo colocava a língua de um metro para fora, sentindo o gosto de comida (crianças) por perto. Gania e se debatia, tentando, com desespero, cravar os dentes na carne macia que estava ligeiramente fora de alcance.

Todos os escravos gritaram, derrubando a comida e correndo para o outro lado da ilha.

– Fiquem espertos, insetos! – gritou um dos gorilas. Uma criatura do outro lado do fosso pôs a cabeça para fora da água, também gritando e se debatendo. Os guardas caíam na gargalhada enquanto observavam as crianças correndo, de um lado para o outro, entre os monstros.

– O que são esses demônios aquáticos? – Simon perguntou, quase hipnotizado.

A boca de Sir Tode estava seca.

– Serpentes marinhas... Dragões das profundezas. Haviam desaparecido de nossas águas há muito tempo. Lembro-me das histórias de quando era jovem. Diziam que apenas três delas foram responsáveis por devorar toda a Península do Filósofo.

– E há pelo menos uma dúzia naquele fosso – Peter comentou, contando as vozes esganiçadas. Aquela tarefa ficava mais difícil a cada minuto que passava, pois não era mais uma questão de abrir trincos enferrujados velhos; agora havia *dragões marinhos* a combater.

– Como esses monstros conseguem respirar embaixo d'água? – Peg quis saber, porque, graças ao encanto do pai, jamais vira sequer um molusco em toda a vida.

Simon tentou responder à pergunta da melhor maneira possível:

– Em alguns lugares longínquos há um poderoso “oceano”, águas tão vastas que podem cercar um reino inteiro por todos os lados. Dizem que essa água circula o mundo como um amante zombador, sempre perseguindo a lua. Sob sua superfície há um segundo reino, com um sal mágico que flui pelas correntes marítimas como o vento em nosso céu. Uma miríade de criaturas estranhas nasce e morre dentro dessas profundezas, sem jamais sentir o ar.

O pássaro estremeceu diante de um pensamento tão horripilante.

A menina concordou, entendendo apenas parte do que significavam as palavras de Simon; em particular a informação sobre o amante zombador. Antes que pudesse pedir mais detalhes, uma voz metálica ecoou pela caverna:

– LONGCLAW! – dizia a voz, vinda de uma corneta de bronze presa à parede. – PRECISO VÊ-LO EM MINHA SALA REAL DE ESTRATÉGIAS NESTE INSTANTE! TEMOS ASSUNTOS URGENTES A DISCUTIR! PASSE SUA SERPENTE A OUTRO GUARDA E VENHA PARA CÁ!

– É o rei – Peter disse aos outros. Aparentemente, Rosado montara um tipo de cano de voz que vinha de outra câmara dentro das minas. Peter já tinha visto geringonças

semelhantes em sua terra, para chamar serventes e vendedores.

– Ah, estava só começando a me divertir com ela... – LongClaw protestou.

– EU DISSE AGORA!

Peter ouviu o gorila jogar a corrente e sair batendo os pés rumo ao que parecia ser um pequeno túnel. O menino sabia que a missão prioritária era libertar aquelas crianças, mas algo lhe dizia para ouvir o que era o “assunto urgente”. Deu as costas à princesa e tirou a caixa dos olhos fantásticos do saco de pilhagem. Abriu a tampa e deixou que o par de olhos desse uma boa olhada no local do esconderijo, caso precisasse de uma fuga rápida. Agachou-se ao lado de Sir Tode e sussurrou:

– Quero descobrir o que estão planejando lá embaixo, e achei que talvez... Isto é, se você estiver disposto... – abriu o saco com timidez. – Assim, poderia de fato usar um par de olhos.

– Mas sem dúvida! – respondeu o cavaleiro, acomodando-se dentro do saco.

Quando Peter chegou à beirada do caminho, Peg agarrou sua camisa.

– Você está maluco? – ela disse. – É um precipício!

– Não se preocupe conosco – ele tentou acalmá-la, desvencilhando-se dela. – Só não se metam em confusão enquanto estivermos fora – Peter girou os calcanhares e desapareceu nas sombras.

Para vocês que não são ladrões, a arte de escalar superfícies lisas, chamada escalada do homem-aranha, pode parecer um mistério absoluto. Na verdade, é uma das habilidades mais difíceis para um ladrão dominar, exigindo destreza para encaixar os dedos das mãos e dos pés em rachaduras incrivelmente estreitas. Como você pode imaginar, tal processo se torna bem mais perigoso sob qualquer grau de umidade. As paredes da caverna eram lisas, e os dedos de Peter estavam rijos de tensão. Ainda assim, lenta e silenciosamente, seguiu seu caminho até a base da caverna, tomando cuidado para ficar fora da luz das tochas tremulantes.

As minas ligavam-se a outra caverna, que era quase tão grande como a primeira. Peter podia sentir o cheiro de enxofre e pó de serragem no ar. Por todos os arredores, ouvia a música inconfundível da carpintaria: martelos batendo, machados cortando, madeira quebrando. Sir Tode espiou para fora do saco e descreveu o que via.

– É um estoque. Há canhões, barris de pólvora, arpões... Nossa, poderiam tomar um reino dez vezes com um arsenal desse tamanho! – ele olhava as pilhas imensas de mastros, pranchas e remos. – E parece que estão construindo uma frota também... Mas por que construir barcos se não possuem um oceano onde navegar?

Peter ouviu a voz de LongClaw ecoando por um arco de pedras adiante. Falava com Rosado. O menino seguiu sorrateiramente até a sombra e entrou.

Sir Tode descreveu a caverna, que Peter ouvira ser chamada de sala real estratégica; uma pequena caverna perfilada de tochas. LongClaw e o rei estavam reunidos ao redor de um tipo de mesa. A falta de ecos fez o garoto pensar que as paredes deviam ser atapetadas.

Tendo quase certeza, esticou a mão e sentiu o tecido sedoso que pendia ao seu lado. Não podia ver o desenho, mas desconfiava que exibia uma imagem do rei. O mestre da ladroagem ocultou-se atrás da tapeçaria, onde ele e Sir Tode podiam ouvir sem ser descobertos.

– Nada da menina ainda, Majestade – relatou LongClaw –, mas meus guardas estão vasculhando os túneis aqui, aqui e aqui – apontou para alguns papéis sobre a mesa enquanto falava.

– Se você não tivesse *esmigalhado* aquele pardal – disse o rei, irritadiço –, poderíamos obter mais informações. Tenho que descobrir sobre esse estranho que está ajudando minha sobrinha.

– Pelo jeito tão veloz como abriu as correntes da mulher, diria que é um arrombador. Talvez até o mesmo que libertou a princesa. Será?

– Pouco provável. Já faz anos que ela se libertou das algemas. Não, desconfio que seja alguém novo que veio ajudar a salvar seus preciosos súditos. Pois quero vê-lo tentar. Não há pessoa viva que possa ter esperanças de passar despercebida com aqueles nojentinhos pelas minhas serpentes marinhas.

– Brilhante precaução, Majestade – constatou o gorila. – Mais uma coisa. Recebemos uma mensagem do Oficial Trolley esta manhã.

– Trolley? – Rosado riu. – O que o velho tolo tem para nós? Mais tapetes mágicos?

– Parece que uma guerra irrompeu entre corvos e ladrões. Neste momento, os dois lados estão equivalentes.

O rei ponderou sobre a notícia.

– Isso é excelente para o nosso plano – afirmou.

Se algum dia tiver a chance de passar um tempo com um idealizador vilão, saberá que essa gente adora discutir planos malignos em voz alta. Para sorte de Peter e Sir Tode, o rei parecia estar prestes a iniciar um desses monólogos.

– Quero que mande uma barcaça carregada de armas para os ladrões – o rei prosseguiu. – Se sobreviverem a essa batalha, poderão me ser úteis mais uma vez. Nunca é demais ter um exército de maníacos sofrendo de insolação à disposição.

– Realmente acha que eles confiarão de novo no senhor, Majestade?

– Confiar em mim? É claro que não. Mas ladrões são covardes, e sou o único que pode salvá-los do que está por vir... o que farei com prazer, em troca do serviço deles. Além disso, não é o caso de estar sobrando opções. Ao menos, ainda não – diante disso, o rei conteve um escárnio. Peter não entendeu a piada, mas desconfiava que tivesse algo a ver com os grandes planos para o aniversário que o homem mencionara ao discursar para o povo.

– Peter, há uma pilha de pergaminhos naquela mesa – sussurrou Sir Tode. – Se o rei está fazendo embarcações, então é porque há uma maneira de levá-las ao mar... Aqueles

papéis podem nos mostrar como.

O garoto flexionou os dedos.

– Deixe comigo – ajoelhou-se e pegou um punhado de pedrinhas de engodo, enquanto o rei e o gorila continuavam a conversar.

– Qual é a situação da escavação, LongClaw?

– Se aquelas curvas forem algum sinal, estamos chegando perto. Já há rachaduras ao redor da broca. Acho que com um empurrãozinho podemos estar ensopados até o nascer do sol.

– Então, empurrãozinho é o que daremos. Estou preso neste deserto imundo há dez anos! – ele ergueu o punho com a armadura, e Peter captou o *rrrrrr* do mecanismo do relógio. – Enfim, chegou a hora de estender meu poderio. Quanto mais cedo eu sair velejando, mais rápido poderemos recrutar mais gorilas e ensiná-los a falar e a lutar como você – o rei deu um tapinha na corcunda peluda da criatura. – Imagine só, LongClaw, dez mil gorilas sob seu comando... e você, é claro, sob o meu – os dois compartilharam uma risada conspiradora.

A euforia foi interrompida pelo som de passos leves do lado de fora da caverna.

– O que foi agora? – estrilou o rei, irritado por ser cortado no meio de uma boa risada maligna.

LongClaw entrou pisando duro no túnel e voltou um momento depois.

– Não há ninguém do lado de fora, Majestade – inspirou o ar. – Mas estou sentindo cheiro de algo.

– Improvável. Essas minas estão transbordando de gorilas. Ninguém seria tão... – nesse ponto, suas palavras foram morrendo, pois seu olhar se voltou para a mesa e viu um jovem menino enfiando mapas, plantas e livros dentro de um saco de pano.

É evidente que Peter não contara ser notado em pleno roubo, mas, como você sabe, a vida não raro tem um jeito de nos surpreender nos momentos mais inoportunos. Tinha sido negligente demais, e, agora, ele e Sir Tode estavam encurralados.

– Ora se não é nosso pequeno estranho – falou Rosado franzindo o rosto. Apesar de estar em vantagem na situação, não se sentiu nem um pouco satisfeito em constatar que o intruso chegara tão perto.

Peter recuou para longe da mesa e enfiou a mão no saco de pilhagem.

– Saudações, Sua Alteza – ele disse, remexendo dentro do saco. – Gostei muito de seu discurso esta manhã...

– Cale a boca, arrombador! – o gorila agarrou Peter e o encostou contra a parede. O menino não gritou; em vez disso, mexeu ainda mais no saco.

– O que tem em mente, Majestade? – LongClaw arrancou uma tocha da parede e a aproximou do rosto do menino. – Devo devorá-lo cru, ou assá-lo primeiro? – Peter recuou

conforme as chamas tremulavam junto ao seu rosto.

– Paciência, LongClaw. Ainda não queremos matar “sr. Trousers”. Não, se temos tanto a lhe perguntar – Rosado se aproximou e Peter ouviu o delicado mecanismo funcionando sob sua armadura. Surgiu um som de *finc!*, e ele sentiu algo afiado junto à sua pele. A lâmina parecia ter uma mola conectada ao seu antebraço. – Por que não começamos com seu nome verdadeiro? – sugeriu o rei, passando a arma pelo queixo do garoto.

– M-meu nome é Peter Nimble.

– Peter Nimble? – rosnou o rei. – Ora, isso é ainda pior do que Trousers! Diga-me, Peter, como conseguiu abrir as algemas da sra. Molasses?

– Eu... tenho uma *chave* – o garoto murmurou. – Está dentro do meu saco.

LongClaw baixou a tocha.

– Ninguém lhe disse? Chaves são estritamente proibidas aqui neste reino – ele enfiou a mão no saco de Peter em busca do contrabando.

No instante seguinte, o saco adquiriu vida própria e saltou para o lado.

– Tome isso! – gritou uma voz de dentro dele. – E isso!

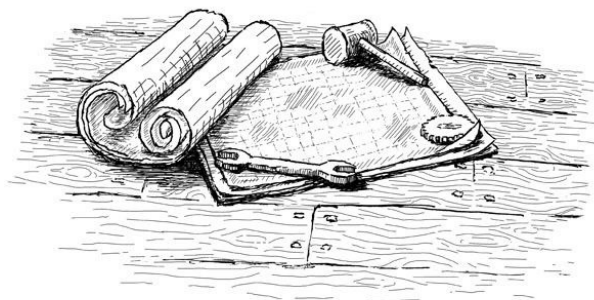
LongClaw rugiu, dando um solavanco com a pata. Sir Tode veio junto, maxilares cerrados, preso com firmeza à pata da fera.

– Ahhhh! Tire isso de mim! – o gorila rosnou e sacudiu Sir Tode, arremessando-o do outro lado da caverna.

– O gato você pode comer – disse Rosado, antes de se virar para a própria presa. Mas, ao erguer o punho, viu que não segurava o braço do garoto, mas uma tocha apagada, quase da mesma grossura.

A mordida de Sir Tode fora tudo de que Peter precisava para se soltar e enganar o rei. O mestre da ladroagem pegou os pergaminhos do chão e partiu para perto do amigo. Tirou a bandagem, revelando um par de olhos dourados radiantes.

– Vida longa ao verdadeiro rei! – disse, e, no instante seguinte, ele, Sir Tode e os pergaminhos haviam sumido.



A cabeça do vira-lata

UM INSTANTE DEPOIS, Peter e Sir Tode reapareceram ao lado de Peg e Simon. Eles cambalearam, caíram no chão, lançando os pergaminhos para todo lado.

A princesa estava furiosa e nem um pouquinho surpresa.

– Vocês poderiam ter nos matado! – ela deu um peteleco na orelha de Peter com um mapa. – Mandei Simon descer para verificar onde estava e ele quase foi visto. E o que são esses papéis ridículos?

– Tivemos que descobrir o que estavam falando – explicou o menino, rapidamente enfiando a caixa dos olhos fantásticos no saco. Voltou a amarrar a bandagem sobre as cavidades oculares, antes que os outros pudessem notar.

Simon deu um salto, aproximando-se.

– Sua cabeça está sangrando, Sir Tode. Está muito machucado?

– Só minha honra – murmurou o cavaleiro. – Fugimos antes que tivesse uma chance apropriada para reagir... Ora, mais um minuto e teria dado àquele gorila um ferimento igual ao meu!

Peg voltou ao assunto em pauta.

– Isso foi incrivelmente imbecil. Vocês dois. Eu sabia que não estavam prontos para essa tarefa.

Peter, que tinha se esforçado muito para ganhar a confiança da princesa, ficou ressentido.

– Desculpe se lhe causamos algum *inconveniente*. Imaginei que talvez fosse bom sabermos os planos do rei antes de nos apressarmos a fazer qualquer coisa – ele arrancou o pergaminho da mão dela e enfiou no saco. – Além disso, um desses “papéis ridículos” talvez possa nos mostrar uma saída daqui.

O argumento foi interrompido quando LongClaw adentrou as minas e acionou o alarme. Os gorilas se espalharam por todas as direções em busca do “nojentinho de olhos dourados”.

Antes que Simon ou Peg pudessem perguntar o que aquilo significava, Peter parou

próximo aos túneis.

– Vamos! – disse a Sir Tode. – Acho que teremos de arriscar o pescoço por *Sua Majestade* numa outra hora.

>>>

Conforme seguiam de volta ao esconderijo, as duas crianças permaneceram em um silêncio gélido. Peg sentia-se mal pela forma como falara com Peter, mas não conseguia arranjar um jeito de falar “desculpe” sem dizer “estou errada”. Peter, por outro lado, estava ocupado demais compilando uma lista de todos os sacrifícios sem agradecimento que fizera para sequer pensar em pedir desculpas. Sir Tode e Simon não falavam, mas trocavam olhares ocasionais que pelo menos transmitiam não guardar rancor.

Como acontece com a maioria das discussões, a briga foi esquecida quando as crianças encontraram uma ameaça que as uniu, e encontraram-na assim que chegaram ao esconderijo. Estava vazio e seus poucos suprimentos, esmigalhados. Não havia qualquer sinal de Lillian ou das crianças.

Peter empunhou seu anzol e fungou o ar. O fedor era esmagador.

– Gorilas – ele disse em tom sinistro.

– Deviam estar esperando aqui quando os outros voltaram – a voz de Peg estava trêmula. Ajoelhou-se e pegou um pedaço de pano rasgado do avental de Lillian. – Se não os tivesse mandado de volta para cá, sozinhos...

Peter interrompeu.

– Nesse caso, também estaríamos mortos. Você mesma disse, o rei estava vasculhando os túneis. Não foi culpa nossa.

– Nossa, não... minha – sussurrou. – Confiaram em mim para guiá-los – ela deu as costas para esconder o choro.

Peter ouvia, e sua frustração se transformou em verdadeira preocupação.

– Nós os encontraremos, Sua Majestade. Tem minha palavra. Mas, agora, precisamos partir, antes que as criaturas voltem.

– E ir *aonde*? – ela jogou o pano no chão e se levantou. – Estamos encurralados! O rei conhece todos os túneis do reino.

Peter não podia evitar compartilhar do desespero dela. Para onde *poderiam* ir? Ele sacudiu a cabeça:

– Sempre tem a cabeça do vira-lata.

Os outros ficaram em silêncio.

– É um antigo provérbio de ladrões – ele explicou. – *O lugar mais seguro para uma pulga é na cabeça de um vira-lata*. Não importa se nosso local é secreto, ou mesmo seguro, só precisa ser um lugar onde o inimigo não esteja procurando – Peter guardou o anzol no saco. – Seu tio acha que estamos no subterrâneo; então, devemos ir o mais longe

possível de lá... E eu acho que sei onde.

>>>

Embora entrar escondido num palácio adormecido fosse fácil, deslocar-se durante o dia era bem diferente. Parecia que para todos os lugares onde Peter e os outros viravam encontravam gorilas e cidadãos à procura do terrível sr. Trousers, *também conhecido* como Peter Nimble, *também conhecido* como o Assassino dos Olhos Dourados. Várias horas se passaram até que chegassem à cabeça do vira-lata, também conhecida como a torre do relógio.

– Não se parece com nenhum relógio que eu já tenha visto – Sir Tode disse quando chegaram ao topo da escada frágil. – Ora, não tem ponteiros! Só uma frente vazia, fazendo tique-taque...

Estavam numa pequena plataforma de madeira, cercados por imensas engrenagens de relógio. Peg tocou o dente da roda dentada, atrás de si, que tinha três vezes o seu peso.

– Essas mesmas rodas mágicas vivem dentro das paredes – ela disse. – Elas fazem os trincos se abrir e fechar –, disse, tirando a mão bem na hora em que o dente se moveu à frente.

Simon estava tão mistificado quanto a princesa:

– E esses repiques, de alguma forma, chamam o sol, comandando que ele se levante e se ponha – deu uma bicada na borda, que respondeu com um *piiing*. Revooou para uma janela, dando uma olhada para conferir se estava mais escuro do lado de fora. – O rei controla a mágica sozinho.

Peter tentou, mais uma vez, explicar que não havia nada de mágico sobre trincos e relógios, mas Simon e Peg não conseguiam entender.

– Não – ela insistiu. – É magia negra que meu tio trouxe de terras longínquas.

Peter começava a pensar que as “terras longínquas” que Rosado visitara não eram mais especiais que sua própria cidade portuária. Embora ninguém por lá jamais tivesse visto corvos falantes ou desertos encantados, até as crianças entendiam os princípios básicos da ciência. Então lembrou-se do que o Professor Cake dissera sobre os mares distantes serem regidos por leis que vão além da razão. Ele nunca tinha pensado em como isso pode limitar a vida das pessoas dali.

– Bem, amigo – ele disse a Sir Tode –, parece que caberá a você decifrar essa.

Peter tirou os pergaminhos do saco e os abriu no chão. Quando desenrolados, os papéis ficaram grandes o suficiente para que Sir Tode ficasse em pé em cima deles. O cavaleiro andava de uma ponta até a outra, mantendo o nariz nos locais marcados.

– Minha nossa... – ele deu uma fungada amarga. – O rei não estava brincando.

– O que é? – Peg perguntou, ajoelhando-se para examinar os papéis estranhos.

Sir Tode apontou com a pata uma imagem diante dele.

– Sua Majestade, isto é um desenho, um *mapa*, das minas. E, ao redor delas, pouco além das rochas, há um círculo em azul escuro.

– É o céu? – ela perguntou.

– Não, é água. Muita água. E aquela máquina infernal está rumando direto para isso. Durante todos esses anos de escavação, seu tio não esteve procurando joias nem minério... Estava à procura do oceano.

– Então, ele é um tolo! – Simon afirmou. – Lorde Avelã assegurou-se de que a costa nunca mais tocasse o mar.

– Mas o rei está indo *por baixo* da costa – explicou Peter. Embora não pudesse ver o mapa, entendia o princípio básico. – Faz todo sentido. Sir Tode e eu o ouvimos dizer que enfim ficaria livre da maldição. É assim que ele fará isso acontecer.

– Mas é um *encanto*! – insistiu a princesa, como se invocasse uma lei científica imutável. – Você não pode deixá-lo *de lado*... Pode?

Sir Tode passara grande parte da vida estudando encantos e sabia que eram notoriamente repletos de furos.

– Receio que possa, Sua Majestade. Se aqueles dragões marinhos são alguma indicação, então ele já fez algumas rachaduras na fundação. Tendo em vista sua determinação, é só uma questão de tempo até que irrompa.

– Precisamente. Ele tem todos os elementos de uma frota de guerra lá embaixo, apenas esperando para serem montados – Sir Tode passava o nariz pelas pilhas de pergaminhos; de repente puxou outro com os dentes. – Minha nossa, Peter... Esse é um dos *nossos mapas*, como aquele que o Professor Cake nos mostrou. Posso ver meu vale natal e sua cidade portuária... Ele está seguindo em todas as direções! Quando terminar, metade do mundo estará sob sua bandeira.

A princesa nunca tinha ouvido falar desses lugares distantes, mas imaginava que os soberanos de lá não teriam muito mais êxito que seu pai.

– Como poderia se apossar de todas essas terras? Ele não precisaria de um exército maior?

– Está arranjando um – Peter declarou em tom sinistro. – Ouvimos quando se gabava sobre como planejou juntar mais gorilas e treiná-los para lutar.

– E não se esqueça dos ladrões – acrescentou Sir Tode. – Eles aparentemente concordaram em ajudá-lo em troca da liberdade. Os gorilas estão contrabandeando armas para os Desertos Justos agora mesmo, enquanto conversamos.

– Então, meus irmãos estão condenados! – afirmou Simon com seriedade. – Sir Tode, você já viu os lugares desenhados nesses pergaminhos. Só você sabe se o plano dele pode dar certo.

O cavaleiro suspirou.

– Eu vi muitas coisas impossíveis em minhas viagens, mas, antes de chegar aqui, nunca

tinha ouvido falar de um homem que pudesse controlar dragões marinhos, ou ensinar feras a falar como homens. Lorde Rosado carrega consigo tanto a magia de sua terra quanto os avanços da nossa. Eu temo por nós todos.

Peter pensou em sua cidade, seus marujos, os mercados, os mercadores. E se Lorde Rosado de fato pudesse conseguir isso? Será que ele algum dia poderia voltar? A ideia de nunca mais sentir o cheiro do ar salgado do porto ou passar pelos becos o encheu de uma tristeza que não conseguia explicar. Gostando ou não, aquele lugar fazia parte dele. Pensar em sua vida antiga o fez lembrar do quanto era fraco; nem conseguia lutar contra o sr. Seamus, muito menos contra um tirano armado. Ele era tão impotente quanto os escravos. Com isso, veio um pensamento novo e ainda mais perturbador.

– Sir Tode – perguntou –, o que acontecerá com as crianças quando a broca irromper?

O cavaleiro hesitou.

– Pelo que pude ver, suas correntes estavam presas àquela rocha, no solo da caverna. Se elas ainda estiverem lá embaixo quando a água chegar... serão afogadas.

O coração do menino se apertou; o plano de Rosado era uma sentença de morte. Se fracassasse em sua missão, todas aquelas crianças estariam nas mãos dele.

– Quantos... quantos dias temos? – ele perguntou, anestesiado.

– Nenhum, eu receio. Se acreditarmos naquele gorila, a broca do rei deve irromper pela manhã, o que significa que você precisa libertá-los esta noite.

– Todos aqueles trincos, numa noite? – Peter apertou os dedos trêmulos.

Peg pegou as mãos dele.

– Ainda bem que temos Peter Nimble, o maior ladrão que já existiu!

Peter, no entanto, não podia compartilhar dessa esperança.

– Princesa, há centenas de crianças lá embaixo. Suas algemas estão todas enferrujadas. Mesmo ignorando os gorilas e as serpentes marinhas, um trabalho desse tamanho seria...

– ele conteve as palavras. Sabia que podia levar dias, até semanas, para passar por todas aquelas correntes. E eles só tinham algumas horas. – Nem eu consigo fazer isso.

Peter sentiu que ela afrouxou ligeiramente a mão.

– Não fale assim – ela disse. – Claro que consegue.

As palavras de Peg deixaram-no repleto de embaraço. Podia sentir o desespero transbordando nela, em Simon, e até mesmo em Sir Tode. E se odiava por não ser capaz de responder.

– Não há tempo suficiente... lamento.

Peg soltou as mãos dele.

– Você atravessou toda essa distância para nos ajudar e agora está dizendo que é *tarde demais*?

– Eu lhes disse, não tem como ser feito – sua voz foi mais veemente. O embaraço transformava-se com rapidez em frustração. – Fique grata por não estarmos lá trancados com eles – o velho instinto de autopreservação chegava, e o mestre da ladroagem pegou-se pensando em suas opções. – O máximo que poderia fazer é roubar um barco; então, ao menos nós poderíamos escapar.

– Isso não é o bastante – Peg se levantou, colocou as mãos nos quadris e falou com toda a autoridade que pôde: – Eu lhe ordeno que salve aquelas crianças!

Peter pulou, ficando de pé.

– Não sou um de seus súditos; não pode ficar mandando em mim! – de repente, sentiu-se muito cansado, cansado de correr, de ser sequestrado, de sentir fome e frio. Mas, sobretudo, cansado de se sentir responsável por gente que mal conhecia. – Além disso, que sentido teria? Mesmo que conseguisse abrir todos os trincos, que bem faria? Ainda estamos aqui, presos com todos esses gorilas, ladrões e serpentes marinhas! – pegou um pergaminho no chão e o aproximou do rosto dela. – Não está entendendo, princesa? NÃO TEMOS CHANCE!

Menininhas, em particular as da realeza, não gostam quando alguém grita com elas. Por mais que Peg transmitisse a confiança de uma forte líder, magoara-se. Seu rosto ficou vermelho e ela lutou contra as lágrimas.

– Ótimo! – ela gritou. – Então vamos simplesmente morrer! Seu *menino* estúpido, cego e egoísta! – derrubou o pergaminho das mãos dele.

– *Você* é que é egoísta! – Peter vociferou. – Isso nada tem a ver com as crianças, tem a ver com você se vingar pelos seus pais tolos! – Peter sabia que isso era algo terrível para se dizer, mas não ligava mais. – E, por sinal, fico contente de ser cego... dessa forma, não preciso olhar pra sua cara horrível!

Ela voou nele antes que pudesse dizer mais uma palavra. Peter não estava esperando e não pulou a tempo. Em segundos, as duas crianças estavam no terraço, xingando, chutando e arranhando, com toda força. Peter era um artista brilhante em fugas e difícil de pegar, mas Peg era muito mais forte, e sabia uma ou outra coisinha de chaves de pescoço. Foi uma luta equilibrada. Sir Tode e Simon olharam um para o outro e suspiraram, enquanto observavam as crianças rolares de um lado para o outro, no chão, trocando insultos.

– *Você* é horrível!

– *Você* que é!

– Não, *você* é!

Peter estava com uma perna ao redor do pescoço de Peg e segurava seu cabelo com as duas mãos. A princesa estava segurando o nariz dele com vários dedos e usando sua mão livre para agarrar o que pudesse e bater no garoto; um dente da correia... um pedaço de madeira... Sir Tode...

Peter se soltou, rolou para o lado e prendeu sua adversária no chão.

– *Você é!* – ele disse com uma risada triunfante. – Ah! Acabei de te derrotar *de olhos vendados!* O que você tem a dizer sobre isso?

Em resposta, Peg pegou a caixa dos olhos fantásticos e deu na cabeça dele, levando-o a nocaute.

>>>

Quando Peter voltou a si, esperava que os outros estivessem ao seu redor, perguntando-lhe se estava bem, sentindo-se bem, lamentando por ter deixado que as coisas saíssem de controle. Em vez disso, eles estavam reunidos no canto, falando baixinho.

– A doce Justiça... – Simon murmurou. – Seria de fato possível?

Sir Tode soltou uma risada divertida.

– Bem, isso por certo explicaria a briga.

– Os meus são assim, tão bonitos? – perguntou a princesa.

Peter, grogue pelo golpe, estava tendo dificuldades de acompanhar a conversa.

– O q-que aconteceu? – ergueu-se, apoiando-se nos braços. – Do que estão falando?

Simon ignorou a pergunta.

– Por que não nos disse antes, Sir Tode?

– Fomos instruídos pelo professor a manter tudo em segredo. Não posso acreditar que não tenha feito a ligação antes... agora parece tão óbvio.

Peg correu para Peter e o ajudou a ficar de pé.

– Você deveria ter nos contado! – ela exclamou. – Deveria ter contado *para mim!*

O menino não conseguia acompanhar o que falavam, mas começava a formular um palpite.

– Eu não lhes disse porque não é da conta de vocês – ele murmurou, esfregando a cabeça dolorida. Afastou-se e foi inspecionar o que tinha causado a agitação. Era exatamente o que temia. A misteriosa caixa do caixeiro-viajante estava quebrada e aberta, e no chão do terraço havia seis olhos fantásticos.

– Todo esse tempo, eles estavam bem aí, no seu saco! – Peg tentou tocar um deles, mas Peter empurrou sua mão.

– São meus! – ele olhou de cara feia na direção de Sir Tode. – E *deveria* ser segredo.

– Não houve como evitar, Peter. Quando eles viram o que tinha dentro, tive que contar.

Simon sacudiu a cabeça:

– Os olhos... Mordecai... Tudo se encaixa tão bem...

– O que você está piando aí? – Peter recolocou o último olho no lugar e fechou a caixa.

O corvo saltou para perto e pousou a garra em sua mão.

– Preciso que ouça com cuidado minha criança, porque o que vou lhe contar é de grande interesse seu.

Mesmo sem querer, o menino ficou muito curioso.

– Estou ouvindo – ele disse, segurando a caixa junto ao peito.

– Quando Lorde Rosado roubou este reino, muitos anos atrás, ele só tinha um medo. Que, algum dia, o *verdadeiro* herdeiro crescesse e vingasse a morte dos pais assassinados. Portanto, mandou que seus gorilas caçassem e matassem o filho recém-nascido do rei.

– E por que não a filha, que já estava na mão? – Peter resmungou, ainda um tanto zangado com Peg por tê-lo atingido na cabeça.

– Não sei dizer ao certo. Desconfio que, em sua arrogância, Rosado tenha imaginado que uma garota fosse uma ameaça menor ao seu imenso poder. Então, em vez disso, mandou que ela fosse trancafiada junto com as outras crianças.

– Por que desperdiçar uma escrava boa assim? – Peg indagou com amargura.

– De fato... Por quê? Não tenho dúvida de que o tio de Sua Majestade tenha revisto sua opinião – o velho corvo estudou a menina com uma ponta de orgulho e se voltou para Peter. – Quanto ao segundo herdeiro, o menino, Rosado não foi bem-sucedido. Isso porque a mãe da criança, a Rainha Magnólia, sumiu com ele antes que pudesse ser capturado. Ela o entregou aos cuidados de seus guardas pessoais, eu e um corvo chamado Mordecai, e nos deu uma última missão: salvar seu filho não batizado.

– O Príncipe Sem Nome – Peter disse.

– Sabíamos que nada deteria Lorde Rosado na captura daquela criança. Os gorilas estavam vasculhando o palácio inteiro em busca de um menino com olhos cor de esmeralda, assim como os de seu pai... Exatamente como esses que está segurando agora.

De súbito, a caixa nos braços de Peter pareceu pesar uma tonelada. Ele mordeu o lábio, quase temendo perguntar.

– O que aconteceu com o bebê?

– Tínhamos poucas opções. Sabíamos que, enquanto a criança tivesse aqueles olhos, ela correria grande perigo – o corvo hesitou, quase sem conseguir dizer as palavras. – Nós o *cegamos*, para proteger sua verdadeira identidade, impedindo que fosse descoberta – a lembrança horrenda fez um arrepio percorrer suas plumas. – Depois disso, conseguimos sumir com ele sem sermos descobertos. Mordecai pôs o bebê aos berros num cesto e o carregou para além do horizonte. Ele nunca mais foi visto.

Peter estava tendo dificuldades para ouvir, cheirar ou sentir o gosto de qualquer coisa agora; todo seu ser agora era tomado pelas lembranças há muito esquecidas.

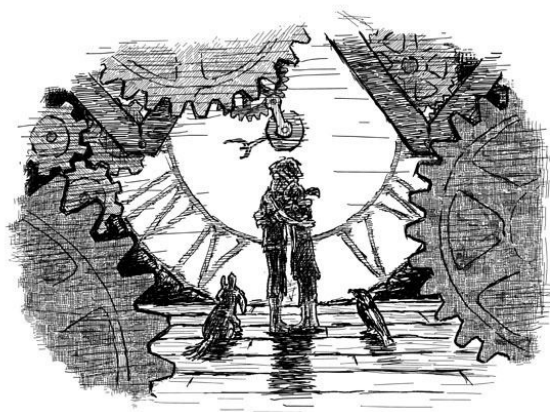
– Quando eu era bebê – ele sussurrou –, alguns marujos me encontraram flutuando na água... Havia um corvo empoleirado na minha cabeça... e meus olhos tinham sido bicados até que ficasse cego.

– Peter... – Peg se aproximou e pousou a mão no rosto dele. – Você é o Príncipe Sem

Nome.

— PRIMEIRA PARTE —

esmeralda



A volta do Sem Nome

– EU SOU O quê? – Peter deu um passo atrás; seus joelhos de súbito enfraqueceram.

– Não está vendo, criança? – Simon falou, esquecendo-se por um momento de que Peter, na verdade, *não* podia ver. – Você é um verdadeiro herdeiro do Porto Avelã.

As lágrimas brotavam nos olhos verdes-esmeralda de Peg.

– Eu sabia que você voltaria!

Peter não tinha ideia do que dizer. Um minuto antes, era um órfão comum e, de repente, era um *príncipe*? Ele não sabia nada sobre maneiras elegantes, nem roupas luxuosas, nem política... Era um criminoso endurecido!

– E-eu lamento, Sua Majestade – ele gaguejou. – É algum engano. Aqueles olhos... eles nem são meus.

Sir Tode debochou.

– Mas que bobagem! O professor fez aqueles olhos apenas para você. Talvez soubesse algo que você não sabia, não?

O menino se permitiu pensar na pergunta. Será que talvez, apenas talvez, o Professor Cake tivesse uma razão mais específica para enviar Peter àquele lugar? Ele destampou a caixa de madeira e sentiu o cheiro adocicado dos olhos cor de esmeralda; será que de fato pertenciam a um príncipe?

Sir Tode deu uma risada.

– Encare isso, amigo. Sem Nome *tem* um nome.

Peter se equilibrou junto ao sino de ferro.

– Desculpe. Preciso de um momento para assimilar tudo isso.

Simon pousou ao lado dele:

– Sua Majestade, é evidente, está perplexo por essa descoberta, mas estou lhe dizendo,

sem rodeios, que isso não me surpreende nem um pouco. A Justiça com frequência age de maneiras além de nosso entendimento. E quando lembrou da sua coragem e dos sacrifícios que fez nessa busca, vejo que é um verdadeiro príncipe.

Peg caiu em prantos, jogando os braços ao redor de Peter.

– Eu sabia! É você mesmo! – Peter não gostava de ficar tocando em garotas tanto assim, mas achou que podia ser permitido, já que eles eram irmãos.

– Está tudo bem. Agora eu estou aqui – ele disse, afagando-a nas costas. – Estamos juntos de novo – de alguma forma, falar em voz alta tornava aquilo mais real. Seria mesmo possível que ele fosse um príncipe perdido, com uma irmã gêmea? Então, isso significava que o bilhete, a viagem pelo mar e o deserto não eram ocorrências aleatórias... Era seu *destino*. Peter tinha viajado pelo mundo, além das fronteiras do mapa, para libertar *seus* súditos e recuperar *sua* coroa.

O menino retribuiu o abraço da irmã, apertando-a com toda a força. Podia sentir o coração dela batendo junto ao seu. E soube que estava em casa.

Depois que todas as lágrimas cessaram, Peter soltou a irmã e falou ao grupo, agora com uma nova esperança na voz.

– Por mais que tenha agido de modo tolo antes, estava certo quanto a uma coisa: soltar as algemas das crianças não fará que sejam mais livres que seus pais. Todas elas continuam sob o controle do rei. Se de fato vamos salvar essa gente, precisamos libertá-las de uma vez!

Peg pegou a mão do irmão.

– Como faremos isso?

Ele soltou o ar lentamente.

– Vamos matar o rei.

>>>

Peter sabia que não tinham tempo a perder. Já podia sentir o sol baixando por trás do relógio, o que significava que logo chegaria a hora do jantar, e ele não queria estar naquela plataforma quando tocasse o sino da hora de dormir. Mas bolar um plano para assassinar o rei parecia impossível; Rosado e suas tropas eram simplesmente poderosos demais. Peter pensou, mais de uma vez, em pôr os olhos verdes, na esperança de que talvez lhe concedessem grande velocidade ou força, mas sabia que ainda não era a hora certa, dava para sentir. Até que aquela sensação mudasse, ele teria que recorrer à sua própria perspicácia e às suas habilidades.

Depois de uma discussão inflamada quanto a envenenar o vinho do rei, que Peg recusou, sabendo que ele às vezes usava as crianças como provadores, Peter decidiu abordar o problema por outro ângulo. O Professor Cake dissera-lhe para confiar em sua natureza, mas ele não tinha certeza *a que natureza* o homem estava se referindo. Ele era um príncipe ou um ladrão? Tendo exaurido todas as soluções principescas, o menino decidiu imaginar a situação como um trinco que tinha de ser aberto. *Que tipo de trinco seria?* Bem, era o

tipo que podia matá-lo, munido de várias armadilhas. Lá estava Rosado, protegido por sua armadura mortal. Dando-lhe apoio, havia uma horda de gorilas cruéis e pelo menos uma dúzia de serpentes marinhas horrendas. Em breve, centenas de ladrões também se juntariam a ele.

Se aquela situação lembrasse algum trinco, decididamente teria de ser o do Bigelow Brank. Este continha um mecanismo que, se forçado, soltava milhares de pregos do teto em cima do arrombador. A única forma de arrombar um Bigelow Brank era cutucá-lo com bastante delicadeza; depois, no momento exato da liberação do trinco, você deveria esmagar a tranca inteira com uma marreta. Quando Peter tinha seis anos, o sr. Seamus o forçara a abrir um na Casa da Moeda local. O menino não tivera dificuldade em remexer a fechadura, mas não tinha força suficiente com o martelo. O mecanismo de liberação disparara e pregos enormes tinham voado em cima dele. Se não fosse tão magrinho e frágil, teria sido espetado como um *kebab*. Porém, os pregos não o acertaram por um fio de cabelo!

Portanto, já que a missão deles parecia ser esse tipo de trinco, Peter sabia que duas coisas teriam de acontecer ao mesmo tempo: primeiro, ele teria de libertar os escravos capturados; essa era a parte de futucar a fechadura. Segundo, teria que esmagar o rei e seu exército; essa era a parte da marreta. O menino sabia exatamente qual seria a mais difícil.

– Vou precisar de reforço – ele concluiu.

– Bem, você tem nós três – Sir Tode disse –, mas eu imagino que não tenha se referido a isso.

– E quanto às crianças escravas? – Peg quis saber. – Se pudermos armá-los, meus súditos lutarão – ela se corrigiu. – Quero dizer, *nossos* súditos.

Peter sorriu para a irmã.

– Você não é a única que terá de se acostumar a dizer isso. Acha que há um número suficiente deles para dominar os gorilas?

– Não sei, mas morrerão tentando.

– Vamos torcer para não chegar a isso – Peter afirmou. – Além disso, eles não podem lutar até estarem livres daquelas correntes. Mas não tenho como soltar todos a tempo.

– Será que você pode me ensinar a fazê-lo? – Peg pediu, ansiosa.

– Arrombar fechaduras é algo que leva anos para se ter domínio, e, mesmo que aprendesse, ainda somos apenas dois. O que preciso é de cem pares extras de mãos.

– Se ao menos meus irmãos estivessem aqui – Simon disse. – Seus bicos poderiam concluir a tarefa em segundos – o velho pássaro retraiu suas garras, imaginando o conflito rugindo pelo abismo. Ele daria qualquer coisa para estar lutando ao lado do Capitão Amos e os outros, mas, infelizmente, não havia meios de alcançá-los. – O grande abismo é largo demais. Parece que os Desertos Justos são realmente uma prisão perfeita.

– Mas de que serve uma prisão se você não consegue checar o que está havendo? – disse Peter, virando-se para Sir Tode. – O rei mencionou ter conversado com o Oficial Trolley e

ordenou a LongClaw que mandasse armamento... Ele tem de ter um túnel ou uma ponte secreta de algum tipo.

– E você acha que devemos colar e ir junto – Sir Tode assentiu. – Justo... Mas como encontraremos esse camarada LongClaw? O palácio é incrivelmente grande e não temos muito tempo.

Nesse instante, ouviram um rugido vindo de baixo.

– Ei! Quem deixou essa bendita tampa aberta?!

Os quatro ficaram de pé na hora.

– Gorilas! – Peter exclamou, enfiando os mapas no saco. – Temos de sair daqui, e rápido!

– Espere – a princesa o deteve e puxou vários pergaminhos de sua mão. – Acho que tive uma ideia melhor.

>>>

Jawbone era um gorila com uma tarefa simples: fazer a guarda da torre do relógio. Seu posto era uma banquetta posicionada atrás da porta de manutenção; tinha de assegurar que ninguém passasse sem mostrar os papéis assinados pelo rei. Durante dez anos, executara essa função um tanto tediosa sem nenhum incidente. Ajudava bastante o fato de que a porta ficava posicionada, de modo inteligente, atrás de uma roseira; como era estritamente proibido circular fora dos limites demarcados, era altamente improvável que qualquer humano do palácio soubesse da existência da porta e, portanto, como alguém poderia passar por uma porta que não sabia existir? Ainda assim, era tarefa de juramento de Jawbone, todo santo dia, proteger a torre com sua vida. Sua vida, muito, muito tediosa.

Tudo isso mudou quando o discurso do rei foi perturbado por duas crianças asquerosas e um sistema de tubulação transbordando. Imediatamente após o ataque, Jawbone foi chamado para se juntar à horda de “inspeções de rotina” pelo palácio. A chance foi tão empolgante quanto inesperada; Jawbone teve a oportunidade de passar quase dois dias inteiros irrompendo pelas portas, destruindo móveis, rasgando lençóis e, de modo geral, aterrorizando os cidadãos azarados. Levando-se tudo em conta, tinha sido o auge de sua carreira militar.

Mas o humor alegre de Jawbone foi perturbado quando regressou ao seu posto habitual e descobriu que alguém abrira a porta secreta com sua banquetta. A descoberta deixou o gorila furioso. O que o rei faria com ele por deixar que um intruso passasse escondido?

– Ei! Quem deixou essa bendita tampa aberta?!

O gorila não subiu os degraus como um humano; em vez disso, balançava-se no corrimão de madeira, que rangia sob seu peso.

– Atenção, intruso! Sei que está aí em cima! – se *houvesse* um intruso, Jawbone por certo não deixaria que ele ou ela vivesse para expor o lapso. Mas e se fosse ela? E se tivesse encontrado aquela princesa intrometida? Seria mesmo muita sorte!

Ele entrou como um raio na plataforma, sacudindo a clava acima da cabeça.

– Venha cá, sua meleca real! – mas não havia princesa alguma esperando por ele. Nada além de engrenagens que rangiam e um sino balançando suavemente. – Essa porcaria dessa minha sorte – ele disse, desapontado por não ter a chance de degustar a princesa. Olhando para seus pés, Jawbone notou alguns papéis espalhados pelo terraço. O gorila os pegou com as patas e estudou as imagens. Ele não sabia ler, mas as figuras eram óbvias o suficiente. Alguém, quem quer que fosse, planejava um ataque secreto ao palácio; completo, com navios de guerra e gorilas rivais! Um sorriso ganancioso surgiu nos seus lábios inchados enquanto ele imaginava mostrar essa informação importantíssima a seu comandante. Ele certamente seria recompensado, talvez até colocado na tarefa dos escravos, onde poderia bater nas crianças o dia todo! – Preciso encontrar o LongClaw! – Jawbone soltou a clava e pegou os pergaminhos com os dois braços. E fungou alegremente, conforme descia os degraus, batendo os pés, saindo da torre e entrando no palácio.

>>>

Peter, Sir Tode, Simon e Peg ficaram espreitando do esconderijo dentro do sino gigante. Dava para ouvir o guarda gritando abaixo, explodindo de empolgação:

– Ei, BloodHorn! Maul! Vocês dois viram o LongClaw por aí? É muito, *muito* importante!

Peter deu um sorriso malicioso enquanto ouvia.

– Jamais imaginei que usaria um inimigo como guia – ele assentiu para a irmã. – Boa ideia, Sua Majestade!

– Obrigada, Sua Majestade – Peg respondeu. – Agora, vamos descer e ver se ele não pode nos ajudar a encontrar LongClaw.

Seguir a trilha do gorila até que foi fácil. Entre o olfato aguçado de Peter e a boca grande de Jawbone teria sido difícil de errar, e as longas sombras da tarde criavam lugares de sobra para que os quatro se escondessem correndo escadas acima e atravessando pontes.

– Isso é estranho – disse Peter, ao puxar Sir Tode para subir em uma beirada de rocha. – Parecemos estar escalando *rumo ao alto* – ele tinha achado que seriam levados ao subsolo. De que outra forma poderiam atravessar o grande abismo?

Conforme viajava, o grupo calculou o restante de seu plano. Uma vez que encontrassem a passagem secreta do rei, Simon a usaria para viajar de volta até os Desertos Justos e chegar aos outros corvos.

– Juntos, meus irmãos e eu faremos um serviço rápido naquelas algemas malditas – falou o velho pássaro com satisfação. Depois, abaixou a cabeça, lembrando que seu bico não servia mais. – Ou melhor, terei a honra de *vê-los* fazer isso.

– Faz sentido – Peg falou, preocupada. – Se Simon perdeu o bico tentando bicar um trinco, o que pode acontecer ao restante dos corvos? Não podemos arriscar desarmar

nossos guardas dessa forma.

Peter concordou.

– Na verdade, estive pensando sobre a mesma coisa. Tive a oportunidade de examinar aquelas algemas, em primeira mão, quando vocês me acorrentaram na toca – Peg deu um gemido constrangido, sem dúvida lembrando como havia tentado sequestrar o próprio irmão. Peter prosseguiu: – Notei que os trincos estavam cobertos de ferrugem, o que significa que o mecanismo estava emperrado demais para ser aberto de maneira apropriada. Estou bem certo de que essa é a razão pela qual o bico de Simon partiu. Mas se de alguma forma pudéssemos lubrificar os fechos antecipadamente...

– Eu sei como! – Peg agarrou o braço dele, empolgada. – A cozinha dos escravos tem barris e mais barris de banha. Posso roubar um pouco, sem problemas! – a recente descoberta de que seu irmão perdido era um grande ladrão surtira um efeito bem estranho em Sua Majestade. Ela se sentia ansiosa, a ponto do desespero, para também ingressar na profissão.

– Faremos isso juntos – ele disse, sorrindo.

– Brilhante! – Sir Tode bateu os cascos na pedra. – A guerra já está ganha! Temos um exército e uma forma de libertar as crianças. A única coisa que falta é contratar um bardo que possa comemorar nossa bravura com uma canção.

– Isto, e as *serpentes marinhas* – Simon lembrou-lhe.

– Ah, certo... – a voz do cavaleiro falhou. – Havia me esquecido delas.

– Nós, corvos, não podemos lutar na água. Sir Tode, você é o único entre nós que já matou um dragão. Vamos recorrer a você para orientação.

O cavaleiro emitiu um gritinho fraco, no fundo da garganta. Sentindo o desconforto do amigo, Peter falou:

– Sir Tode é, sim, um bravo cavaleiro, mas derrotar todas aquelas serpentes marinhas exigirá um pouquinho mais que isso.

– Ele é um matador de dragões – disse Simon em tom seco. – Do que mais poderíamos precisar?

O menino hesitou. Há momentos em que ser um líder tem menos a ver com a resposta certa do que com ter *uma* resposta. Peter sabia que os outros o olhavam, esperando uma resposta; em particular seu amigo. Se não dissesse algo com rapidez, a fé que tinham na operação poderia falhar.

– Apenas deixem comigo. Tenho um plano – mentiu.

Mais ou menos nessa hora, Jawbone encontrou LongClaw na base de uma enorme torre de pedras. Ele começou a se gabar ao superior sobre a tremenda descoberta que fizera na torre do relógio, chegando até a sugerir algumas ideias sobre como ele deveria ser recompensado.

Enquanto LongClaw chicoteava o subordinado por ter amassado os documentos tão

importantes do rei, Peter e os outros esgueiravam-se de modo sorrateiro pelas sombras, tentando descobrir exatamente onde estavam. A torre diante deles era, de longe, a estrutura mais alta do reino. Uma entrada em arco, na base, revelava o lado interno vazio, salvo uma escadaria curva de pedras do lado interno.

– Aquela escada vai até o alto – sussurrou a princesa –, mas nunca vi o que há lá em cima. Ele mantém o lugar vigiado todas as horas do dia.

No momento, dúzias de gorilas carregavam armamentos para o alto da escada.

– Andem logo, seus desastrados! – LongClaw gritava com eles. – O rei quer essas armas no deserto até o pôr do sol!

– Não faz sentido – Peter disse. – Como podem atravessar o abismo lá de cima?

Sir Tode olhou para cima e deu seu relato.

– Parece que há um terraço de madeira na torre. Há algum tipo de geringonça pendurada na beirada. Estou vendo chamas, cordas e um tipo de lona de *balão*.

– É claro! – Peter concluiu. – O rei tem um dirigível!

– Um diri... *o quê?*

– É uma máquina voadora – ele explicou. Peter jamais vira uma maravilha daquelas, mas ouvia as conversas dos marinheiros que já tinham andando nelas, no exterior. – Essa é a forma como ele chega aos desertos... Ele... voa até lá.

Simon estreitou os olhos para a casa flutuante, tentando dar sentido àquilo.

– Não compreendo essa “máquina voadora”. Onde estão as asas?

Peter ignorou a pergunta, sabendo que era inútil explicar, e também por ele próprio estar um tanto incerto.

– Sir Tode, se essas armas chegarem lá, os corvos estarão liquidados. Nós temos que comandar essa aeronave. Isso não é tarefa para uma pessoa cega. Acha que pode pilotá-la?

– Eu? Mas não tenho a mais vaga ideia de como fazê-lo!

– Esse *balão* que você viu é controlado por uma fornalha e um abafador. Quanto mais quente o fogo, mais alto o *balão* sobe – Peter torcia para estar certo. – O resto é como um barco comum, com velas e leme – colocou a mão no ombro do amigo. – Você navegou o *The Scop* até aqui... uma ilha *desaparecida*. Sir Tode, sei que pode fazê-lo.

Algo na voz de Peter encheu o cavaleiro com uma fé que apagou o medo.

– Se você confia tanto assim em mim, vou tentar confiar também... mas vou levar Simon comigo. Se aquele troço explodir, eu quero alguém para voar de volta e contar a minha história.

– Ficaria honrado em voar ao seu lado – o corvo falou.

Peg se levantou e pegou a mão do irmão:

– Então, está na hora. Peter e eu vamos voltar escondidos até as minas para lubrificar os

trincos. Você e Simon roubam a máquina, voam até o outro lado e buscam a Guarda Real!

Ouvindo esse resumo, Peter percebeu o quanto seu plano era frágil. Sua mente teve lampejos de cem formas de a viagem dar errado para Sir Tode e Simon. O fogo da fornalha poderia apagar. O balão poderia rasgar. Uma tempestade poderia tirá-los do roteiro. Mesmo que chegassem aos Desertos Justos, ainda estariam voando rumo a uma guerra brutal.

– Sir Tode... – Peter começou a falar.

O cavaleiro o silenciou, pousando a pata em seu braço.

– Sigam em frente, Majestades. Vocês dois têm um reino a salvar.



A raiz do problema

SE PEG E Peter quisessem deixar os trincos lubrificados a tempo, sabiam que precisavam chegar à cozinha dos escravos antes do anoitecer. O caminho mais curto era através de uma passagem oculta no centro do palácio. O único problema era que essa mesma rota passava pelo Salão de Refeições... e centenas de cidadãos atentos. A princesa decidiu que deveriam usar o atalho de qualquer forma, torcendo para que o banquete noturno provesse distração suficiente para que ela e Peter passassem sem ser descobertos.

No fim das contas, não foram necessárias distrações.

Assim que chegaram à entrada do Salão, Peter parou.

– Ninguém está comendo – ele disse. Peg aguçou os ouvidos (que não eram, nem de perto, extraordinários como os do irmão) e percebeu que ele estava certo. Os copos não tilintavam, os talheres não batiam, as pessoas não conversavam. Havia apenas uma voz ecoando acima da multidão.

– Nossa espera chegou ao fim! Logo ressurgiremos na grandeza!

– É nosso tio – Peter sussurrou. – Está fazendo outro discurso.

E, de fato, ele estava. O rei dizia às pessoas sobre seu plano de tomar o mundo, embora em termos que o faziam parecer mais um herói do que um tirano.

– Seu bravo monarca os levará à vitória! Vamos dominar os demônios dessas terras estrangeiras e ensiná-los a me amar como vocês todos amam!

– Um brado à vitória! – as pessoas gritavam, sem de fato saber o que todas aquelas outras palavras significavam.

– Mantenha-se na sombra – aconselhou Peter. – Se o rei está aqui, seus guardas não devem estar muito longe – ele não rastreava nenhum odor, mas não custava ser cauteloso.

Peg seguiu o irmão, rastejando por trás de uma fileira de vasos com árvores. Ela olhou para o salão e resfolegou:

– Peter! Todos estão armados!

– Quem? – ele pousou a mão no anzol. – Você está vendo os gorilas?

Ela sacudiu a cabeça, horrorizada.

– Não... os pais... Estão armados. Na mão de cada um deles há uma lança com uma ponta afiada; na outra trazem um escudo com a imagem do rosto do rei – cada vez que o rei terminava uma frase, o povo batia as lanças nos escudos, batendo os pés e gritando. – Isso é ridículo... vão acabar se machucando se não tomarem cuidado – Peg disse.

A voz do rei ecoava acima da multidão.

– O motivo para que tenha convocado esta reunião é informá-los dos acontecimentos desta manhã. Meus soldados e eu capturamos a espécie maligna, é claro. Mas já descobrimos que muitos outros estão tramando para tomar o palácio. Eles se parecem com os humanos, mas são menores, com braços e pernas magrinhos.

– Está falando das crianças – Peter disse. – Deve estar com medo que tentem escapar.

– Se vocês virem algum desses monstros patifes à espreita perto do palácio, matem-nos, sem demora! É um espião enviado para assassinar seu rei! Não ouça nada que disserem, apenas ataquem, sem pensar!

– Sem pensar! – as pessoas gritavam.

Peter e Peg esperaram na sombra, estarrecidos pelo que ouviam.

– Como é que podem *acreditar* nele dessa forma? – ela indagou, zangada. Muitas vezes, desde que escapara das minas, a princesa se perguntara se aqueles adultos preguiçosos e negligentes sequer mereciam ser salvos; agora era um desses momentos. Mas lembrou a si mesma de que sob cada maníaco empunhando uma lança estava um adulto amoroso, igualzinho a Lillian. – Temos de descobrir uma maneira de fazê-los se lembrar de quem realmente são.

Peter concordou, ouvindo os gritos.

– Se ao menos soubéssemos como o rei os controla... – ele disse.

A especulação foi interrompida pela voz de Rosado.

– Mas chega de negócios! Temos uma grande batalha pela frente, e esta noite vamos nos banquetear! – ele espalmou as mãos com as luvas de aço e bandejas gigantes de comida quente flutuaram pelo salão adentro, exalando cheiros deliciosos e inebriantes pelo ar. Peg observou Rosado pegar um cálice vazio e erguer acima da cabeça: – Vida longa a mim!

Cada cidadão pegou uma taça de vinho e gritou:

– Vida longa ao rei!

Enquanto as pessoas bebiam, celebrando o rei impostor, os verdadeiros príncipe e princesa de Porto Avelã esgueiravam-se pelas sombras e desapareciam por uma rachadura na parede.

– Você pode voar *um pouquinho* mais rápido? – perguntou Sir Tode, remexendo-se. – E aproveite para segurar mais de leve!

– Você prefere que o solte? – Simon levava Sir Tode pelo cangote e batia as asas com grande esforço. A dupla decidira que o caminho mais seguro para chegar ao topo da torre era voar dando a volta por fora, onde podiam subir sem ser descobertos. Os cascos de Sir Tode o tornavam bem mais pesado do que parecia, e Simon foi forçado a fazer a viagem em várias etapas, parando para descansar em qualquer rocha que encontrasse.

Enfim, chegaram ao deque, que se estendia acima do precipício. Simon arremessou Sir Tode atrás de um barril de pólvora e aterrissou ao seu lado.

– Mas que indignidade! – disse o cavaleiro, massageando o pescoço. – Ser carregado como um bebezinho.

– Você faz tanto barulho quanto um bebê – Simon murmurou. Estava espantado com o fato de um cavaleiro que se prezasse fazer tanto estardalhaço. – Tivemos sorte apenas porque os gorilas estão ocupados demais com seu trabalho para nos ouvir.

– Sorte? Sei... – Sir Tode olhava as dúzias de guardas abastecendo com lanças e redes o cesto da máquina voadora, puxando-a com toda força para evitar que saísse flutuando.

LongClaw andava de um lado para o outro, entre eles, gritando ordens.

– Abasteçam essa fornalha! Empilhem logo essas redes!

– Achei que tivéssemos escravos para esse tipo de trabalho! – rosnou um gorila, soltando uma carga de escudos num cesto.

Outro roncou, concordando:

– Humilhante! Isso sim!

LongClaw bateu o chicote.

– O rei precisa de todas as crianças na escavação! Agora, parem de choramingar, ou vou *jogá-los* desse deque!

Sir Tode estudava a aeronave diante deles. A máquina voadora só tinha dois gorilas a bordo, ambos de óculos de mergulho. O primeiro estava curvado sobre uma imensa fornalha que alimentava de ar quente a lona do balão. O gorila ao seu lado estava preso por uma cinta a algo que lembrava uma bicicleta.

– Aposto que aquele é um dispositivo de direção – ele disse, estudando as alavancas de bronze. – Se conseguirmos chegar lá em cima, acho que posso manejar aquilo.

– Excelente – Simon flexionou as garras. – Estou contando duas dúzias de guardas. Quantos você acha que consegue matar?

– *Quantos?* – Sir Tode engoliu. – Eu, é... estava torcendo para que você pudesse cuidar da parte da luta.

O corvo o encarou sem saber se era uma piada.

– Bem, sabe... receio que não seja muito de derramamento de sangue.

– Mas e o clã de dragões que você matou para ser nomeado cavaleiro? – Simon perguntou, lembrando a história dramática que o cavaleiro tinha contado na toca.

– O negócio é que a minha matança não foi *bem* como contei. Só havia um dragão na verdade, e ele meio que... bem, ele fez o trabalho sozinho.

Era verdade. De fato, Sir Tode estava *dormindo* quando tudo aconteceu. Naquela época, era um simples camponês chamado Pastor Tode. Numa noite fatídica, um dragão local, que vinha aterrorizando a região nos últimos tempos, pegou o rebanho azarado de ovelhas de Sir Tode e as devorou. Como a maioria dos dragões, a criatura não tinha boas maneiras e, sem mastigar direito as presas, o monstro logo se viu morrendo engasgado com um carneirinho rechonchudo. Na manhã seguinte, quando os locais viram o cadáver do dragão e Sir Tode dormindo, logo ao lado, proclamaram-no herói e exigiram que fosse nomeado cavaleiro. Daquele dia em diante, Pastor Tode passou a ser chamado de Sir.

Claro que foi um marco vergonhoso para Sir Tode, algo que o deixava constrangido demais para compartilhar com outra criatura viva. Até agora.

– Não sou nenhum herói – falou, os olhos felinos marejados de lágrimas. – Não mereço respeito, muito menos meu título. Sou apenas um pastor de ovelhas com um nome elegante.

Simon estudou o companheiro por um longo momento. Quando falou, sua voz tinha perdido a aspereza:

– Também sei o que é enfrentar o terror. Eu vi o inimigo matar meus irmãos e meu rei. Depois que Mordecai escapou com o príncipe bebê, fiquei completamente sozinho – ele parou por um momento, incerto sobre se queria prosseguir. – Talvez você se pergunte por que demorei tanto para seguir o caminho até o subterrâneo e libertar a princesa. A razão era simples: tinha medo. Passei anos me escondendo dos gorilas, como um covarde. Então, numa noite, do meu poleiro nas vigas eu a vi, minha princesa, sendo arrastada pelo palácio, junto com outros escravos. Foi então que uma rajada de vento me varreu do poleiro. Naquele instante, minha vida de esconderijo chegou ao fim. Antes que me desse conta do que fazia, vi-me voando em direção aos gorilas de garras armadas para a batalha – o velho corvo sacudiu a cabeça. – Há momentos em que a Justiça exige de nós mais do que daríamos. Não tenho bico; no entanto, tenho de lutar.

Simon olhou a aeronave e viu que os gorilas tinham acabado de abastecê-la e se preparavam para decolar. Estendeu as asas.

– Receio que não tenhamos tempo para discutir se você se *sente* como um herói; a Justiça nos compele a *agir*! – ele pegou o cavaleiro e o ergueu no ar.

– Que diabos está fazendo?! – vociferou o cavaleiro. – Eles vão nos matar!

– Não se os matarmos primeiro! Está na hora de ganhar seu título, Sir Tode!

>>>

Como Peter suspeitara, as paredes do palácio inteiro eram ocas para abrigar os mecanismos de tranca. Nessa escuridão, era ele quem liderava o caminho.

– Acompanhe-me! – ele apressava Peg, enquanto passava por entre correias dentadas e roldanas. – Precisamos chegar à cozinha dos escravos antes que o sino mágico comece!

A princesa se espremeu sob uma imensa engrenagem de madeira, imaginando o que aquilo faria a seu crânio se de repente ganhasse vida. Preferindo não se alongar sobre tais possibilidades, ela depositou sua energia para tentar seguir Peter, que estava bem adiante.

Desceram das engrenagens num córrego estreito. Ao contrário das tubulações de esgoto, que fediam terrivelmente, aquele túnel transportava água fresca. Sobre a superfície flutuava uma procissão interminável de bandejas, todas com comida quente empilhada.

– As crianças escravas têm que preparar todas as refeições! – Peg exclamou. – Mandam as bandejas para o Salão de Refeições nesse pequeno rio. Dessa forma, os adultos nunca precisam ver quem está servindo. Se seguirmos a água corrente acima, ela deverá nos conduzir direto aonde precisamos chegar.

Enquanto seguiam, Peter contou-lhe como foi crescer como um ladrão numa cidade portuária. Falou sobre o sr. Seamus e seu cão malvado, Killer. Explicou como roubou a misteriosa caixa do caixeiro-viajante e como quase se afogou com Sir Tode no Lago Turbulento. Contou a história de quando conheceu o bom e velho Frederick e ganhou seu anzol.

– Se ao menos tivéssemos um tubarão imenso para nos ajudar – Peg falou –, aposto que ele poderia deter aquelas serpentes marinhas horrendas.

– Tarde demais para isso. Quando atravessamos o reino, perdemos contato com ele. Receio que seja por conta de nós quatro... e dos olhos fantásticos – Peter afagou a caixa dentro do saco.

Isso levou Peg a fazer uma pergunta que a vinha incomodando há algum tempo:

– Por que não experimentou o par verde? Afinal, são seus, por herança.

Por mais desesperado que Peter estivesse para experimentar os olhos herdados de Avelã, sabia que a hora não tinha chegado.

– O professor me alertou para esperar até que fosse o momento certo. Isso basta para mim – ele disse, com o que podia ser descrito como fé cega.

A princesa não deu nenhuma resposta imediata, mas Peter a ouviu murmurar algo do tipo “Só espero que esteja certo”.

Quando Peter e Peg chegaram à cozinha dos escravos, encontraram-na abarrotada de gorilas. Parecia que todas as crianças estavam trabalhando nas minas, e a comida ficara por conta da Patrulha Noturna, tarefa da qual não estavam gostando nada. O ar estava repleto de resmungos, rosnados e gritos do tipo: “Tire as patas do meu suflê!” e “Vou bater *em você* se não entregar essa batedeira!”.

Com tanto caos no ambiente, Peter e Peg tiveram pouca dificuldade para entrar escondidos na sala da banha. Sua Majestade mergulhou num barril uma taça que encontrou e obteve um copo cheio de gordura amarela que tinha um leve cheiro de cera de ouvido.

– Banha de lesma – ela falou com um sorriso. – Eles usam para limpar as panelas. Aposto que é a coisa certa para algemas enferrujadas.

Ela entregou a taça para o irmão, que a pegou e enfiou no saco. Com a ajuda de um escorredor de louça de rodinhas, conseguiram sair da cozinha pela porta de serviço, que levava às minas, diretamente abaixo. Mas, quando chegaram a um pequeno túnel, Peter parou.

– Há algo errado – ele disse, cheirando o ar. Apontou para uma estação de trabalho onde as refeições completas estavam sendo colocadas na água. Um gorila vestindo um avental estava debruçado sobre a comida, salpicando generosas porções de um pó preto em todas as travessas antes de despachá-las. – O que está acontecendo ali?

Peg, que estava com medo de ser descoberta, soltou um suspiro impaciente.

– É apenas um gorila colocando um tempero que o rei gosta em toda a comida antes de mandá-la. Venha.

Esse “tempero” tinha o sabor amargo que Peter percebera na primeira noite no palácio.

– Ele coloca isso em toda a comida? – perguntou o menino, aproximando o carrinho para sentir melhor o cheiro. Havia algo familiar no odor, um cheiro que ele sentira, muitas vezes antes, nas docas da cidade portuária. Seu rosto se iluminou ao perceber o segredo do poder do tio. – Eu sei como o rei está controlando os adultos... está usando o Devils Dram, Dracma do Diabo.

– O que é isso? – Peg perguntou, alarmada. – Parece veneno.

Peter sacudiu a cabeça.

– É uma raiz especial que você mói e mistura no chá. Na cidade onde cresci, os marinheiros usam para beber e esquecer as coisas terríveis que viram. Deixa sua cabeça fraca, sonolenta. Os efeitos passam bem depressa, o que significa que tem de tomar várias vezes por dia.

– Como em cada refeição – ela disse, de repente compreendendo tudo. – Podemos impedir isso?

– Enquanto os adultos continuarem a comer esse troço, nunca se lembrarão da verdade – Peter confirmou.

Ele empurrou o saco para trás e flexionou os dedos.

– Talvez consiga roubar um pouco do pó para outra coisa, mas, primeiro, preciso de algum tipo de dis...

Antes que ele pudesse terminar, sua irmã saltou atrás do carrinho e pulou num balcão.

– Ei, gorilas! – ela gritou, derrubando duas panelas acima de sua cabeça. – Venham me pegar, seus palhaços horrendos! – os gorilas desviaram o olhar da tarefa para a menina que os derrotara ainda naquela manhã. Largaram os utensílios e saíram correndo atrás dela. A princesa correu até um fogão e chutou o caldeirão de sopa de manteiga que estava escaldante e muito, muito escorregadio. O primeiro gorila a pisar na poça escorregou e se

espatifou no chão. O resto dos gorilas escorregou e trombou nele, e logo a cozinha inteira estava inundada de primatas amanteigados e furiosos.

Peg pulava de um balcão para outro, soltando insultos e jogando panelas, afastando-os da estação de temperos. Peter não era tolo de desperdiçar uma distração tão valiosa. Enquanto os gorilas lidavam com a princesa, correu até o Dracma do Diabo. Com a maior rapidez que suas mãos permitiam, esvaziou o pó preto dentro do lixo e reabasteceu o pote com pimenta do reino comum; depois tateou seu caminho até o túnel traseiro, escondendo-se na sombra.

Alguns segundos depois, Peg o alcançou.

– Bom trabalho – ela disse, ofegante. Pegou a mão dele e a puxou, descendo por uma valeta. – Agora, vamos seguir para as minas. Aposto que, a essa hora, Sir Tode e Simon já estão na metade do caminho para os desertos.

>>>

Ocorre que Simon e Sir Tode estavam exatamente onde os deixamos da última vez, no alto da torre, sobrevoando uma horda de gorilas mortais. Só que, agora, os gorilas tentavam matá-los.

– É um corvo maldito! – LongClaw rugiu, ao avistar os intrusos. – Mate-o! – seus guardas instantaneamente pararam o que estavam fazendo e correram para o ataque. Simon voava, de um lado para outro, fazendo tudo para se esquivar da investida.

– Mais alto! Voe mais alto! – gritava Sir Tode, pendurado nas garras do pássaro.

– Não consigo carregá-lo por mais tempo! – grasniu Simon. – Está na hora de você lutar! – afrouxou a pegada e arremessou o cavaleiro numa pilha de redes a bordo da aeronave. – Apronte a vela, Sir Tode! Vou soltar as amarras! – o pássaro voou rumo à fornalha aberta e emergiu, um momento depois, com as duas garras cheias de carvão quente. A dor era incrível, mas Simon não fraquejou. Ele circundou o deque soltando munição nos três gorilas que seguravam a âncora. Duas feras uivaram, soltando suas cordas para tirar as brasas dos olhos. O terceiro gorila ficou segurando a corda e escorregou da plataforma conforme a máquina voadora alçou ao céu.

A aeronave tinha sido liberada, mas ainda era preciso lutar com os pilotos. Simon pulou a bordo do cesto de garras esticadas. Embora fossem fortes, os guardas não estavam acostumados ao combate aéreo, e toda vez que miravam o corvo, ele passava voando entre suas patas desajeitadas.

– Sir Tode! Está na hora! – ele grasniu, batendo as asas de ré para evitar o ataque.

– Tudo em cima! – gritou o cavaleiro. – Só um momento! – ele tinha prendido a pata traseira numa rede empilhada e não conseguia se soltar (não que ele tivesse certeza de que queria). Ele observava, admirado, enquanto Simon lutava contra dois gorilas sedentos de sangue de uma só vez. Mesmo sem a vantagem do bico, o corvo conseguiu cegar por um tempo um deles e derrubar o outro. Mas, depois, um terceiro gorila, que estava segurando firme a corda da âncora todo aquele tempo, ergueu-se na beirada do cesto.

– Tem um atrás de você! – Sir Tode gritou, tarde demais.

O gorila agarrou Simon e prendeu suas asas para trás, para contê-lo.

– Não sei quanto a vocês, mas estou *faminto*! – ele disse com uma gargalhada. Os outros dois gorilas cambalearam e ficaram de pé, juntando-se a ele para a diversão.

– Sir Tode! – o pássaro deu um grasnido desesperado. – AGORA!

O cavaleiro estava assustado demais para responder. Assustado demais para pensar. Assustado demais para respirar. Ele só podia fazer uma coisa: *agir*! Soltou-se das redes e galopou, atravessando o cesto a toda velocidade.

– Madeiraaaaa! – Sir Tode saltou no ar, atacando os gorilas com as quatro patas e todo coração. As feras foram pegas tão desprevenidas que cambalearam para trás, caindo por cima da beirada do cesto rumo ao abismo.

– Já vão tarde! – gritou o cavaleiro. Levou um instante para perceber que uma das criaturas ainda estava segurando Simon. Sem hesitar, Sir Tode pegou uma faca com os dentes e jogou por cima da borda do cesto. Sua mira foi certa, e o cabo da faca bateu bem no meio da cabeça do gorila.

– Quem foi?! – gritou a criatura, erguendo a pata para ver se tinha sangue. Ao fazê-lo, soltou Simon, que de imediato voou em segurança. Os três gorilas cuspiam e gritavam até que suas vozes foram engolidas pelo abismo.

– Você viu isso, Simon? – Sir Tode tremia inteiro. – Consegui! Matei um monstro! Três deles!

O velho pássaro assentiu.

– Você lutou com bravura. Devo-lhe minha vida.

O cavaleiro olhou abaixo, para as garras do corvo, que tinham sido queimadas pelas brasas. A fumaça ainda saía da carne chamuscada.

– Você vai ficar bem? – mesmo agora, suas garras, apesar de devastadas, estavam flexionando com a força habitual.

– Agora, se puder assumir o leme, Sir Tode. É hora de ver meus irmãos mais uma vez.

>>>

Quando Peter e Peg chegaram às minas, encontraram a máquina de escavação a todo vapor. Todos os escravos do reino tinham sido designados para a tarefa da mina. As rodas que davam força à máquina giravam com plena capacidade, com mais de dez crianças dentro de cada uma. A cada passo, as crianças empurravam a broca imensa mais para o fundo, dentro da parede rochosa.

Peter se esforçou para ouvir Lillian ou os outros em meio ao ruído, mas era impossível daquela altura.

– Mais rápido, suas lesmas! – um guarda gritava abaixo, vibrando o chicote no grupo mais próximo de escravos. – É melhor que eu os veja correndo... a menos que queiram

que meu bicho de estimação pegue vocês! – afrouxava a coleira na mão e a serpente marinha avançava na direção da jaula mais próxima, abocanhando o ar perto do tornozelo das crianças. Os escravos aterrorizados corriam para escapar das mandíbulas mortíferas, mas claro que não iam a lugar algum.

Peter ficou ouvindo a cena com interesse; parecia que as serpentes marinhas, de alguma maneira, tinham conseguido alargar o fosso e agora quase alcançavam a parede dos fundos da caverna. O resto do solo estava coberto de poças, que ele ouvia respingar cada vez que os gorilas se movimentavam.

– Você está vendo água fluindo de algum lugar? – ele sussurrou para Peg.

A menina ficou olhando a escuridão. Claro, havia um filete de água correndo pela lateral da broca.

– Está vindo da fera da engrenagem do relógio – ela disse, atônita. – Mas como pode a água fluir da rocha?

Peter ficou ouvindo as serpentes marinhas nadando de um lado para o outro, gritando e sibilando, com o limite de água sempre aumentando. O som fez seu corpo inteiro se retesar. Mesmo que *pudesse* soltar todos os escravos, aqueles monstros bloqueavam a única saída. Era se afogar ou ser devorado. “*Se ao menos a ideia de Peg fosse possível*”, pensou consigo mesmo. “*Se ao menos pudéssemos chamar Frederick...*” Mas, não, o único caminho para o oceano estava do outro lado daquela broca.

Será? Peter se lembrou de Sir Tode dizendo algo sobre o rei ter encontrado rachaduras na fundação; rachaduras grandes o suficiente para monstros marinhos.

– É isso! – ele disse, numa súbita explosão de empolgação. No momento seguinte, estava de pé remexendo o saco.

Peg estava em pé ao seu lado.

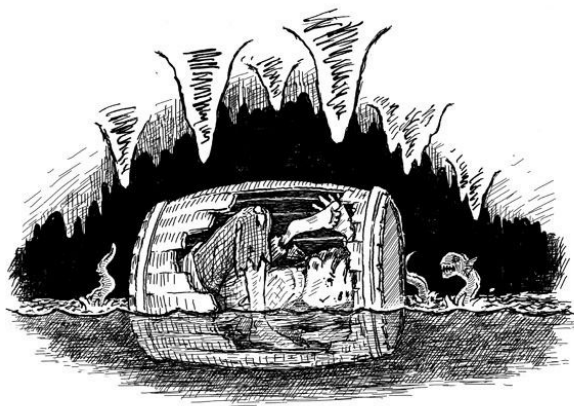
– *O que é?*

– Acho que tenho um plano para derrotar aquelas serpentes – deu-lhe o saco de pilhagem que continha a taça de gordura. – Você terá que lubrificar os trincos sozinha por um tempo. Mas fique por perto; talvez precise das suas mãos emprestadas para uma tarefa.

– Já tem mãos! O que está fazendo?

Ele abriu a palma da mão, revelando o par de olhos negros brilhantes.

– Vou nadar.



Pescando um amigo

PETER SABIA QUE O fosso o levaria a Frederick; a única questão era se conseguiria encontrá-lo a tempo. Chegar à água até que foi bem simples, pois os gorilas estavam ocupados demais chicoteando escravos (e os escravos estavam ocupados demais *sendo* chicoteados) para notar alguma coisa. No entanto, as serpentes marinhas o detectaram de imediato. Assim que Peter se aproximou, sentiram seus passos. Rápido como um raio, duas criaturas saltaram da água, avançando contra ele.

Por mais amedrontado que estivesse, Peter permaneceu imóvel. Sabia que qualquer movimento súbito poderia atrair ainda mais as serpentes, que, por sua vez, poderiam atrair a atenção dos guardas. O menino esperava, com todo seu ser, que as correntes de ferro aguentassem; para que o plano desse certo, teria que tocar uma das criaturas... e sobreviver. Esticou a mão e se aproximou mais um passo. Depois outro. Podia quase sentir o gosto do fedor de peixe que saía da boca delas. Deu outro passo. Seus cabelos esvoaçaram conforme a língua de uma delas revolveu o ar.

– Calma, garota – sussurrou, estendendo os dedos. – Só quero afagá-la.

Mais três serpentes tinham sido atraídas pela comoção, e agora cinco cabeças se esticavam nas correntes, tentando devorar o maior ladrão de todos os tempos. Peter sabia que só tinha alguns instantes antes que os gorilas notassem. Deu outro passo. Sua cabeça parecia prestes a explodir com o coro de gritos agudos. Esticou a mão, aproximando-se.

– Ai! – recuou a mão. O dente de uma das serpentes tirara uma lasquinha da ponta do dedo médio. – Até que não foi tão difícil – ele disse com um sorriso fraco.

Os nervos começavam a traí-lo, e ele tremia inteiro. Peter enfiou a mão sem ferimento no bolso e tirou os olhos fantásticos negros. Respirou fundo e os colocou na cavidade ocular.

>>>

Princesa Peg sentia-se confusa e frustrada. Esperara dez anos para se reunir com o irmão perdido... apenas para ser abandonada por ele alguns momentos depois. Peter não dera nenhuma explicação além da tolice de dizer que “ia nadar”, e, antes que ela pudesse

responder, atirara-se da beirada e sumira de vista. Agora estava sozinha, sem nada, exceto por um saco velho, uma caixa de olhos e uma taça de gordura de lesma. Ficou com apenas esses objetos, dividida entre o ressentimento e a admiração. Seu irmão fazia tudo parecer tão fácil!

– Bem, eu disse a ele que queria ajudar a libertar as crianças – falou em voz alta, pendurando o saco no ombro. – Parece que consegui minha chance.

O primeiro problema de Peg era chegar às crianças. O fosso de água agora a separava da fera das engrenagens, o que significava ter de atravessar sem ser vista pelos guardas ou pelas serpentes marinhas. Olhou abaixo, para o chão da caverna, e viu que Peter já estava na beirada do fosso fazendo algo com uma das serpentes; se ao menos circular de modo sorrateiro fosse tão natural assim para ela...

A princesa repensou todas as coisas que o irmão lhe dissera sobre a arte do roubo. Lembrou-se dele falando sobre um ladrão dos Desertos Justos cuja “habilidade” lhe permitia se vestir como outras pessoas. Peg sabia que não podia fazer uma roupa de gorila, mas será que não poderia criar uma que lembrasse alguma outra coisa na caverna? Olhou por cima da beirada, buscando nas sombras qualquer coisa que pudesse servir de disfarce. Àquela altura, os gorilas já tinham carregado as peças dos barcos lá para cima a fim de montá-las, mas Peg avistou suprimentos que tinham sido deixados para trás. Sorriu consigo mesma, percebendo que isso poderia prover o disfarce necessário para chegar às crianças.

Uma das vantagens de nunca tomar banho era que a pele de Peg estava completamente suja. A experiência lhe ensinara que, se ficasse de olhos e boca fechados, poderia se mesclar quase perfeitamente ao cenário de fundo. Essa habilidade de se esconder num ambiente comum já a salvara dos guardas mais de uma vez... Só que, agora, teria de empregar a técnica enquanto estivesse em movimento.

Peg olhou o caminho estreito de pedras que levava à base das minas. E se tropeçasse e caísse da beirada? Respirou fundo e lembrou a si mesma de que aquela tinha sido a forma como o irmão vivera toda a vida. E, se ele podia fazê-lo, ela também podia. Colocando uma das mãos sobre a parede lisa, fechou os olhos e deu o primeiro passo aterrorizante... ou, melhor, uma *cambaleada* aterrorizante. Temendo tropeçar numa pedra solta, foi deslizando os pés pela terra, tomando cuidado para não perder contato com o chão. Foi sentindo o caminho de descida, um passo após o outro, até se encontrar de pé em um chão plano, perto da margem do fosso.

Quando Peg abriu os olhos de novo, logo notou por que as tábuas e os barris espalhados não tinham sido levados lá para cima; as peças tinham tido o azar de ficar perto demais do alcance das serpentes marinhas e, como resultado, apresentavam mordidas imensas, pedaços arrancados.

Peg olhou a água e ficou aliviada notar que as serpentes marinhas estavam preocupadas ao atacar umas às outras. Foi devagarzinho até os destroços, procurando por algo que pudesse atender às suas necessidades. Encontrou um barril de pólvora de cabeça para baixo cuja tampa tinha um buraco. Pegou uma tampa de outro barril próximo e se

assegurou de que encaixava. Então, Peg entrou no barril e cobriu-se com a tampa. Ali dentro, estava cega de novo, embora os olhos permanecessem abertos.

– Vamos apenas torcer para que essas serpentes marinhas não estejam com fome – disse, curvando o corpo junto à superfície ondulada do barril e virando em direção à água.

>>>

Quase que de modo instantâneo, Peter concluiu que ser uma serpente marinha era algo muito mais divertido que um besouro, um pardal, ou mesmo um menininho. Houve a dificuldade inicial de rolar para a água, mas, depois disso, as coisas pareciam ter dado certo. Embora ainda estivesse cego, suas escamas proviam um novo tipo de “visão” submersa. As vibrações refletiam-se no corpo inteiro, era como se toda sua extensão fosse um único dedo sentindo as correntes ao redor. Podia ouvir às maravilhas e conseguia se guiar escutando os ecos que reverberavam das paredes do fosso.

Claro que havia a complicação de ter uma dúzia de outras serpentes tentando comê-lo. Eram monstros territoriais e não aceitaram com facilidade a presença de Peter no fosso. Quando conseguiu se jogar na água, cada uma das serpentes avançou em sua direção. Por sorte, o fosso submerso era tão estreito, que ela conseguira criar um engarrafamento obstrutivo. Peter também tinha a vantagem de não estar acorrentado a um gorila, o que lhe permitia se espremer ao passar pelas criaturas sem grandes danos.

O instinto de Sir Tode quanto à fissura estava certo. Não demorou para que Peter encontrasse uma corrente fluindo do solo rochoso. Ele se espremeu e passou pela rachadura rumo ao mar aberto.

>>>

Depois de girar o barril e ganhar alguns hematomas, Peg enfim conseguiu colocá-lo para flutuar e atravessar o fosso. As serpentes marinhas, que, segundo temia, poderiam atacá-la, estavam distraídas demais com alguma outra coisa na água para prestarem atenção. Quando a princesa rolou para a margem e saiu do barril, foi recebida por um coro de vozes conhecidas.

– Sua Majestade! – Scrape, Giggle, Marbles e Timothy exclamaram em uma só voz. Estavam juntos numa roda, reunidos ao redor de Lillian, que parecia fatigada, mas feliz. Peg correu para encontrar os amigos, tomando o cuidado de ficar fora da visão dos gorilas que estavam de sentinela.

– Você tem que nos libertar daqui – Scrape falou. – Os gorilas nos fizeram trabalhar sem tirar nem um cochilo.

Peg sabia que os cochilos eram a menor das preocupações. Em algumas horas, o oceano afogaria todos.

– Não se preocupem – ela os tranquilizou. – Peter está vindo para ajudá-los a fugir.

– Mal posso esperar para vê-lo... – Marbles suspirou.

– Eu também... – completou Giggle com outro suspiro.

As duas meninas tinham o olhar distante e tinham diminuído o ritmo da caminhada.

Scrape revirou os olhos.

– Se ele é um herói tão maravilhoso, por que mandou a princesa para fazer todo o trabalho duro por ele? – o garoto começou a andar mais rápido, o que forçou os outros a acompanhá-lo.

– Ele tem um plano – Peg falou, desejando que ela própria soubesse mais. Pensou na última vez que vira o irmão; ele estava perto da margem da água, esticando o braço para tocar uma serpente marinha. – Tem algo a ver com o fosso... e as serpentes marinhas.

– Você quer dizer os monstros submarinos? – Scrape estacou, provocando um engavetamento atrás dele. – O plano envolve ser *devorado inteiro*?

Diante daquela sugestão, o rosto de Giggle ficou vermelho.

– Retire isso! – ela disse. – Diga que ele está vivo!

– Ah, coitadinha – ele cantarolava. – Giggle e Peter...

– Scrape – Lillian cortou –, sabe que não tolero calúnias em minha gaiola. Se vai ficar falando assim, pode sair marchando com suas algemas e seu comportamento para longe desta roda de escravos.

Por mais que Scrape gostasse da *ideia* de ter uma mãe, começava a achar essa realidade menos divertida.

– Tudo bem! – ele resmungou, puxando a corrente. – Não queria mesmo uma mãe imbecil.

– Ei! – Timothy agarrou-o pelo colarinho. – Não chame minha mãe de imbecil!

– Tire as mãos de mim! – Scrape o empurrou para trás. – E ela é, sim, imbecil! Todos os adultos são imbecis como uma porta! – em segundos, os dois rolavam no meio da roda, girando-a a uma velocidade alarmante. As outras crianças que estavam ali dentro podiam apenas evitar dar cambalhotas. Lillian fazia de tudo para apartá-los, enquanto Giggle só conseguia trotar ao lado deles gritando:

– Diga que ele está vivo!

Peg olhava ao redor com ansiedade. Os gorilas os ouviriam, e, se isso acontecesse, poderiam ver que uma das crianças estava sem correntes... e era uma princesa fugitiva.

– Por favor! – ela implorava aos amigos. – Os guardas vão ouvi-los!

– Seu nojento comedor de meleca!

– Cabeçudo bobão!

– Diga que ele está vivo, *agora mesmo*!

Peg tentou desacelerar a gaiola pelo lado de fora, mas só conseguiu ganhar um solavanco nas mãos. Tentou proclamar um Decreto Real para que parassem, mas ambos só gritavam mais alto. Tinha de encontrar um jeito de atrair a atenção deles. Sem pensar,

enfioi a mão no saco de pilhagem e tirou a caixa dos olhos fantásticos.

– Ei, olhem! Uma caixa *mágica*! – abriu a tampa e se intrometeu no meio dos dois.

As crianças pararam de brigar, e a roda também parou.

– São... globos oculares? – perguntou Timothy, parecendo um tanto enjoado.

Peg sabia que deveria manter segredo sobre os olhos fantásticos, mas aquilo fora uma emergência.

– São herança real de meu irmão gêmeo, o Príncipe Sem Nome – fechou a tampa e guardou a caixa. – Pertencem a Peter Nimble.

O grupo a encarou, perplexo. Parecia algo impossível. Ela prosseguiu.

– Agora vocês podem se atracar e morrer, ou me ouvir e ser salvos. Há muito mais em jogo do que apenas nossa vida. Explicaria tudo agora se pudesse, mas honestamente também não entendo – a princesa olhava para cada um deles com seus incríveis olhos verdes-esmeraldas. – Só preciso que todos confiem em mim.

Houve um longo silêncio. As meninas foram as primeiras a falar.

– Faremos qualquer coisa pelo Príncipe Peter – disseram com sincronia constrangedora. – Por *vocês dois*! – acrescentaram com rapidez.

– Peter salvou minha mãe – disse Timothy, segurando a mão de Lillian. – Pode contar comigo.

Peg buscou Scrape com o olhar. O menino suspirou, as mãos nos bolsos.

– Não sei quanto a Peter, mas farei tudo que a princesa quiser, principalmente se significar sair destas correntes.

Peg sorriu.

– Agradeço a todos – pegou a taça do saco. – Vou passar um copo de gordura. Preciso que cada um de vocês tire um pouquinho com o dedo e esfregue no trinco das algemas. Sei que tem cheiro ruim, mas é a única forma que temos de tirar todas as correntes an... – não achou sábio lhes contar sobre o perigo de afogamento. – Antes do café da manhã.

– Ei! – um gorila gritou de uma parede dos fundos. – Por que essa roda parou? Mexam-se, antes que eu parta a cabeça de vocês!

As crianças recomeçaram a marchar, e Peg as acompanhou. Observava enquanto passavam a taça entre eles e esfregavam a substância nas algemas enferrujadas. Olhou para a centena de outros escravos ao redor que precisariam fazer o mesmo. A tarefa para a qual havia recrutado um herói agora estava nas mãos das crianças. Lançou um rápido olhar para trás, em direção à margem da água, que estava ficando mais próxima.

– Onde quer que esteja, Peter – sussurrou –, ande longo.

>>>

Não fosse pelo fato de já estar no fundo, Peter corria o risco de levar um tombo.

Nenhum dos outros peixes falava com ele, porque era um monstro marinho feroz; enguias, tubarões e até lulas gigantes nadavam em outra direção quando o viam chegando. Peter tentava fazer sua voz parecer mansa e inocente, mas cada palavra que pronunciava, por mais educada que fosse, saía como um grito arrepiante. Estava tão desesperado para obter ajuda que acabou por encurrular os peixes contra o arrecife, apenas para poder falar com eles. Não gostava de intimidar criaturas inocentes, mas não havia outro jeito de fazê-las ouvir.

– VOCÊS CONHECEM O BOM E VELHO FREDERICK?! – berrava.

– P-por favor, dona Serpente! Não me coma! – implorava o linguado, o tubarão ou a baleia. – Tenho esposa e peixinhos!

– NÃO QUERO COMÊ-LO! – Peter dizia, esforçando-se, sem sucesso, para não gritar. – SÓ ESTOU PROCURANDO PELO BOM E VELHO FREDERICK; ELE É UM *GRANDE TUBARÃO*! – Àquela altura, a outra criatura em geral já teria desmaiado de medo, forçando a serpente a continuar sua busca em outro lugar.

Depois de várias horas, Peter desistiu. As nadadeiras estavam exaustas de se movimentar, a garganta doía de tanto berrar e o estômago estava enjoado de tanto beber. Pior ainda, não tinha mais a menor ideia de onde estava.

– NEM SEI MAIS COMO VOLTAR – resmungou, desmoronando num arbusto de algas marinhas. – FOI UM ESFORÇO TOTALMENTE INÚTIL!

Nesse momento de total desesperança, Peter ouviu uma voz ecoar pela água.

– E aí, companheiro? – ouviu alguém gritar. – Ouvi dizer que está procurando um grande tubarão!



Os ventos da guerra

DIRIGIR A MÁQUINA Voadora provara ser mais difícil do que Sir Tode tinha esperado. Com toda honestidade, achava que o negócio fosse voar por conta própria, como todas as outras geringonças do rei. No entanto, aquela aeronave exigia um pouquinho mais de participação do operador. Levava vários minutos até conseguir manter a aeronave em altitude nivelada. O restante até que foi simples; dois pedais eram conectados a um pequeno propulsor que gerava vento suficiente para impulsionar a máquina adiante. Sem mãos para manejar, o leme ficava meio capcioso, mas, depois de um pouco de prática, Sir Tode fora capaz de usar as patas dianteiras para controlar as alavancas e manter a aeronave em curso.

Para Simon, a dificuldade chegou quando descobriu que tinha tendência a enjoar. Quando voava com as próprias asas, ficava tudo bem, mas empoleirado num cesto em movimento sentia-se tonto e com vontade de vomitar. Depois de um ataque de enjoo e algumas golfadas, ele decidiu voar ao lado do cesto, aterrissando apenas quando suas asas ficassem cansadas.

Enquanto isso, Simon se ocupava em jogar todas as armas do cesto para fora, na esperança de que isso aumentasse a velocidade da jornada. Com suas garras chamuscadas, pegava lanças, escudos, redes e facas, atirando tudo no precipício abaixo. Conforme a máquina voadora ficou mais leve, começou a se deslocar com mais velocidade. Logo se tornou impossível voar ao lado da aeronave, e ele foi forçado a desistir e seguir no cesto, pelo restante do caminho, sofrendo suas crises ocasionais de náusea.

O palácio logo desapareceu atrás deles, mesclando-se ao horizonte. E voaram muitas milhas assim, com apenas uma vastidão escura, por todos os lados. Simon passou boa parte do tempo olhando o abismo, sem dúvida se preparando para a batalha que estava por vir.

Sir Tode foi o primeiro a avistar a terra do outro lado.

— Terra encantada! — ele exclamou, estreitando os olhos para o horizonte. — Espere, risque isso. É apenas uma imensa nuvem de poeira.

Simon pulou para a borda do cesto.

– São os ventos da guerra – ele disse. – As asas dos corvos estão batendo com tanta fúria que levantam um fantasma no ar, erguendo as próprias pedras da terra, ardendo os olhos do inimigo.

– Isso significa que a Guarda Real está viva e batendo asas! – Sir Tode comemorou.

– Isso significa que estão desesperados – Simon o corrigiu.

O cavaleiro pegou a alavanca nos dentes.

– Então, não temos um momento a perder! – e engrenou o leme, pilotando a aeronave rumo à tempestade.

Os ventos foram ficando mais fortes, e Sir Tode teve que erguer as hastes dos dois lados para evitar que a aeronave tombasse. Eles chegaram à borda do deserto e encontraram os restos do Ninho, agora uma montanha de destroços. Dava para identificar os formatos dos corpos espalhados em meio à ruína, mortes de ambos os lados. Uma trilha de cadáveres estendia-se até a margem e desaparecia atrás da escarpa.

– Parece que a batalha seguiu para dentro do continente – disse o cavaleiro, rumando para aquela direção.

Conforme foram se aproximando, centenas de sons violentos ecoavam pelo ar abaixo, metal colidindo, bicos rasgando a carne, pedras esmigalhando ossos. Incapazes de enxergar através das rajadas de poeira, os dois deixaram que a imaginação preenchesse os detalhes repugnantes. Vozes individuais agora ficavam mais claras. Sir Tode pôde ouvir o ladrão Twiddlesticks gritando ordens acima do estrondo:

– Grampeiem geral, camaradas! Rasguem até suas cuecas se precisarem, mas mantenham esses pombos no chão! – parecia que os ladrões tinham usado todas as redes e faziam sacos de qualquer resto de pano que encontrassem.

Também havia vozes mais baixas movendo-se com rapidez pelas nuvens.

– Corvos, organizem-se! – um deles grasniou.

As garras de Simon atracaram a borda do cesto. Fazia muitos anos que não ouvia aquele gralhar.

– Capitão Amos – ele sussurrou.

Outra voz familiar ecoou:

– Rasguem essas lonas! Precisamos libertar nossos irmãos!

– É Titus? – Simon agora estava fora de si. – Ande rápido, Sir Tode!

– Estou tentando, mas esses ventos terríveis estão nos jogando para trás! – Sir Tode mordeu e puxou um cabo com todo seu peso. – Dá pra ver quem está ganhando?

Simon piscou, tentando ouvir.

– Parece que estamos desfalcados. Os corvos recorrem a um único líder para guiá-los na

batalha, mas os ladrões são desorganizados e imprevisíveis. Temo que esse caos esteja favorecendo os traidores – ele soltou o ar, ansioso. – Ainda assim, Capitão Amos é um grande guerreiro. Contanto que ele esteja no comando, a Justiça prevalecerá.

O cavaleiro não estava tão confiante. Aos seus ouvidos, parecia que os ladrões estavam se divertindo bem mais que os pássaros. Havia um tom de alegria em seus gritos de “Vingança!” e “Peguem-nos!” que o deixava nervoso.

A máquina voadora irrompeu o olho da tempestade revelando a batalha. Penas e carne cobriam as dunas. Diretamente abaixo, avistaram uma cova imensa repleta de sacos de lona. Os corvos que estavam dentro se debatiam com loucura, tentando rasgar a lona com as garras e se libertar.

– Estão fazendo os pássaros de prisioneiros? – Sir Tode estava confuso.

– Para os ladrões, é mais eficiente capturar os corvos primeiro e depois matá-los – Simon explicou. – Quando nosso número cair o bastante, começarão as execuções. Pelo jeito que as coisas vão, esse momento está se aproximando – o Capitão Amos e suas tropas tentavam libertar os irmãos presos, mas cada tentativa apenas resultava em mais perdas. A cova de sacos rapidamente se transformava numa pilha.

Os pássaros circulavam para outro ataque, mas os ladrões já estavam prontos. Uma dúzia de homens surgiu de esconderijos com sacos na mão.

– Peguei um! – Twiddlesticks rolava no chão, tentando enfiar um pássaro no saco.

Era o Capitão Amos.

– Deixem-me! – ele gritou para as tropas. – Vocês precisam libertar seus irmãos! – ele retorcia o corpo, tentando se soltar, mas assim que olhou para o alto ficou imóvel. – Não pode ser – ele sussurrou. Através da névoa, ele viu o contorno da aeronave mágica... e empoleirado na beirada da proa estava um rosto que ele não via há muitos anos.

Com uma onda de força renovada, Capitão Amos se soltou de Twiddlesticks.

– Olhem para o céu, irmãos! – ele gritou. – É Simon, que voltou por nós! A Justiça enfim... – mas a frase não foi concluída. Um pequeno ladrão chamado Skip arremessou uma faca no coração dele. O pássaro tossiu sangue, parou de bater as asas e caiu no chão.

No mesmo instante os outros corvos tombaram na areia, como se seus corações também tivessem sido perfurados. Eles olharam o corpo caído de seu bravo líder, morto como uma boneca de pano. Simon olhava de cima, com a mesma expressão horrorizada no rosto. O grande Capitão Amos tinha sido assassinado.

Com os corvos abalados, os ladrões não perderam tempo para começar as execuções. Twiddlesticks e os outros entravam na cova alegremente esfaqueando os sacos de lona. Os poucos corvos que não tinham sido capturados nada fizeram para detê-los. Apenas olhavam, paralisados de tristeza.

– Por que não estão lutando? – Sir Tode perguntou de sua cadeira. – Precisam fazer alguma coisa!

– Fazer o quê? – Simon grasniu com a voz embargada. – Sem um líder, não podemos fazer nada.

O cavaleiro revirou os olhos.

– Então você será para eles uma porcaria de um líder, ora essa!

Simon o olhou, incrédulo.

– Eu? Nem bico tenho para espetar! O que espera que eu faça?

Sir Tode desceu das alavancas de controle.

– De fato não tenho tempo para lhe devolver o próprio discurso. Basta dizer que a “Justiça” é o que o obriga! – ele agarrou Simon pelas penas do rabo e o arremessou por cima da beirada do cesto.

O corvo ficou batendo asas no lugar, tomado de medo. Como poderia ter êxito onde o Capitão Amos falhara? Simon fechou os olhos, incapaz de olhar a matança abaixo. A cada grito contraía as garras, até que as pontas furassem sua carne chamuscada. A dor o fez se lembrar das palavras ditas a Sir Tode na torre: *há momentos em que a Justiça exige de nós mais do que daríamos*. O pássaro respirou fundo e, ao abrir os olhos, estes denotavam toda a sua determinação.

– Lenha na fogueira! – grasnou.

O peito de Sir Tode inflou.

– Agora sim, *Capitão* Simon! – ele galopou atravessando o deque e alimentou o fogo com toda sua força.

Simon voou para dentro da fornalha aberta, levantando as garras cheias de carvão em brasa. Ele mergulhou e as soltou em cima dos ladrões abaixo. Os homens gritaram e xingaram. A fumaça se espalhou com rapidez pelos sacos de lona – e, dentro de segundos, a cova inteira estava consumida por uma labareda furiosa.

Os pássaros que cercavam a cova observavam, admirados.

– Vida longa ao verdadeiro rei! – gritou Simon ao soltar outra artilharia.

Mil corvos se libertaram, explodindo rumo ao céu:

– E VIDA LONGA À SUA LINHAGEM!



Peg rompe as linhas inimigas

DEPOIS DE CONSEGUIR Recrutar seus amigos, a operação de lubrificação das algemas da Princesa Peg correu surpreendentemente bem. A coisa foi espalhando de um escravo para outro e, em questão de minutos, todas as crianças sabiam que a princesa tinha vindo salvá-las e que precisavam ajudá-la. A taça de gordura havia sido passada com eficiência entre elas. Cada criança aplicava uma porção no buraco de sua algaema, tomando cuidado para não parar de marchar, de modo que os gorilas não suspeitassem.

Antes do amanhecer, a taça voltara vazia por completo às mãos de Peg. Cada trinco tinha sido lubrificado e agora tudo estava pronto para a chegada dos corvos. “*Espero que Sir Tode e Simon logo cheguem aqui*”, ela pensava, enquanto observava a fera da engrenagem mastigando a parede da caverna. Imensos córregos de água salgada agora fluíam de ambos os lados da broca, encharcando os escravos abaixo. O nível de água subia sem cessar, permitindo que as serpentes marinhas tivessem acesso à caverna inteira; não fosse pelas coleiras de ferro que as seguravam, a essa altura provavelmente já teriam devorado metade dos escravos.

Para evitar que se molhassem, os gorilas tinham se deslocado à escadaria nos fundos da caverna. Passavam horas num joguinho de revezamento, fingindo soltar por um momento as coleiras dos monstros. Em cada uma dessas tentativas, a serpente cuja coleira se afrouxava voava de modo automático em direção às crianças, para ser então contida com um solavanco no último momento.

— Não se preocupem! — gritavam os gorilas sacudindo as correntes. — Logo, logo vocês todos terão uma chance de afagar essas belezinhas!

Peg não conseguia deixar de se preocupar com a demora de Peter. E se Scrape *tivesse* certo? E se seu irmão, o príncipe há tanto tempo perdido, tivesse, mesmo, sido devorado por serpentes marinhas? A cada passo ela afagava a preciosa caixa de olhos fantásticos em sua lateral; ela a trocava no mesmo instante para ver o rosto do irmão mais uma vez.

Àquela altura, as crianças sofriam de exaustão severa. Algumas tinham até desmaiado e rolavam no fundo das gaiolas, com colegas escravos pulando por cima.

— O que estão fazendo? — gritou um dos gorilas, quando notou a interrupção. — Nenhum

de vocês vai dormir até acabar de cavar! – ele deixou que sua serpente desse algumas mordidelas nas gaiolas. As crianças puxavam seus vizinhos adormecidos para que ficassem de pé e continuavam marchando. – Ah, não chorem – dizia o guarda, debochando. – Quando a broca arrebentar, vocês poderão dormir o quanto quiserem! – a piada fez os outros gorilas se matarem de rir.

– Ouçam! – rugiu um dos guardas. – Aqui é seu *oficial* mestre dos escravos quem fala! – a voz pertencia a um gorila chamado Maul. Ele fora colocado há pouco como encarregado das minas e gostava muito da nova posição. – De agora em diante, todos vocês, seus insetos, ficarão olhando para a parede à frente. O primeiro que se virar vai servir de comida para peixe. Entenderam?

Peg e os outros fizeram como lhes foi dito. Marchavam em frente, de olhos fixos na broca.

– Isso mesmo, bem assim! – disse Maul. – CONTINUEM! – Peg notou que a voz tinha ficado distante e um tanto metálica.

– FIQUEM COM ESSAS CABEÇAS VIRADAS PARA LÁ! – outra voz disse, com sarcasmo, também com tom metálico. – NÃO TEM NADA PRA VER AQUI ATRÁS! – vários outros riram com ele.

Peg ouviu o risinho ecoando atrás dela. O som a fazia se lembrar da corneta de bronze que o rei usara para chamar LongClaw. Decidindo arriscar, desobedeceu as ordens de Maul e olhou na direção dos fundos do túnel. Claro, os gorilas tinham sumido, depois de prender as doze serpentes marinhas a uma rocha, perto da base da escada.

– Mas por que *partiriam*? – murmurou consigo mesma. Ao virar para retomar seu ritmo, um esguicho de água partiu da parede e atingiu seu rosto. Ela cuspiu, olhando a broca da engrenagem...

E, naquele momento, enfim compreendeu o que acontecia.

Peg percebeu que aquela fera mágica era como uma *pá gigante*, e a parede da caverna não era de rocha infinita, mas uma *fina camada*. Do outro lado estava o “oceano” que Sir Tode tinha mostrado no mapa... e, quando o oceano irrompesse, todos seriam afogados pela força da água!

– É uma armadilha! – ela gritou. – Parem todos! – mas o ruído da máquina de escavação era tão grande que nenhum dos escravos conseguia ouvi-la. Ela teria de *fazê-los* ouvir.

Peg pulou para fora da roda e entrou na água escura. As serpentes marinhas sentiram-na, de imediato, e se esforçaram, vorazes, nas correntes. A menina manteve uma distância segura dos monstros enquanto nadava até o ponto de rocha seca. Ali tinha sido, antes, uma ilha de pedras, onde as crianças dormiam, mas agora só tinha o miolo. Preso, ao centro, havia um imenso anel de ferro, que serpenteava atravessando a caverna, passando pelas algemas de cada escravo. Peg pegou a corrente com as duas mãos e prendeu os pés contra o chão.

Há certos momentos em que uma pessoa está em dificuldades tão terríveis que só consegue realizar o impossível através de sua força de vontade. Para a Princesa Peg aquele

era um momento assim. Com um grito poderoso, ergueu a corrente, puxando-a com toda a força. Por estar ligada aos tornozelos deles, quando a corrente se movia, as crianças se moviam também. O menino na ponta dianteira da corrente foi puxado, e seus pés foram erguidos do chão. Ele caiu, derrubando a menina seguinte, e assim por diante. Logo havia centenas de crianças cuspidando água e se debatendo na profundidade que ia até os joelhos, tentando descobrir quem as derrubara.

As rodas da máquina escavadora pararam de se mover bem na hora. Peg quase podia ouvir o oceano forçando a parede da caverna. Soltou a corrente e colocou as mãos em concha ao redor da boca.

– Atenção, súditos! Preciso que todos vocês ouçam com atenção! – dessa vez as crianças ouviram e ficaram de pé, aguardando instruções. – Neste momento, estamos em grande perigo! – gritou. – Do outro lado dessa parede tem algo que pode nos matar a qualquer momento!

No fim das contas, Peg tinha muito a aprender sobre discurso. Suas palavras, embora precisas, foram no mínimo indelicadas. Assim que disse “algo que pode nos matar a qualquer momento”, centenas de crianças foram tomadas pelo pânico. Sem sequer saber o que faziam, passaram a correr em ritmo frenético para longe da “coisa” horrível que se escondia por trás da rocha. A broca ganhou vida de novo, dessa vez girando na posição oposta. A água ia esguichando conforme a broca se soltava lentamente da parede.

Peg sabia que a broca agia com uma rolha gigante e, se fosse deslocada, eles seriam submersos.

– Parem de correr! Estão piorando as coisas! – ela gritou. Mas não adiantava. As crianças simplesmente não ouviam.

– CRIANÇAS! – uma voz de mulher retumbou acima da confusão. Todos os escravos pararam de modo automático. Ergueram os olhos e viram Lillian, em pé, sobre uma alavanca horizontal, encharcada e furiosa. Ela esperou, mãos nos quadris, até obter atenção total de cada escravo da caverna. – A princesa estava querendo dizer algo quando vocês a interromperam desse modo grosseiro! – ela disse “vocês” de uma forma que fez cada criança abaixar a cabeça, envergonhada.

Lillian fez uma reverência para a princesa.

– *Pedimos desculpas*, Sua Majestade. Por favor, continue.

– *Pedimos desculpas*, Sua Majestade – as crianças murmuraram. – Por favor, continue.

Peg limpou a garganta.

– Como sabem, estou trabalhando num plano para nos tirar daqui, mas vocês precisam fazer exatamente como eu digo. Um exército de corvos virá, em breve, para abrir todos os trincos. A gordura de lesma foi para isso. Quando chegarem, não devem sentir medo. Apenas ponham as pernas algemadas para fora da água e eles os libertarão.

– E quanto às cobras monstruosas? – gritou uma menina chamada Brag. – Elas vão nos devorar se tentarmos fugir!

– Claro que não vão, sua boba! – falou outra voz. – Peter Nimble, o verdadeiro príncipe, tem um plano para detê-las! – Peg olhou em meio à multidão para ver quem tinha falado em favor de seu irmão. Era Scrape.

– Ele está certo – ela disse, o rosto corando. – E, agora, só precisamos ficar calmos. Prometo que a ajuda está a caminho...

– Ei! – gritou uma voz por trás dela. – O que está havendo aqui? – era Maul, que viera ver por que a escavadora tinha parado de girar. Estalou o chicote e mais uma dúzia de gorilas surgiram ao seu lado. – Eu alertei vocês, seus insetos, sobre o que aconteceria se parassem de trabalhar!

Apesar de estarem do outro lado da caverna, as crianças ainda se sentiam amedrontadas; conforme se aglomeravam no fundo, cada passo virava a própria gaiola, e a broca, mais um pouquinho.

– Não se mexam! – Peg gritou. – Mantenham-se firmes. Precisam ser corajosos!

Maul a viu e sorriu.

– Ora, se não é a “princesa” – como você deve saber, gorilas são muito hábeis para se balançar em galhos, acostumados a cobrir distâncias enormes sem colocar o pé no chão, uma habilidade que Maul demonstrou ao pular do alto da escada, agarrar uma estalactite, depois outra, e despencar ruidosamente ao lado de Peg. Antes que a menina pudesse reagir, ele a pegou pelo pescoço: – O rei por certo vai me promover se eu entregar a ele sua pele imunda – lambeu as presas, sorrindo com a ideia de entregar sua cabeça ainda quente a Rosado. – Pensando bem, se eu levá-la *morta*, ele me agradecerá ainda mais.

Peg relutou para arrancar as garras que a sufocavam, mas ele as apertava ainda mais, arrancando sua vida. Ela sentiu uma pressão em seu crânio, como se as tochas fossem sendo apagadas, uma a uma. As sombras giravam, estava perdendo a consciência. A cabeça da princesa pendeu, e tudo se tornou escuridão.

>>>

De repente, Peg estava com água salgada até o pescoço, resfolegando e tentando respirar. O pandemônio se instalara ao redor. Gorilas andavam na água e gritavam, espanando o ar. Pequenas nuvens negras mergulhavam acima e abaixo. Maul cambaleava às cegas na escuridão segurando o rosto. Peg sacudiu sua cabeça latejante, tentando entender o que acontecia. Aquelas sombras... De alguma maneira, pareciam *familiares*. De repente, percebeu do que se tratava.

– Simon! – ela gritou, tentando ficar de pé.

– Primeiro as crianças! – o corvo comandava seus irmãos. – Titus, mantenha os gorilas longe da máquina! – os pássaros revoavam ao redor da broca, mergulhando dentro das gaiolas. Os escravos estavam prontos, com os pés algemados no ar. Os trincos tinham sido bem lubrificados e os bicos dos pássaros os abriam com pouca dificuldade.

– Bravo, Capitão! – outra voz gritou. Peg olhou para o alto e viu Sir Tode empoleirado em cima da broca, incentivando as tropas. – Agora, vamos mostrar àqueles gorilas nossa

fibra!

– De acordo, amigo! – Simon circulou e reuniu seu bando. – Irmãos, atacar! – os corvos varriam o ar cravando as garras. Os primatas estavam em número bem menor. Dentro de segundos, a Guarda Real os empurrava para cima.

– Soldados, recuar! – comandava Maul, seguindo rumo aos túneis. Os gorilas subiam os degraus, atrás dele, batendo os chicotes e segurando seus ferimentos que sangravam. Quando o último deles desapareceu, os pássaros soltaram um brado de vitória. As crianças os saudaram, jogando as algemas abertas para o ar.

No entanto, aquela festança alegre logo foi substituída por outro clima, o de terror mortal. Em princípio, ninguém notou que Maul tinha soltado as serpentes marinhas antes de escapar, mas quando o primeiro monstro estridente saltou da água, o desespero total se instalou.

As criaturas malignas estavam soltas... e famintas. Ainda tinham suas máscaras de ferro, o que impedia que enxergassem a localização exata das crianças, mas podiam sentir o cheiro da carne fresca por perto. As crianças se aglomeraram ao lado da escavadeira, tentando, em desespero, ficar longe das doze mandíbulas de dentes afiados.

As criaturas se agitavam dentro d'água, abanando os pássaros com as caudas conforme avançavam na direção dos pés descalços infantis. Peg e seus súditos subiam nas engrenagens mais altas da máquina, a salvo das mandíbulas mordazes.

– Aguentem firme! – ela comandou. – Contanto que estejamos aqui em cima, as serpentes não podem nos alcançar.

Um dos monstros jogou a cabeça para trás, fungando o ar. Virou-se para as outras serpentes e deu um grito esganiçado, mostrando a língua demoníaca. Logo, as doze criaturas mordiam as peças que alcançavam da máquina, agitando-se com loucura. O metal rangia, conforme pistões eram arrancados. Uma ou duas crianças menores escorregaram de seus poleiros e quase caíram na água.

A princesa estava agarrada à correia dentada oscilante.

– Eles vão arrancar a máquina da parede! – ela gritou para Simon. Os corvos atacaram de novo, mas suas garras eram inúteis sobre as peles escamosas. Peg olhava, horrorizada, enquanto as serpentes abocanhavam vários corvos de uma só vez e os cuspiam na água.

Enquanto ela tentava desesperadamente elaborar um plano, uma nova serpente surgiu da água, jogando as outras para o lado. Os doze monstros gritaram furiosos e foram atrás de seu agressor. Eles trombaram nas estalagmites e rochas tentando pegá-lo.

Peg olhava, confusa, conforme a criatura esguia serpenteava de um lado para o outro, afastando os agressores das crianças. Será que uma das criaturas estava, de fato, *protegendo-as*? Sob a luz fraca, ela teve um vislumbre do que achou ser um par de olhos negros brilhantes.

– Peter? – ela sussurrou.

Uma voz profunda sacudiu a caverna.

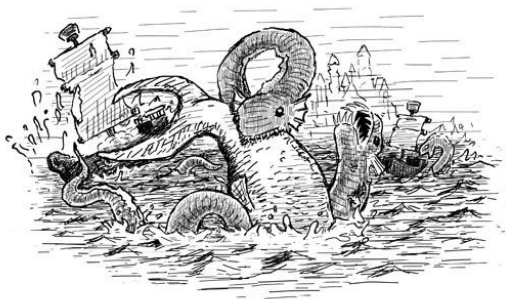
– Calma, companheiro, não vá roubar toda a diversão! – e assim, um peixe ainda maior, com orelhas de abano e um rabo balançando, irrompeu na superfície. – Deixe um pouco para o Bom e Velho Frederick!

As crianças e os corvos olhavam, igualmente admirados, enquanto o imenso tubarão entrava em ação. As serpentes se debatiam e cuspiam, e Frederick pegava as coleiras e as arremessava contra as paredes. Seus dentes não eram afiados, mas sua força era imensa, e as criaturas ondulantes se viram impotentes por completo contra o lado largo de sua cauda.

– Acabou, companheiras! – ele falou, pegando uma das serpentes com o maxilar e arremessando do outro lado da caverna. O monstro se espatifou de encontro ao que havia sobrado da máquina escavadora, estilhaçando-a em mil pedaços.

Um retumbar profundo sacudiu a mina.

– O oceano está chegando! – Peg gritou. – Atenção todos: prendam a respiração e...! – foi tudo o que conseguiu falar antes que a broca caísse da parede e a água explodisse dentro da caverna, levando crianças, pássaros e peixes em seu rastro.



A grande inundação

EM QUESTÃO DE Minutos, todas as fontes e torneiras do reino transbordavam de água salgada. Peixes marinhos menores flutuavam por casas e corredores, debatendo-se pelos pisos de pedra, de modo frenético, em busca de ar. A água inundou todas as escadas e escorria como uma cachoeira por todas as paredes do palácio, preenchendo o grande abismo e varrendo os Desertos Justos. O reino deserto tinha se transformado numa ilha cercada de oceanos azulados.

Rosado observava a transformação do conforto da varanda de seu quarto. Sorria de deleite. Enfim, tinha colocado um ponto-final no encanto hipócrita de seu irmãozinho. Sua frota de navios de guerra, que apenas instantes atrás estava suspensa acima do abismo vazio, agora flutuava na água, pronta para a guerra. Algumas horas antes, ele tinha avistado sua aeronave retornando no horizonte. Agora, a qualquer minuto o dirigível poderia pousar com uma legião de ladrões gratos, e seu exército estaria completo. Ele deu corda na chave de sua armadura, e as engrenagens que perfilavam seu corpo se apertaram, prontas para saltar. Por baixo de seu peitoril estava a ciência astuta que derrubara um reino. O primeiro de muitos.

– Em breve, cada canto do mapa aprenderá a temer meu nome – ele falou, olhando para a água.

Duas portas se abriram de modo abrupto, uma de cada lado.

– Sua Alteza! – falou LongClaw, que entrou correndo pela esquerda.

– Sua Alteza! – disse Maul, que entrou correndo pela direita.

Rosado girou, olhando de modo fulminante para ambos. Tinha uma regra quanto a ser interrompido antes do café da manhã.

– Falem logo! – ele estrilou.

LongClaw foi o primeiro a falar:

– Majestade, a aeronave, que mandei sem nenhuma falha, não regressou essa manhã. Receio que os ladrões possam ter se afogado na grande inundação que o senhor brilhantemente arquitetou – o gorila tinha passado boa parte da noite pensando se seria sábio informar seu monarca quanto ao que realmente acontecera com o dirigível... e

decidira que não.

– Leite derramado, LongClaw – o rei abanou a mão. – Mas a inundação foi brilhante, não foi? – voltou-se para Maul. – E você?

– Os corvos estão atacando! – respondeu o segundo gorila. – Eles libertaram os escravos das minas e estão subindo para cá enquanto falamos. P-por favor, perdoe-me, Mestre! – deu um sorrisinho fraco, torcendo para que o rei lhe desse a mesma graça concedida a LongClaw.

– Perdoá-lo? É claro que perdoo – Rosado ergueu sua luva, como se fosse para o gorila beijá-la. – Mas só desta vez. – Ele flexionou o dedo mindinho e uma mola munida de uma lâmina ejetou de seu punho, decepando o pescoço de Maul. A cabeça da fera aterrisou no chão fazendo *tum*. Seu corpo caiu ao lado.

LongClaw parabenizou a si mesmo por ter tomado a decisão certa.

– Qual é a sua ordem, Majestade?

O rei sacudiu os restos do gorila que ainda estavam pendurados na lâmina e escamoteou-a para dentro do antebraço.

– O que mais poderia ser? Vamos nos reunir para a guerra! – ele jogou a capa para trás, marchando pelo corredor. – Faça soar o alarme! Junte sua horda! Traga, de uma só vez, os cidadãos para o Salão de Refeições! Se é sangue que eles querem, é sangue que terão!

>>>

Os corvos despejavam-se por todas as torneiras do palácio. A água marinha os levaria direto, pelo encanamento, para cozinhas e banheiros. LongClaw entrou como um raio pelo corredor principal, com uma lança em cada pata.

– Invadam as casas; não deixem que ninguém escape! – atrás dele marchava o resto da horda, armada de redes e lança-projéteis.

Simon e suas tropas estavam novamente lutando pela vida. Penas e pelo se espalhavam em todas as direções conforme a batalha rumava para o palácio. LongClaw urrava as ordens da escadaria, para que atirassem e reabastecessem os ejetores.

– Não deixem que os peguem a céu aberto! – os corvos mergulhavam, bicando as feras com fúria desesperada, mas aqueles gorilas eram muito mais fortes do que os ladrões do deserto. Um golpe daquelas poderosas patas podia partir um pássaro ao meio.

Nas ruas, a água ficou vermelha com o sangue da batalha. Corpos de ambos os lados estavam espalhados pelo palácio. Os corvos estavam exaustos; vinham lutando há dias no Ninho, depois batalharam com as serpentes marinhas, foram varridos pela grande inundação e agora guerreavam contra gorilas selvagens. Os gorilas, por outro lado, estavam descansados e bem armados, não apenas com seus escudos de combate, mas também com armas com engrenagens que podiam acertar o céu. Armas medievais lançavam flechas que atravessavam as asas dos pássaros. Ejetores gigantes jogavam redes ao redor deles. Simon e suas tropas estavam encurralados entre armas violentas e garras dilaceradoras. O que antes tinha sido um exército de milhares, agora era de apenas

algumas centenas. E perdiam irmãos a cada minuto.

>>>

Como você pode imaginar, as criaturas marinhas monstruosas das profundezas são grandes demais para caberem em encanamentos convencionais. Por consequência, quando o oceano irrompeu pela parede, Peter, Frederick e as doze serpentes furiosas foram todos banidos para dentro do que antes era o grande abismo, que agora se transformara num vasto oceano. Nessas águas abertas, as serpentes marinhas provaram ser guerreiras bem melhores. De súbito, Peter e o Bom e Velho Frederick já não desfrutavam da vantagem do fosso raso que os favorecia. As criaturas ruidosas se debatiam em meio às correntes, criando imensas ondas que jogavam Peter contra as paredes do palácio. Mordiam Frederick, arrancando nacos de sua carne. Para piorar as coisas, os navios de guerra do rei entraram na luta, disparando canhões e arpões no mar borbulhante.

– Não sou nenhuma água-viva, mas isso está ficando meio escamoso, companheiro! – gritou Frederick para Peter, enquanto lutava com um par de serpentes que rangiam os dentes. – Conheço alguns marujos veteranos que andam por essas águas. Esse tipo de coisa é da área deles. Importa-se se eu chamá-los?

– POR FAVOR, EU INSISTO! – gritou Peter, contorcendo-se para se livrar de uma rede de pesca.

O bom e velho Frederick mergulhou fundo no mar e emitiu um poderoso chamado. O mar inteiro tremeu com a força de sua voz. E ele voltou um momento depois.

– Isso deve igualar um pouco as coisas! Agora, se pudermos ao menos nos manter vivos até que eles cheguem, melhor!

Peter e Frederick decidiram mudar de tática, abandonando o combate frontal para nadar pela vida. Enfim, ouviram um retumbar profundo nas águas abaixo.

– Agora são eles, companheiro! – Frederick anunciou. – É melhor a gente ir para a margem!

O oceano se abriu e seis tartarugas marinhas explodiram na superfície, fazendo jorrar água a milhas de distância em todas as direções. Cada uma delas era maior que uma ilha e duas vezes mais velha. Suas nadadeiras eram perfiladas por presas pretas. Os escudos das costas estavam pintados com tinta de guerra e musgo rudimentar. O bando soltou um poderoso grito de guerra e atacou sem piedade. Sacudiam os membros, dilacerando os navios de guerra, e rasgaram as serpentes com seus bicos.

– Cuidado para não morderem esse cara miudinho, companheiros! – Frederick colocou a nadadeira protetora sobre Peter. – Ele está do nosso lado!

A batalha marinha teve uma conclusão um tanto veloz, com as doze serpentes reduzidas a pedaços retorcidos que afundaram no mar.

– Elas voltarão algum dia – disse Frederick, vendo o último rabo de serpente desaparecer sob a superfície. – Mas não se preocupem. Não será durante sua existência.

>>>

Enquanto os corvos e gorilas se ocupavam na batalha pelos corredores, as crianças eram transportadas pelas manilhas do sistema de esgoto do palácio. Os escravos, recém-libertos e exaustos, cambaleavam pelos canais, finalmente sendo lançados pelas bocas abertas das gárgulas. Aterrissavam numa imensa pilha, no meio do Salão de Refeição, tontos e encharcados.

Peg e Sir Tode estavam entre os últimos a aparecer. Deslizaram caindo por cima das crianças, depois no chão inundado. O saco de pilhagem de Peter veio rolando depois deles e bateu atrás da cabeça de Sua Majestade. Conforme ela ficou de pé, esfregando a cabeça e sacudindo os ouvidos, escutou os gritos vindos do corredor.

– Cidadãos, sigam-me! – dizia o rei. E não estava sozinho.

A princesa virou e começou a chamar as crianças.

– Ouçam todos! Há uma coisa que preciso lhes dizer sobre os adultos. O rei os drogava...

Suas palavras foram sufocadas pelas centenas de adultos que entraram no Salão de Refeições, num grande estampido, empunhando suas lanças no ar. Rosado liderava a multidão, com suas esporas tilintando junto ao chão molhado.

– Matem os monstros! – ele gritou, correndo na direção da sobrinha.

– MATEM OS MONSTROS! – ecoaram os adultos, correndo na direção dos filhos.

As crianças relutavam para se soltar do bolo antes que os adultos pudessem esmagá-las. Lillian puxou Timothy e alguns outros para perto, tentando protegê-los da matança dos pais enlouquecidos.

– Ignorem os gritos! – dizia o rei, acima do estrondo. – Matem todos! – continuou seguindo Peg, empurrando qualquer um que estivesse em seu caminho. A princesa tentou correr na direção oposta, mas seu tio foi rápido demais. – Volte aqui, sua nojenta! – ele a pegou pelo braço.

A menina se retorceu diante do apertão de ferro, segurando o saco com a mão livre.

– Sir Tode! – ela gritou. – Leve os olhos ao mar! – e jogou o saco por cima da cabeça; ele fez um arco no ar, aterrissando junto às patas dele.

– Peguem aquele saco! – ordenou o rei. Ele não fazia ideia do que era, mas, a julgar pelo desespero da princesa, provavelmente continha uma arma secreta. Uma dúzia de adultos obedientemente saíram atrás, quase esmagando Sir Tode com os escudos.

O cavaleiro se espremeu para se livrar, com o anzol de ferro preso nos dentes.

– Em guarda! – ele gritou, golpeando com toda a força. Os adultos ao redor uivaram e caíram com as mãos sobre as peles cortadas. Sir Tode pendurou o saco ao redor do pescoço: – Eu voltarei, Sua Majestade! – saiu galopando, passando por seus agressores, e desapareceu pelo corredor principal.

Quando Sir Tode prometeu à princesa que voltaria, sua ideia era de encontrar reforço. No entanto, assim que chegou ao lado externo do palácio, percebeu como isso seria impossível. Desde que se separara dos corvos, a situação deles tornara-se difícil.

Parecia não importar a direção para onde os pássaros voassem, sempre havia uma lança ou clava esperando por eles. Ao contrário dos ladrões, os gorilas não perdiam tempo capturando. Em vez disso, os devoravam, rasgando-os com suas bocas famintas. Embora Simon e suas tropas lutassem bravamente, não eram páreo para essa guerra de gorilas.

Sir Tode correu atravessando a carnificina em busca de Peter... Mas ele não estava em lugar algum à vista. Na verdade, o cavaleiro não se lembrava de ter visto o menino desde que tinham se separado, na noite anterior. Ele imaginou que Peg soubesse do paradeiro do irmão. Ela tinha gritado algo sobre ele receber os olhos para “ver”. *Mas o que isso poderia significar?*

Seus pensamentos foram interrompidos por um rosnado feroz.

– Peguem o gato! – Sir Tode cambaleou para trás quando um gorila saiu do bando para vir atrás dele. – Aqui, gatinho! – ele dizia, já babando com a possibilidade de um *cavaleiro ao molho tártaro*.

Uma dúzia de corvos aproveitou a oportunidade para atacar a fera, bicando e arranhando seu cocuruto com uma fúria extraordinária. O gorila desabou no chão com tanta força, que Sir Tode voou para trás, tropeçando e derrubando o conteúdo do saco de pilhagem, que se espalhou por todo lado.

– Sir Tode! – uma voz grasniou. – Você não está a salvo aqui! – o cavaleiro olhou para cima e viu Simon, ensanguentado, mas bem vivo. – Não podemos lutar assim por muito mais tempo! Onde está o exército de Sua Majestade?

– Receio que eles estejam... ocupados – Sir Tode respondeu, lembrando dos gritos terríveis das crianças escravas enquanto fugiam dos pais insanos. – Parece que os dois conjuntos de reforços estão precisando de reforços – ele pulou nos cascos e começou a recolher as coisas de Peter espalhadas ao redor.

Flechas passavam zunindo em todas as direções.

– Lá no fim do corredor! Aquele é o líder! – disse LongClaw, apontando na direção de Simon. – Se o matarmos, os outros cairão também! – meia dúzia de gorilas o seguiram.

Sir Tode ignorou as ferramentas do saco de pilhagem e foi direto para a caixa de olhos fantásticos. Fechou bem a tampa e a enfiou dentro do saco.

– Meus irmãos e eu vamos manter os gorilas ocupados pelo máximo de tempo! – Simon grasniou, erguendo Sir Tode do chão. – Você tem que proteger a Linhagem! – e, assim, lançou o cavaleiro pela janela aberta, rumo ao abismo abaixo.

Sir Tode, que não esperava ser *lançado* a lugar algum, fechou os olhos bem apertados e gritou a plenos pulmões enquanto rumava ao precipício sem fundo. Mas, em vez de colidir contra a rocha, seu corpo mergulhou na água espumante. Um instante depois, ele estava na superfície, tossindo e chutando. Antes que sequer pudesse gritar pedindo ajuda, uma

imensa onda o varreu na direção do castelo e o depositou sobre uma pedra da margem. Sir Tode bateu os cascos e olhou o mar à sua frente. Os Desertos Justos, que se estendiam por todo o horizonte, agora estavam inundados por inteiro. O palácio atrás dele era tudo que permanecia do Reino Desaparecido.

– Agora não está tão desaparecido assim – ele disse, sacudindo-se para secar.

Como que em resposta, uma imensa serpente marinha irrompeu da água e soltou um berro agudo.

O pobre cavaleiro quase morreu de susto. Ele deu um salto para trás e grudou junto à parede.

– N-não me coma!

A serpente permaneceu imóvel, olhando direto para ele. Gritou de novo, desta vez num tom *ligeiramente* menos assustador.

Sir Tode encarou os olhos negros brilhantes do monstro, que, de alguma forma, lhe pareciam familiares. Na mesma hora entendeu o que a princesa estava tentando lhe dizer. *Leve os olhos para o mar.*

– P-Peter? – ele disse, chegando mais perto. – É você mesmo?

O animal berrou de novo, mostrando os dentes vítreos.

– Pelo amor de Deus, companheiro! – Frederick surgiu na superfície. – Quantas vezes você vai fazê-lo pedir? Ele precisa que você arranque seus olhos para que possa se transformar de novo num menininho... embora eu não veja motivo. Frágeis como linguados, esses humanos.

Sir Tode engoliu em seco e deu outro passo tímido na direção da serpente.

– Tudo bem – ele disse, baixinho. – Vamos acabar logo com isso.

Foi uma tarefa e tanto remover os olhos tendo apenas os cascos, mas, depois de alguma dificuldade, Sir Tode conseguiu. De repente, seu amigo Peter Nimble estava revolvendo na água, abaixo dele.

– Minha nossa! – ele exclamou. – É você mesmo!

– Mais ou menos – Peter disse, tremendo. O garoto estava meio desorientado, depois de ter sido uma serpente enorme apenas alguns segundos atrás. Ele seguiu até a margem e deitou de barriga para cima, tirando um momento para se lembrar de como funcionavam todos os seus sentidos de menino. – Já acabou? Nós derrotamos o rei?

– Receio que não – Sir Tode deu uma olhada na direção do palácio. – Os gorilas quase exterminaram as tropas de Simon, e as crianças estão sendo atacadas pelos próprios pais.

Peter ouvia os gritos que vinham do Salão de Refeições. Ele sabia que o efeito do Dracma, do dia anterior, logo passaria, mas, pelo som das coisas, “logo” não seria rápido o suficiente.

– Precisamos deter os adultos antes que machuquem as crianças! – ele exclamou. –

Precisamos fazer com que “*enxerguem*”.

– Concordo plenamente – Sir Tode pegou o saco de pilhagem, que veio lançado à margem, atrás dele, e o levou até os pés do menino. – Acho que está na hora, Peter.

Os olhos verdes-esmeraldas.

Tudo dentro de Peter confirmava que o momento tinha chegado. Enfim, experimentaria o terceiro par dos olhos fantásticos. Seu coração acelerou com a ideia do poder maravilhoso que poderiam ter. Ajoelhou-se e tirou a caixa de madeira do saco. Respirou fundo, ergueu a tampa e pôs a mão do lado de dentro.

Mas algo estava errado.

– Não é hora de ter medo – Sir Tode falou. – Vamos vê-los em ação.

O rosto de Peter ficou completamente pálido:

– Os olhos... sumiram.



A influência maligna do traidor

A PRINCÍPIO, SIR Tode recusou-se a acreditar, mas, quando ele próprio olhou, viu um espaço vazio onde ficavam os olhos cor de esmeralda.

– Minha nossa! – falou, lembrando a pequena contenda com o gorila no corredor. – Isso é tudo culpa minha, eu derrubei a caixa... eles devem ter caído... – sua voz tremia. – Peter, lamento muito.

Apesar das lágrimas, o menino não conseguia ouvir o amigo. Nem conseguia ouvir Frederick pulando na água, ao seu lado, nem o ruído da batalha, nem as crianças gritando. Peter não conseguia ouvir nada além do som oco de seu próprio desespero. Velejara e cruzara os mares, atravessara desertos, tinha sobrevivido aos ladrões, gorilas e até dragões, tudo com a confiança de que, ao chegar o momento certo, os olhos fantásticos seriam exatamente o que ele precisava. Até se permitira acreditar que esse último par seria a prova de que ele era algum tipo de príncipe.

Mas não.

Sem os olhos cor de esmeralda, Peter foi forçado a reconhecer a verdade: eles estavam condenados. Rosado executaria as crianças, reconstruiria sua frota e partiria mar adentro, para conquistar o mundo... e era tudo sua culpa. Seu rosto foi tomado por intenso calor ao pensar que fora ele quem conduzira Peg e os outros a essa guerra. Uma guerra que não poderiam vencer.

– Os olhos se foram... junto com qualquer esperança de vitória – ele disse. – Precisamos nos render – até aí, Sir Tode tinha sido solidário. Porém, não mais. – Render? – plantou-se no caminho de Peter. – Render?! Não faremos tal coisa! Fizemos uma promessa ao professor, a Peg, a Simon e a nós *mesmos* que levaríamos isso até o fim. Nossos amigos dependem de nós. Talvez você nunca tenha que olhar no espelho, Peter, mas eu sim, e não quero ver um covarde me olhando de volta. Eu vou lutar, mesmo que isso signifique a morte. Prefiro morrer a viver como um covarde!

O cavaleiro falou com tanta paixão, que Peter não teve oportunidade de interromper. A cada palavra, sentia-se mais envergonhado. Ali estava seu melhor amigo, incapaz de sequer segurar uma arma, declarando estar pronto para lutar até a morte. No silêncio que se seguiu, Peter ouviu as vozes por trás das paredes do palácio, mas, dessa vez, de fato *as*

ouviu. Escutou Simon e Titus grasnando: “Vida longa à Linhagem!”. Ouviu Scrape e Lillian gritando: “Protejam Sua Majestade!”. E, sobretudo, escutou Peg dizendo às crianças para não terem medo, porque “O Príncipe Sem Nome está chegando!”.

Peter sabia que desistir era dar as costas ao destino. Ao seu destino. Com ou sem olhos fantásticos, estava comprometido. O menino enfiou a mão no saco e pegou seu anzol. Tirou a arma, sentindo seu peso perfeito na mão.

Frederick nadou para mais perto da margem.

– Sem querer me intrometer, companheiro – ele soltou uma risada nervosa –, mas está pretendendo *pescar* com isso?

– Não – ele virou na direção do palácio e sua expressão ficou séria. – Estou planejando *lutar*.

>>>

Peter e Sir Tode correram o mais rápido que puderam. Córregos de água salgada e sangue lavavam o chão. Corvos e gorilas grasnavam e rugiam ao redor deles. Apesar do caos, dava para notar que o relato do amigo tinha sido preciso: os corvos estavam perdendo. Eles chegaram ao ponto mais alto da ponte, de onde Sir Tode podia estudar os movimentos abaixo.

– Os gorilas estão na entrada do corredor comprido que leva ao pátio principal – relatou a Peter. – Se chegarem ao outro lado, acabou.

– Então, temos de impedi-los – Peter rebateu.

Ele pensou em todas as barricadas possíveis, porém, melado e armadilhas de ursos estavam em falta. Mais em falta ainda estava o tempo. Podia sentir o sol da metade da manhã batendo em seu pescoço, e sabia que logo tocaria a campainha do café da manhã, como se fosse para dar as boas-vindas à horda que se aproximava. Foi pensando na campainha que Peter se lembrou da primeira noite no palácio. Depois que o sino tocou, todas as portas foram automaticamente trancadas.

– Não precisamos construir uma barricada – ele disse de repente. – O rei já fez isso pra nós!

Desta vez foi Peter quem liderou o caminho pelo campo de batalha. Ele se manteve abaixado, correndo seus dedos longos pela parede, à procura da passagem secreta que os amigos de Peg haviam usado para sequestrá-lo. Se ele ao menos pudesse chegar a tempo, talvez houvesse uma chance. O menino logo descobriu o local na parede.

– Este é o ponto! – ele falou, puxando uma pedra. Ajudou Sir Tode a entrar na passagem e espremeu-se depois dele.

Do lado interno da parede os gritos da batalha soavam mais baixo, como um rugido. O espaço era estreito demais para que Peter carregasse Sir Tode, e o cavaleiro foi forçado a segui-lo, às cegas, tropeçando por correias dentadas de metal a cada passo.

– Em minha primeira noite aqui – o garoto explicou –, deparei com um grande portão

que bloqueava o Salão de Refeições do restante do palácio. Acho que talvez possamos usá-lo para deter os gorilas! – decidiu não mencionar que se ainda estivessem dentro das paredes quando tocassem a campainha do café da manhã, ambos seriam esmagados pelas engrenagens.

Peter logo encontrou o portão de ferro, suspenso pela engrenagem inerte. Ele podia ouvir os sons da batalha ecoando pelo vão junto a seus pés. Numa direção, os gorilas caçavam os corvos; em outra, os adultos caçavam as crianças.

– Parece que chegamos bem na hora – comentou, pegando Sir Tode e jogando-o através do vão.

Os dois aterrissaram no meio do corredor, um pouco à frente dos gorilas que se aproximavam. Peter correu até a parede e começou a procurar com as mãos.

– Estou vendo um interruptor à sua esquerda – Sir Tode avisou. O menino pegou a alavanca e puxou, com toda sua força. Surgiu um som pesado de arranco e o portão destravou do teto, descendo.

– O arrombador está nos bloqueando dos pivetes! – LongClaw gritou, jogando um corvo morto para o lado. – Detenha-o! – ele e seus soldados correram à frente, pegando as armas que tinham. Peter e Sir Tode abaixaram, enquanto lanças, escudos e capacetes batiam contra o portão que descia. A investida continuou, com um som horrendo de freios rangendo.

O portão parou de se deslocar.

– Ora, mas que droga! – Sir Tode esbravejou. – Há um machado atravancando junto à parede – ele olhou para cima e viu os gorilas correndo na direção deles a toda velocidade. – Temer, jamais! Acho que posso soltá-lo – antes que Peter pudesse contestar, Sir Tode correu para o outro lado e pegou a alavanca com os dentes. Soltou o machado, e o portão desmoronou entre os dois.

– Sir Tode! – Peter puxava a barreira de ferro.

– Vá, Sua Majestade! – o cavaleiro gritou do outro lado. Curvou as costas e encarou a horda de gorilas que se aproximava. – Lutarei junto com os corvos!

Peter assentiu e, sem mais nenhuma palavra, os dois amigos partiram, cada um deles para a própria batalha.

>>>

A situação no Salão de Refeições parecia impossível. Os adultos empunhavam lanças, mas não conseguiam espetá-las direito. As crianças corriam frenéticas, em círculos, ao redor dos pais, tentando exauri-los, sem que fossem atingidas. Scrape tinha arrancado uma lança de um adulto e correu para livrar Peg do rei. Ele e mais alguns formaram um círculo ao redor dela, mantendo-a o mais distante possível de seu tio.

Lorde Rosado andava em meio ao caos. Empunhava não somente uma espada, mas duas, que usava para dilacerar tudo que passasse em seu caminho. Seu rosto mostrava um sorriso de deleite; sonhara com aquele momento há dez anos e queria saborear cada

minuto.

O sino do café da manhã começou a entoar, abafando por um tempo o som da batalha. A cada badalada, a água que cobria o solo tremia. Até a hora em que o sino parou de tocar, Rosado os tinha encurralados. Deu um sorriso sarcástico a Peg.

– Chegou a hora, *Sua Majestade*! – ele disse.

– Fique longe dela! – alertou Scrape, parecendo mais corajoso do que se sentia. Marbles e Timothy estavam com ele, cada um com a própria lança.

– Senão o quê? Você vai me espetar? – o rei caminhou à frente, deixando que as lanças batessem inutilmente na armadura. Um golpe de seu braço arremessou as três crianças para longe. Peg se agachou na água, indefesa e sozinha. – Parece que você ficou sem heróis – ele falou com compaixão debochada.

A princesa tentou fugir, mas seu tio estava pronto.

– Chega de correr! – ele desferiu um corte profundo no tendão de aquiles, imobilizando-a de imediato. Peg desmoronou, gritando, conforme o ferimento ia sendo penetrado pela água salgada. – Pare de berrar. Se soubesse que iria crescer para ser um problema tão grande, eu a teria matado no berço.

Ele a pegou pelo pescoço e a ergueu do chão.

– Atenção, cidadãos! – ele gritou. Todos os adultos detiveram as lanças de modo automático. – Ainda não matem as crian... quero dizer, os *monstros*. Quero que primeiro testemunhem algo. Isto é o que acontece com quem desafia seu grande monarca!

– Viva nosso grande monarca! – as pessoas gritavam.

Rosado carregou Peg, debatendo-se, até um degrau baixo de pedra, nos fundos do salão. Ele forçou a menina a ajoelhar e colocou sua cabeça sobre o degrau. A princesa se retraiu sobre a superfície áspera que arranhava seu rosto. Ela olhava com desespero para os rostos trêmulos dos súditos; que tola havia sido, achando que aquelas crianças poderiam derrubar um reino. Logo estariam mortas, e era tudo culpa sua.

– Você venceu – ela falou, a garganta arranhando com as palavras. – Mate-me.

– Já que insiste... – o homem posicionou com cuidado a lâmina acima da garganta dela. – Fique quieta, se sabe o que é bom para você.

– SOLTE-A, IMPOSTOR!

O silêncio recaiu sobre a multidão. Os adultos se voltaram para ver quem se atrevia a insultar o rei. Em pé, no corredor, estava um garoto sujo, de dez anos, empunhando um longo anzol prateado.

A visão provocou um arrepio no corpo do rei dentro da armadura. Ele podia ver que era o arrombador de fechaduras que roubara seus mapas, mas algo havia mudado no menino. Agora parecia menos com um moleque imundo e mais com o irmão de Rosado, a quem o rei assassinara naquele mesmo salão.

– Que truque é esse? – ele resfolegou.

– Meu nome é Peter Nimble – respondeu o menino. Ele caminhou pela multidão, voltando todos os seus sentidos para o rei. – Verdadeiro herdeiro do trono de Porto Avelã. Há dez anos você assassinou meu pai e roubou seu trono. Voltei para retomá-lo.

O rei logo soube que Peter falava a verdade. Olhou para os súditos, que observavam o menino, incertos.

– Eu lhes ordeno que não lhe deem ouvidos! – ele disse. – Sua voz transformará todos vocês em *pedra*!

Os adultos enfiavam os dedos nos ouvidos para não ouvir. Alguns deles também fecharam os olhos, caso o risco de *olhar* o estranho fosse perigoso. As crianças, no entanto, desafiaram o comando. Um murmúrio encheu o Salão de Refeições, enquanto Peter passava.

– É realmente ele! É o Príncipe Sem Nome!

– Mentira! – berrou Rosado, levando, de modo inconsciente, a mão à coroa na cabeça. – É um sabotador que foi mandado para destruir meu reino! – ele passara dez longos anos fazendo uma lavagem cerebral naquela gente e não deixaria que algum asqueroso pródigo arruinasse tudo isso. Cravou a espada do pé no rosto de Peg, fazendo-a gritar. – Silencie essas crianças agora mesmo, ou vou cortar a cabeça da garota!

– Eles não podem ser silenciados – Peter disse com calma. Ele ergueu seu anzol, apontando-o para o rei. – Se você a soltar, pode lutar comigo, por seu trono precioso.

Rosado olhou com deboche diante da proposta.

– Arriscando a vida por sua irmã? Mas que nobre de sua parte! – ele ergueu Peg do degrau e a empurrou para a multidão. – Segurem-na com firmeza – ordenou a dois adultos próximos, que relutavam com ela. – Depois que liquidar o menino voltarei a ela.

O ladrão e o rei lentamente se aproximaram. Embora Peter não pudesse ver, tinha uma semelhança notável com o homem à sua frente. Ambos tinham os mesmos cabelos escuros, o mesmo maxilar bem talhado e o mesmo porte esguio, embora Rosado estivesse escondido sob cinquenta quilos de aço polido. Peter ouvia o som da engrenagem funcionando sob o metal reluzente, molas contraindo, pistões mastigando, engrenagens rangendo. Quem poderia saber que terríveis poderes aquele traje possuía?

Os dois agora andavam um ao redor do outro, em um lento movimento circular.

– Venha, *sobrinho* – provocava Rosado, desafiando o menino a atacar primeiro. – Não seja tímido – Peter estava mais que tímido, estava aterrorizado. Porém, olhando para ele, você jamais diria isso. As lições de Sir Tode tinham ao menos ensinado o garoto a ter uma postura apropriada, e o traje de engrenagens do rei lhe permitia ouvir até mesmo o menor movimento do adversário. Seguia cada passo do tio como uma sombra, sempre atento às lâminas de cada antebraço.

Por fim, Peter ouviu uma abertura. Avançou, golpeando o anzol no ar.

O rei foi pego desprevenido, mas não por muito tempo. Ergueu as palmas da armadura a tempo de pegar o gancho. Flexionou os punhos ao redor do metal, dobrando-o como se fosse de borracha.

– Você não é um esgrimista muito bom, garoto – ele arrancou a arma das mãos de Peter e a lançou ao chão. – Tudo bem, seu pai também não era!

Agora, Rosado atacava de volta. Girava suas espadas em golpes sucessivos, um alto, um baixo. Peter mal conseguia saltar, evitando perder o equilíbrio, antes que a outra lâmina viesse na direção de sua cabeça. O menino deu uma cambalhota para trás, atravessando o salão, esquivando-se de um golpe após o outro. A cada investida, os adultos saudavam o heroico líder; alguns chegaram a destampar os ouvidos para aplaudir.

Peter rolou entre as pernas do tio e correu de volta, pelo salão, para pegar novamente seu anzol. Rosado estava logo atrás dele, ainda golpeando com as espadas. A lâmina prateada batia na pedra, enquanto o homem seguia sua presa. Peter tentava bloquear o ataque com seu anzol amassado, mas, a não ser por isso, a arma era inútil. Enquanto o rei estivesse de armadura seria impossível matá-lo.

– Mas que guerreiro e tanto você é! – Peter debochava do oponente. – Só um covarde se esconderia por trás de uma armadura metálica para lutar com alguém da metade de seu tamanho!

O rei, que não gostou de ser injuriado diante dos súditos, parou para pensar a respeito.

– Muito bem – ele disse, dando um passo atrás. – Vou tirar – os súditos vibraram diante daquela demonstração valorosa. Ele soltou um fecho ao redor do pescoço e a armadura do peito caiu no chão ruidosamente. O tique-taque ficou mais alto, e agora Peter conseguia captar as correias, pistões e molas individuais conforme prosseguiam em movimento, com o dorso de Rosado agora exposto. – Mas devo alertá-lo, garoto. A armadura não era para *minha* proteção... mas para a sua – empurrou uma pequena alavanca na lateral e o traje inteiro ganhou vida: cem facas, esporas e barbatanas foram ejetadas para fora da engrenagem, todas girando e dilacerando a pleno vapor!

Peter ouvia as lâminas dançando, mal conseguindo conceber o que estava à frente.

– Eu lhe asseguro que isso é algo que deveria ser visto – o homem falou, lendo a expressão de temor do sobrinho. – Eu mesmo a fiz. Cada centímetro mortal – ele flexionou a manopla admirando as lâminas em movimento ao longo de seu braço.

Peter tinha sido um tolo em provocar aquele assassino para uma briga. Enfiou-se embaixo da mesa de refeição, abrindo alguma distância entre ele e a armadura do rei. Rosado o seguiu, caminhando diretamente para dentro da mesa. No momento em que o traje tocou a madeira, as engrenagens prenderam, mastigando e dilacerando-a em mil pedaços. Os adultos e as crianças se protegeram enquanto farpas de madeira explodiam em todas as direções.

Peter ignorou os sons e continuou correndo, até se deparar com a parede da torre do relógio. Ele relutou com a porta de manutenção, mas viu que estava lacrada com algum tipo de massa. Sua única alternativa era a escada da fachada, mas ele não fazia a menor

ideia de onde daria; porém, ainda assim lhe renderia algum tempo. Subiu os degraus de pedra, ziguezagueando, avançando cada vez mais alto, acima do salão.

O rei observava-o, um tanto entretido.

– É sem saída! – ele gritou. – Perfeito demais!

Peter descobriu, tarde demais, o que o tio queria dizer. A escada terminava numa plataforma de quinze metros acima do piso do pátio. Em vão, procurou uma porta ou escada, mas não conseguiu encontrar nada que o ajudasse a fugir.

Agora que Peter estava totalmente encurralado, Rosado subiu os degraus lentamente. Gabando-se, dizia enquanto subia:

– Antes de mim, nenhum homem deste reino jamais adivinhou as engrenagens maravilhosas que existem sob nossos mares. Apenas eu naveguei para aprender essa magia negra... somente para descobrir que não têm nada de mágico. Elas são invenções pequeninas, um mero filete de letras e números. E, ao contrário da mágica, essa “ciência” pode ser dominada e *aproveitada* – ele deixou o braço raspar na parede. Centelhas faiscaram conforme as lâminas giratórias bateram na pedra. As pessoas saudaram sua exibição deslumbrante.

– Ouça-os – ele disse a Peter. – Eles são impotentes diante de tais truques. Transformei feras sem raciocínio em serviçais e serviçais, em feras sem raciocínio – sua voz estava carregada de desdém.

Peter permaneceu imóvel, não ouvindo as palavras do homem, mas os ruídos das lâminas que se aproximavam. Rosado chegou mais perto:

– Porém, melhor ainda, querido sobrinho, foi como a “mágica” me ajudou a voar de volta ao palácio, entrar sem ser descoberto nesse mesmo salão e cortar o coração de meu nobre irmão ainda batendo dentro do peito.

– Monstro! – Peter golpeou uma vez com o anzol. A ponta cortou o rosto de Rosado, e o homem cambaleou para trás, quase perdendo o equilíbrio. Houve um murmúrio de horror quando os cidadãos viram sangue fluindo do rosto do grande monarca. Peter pôde ouvir a arma tilintar pelos degraus abaixo, caindo na água; e seu destino já era.

Rosado irrompeu, irado.

– Seu vermezinho! – ele subiu os degraus que faltavam. – Achou que fosse se vingar por seus preciosos pais? Achou que poderia roubar o trono *de mim*? – golpeou o braço, acertando o ombro de Peter com uma dúzia de pequenas lâminas. O menino desmoronou, tomado de dor. – Levante-se! – Rosado o pegou pelo pescoço e o ergueu para fora do beiral. Os pés de Peter chutavam o ar de modo frenético.

– Você nunca foi um príncipe – o rei apertou com mais força. – Você não é nada além de um patético e desprezível LADRÃO!

Enquanto Peter lutava para respirar, aquela palavra ecoava em sua cabeça: “Ladrão!”.

O insulto ecoava cada vez mais alto e era tudo que ele conseguia ouvir. *Ladrão!*

Era verdade. Mesmo que, por algum milagre, tivesse ganhado a luta, o que sabia quanto a governar? Era um criminoso. Ele era o impostor.

Mas o menino se lembrou de outra voz equilibrada. A do professor. Dando os últimos conselhos: *“Lembre-se de sua natureza, acima de todas as coisas”*. Ao longo de toda a jornada, Peter presumira que ele quisesse dizer que em algum lugar dentro dele morava um nobre guerreiro. Mas será que estava dizendo o contrário? Que Peter não era um guerreiro, mas um ladrão sorrateiro e sujo... *o maior ladrão que já existira?* E por que um ladrão não poderia ser um herói? De repente, compreendeu como todas as provas de sua vida, o abandono, sr. Seamus, os Desertos Justos, o haviam preparado para aquele momento. Resfolegou para puxar o ar, e seu coração ganhou um novo desejo de lutar. Porém, desta vez, ele lutaria da maneira que melhor sabia.

Ele começou com o questionário do vilão. *Onde estava?* Pendurado, a quinze metros do chão, sendo enforcado. *Havia amigos por perto?* Ele podia ouvir a irmã relutando perto da escada, mas ela estava longe demais para ajudar. *Havia armas por perto?* Seu anzol estava caído no chão, abaixo, e ele só tinha as próprias mãos.

Mas não eram mãos comuns.

Peter sabia que o traje mecânico do rei não era diferente dos trincos que passara a vida abrindo. Tudo que tinha a fazer era encontrar uma forma de entrar. Ele focou cada sentido no tique-taque do relógio à sua frente. Podia ouvir cada engrenagem e pistão trabalhando em conjunto, em direção a um pequeno vão, pouco abaixo do coração do rei. Ali era o buraco da chave.

Essa percepção, é claro, aconteceu num instante. Sob a perspectiva de Rosado, não havia diferença alguma entre o menino que erguera acima da plataforma e o menino que encarava agora; diferença alguma, exceto um leve traço de sorriso.

– Adeus, querido sobrinho – o rei disse, ao empunhar a espada. – Diga olá para meu irmão, por m...!

Peter enfiou a mão direto dentro da armadura. Berrou quando a engrenagem mastigou sua pele, unhas e ossos, e a dor se espalhou por seu corpo inteiro. Livrou-se do rei e caiu em um canto da plataforma.

Com todos os gritos de Peter, Rosado levou um tempo para perceber que não tinha sido bem-sucedido em perfurar o sobrinho. Na verdade, seu braço ainda estava erguido acima da cabeça, como antes. As engrenagens tinham parado de girar e, em segundos, cada junta de sua terrível armadura travou e o deixou totalmente imóvel.

– Que diabo de maldição é essa? – ele relutava dentro da armadura congelada. – O que você fez comigo?

Peter estava encolhido junto aos seus pés, tomado de dor, mas ainda vivo.

– O que nasci para fazer – ele respondeu, com fôlego triunfante. Ergueu o corpo trêmulo e sua mão ensanguentada revelou um pequeno parafuso de bronze, menor que uma agulha.

– Impossível! – o rei sacudia a cabeça de um lado para o outro. – Você é apenas uma

criança!

– Não há tal coisa como *apenas* uma criança – uma voz vinda de trás soou. O rei esticou o pescoço e viu Peg, mancando, subindo os degraus. Ela colocou a mão no corpo dele e o empurrou com força.

Rosado despencou do beiral e se espatifou no chão abaixo, cravando o pescoço no anzol prateado. Ali ficou, alquebrado e sangrando, sem conseguir se soltar da armadura que construía. Com um último gorgolejo, ficou imóvel. E assim Lorde Rosado morreu, exatamente como havia previsto a influência maligna do traidor: como um verme miserável.

Um silêncio recaiu sobre o Salão de Refeição. Os adultos estavam aterrorizados, sem palavras. Eles jamais poderiam imaginar que o poderoso soberano pudesse ser assassinado.

– Aqueles monstros mataram nosso rei! – gritou uma mulher, cobrindo a boca. O pânico se espalhou pela multidão, enquanto as pessoas corriam para as saídas.

Peg ajudou o irmão a se levantar e ficou ao seu lado. Ela respirou fundo e gritou, com toda sua força:

– ORDEM, SÚDITOS!!!

As palavras de Peg foram ouvidas; cada homem, mulher e criança parou de imediato o que fazia e a encarou. A princesa se recompôs e prosseguiu:

– O homem que vocês louvavam como rei era um impostor. Há dez anos, ele tomou esta terra do verdadeiro monarca, o Rei Avelã – ela pegou a mão boa de Peter. – Hoje, nós, seus herdeiros, voltamos para vingar sua morte e retomar o que é nosso por direito – os rostos dos adultos ficaram estampados de confusão.

Peter apertou a mão da irmã, incentivando-a a continuar.

A menina respirou fundo.

– Tudo que o rei lhes dizia era mentira. Seus lares eram prisões. Seus banquetes, veneno. Os “monstros” que ele ordenou que matassem não eram monstros, mas seus filhos – as pessoas resfolegaram, chocadas, enquanto relutavam com aquela ideia aterrorizante. Peg apontou para o local onde Lillian estava, com seus braços protetores ao redor do filho. – Aquela mulher é uma de vocês. Seu verdadeiro nome é Lillian. O menino em pé, a seu lado, é seu filho. Seu próprio filho – Lillian trouxe seu precioso Timothy para mais perto, e os dois se abraçaram com uma força que poderia esmagar o mundo.

– Em algum lugar, aqui dentro deste salão, está o filho de vocês – Peg disse, com a voz trêmula. – É hora de se encontrarem.

Muitos historiadores lhes dirão que um grande desempenho é tão importante quanto o tempo e o conteúdo. Depois de perderem o jantar e o café da manhã sem o Dracma, os adultos já não estavam mais sob o efeito da droga do rei. Quando a princesa lhes disse a verdade, observaram os rostos sujos dos escravos diante deles e, como se acordassem de um transe, cambalearam para trás, tomados pela realidade sobre a vida “perfeita” que

levavam. As lanças tilintavam no chão, conforme os adultos se lembravam de como tinham sido obrigados a esquecerem o Aniversário Maldito, como tinham vivido sendo prisioneiros por todos esses anos, e como quase haviam chegado a assassinar os próprios filhos.

Nesse exato momento, LongClaw e sua horda entraram como um raio no Salão de Refeições de armas em punho. Esperavam unir forças com o exército do rei, devorar todas as criancinhas que tivessem sobrado, depois esmagar os corvos de uma vez por todas. Porém, ao entrarem, foram recebidos por uma cena totalmente diferente. As armas dos adultos estavam espalhadas pelo chão. Ainda mais alarmante era o fato de que Lorde Rosado não estava em lugar algum à vista. LongClaw observou a cena um pouco confuso.

– Onde está ele? – rosnou para as pessoas amedrontadas. – Onde está seu monarca?

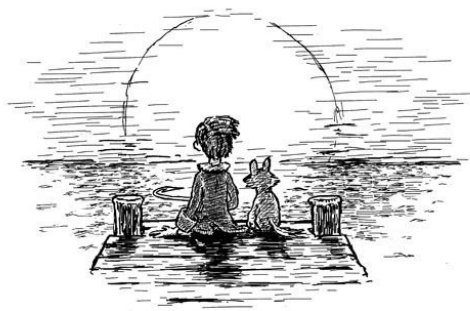
– Aqui em cima – disse uma voz suave. LongClaw olhou e viu duas crianças, quase idênticas, em pé, no topo da torre do relógio. O que tinha a bandagem ao redor dos olhos deu um passo à frente. – Minha irmã e eu retomamos o que é nosso por direito. Seu rei já não existe.

– Vocês dois? – o gorila agora sorria. Durante anos, ele tinha fantasiado quanto a tomar o palácio para si, detido apenas pelo temor da armadura mortal do rei. Mas, agora, parecia que seu momento chegara. Mesmo com os corvos empoleirados junto às paredes, os gorilas tinham uma grande vantagem. – Bem, Suas Majestades – disse, aproximando-se –, pelo que vejo, vocês estão em número bem menor.

– Nem tanto! – a menina deu um passo para o lado do irmão. – Súditos! – ela gritou, encarando-os com seu olhar brilhante. – Esses são os carcereiros que mantiveram seus filhos como escravos. Eles nos atormentaram por dez longos anos e agora querem nos ameaçar mais uma vez. Como vamos responder?

Ao mesmo tempo, cada homem, mulher e criança pegou uma arma no chão e virou para encarar a horda. A princesa ergueu a lança acima da cabeça.

– Vamos finalizar essa batalha amaldiçoada!



A reunião abençoada

A PATRULHA NOTURNA Foi aniquilada em questão de minutos. Canhões e ejtores foram reduzidos a pó pela onda da massa humana de soldados, deixando as feras indefesas contra os corvos. O Capitão Simon e sua tropa exterminaram os gorilas com muita justiça. Cada unha de pé ou tufo de pelo foi recolhido e jogado ao mar.

Com o fim da batalha, os adultos se apressaram a encontrar os filhos perdidos. A reunião que se seguiu talvez tenha sido o momento mais feliz da história do mundo; lágrimas de alegria corriam tão livremente que, em questão de pouquíssimo tempo, ruas ensanguentadas ficaram limpas por completo. Peter circulava em meio às famílias reunidas em busca do companheiro perdido. O cavaleiro, no entanto, não estava em lugar algum. Foi só naquela tarde que os ouvidos de Peter captaram um *ploc-ploc* familiar de cascos em miniatura.

– Sir Tode! – ele exclamou, correndo ao encontro do amigo. Ele o teria erguido num abraço, não fosse seu braço direito pendurado numa tipoia. – Comecei a achar que estivesse me evitando.

– Estava, de certa forma – disse Sir Tode com timidez. – Não queria vê-lo até que eu endireitasse as coisas.

Ele colocou algo nas pedras diante dos pés de Peter. O garoto abaixou e encontrou a caixa misteriosa do caixeiro-viajante. Abriu a tampa. Ali dentro havia três pares de olhos: um dourado, um preto e um verde-esmeralda.

– É um milagre não terem sido destruídos na batalha – Sir Tode observou. – Em minha terceira volta pelo palácio, já começava a perder as esperanças. Então, avistei-os em um canto no chão, em segurança. Não se preocupe, lavei tudo.

Peter pegou os olhos verdes na mão. Cada átomo de seu corpo confirmava que o momento chegara. Enfim, usaria os olhos de Avelã. Imaginou que tipo de poder incrível poderiam guardar, poderes compatíveis com os de um príncipe. Tirou a bandagem da cabeça, enfiou os olhos na cavidade ocular e piscou.

De repente, o menino foi atingido por um raio de luz brilhante. Gritou e caiu ao chão.

– Peter! – Sir Tode correu, aproximando-se. – O que há de errado?

A dor era algo que Peter jamais sentira na vida. Não ligava para o poder daqueles olhos fantásticos, só queria que aquilo parasse. A brasa irradiava pelas pupilas e seguia direto ao cérebro. Ele podia ouvir. Sentir o gosto, tatear, cheirar. Enfiar a mão na armadura do tio não fora nada comparado à agonia que sentia agora. Imaginava que os olhos fantásticos mudassem seu corpo de alguma forma incrível, que o deixassem mais forte, talvez capaz de voar, mas só provocavam dor.

Seus gritos tinham atraído a atenção de Simon, Peg e alguns outros. Eles se reuniram ao redor do garoto, observando-o gemer de agonia. A princesa ajoelhou-se ao seu lado, aterrorizada.

– O que está acontecendo?

Peter tentou falar, mas só conseguia gemer.

– Eu não... consigo... parar... – estava encolhido, como uma bola, e apertava as pálpebras. Somente então a tortura foi diminuindo devagar, passando para um fraco latejamento. Depois de um momento, ele respirou fundo e abriu de novo as pálpebras. A luz voltou, provocando um choque do ouvido ao tornozelo. No entanto, dessa vez, forçou-se a suportá-la. O coração estava disparado, fora de controle. As pernas estavam fracas. A pele, pálida.

Foi quando ele percebeu:

– Minha pele – falou, ofegante. – Está... *pálida*.

– Minha nossa, você não está ficando invisível, está? – indagou Sir Tode.

– N-não... – Peter aproximou a mão do rosto. – Consigo *ver* – a luz ainda era excruciante, mas agora podia discernir o formato de uma palma com cinco longos dedos. *Seus* dedos. Devagar, as coisas foram ficando mais claras. Podia avistar pedras no chão. E a multidão ao redor. – São olhos comuns – piscou, os olhos marejados. – Meu próprio par de olhos.

Claro, não havia nada de comum nesses olhos, pois brilhavam com uma resplandecência que causaria vergonha ao sol. As pessoas ao redor viram a transformação de seu rosto e se curvavam em reverência. Peter estava mais admirado que qualquer uma delas. Estudava os próprios cotovelos, pernas, a base dos pés descalços. Tudo era lindo e maravilhoso. Ele avistou Sir Tode, compreendendo, pela primeira vez, o quanto era ridícula a criatura gato-homem-cavalo. Olhou para o céu, maravilhado com a forma como se dissolvia de azul em vermelho e dourado.

– O céu é sempre assim? – perguntou. – Aquela parte escura é minha cor favorita. *Tenho uma cor favorita!*

Peter passara a vida inteira preso na escuridão, e agora, enfim, estava livre. Ficou de pé, um tanto desequilibrado, e olhou diretamente nos olhos verdes-esmeraldas de Peg.

– É bom ver você – ele disse.

Ela retribuiu o sorriso e pegou sua mão.

– É bom ver você também. – As pessoas que testemunharam esse momento juraram que, assim como Peter, o próprio reino ganhou uma forma mais verdadeira. Os dez anos de cativeiro e opressão pareceram sumir de uma só vez, deixando apenas uma esperança poderosa no mundo vindouro.

>>>

E, enfim, o aniversário real, que tinha sido interrompido há tantos anos, foi concluído. Houve celebrações e danças em todo o palácio. Peter e Peg foram coroados rei e rainha de Porto Avelã. O Capitão Simon e seus corvos foram renomeados como Guarda Real, e cada pássaro ganhou um par de esporas de ouro para celebrar seu valor. Para o bom e velho Frederick e seus amigos, os jovens soberanos ofereceram uma acolhida segura em suas águas pelo tempo que quisessem. As antiquíssimas tartarugas, que buscaram, por muitos anos, um lar calmo, aceitaram, gratas. Flutuavam em círculos junto à costa, criando seis ilhas que protegeram o reino pelo resto de seus dias.

Sir Tode foi designado para a posição de Contador Real de Histórias. Como você sabe, não há profissão mais nobre no mundo, e o velho cavaleiro gostou muito de seu posto. Presenteava as crianças e seus pais com fábulas incríveis. Dentre as favoritas estava a história de como ele e o Capitão Simon haviam libertado, sozinhos, a Guarda Real do exército de ladrões.

A mão direita de Peter, que havia sido danificada de modo irreparável durante o confronto com o rei, teve de ser amputada na altura do pulso. Por sua insistência, os cirurgiões e um ferreiro a substituíram pelo anzol gigante que lhe servira muito bem na batalha. A mão de prata de Peter Nimble provaria ser uma grande companheira por muitas aventuras futuras.

Depois de alguns meses, Porto Avelã recebeu o primeiro visitante do mundo exterior. O Rei Peter e a Rainha Peg praticavam o alfabeto na turma de gramática da sra. Lillian quando ouviram uma voz gritar: “Ô de casa!”, vinda da enseada. A voz era familiar e, no instante em que Peter a ouviu, pulou da carteira e disparou palácio afora o mais rápido que seus pés reais podiam levá-lo.

– Sr. Pound! – gritou, atando o homem num imenso abraço.

– Olá, Sua Majestade! – o sr. Pound afagou os ombros do menino, olhando-o de cima a baixo. – Ora, acho que você cresceu um palmo desde a última vez que o vi! – ele conduziu o menino ao barco atrás deles. – O deque está abarrotado de pilhas e pilhas de livros novos. O professor achou que Porto Avelã poderia fazer bom uso de uma biblioteca. E mandou outra coisa – correu a bordo e voltou, um momento depois, trazendo um par de zebras aladas. Conduziu-as com cuidado, descendo a rampa estreita do barco.

A Rainha Peg, que já estava ao lado do irmão, olhava as criaturas com admiração.

– São... *pôneis voadores*? – ela estava confusa.

– Você gosta delas? – o sr. Pound afagou os flancos lustrosos. – O professor colocou as asas na semana passada. Embora em atraso, são um presente de aniversário para os novos

reis de Porto Avelã.

– Quer dizer que podemos ficar com elas? – Peg deu um gritinho de deleite, jogando os braços ao redor do pescoço listrado da zebra. – Ah, obrigada! Obrigada! Obrigada!

– E não são as únicas novatas a chegar. O professor me concedeu uma licença; portanto, posso ficar um pouco aqui como consultor real – fez uma reverência. – Se é que isso os agradará, Majestades.

Os olhos de Peter desviaram-se para o horizonte e, depois, miraram o chão.

– Diga ao professor que isso nos agrada muito – sussurrou.

O sr. Pound, que não perdera suas habilidades extraordinárias, tocou o ombro do menino.

– Estou vendo sua decepção, rapaz. O Professor Cake teria gostado muito de vir pessoalmente, mas, como sabe, ele é muito ocupado com as coisas na ilha.

Peter assentiu:

– Salvando mais estranhos, sem dúvida – falou com um esboço de sorriso. O menino fitou o homem de sobranceiras de coruja e nariz cor-de-rosa. – Ele sabia, não sabia? A mensagem... os olhos... este reino... O Professor Cake sabia o tempo todo que estava me mandando para casa.

O sr. Pound deu de ombros, evasivo.

– Ah, o velho é cheio de surpresas – no instante seguinte, abriu um sorriso largo. – E, falando em surpresas, quem é este que vejo?

– Abram caminho! Um passo ao lado! O Contador Real de Histórias está chegando!

– *Contador Real de Histórias?* – o sr. Pound não conseguiu esconder seu prazer. – Mas que título impressionante!

Sir Tode veio galopando pelos portões para se juntar a eles.

– Sim, bem, eu me aposentei de toda aquela tolice de cavaleiro errante – falou, polindo um dos cascos. – Estava além de minha dignidade, na verdade.

O sr. Pound esfregou a pele fingindo desapontamento.

– É uma pena ouvir isso – remexeu na mochila e tirou um pequeno decanter preto fechado com uma rolha. – Veja, o professor encontrou há pouco esta *mensagem engarrafada*, de uma bruxa um tanto aflita.

Sir Tode mexeu no bigode com apreensão.

– M-minha nossa... não há uma maldição aí dentro, há?

– Longe disso. É um pedido de ajuda. Parece que a pobre menina está presa numa ilha infestada de *ratos* – arqueou uma das sobranceiras. – Se me perguntasse, diria que ela ficaria *muito grata* se alguém fosse salvá-la.

Sir Tode resfolegou, mal se atrevendo a falar.

– Ela talvez até... *desfaça* um certo encanto?

– Só há uma maneira de descobrir – o sr. Pound ofereceu a garrafa a Sir Tode. – Poderia aprontar um barco dentro de uma semana.

– Uma *semana*? Nossa, isso é... tão pouco tempo – Sir Tode olhou para o novo lar, Simon, Peg e, por último, Peter. – Sua Majestade – prosseguiu com timidez –, pergunto-me se... estaria disposto a, ahn... talvez, vir comigo?

Peter estreitou os olhos para a vastidão das águas que se alongavam ao infinito. Havia uma canção nas ondas que ele conhecera por toda a vida. E sorriu.

– Talvez uma viagem curta não faça mal – ponderou.

O cavaleiro soltou um “Viva!”, batendo os cacos de alegria.

– Esplêndido! Precisamos começar os preparativos sem demora! – pegou a garrafa com os dentes e entrou galopando no palácio. – Abram a despensa! Peguem um mapa! – a voz ecoava pelos corredores. – Venha, Peter! Aventura à vista!

O resgate da bruxa foi uma das inúmeras jornadas lendárias que Peter compartilhou com Sir Tode. Porto Avelã sempre seria seu lar, embora o menino logo tenha reconhecido que não nascera para reinar como a irmã. Jamais poderia permanecer em terra por tempo demais, pois começava a ter comichões para sair velejando outra vez. Sir Tode sempre insistia em ir junto, acreditando, com razão, que nunca se deve deixar um bom amigo partir sozinho para uma aventura.

>>>

Com a ajuda do sr. Pound, a Rainha Peg conseguiu reconstruir o palácio, tal como um palácio deve ser. As engrenagens foram arrancadas das paredes. As minas subterrâneas tiveram as correntes eliminadas e, daquele dia em diante, tarefas de qualquer tipo foram estritamente proibidas.

O Professor Cake nunca conseguiu visitá-los, mas sua biblioteca flutuante foi uma aquisição bastante popular em meio à paisagem; as pessoas podiam aprender tudo sobre assuntos importantes, como história, alquimia e poesia. Aos poucos, Porto Avelã passou a constar nos mapas do mundo, ainda que fosse apenas um pontinho. Ficou conhecida entre os marinheiros como um lugar pequeno, difícil de encontrar e repleto de gente boa e coisas maravilhosas. Mas longe de ser um paraíso. Havia brigas e discussões, crimes ocasionais eram cometidos e, às vezes, pessoas ficavam magoadas. Porém, de modo geral, era um reino feliz, onde todas as crianças obedeciam aos pais e cada pai cuidava de seu filho.

Era assim em Porto Avelã. Conforme o tempo passou, as crianças do reino cresceram e tiveram seus filhos, e essas crianças também tiveram seus filhos, e assim por diante. A história de Peter Nimble e seus olhos fantásticos passou de geração em geração como a fábula de um príncipe que se tornou um ladrão, para então se tornar rei.

Índice

CAPA

Ficha Técnica

— PRIMEIRA PARTE — ouro

— CAPÍTULO 1 —

— CAPÍTULO 2 —

— CAPÍTULO 3 —

— CAPÍTULO 4 —

— CAPÍTULO 5 —

— CAPÍTULO 6 —

— CAPÍTULO 7 —

— CAPÍTULO 8 —

— CAPÍTULO 9 —

— CAPÍTULO 10 —

— CAPÍTULO 11 —

— CAPÍTULO 12 —

— CAPÍTULO 13 —

— PRIMEIRA PARTE — ônix

— CAPÍTULO 14 —

— CAPÍTULO 15 —

— CAPÍTULO 16 —

— CAPÍTULO 17 —

— CAPÍTULO 18 —

— CAPÍTULO 19 —

— CAPÍTULO 20 —

— CAPÍTULO 21 —

— CAPÍTULO 22 —

— CAPÍTULO 23 —

— PRIMEIRA PARTE — esmeralda

— CAPÍTULO 24 —

— CAPÍTULO 25 —

— CAPÍTULO 26 —

— CAPÍTULO 27 —

— CAPÍTULO 28 —

— CAPÍTULO 29 —

— CAPÍTULO 30 —

— CAPÍTULO 31 —